

DM
VASC. 1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA APLICADA

TESE DE MESTRADO


O BEBÉ DO LIMBO
UMA ABORDAGEM À OBSERVAÇÃO DE
BEBÉS PELO MÉTODO DE ESTHER BICK

Ana Maria Vasconcelos – Nº 594

ORIENTADOR DE TESE: Prof. Dr. Carlos Amaral Dias

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Julho de 2000

 Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação
Registo: 14452
Data: 31, 10, 2003
Tel.: 21 881 17 50 • hibigo@ispa.pt

Aos meus pais, que me geraram,

Ao pai dos meus filhos que me permitiu tê-los,

Aos meus filhos, por tudo.

Transe

Nem tudo é lei da vida ou lei da morte.
Há limbos onde o homem desconhece
Esse dilema hostil.
É quando ama, ou sonha, ou faz poemas,
E a própria natureza o não domina.
Então, livre e perfeito,
Paira no tempo como o pó suspenso.
Nem do céu, nem da terra, nem sujeito
Ao pesadelo de nenhum consenso.

Coimbra, 30 de Março de 1955

Miguel Torga in *Diário VII*.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	1
Os Pressuposto Teóricos.....	3
Os Referenciais.....	5

I / OS MODELOS TEÓRICOS..... 9

1. Os Modelos de Bion.....	10
1.1 O Funcionamento Psíquico no Adulto.....	11
1.2 As Origens do Pensamento.....	20
1.3 O Psiquismo Fetal e a Vida Embrionária.....	42
1.4 “Memória do Futuro”- Um Roteiro de Leitura Pessoal.....	46
2. António MUNIZ de REZENDE: os Modelos de Bion para a Simbolização.....	63
3. Carlos AMARAL DIAS: “ O Negativo ou o Retorno a Freud ”	
3.1 O Negativo ou o Retorno a Freud.....	83
3.2 A Formação do Símbolo.....	99
4. James GROSTSTEIN: “O Buraco Negro”.....	104
4.1 A importância do Nada, do Sem Sentido e do Caos psicanálise.....	104
4.2 O Buraco Negro.....	114
4.3 Presença de Fundo da Identidade Primária.....	118
4. Paradeiro num Percurso.....	127

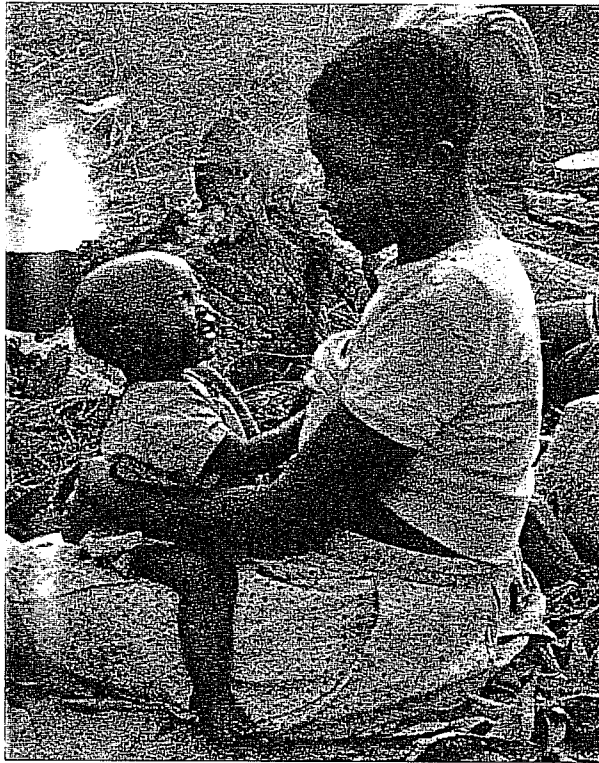
II / DE COMO BIO SE TRANSFORMA EM PSIQUE: UM MODELO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

1. O Modelo de Maria Rita MENDES LEAL.....	133
2. O Desenvolvimento da Intencionalidade no Primeiro ano de vida.....	149
3. A Originalidade do Modelo de Maria Rita MENDES LEAL.....	161

III / OS MODELOS DA PRÁTICA

1. Identificação do Objecto a Estudar.....	163
2. Os modelos Teóricos Subjacentes	
2.1 A Especificidade da Psiquiatria da Primeira Infância.....	166
2.2 Referentes e Afirmções teóricas.....	170
3. Os Modelos da Teoria da Prática	
3.1 Os Envelopes Psíquicos.....	177
3.2 Narcisismo Primário e Narcisismo Secundário: uma Transição a Integrar na Relação Objectal.....	208

3.3 Os Traumatismos Hiperprecoces.....	213
3.4 A Inscrição do Pai na Díada.....	217
3.5 A Transmissão Transgeracional.....	221
3.6 As Representações Mentais.....	225
4. A Observação de Bebés pelo Método Esther Bick	
4.1 O que é próprio à Observação Directa.....	241
4.2 A Teoria da Prática na Observação Directa de bebés.....	244
4.3 O Saber Observar na Observação Directa de Bebés.....	250
4.4 A Postura do Observador na Observação Directa de bebés.....	252
4.5 A Atenção Psíquica.....	258
4.6 O Método Bick de Observação de Bebés.....	261
4.7 Controvérsias sobre o Método Bick.....	267
4.8 Os Contributos do Método Bick.....	271
COMENTÁRIO: NO FIM DE UM PERCURSO.....	273
ANEXOS.....	274
Anexo I : “Inibição, Sintomas e Angústia”.....	275
Anexo II : Balint: “ O Objecto primário de Amor”.....	279
Anexo III : A Vida Psíquica do feto.....	280
ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS.....	283
BIBLIOGRAFIA.....	284



APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

“ A vida intra-uterina e a primeira infância são bem mais um continuum do que a impressionante cesura do acto do nascimento levaria a pensar”

Freud

O meu trabalho tem como ponto de partida esta frase que Freud escreveu em 1926 no seu livro “Inibição, Sintoma e Angústia”, onde reformula alguns dos seus pensamentos sobre o funcionamento do psiquismo e sobre o nascimento da função pensante, e que Bion, cinquenta anos mais tarde, retomou quando se interessou, também, pelo nascimento do pensamento.

O meu interesse pelos fenómenos psíquicos *in status nascendi* foi estimulado por esta frase em dois momentos diferentes: quando, aprendiz da pedopsiquiatria, estudei Freud e, anos mais tarde, no início da praxis de pedopsiquiatria quando comecei a aprender com Bion.

Em ambos os momentos e como me ensinou Heidegger, a minha escolha sobre os fenómenos que desejava analisar foi guiada pelo entendimento, em cada um desses momentos, que possuía sobre a vida psíquica e sobre o funcionamento psíquico do bebé e, como todo o entendimento pressupõe a pré-existência de uma constructo compreensivo que permita a distinção de novos aspectos, factos e contextos, foi Freud que, inicialmente, me guiou nesse entendimento e foi Bion que, a seguir, me serviu de segundo guia.

Ainda estudante de Medicina, a trabalhar na Equipa de Desenvolvimento Infantil do Hospital Santa Maria muitas vezes, ao olhar um bebé que, aparentemente, não estava a interagir com ninguém, nem com nenhum objecto, formulava-me a pergunta: “O que tu pensas bebé?”.

Na forja já estava este meu fascínio curioso sobre as origens do pensamento que foi, alguns anos mais tarde, muito estimulado pelos ensinamentos do Pr. Serge

LEBOVICI, quando trabalhei com ele durante a minha formação em pedopsiquiatria. Foi então, o privilégio de, com ele, aprender a observar, segundo o vértice dinâmico, a interacção entre a mãe, o pai e o bebé e a dar importância à alegoria familiar que se transmite transgeracionalmente. Foi, também, o momento de aprender com o Dr. René DIATKINE, a lidar com crianças com autismo e com psicose infantil e a contactar com os trabalhos da clínica de Tavistok, em Londres, nomeadamente com a obra de Melanie KLEIN e dos seus continuadores, Wilfred BION, Esther BICK e Donald MELTZER.

Este meu percurso permitiu-me, assim, começar por aprender com autores que, alargando o pensamento de Freud, se dedicaram ao estudo do estado de desamparo do bebé e do papel cuidador da mãe determinante para o desenvolvimento mental do bebé.

Mas teimosamente, a pergunta “O que tu pensas bebé” continuou sempre a emergir no meu espírito e não se esgotava nos estudos da interacção mãe/bebé.

Muitas vezes, Freud voltava às minhas reflexões, quando, ao falar da angústia primária e do traumatismo do nascimento, da cesura, considerava que poderia ter sido a irrupção da época glacial que teria tornada a humanidade ansiosa porque, e nas palavras de Freud que cito de cor, “uma parte da criança traz congenitamente a ansiedade do princípio dos tempos glaciares”.

É claro que eu sabia que Freud escrevera isto em 1926, sob a influência dos trabalhos de Ferenczi sobre a fantasia de regresso ao seio materno como fantasma originário e querendo responder ao livro de Otto Rank sobre o trauma do nascimento, mas esta ideia de Freud, de ter em conta os tempos que vieram antes do nascimento detinha-se, teimosamente, no meu pensamento. Por isso, foi com o maior fascínio que descobri o pensamento de Bion e, em particular, de como ele, igualmente, se interessava por esta ideia de Freud, nomeadamente pelos aspectos mais arcaicos da personalidade humana, questionando-se: “O feto pensa? Sente? Ouve?”.

Este meu trabalho é, então, a viagem que fiz, ao longo de quase seis anos, embarcada numa nave que Bion me ajudou a construir com os seus modelos e as suas teorizações e, guiada pelas “suas geniais metáforas que nos dão a bússola para nos orientarmos na comunicação intersubjectiva”, como diz Celeste Malpique.

A elaboração deste trabalho partiu de alguns pressupostos que considero que são os que estão, neste momento, mais próximos do meu saber, da minha praxis e das minhas convicções íntimas e que passarei a expor dado que eles poderão explicar alguns dos caminhos que fui trilhando à medida que ia construindo as minhas ideias.

Os Pressupostos Teóricos

“As coisas só podem ser pensadas por nós a partir das formas do nosso entendimento”

Kant

Entendo o desenvolvimento psíquico do bebé como um processo de transformação de cariz diacrónico, inserindo a embriogénese do psiquismo e o processo de transformação, de traduções e de metamorfose “in situ” através de uma “complexificação progressiva”.¹

A partir da perspectiva analítica, considero que o estudo das dimensões económica, dinâmica e tópica, no bebé, tem de se inserir no contexto duma situação relacional onde o aspecto tópico possa ser integrado em tópicos interpessoais ou intersubjectivas respeitantes à díada e à triada. E isto, porque, para se estudar o psiquismo do bebé tem, sempre, de se passar pelo Outro, pelo psiquismo do outro, dado que o impacto do psiquismo do parceiro relacional é imprescindível para o desenvolvimento do aparelho psíquico do bebé, dentro de um equilíbrio que exclua os excessos relacionais e dando um relevo especial aos traumatismos psicológicos devidos ao impacto das ausências, das faltas ou das “faltas na ausência”, como explicita Amaral Dias, mas, também, dos vazios, dos traumatismos em negativo, como refere Angré GREEN, e que remetem para o território do negativo.

Aprendi com FREUD que, no desenvolvimento do psiquismo, o que é devido às pulsões é um destino, e não um desenvolvimento, destino que é fruto dos encontros que, apesar de se inserirem, sempre, num certo aleatório, não significam fatalidade.

Mas, como disse George FAVEZ, e cito de cor, “é para poder encontrar o imprevisto que precisamos de estar preparados e não para prevermos tudo”.

¹ Termo usado por Teillard de Chardin no seu livro *La place des hommes dans la nature*.

Freud ensinou-me a não fazer uma clivagem entre corpo e psiquismo ao insistir no primado do eu-corpo e ao falar de um corpo com a sua materialidade e a sua concretude, o corpo real, a par do corpo simbólico e do corpo imaginário. Assim, neste trabalho sobre o nascimento do pensar que remete para os níveis mais arcaicos do funcionamento psíquico e subentende as modalidades pré-verbais da comunicação, o corpo estará, sempre, presente como eixo fundamental nas minhas reflexões. Este eixo, considero-o seguindo a mudança de vértice que os estudos psicanalíticos sobre o bebé têm adoptado, nos últimos anos, ou seja, passando do interesse pelos orifícios (boca e esfíncteres) e pelos conteúdos para o interesse pelos envelopes e pelos contentores ou continentes, como testemunham os trabalhos de Bick sobre a pele psíquica, de Anzieu sobre o eu-pele ou, ainda, os de Houzel sobre os envelopes psíquicos. A partir destes trabalhos, os envelopes são tidos como os precursores indispensáveis à constituição, nas relações objectais, dos vínculos criados com os objectos e, portanto pertencentes a um eu individual mas, também, grupal, pois como dizia Bion, o homem é um animal gregário”.

Darei um relevo especial, neste trabalho, a esta noção de envelopes psíquicos na medida em que são eles que vão dar a sensibilidade, em conjunto, aos conteúdos e aos seus contentores. Já o Príncipezinho de Saint-Exupéry, quando pedia ao narrador da história que lhe desenhasse uma ovelha e não ficando satisfeito com nenhuma delas, escolhia o desenho de uma caixa para a lá meter, único desenho que o deixava satisfeito e lhe trazia o sossego, pois só com este contentor ele poderia “imaginar” (simbolizar) as ovelhas dos seus sonhos, como nota Golse. Também, certamente fora uma semelhante sensibilidade aos envelopes que permitira ao narrador desta história, quando menino, ver um elefante devorado por uma jibóia onde os adultos só viam um chapéu que não metia medo a ninguém.

Estes pressupostos permitiram-me, por sua vez, tomar alguns referenciais que me serviram para poder compreender e integrar os vários temas de reflexão que, creio, estarem, neste momento, na cena das reflexões teóricas e clínicas sobre o psiquismo do bebé e do recém-nascido e que, por estarem subentendidas neste trabalho, passo a referir.

Os Referenciais Teóricos

Os trabalhos de Piera. AULAGNIER sobre os processos originários vieram mostrar que os significantes arcaicos podem ser percursores de representações mentais mais elaboradas e mais complexas do que se julgava até então e que através deles se pode pensar a dissimetria inevitável e estruturante entre os processos psíquicos do adulto e do bebé. Neste sentido e partindo do triplo registo originário, primário e secundário dos processos psíquicos, Aulagnier vai considerar que os fantasmas do adulto tem uma organização primária prevalecente, enquanto no bebé, pelo menos no início da vida psíquica, a sua organização é originária.

Na continuidade destes trabalhos, outros autores vieram a insistir na reactivação e na intensificação do registo originário nos pais, sobretudo na mãe, durante a gravidez e no período pré-natal, considerando que seriam estas reactivação e intensificação que permitiriam as interpretações parentais iniciais, às quais Winnicott chamou de “preocupação materna primária” e Bion de “rêverie materna” e que se alicerçam, para os dois autores, na empatia psíquica entre a mãe e o seu bebé.

Pode-se supor, então, que seriam este desfasamento e esta assimetria entre os processos psíquicos prevalecentes que estão presentes nas relações diádicas e triádicas que serão estruturantes por terem um papel de protoformas de ilusões ou de antecipações criadoras que lançam o bebé nas vias do processo primário

Este modo de compreender o jogo das interacções fantasmáticas, no início da vida psíquica, reforça a noção de que um bebé só pode construir-se e ser compreendido numa situação relacional pois, só a passagem pelo outro, mãe, pai, lhe dá a possibilidade de pôr a funcionar o seu aparelho para pensar os pensamentos e iniciar, sequencialmente, as suas diferentes temáticas pulsionais considerando que o bebé humano não tem, dentro dele, uma sequência pulsional pré-programada.

A este propósito é importante a noção de Laplanche sobre “os significantes enigmáticos” que nos permite pensar como se implantam no bebé os objectos que estão no exterior e que são a nascente das pulsões e como se pode conceptualizar o recalçamento originário, que já existe nas interacções precoces, sem ser preciso recorrer às explicações filogenéticas de Freud, permitindo, assim, concluir que o

programa pulsional não é só biológico mas tem, também, uma componente relacional.

Para o estudo sobre a emergência de vida psíquica e das primeiras representações mentais é essencial que se considerem as reflexões sobre os “significantes primários” que vieram a ter um novo incremento com a observação directa de bebés pelo método Esther BICK que vai insistir no duplo alicerce corporal e interactivo dos processos de simbolização precoce.

Outro referencial importante é o estudo das relações identificatórias precoces, nomeadamente as que Geneviève HAAG chama de “identificações intra-corporais” que antecedem as clássicas identificações primárias e secundárias e que permitem estudar, no bebé, as relações entre a coisa a simbolizar e a coisa que o bebé mostra ao outro, através dos seus gestos e do seu comportamento.

Outro ponto de referência diz respeito ao papel dos traumatismos precoces e dos lutos primários no desenvolvimento da vida psíquica do bebé, particularmente, como origem de certas patologias arcaicas. Se uma hipótese explicativa é a económica, pondo a ênfase no efeito de “transbordamento” da situação extrema, uma outra, inserida na teoria do “a posteriori” e que não exclui a anterior, põe a tónica, conjuntamente, no sistema interactivo precoce do bebé, dependente do estilo interactivo materno que o bebé, desde muito cedo, experimenta, e na capacidade que o bebé tem de se sentir confrontado com os efeitos do “a posteriori” que actuariam como micro-traumatismos cumulativos.

Finalmente e porque este trabalho se constrói a partir e na confluência de várias disciplinas para além da psicanálise como a pediatria, a psicologia, a psiquiatria, a etiologia, a sociologia, as ciências da cognição e a pedagogia, é importante situar a transdisciplinaridade como peça essencial no estudo do desenvolvimento e da dinâmica psíquicas do bebé, obviamente na condição de se ter o cuidado de saber de que bebé estas disciplinas estão a falar, para que a transdisciplinaridade possa permitir a maleabilidade ao nosso pensamento.

O Itinerário

Na primeira parte, descreverei a nave em que viajo, enfatizando os pensamentos de Bion sobre o psiquismo do bebé e do feto e apetrechando essa nave com contributos de autores que expandiram os pensamentos de Bion.

A segunda parte será a descrição de outros universos que a minha nave foi capaz de visitar.

O primeiro universo diz respeito ao trabalho de Maria Rita MENDES LEAL sobre o seu conceito de “metábolos”, padrões iniciais de acção que vão despertar, no bebé, os ritmos primários de intercâmbio entre ele e o mundo que o envolve.

Em seguida visitarei os trabalhos de Esther BICK sobre a importância das experiências de pele nas relações com os objectos arcaicos, pele psíquica, e sobre o seu método de observação de bebés, ao qual darei um relevo especial.

Vizinho a este território estão os trabalhos de Didier ANZIEU sobre o Eu-pele e os trabalhos sobre a vida psíquica dos bebés feitos tendo como base o método de Bick para observar os bebés. Neste universo, deter-me-ei em trabalhos sobre as primeiras formas de vida psíquica e relacional do bebé e sobre a construção do espaço psíquico do bebé, valorizando os conceitos de envelopes psíquicos através do trabalho de vários autores que, nos últimos anos se têm interessado por esta problemática

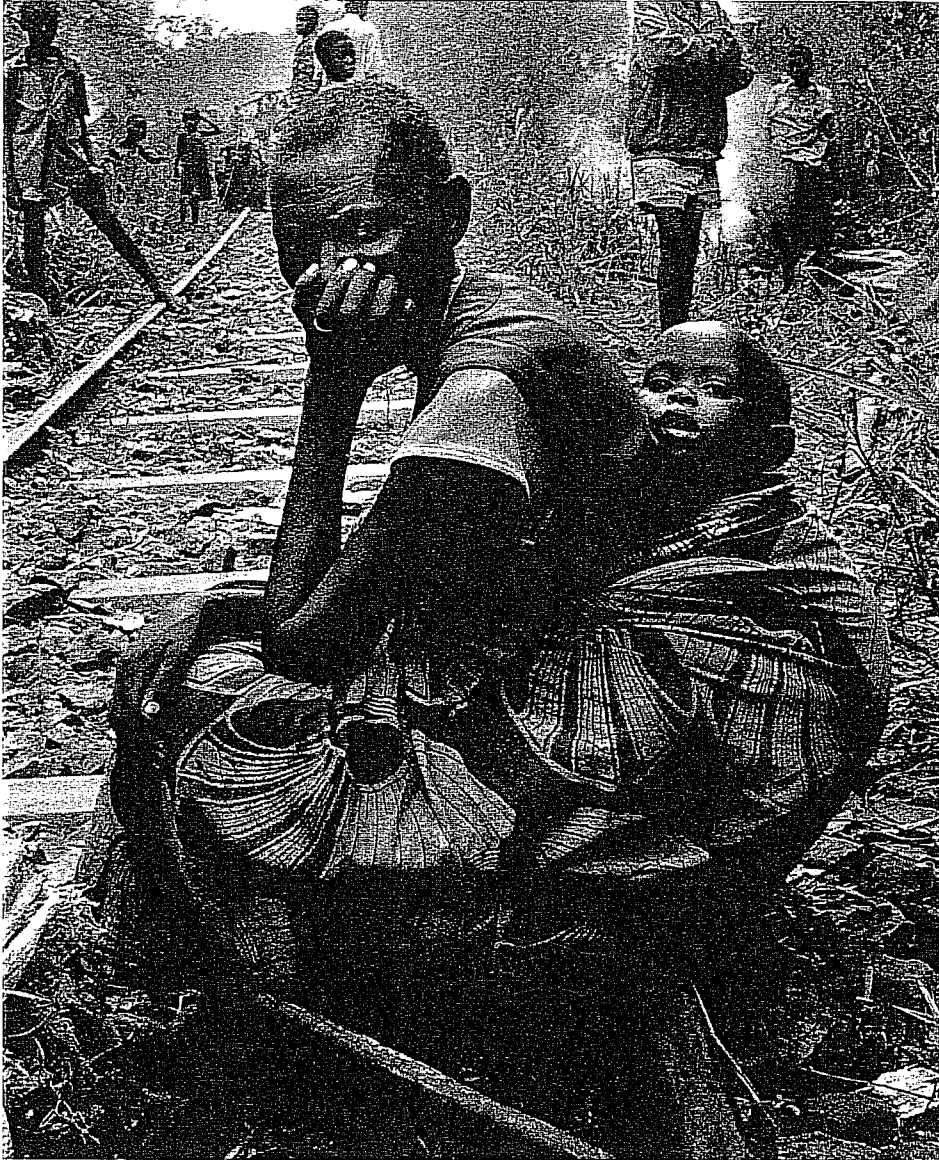
Este itinerário foi, sempre, muito facilitada por viajar alicerçada nos modelos de Bion e, por várias vezes, me veio ao pensamento que, como diz Resende, “Bion vai, ainda, mais longe”.

Sabendo que este trabalho parte de muitas conjecturas imaginativas que, como referia Bion, não pertencem ao estatuto do pensamento científico, tive, sempre, presente o princípio da incerteza de Heisenberg que afirma que a única certeza que podemos ter é que não há certezas. Segui, também, a orientação de Bion que considera que, se em qualquer trabalho científico o primeiro estadio é o da conjectura imaginativa, ele poderá vir a alcançar, com o desenrolar das pesquisas, um segundo estadio, o de uma conjectura racional por já ter mais credibilidade científica, e, atingir o terceiro estágio, o de uma imagem pictural. Tive, também, presente como dizia Charcot: que “até que os factos comecem a falar por si

mesmos” devemos formular hipóteses que nos ajudem a encontrar um significado mais profundo no que se observa.

Ao visitar todos estes autores, no meu diálogo com os seus escritos e nas pontes que teci entre eles, tentei manter uma consciência de proximidade e ver as suas afinidades pois, como diz Levinas, nos nossos dias já não tem cabimento admirarmo-nos com as mudanças na ordem existente pois o que é preciso é mantermos a curiosidade própria pela contribuição do Outro sem a impaciência que leva a recusá-la ou a contestá-la.

Tentei sempre, ao longo das pesquisas que fiz nestes últimos seis anos e que estão na origem deste trabalho, ser viajante e não turista, mantendo o prazer da aventura e da descoberta e não, apenas, o do reconhecimento de que já sabia, com o intuito, como dizia BEAUDELAIRE no verso final do “Le voyage” “de viajar até ao fundo do desconhecido para encontrar o novo”.



I / OS MODELOS TEÓRICOS

Nesta primeira parte começarei por expor o que me pareceu de mais relevante nos modelos de Bion sobre o tema deste trabalho, referindo-me, primeiro, aos seus modelos sobre a vida psíquica, na sua generalidade para, em seguida, me debruçar sobre os seus modelos que respeitam as origens da vida psíquica. Incidindo este trabalho sobre os fenómenos psíquicos in status nascendi, dei uma particular atenção ao modelos de Bion sobre o psiquismo fetal e estendi o meu interesse por uma leitura pessoal sobre a sua obra mais emblemática sobre este assunto, "Memória do Futuro".

Em seguidas, tomei como referência as obras de três dos continuadores do pensamento de Bion que têm vindo a desenvolver e a expandir o pensamento bioniano em áreas que estão no âmbito deste trabalho.

1, Os Modelos de Bion

1.1 O Funcionamento Psíquico do Adulto

Bion constrói o seu modelo para a vida psíquica e para o pensamento simbólico assente na concepção de que a formação dos pensamentos e do aparelho para os pensar têm a sua origem na reacção à experiência emocional primitiva do desamparo do bebé, desamparo devido ao estado de carência quando da ausência do objecto cuidador, desde que essa ausência possibilite, no bebé, o desenvolvimento de uma capacidade para tolerar a dor mental gerada pela frustração causada por esse estados de carência.

Bion parte, assim, de um estado inaugural negativo, o desamparo inicial, para realçar um estado positivo que é a capacidade de tolerância à frustração que vai possibilitar o desenvolvimento do aparelho para pensar bem como e numa relação íntima com este desenvolvimento, que uma acção seja desencadeada, tanto no mundo exterior como interior, para tentar modificar essa carência, o que subentende, já a existência de um estado de intencionalidade.

O âmago do funcionamento deste modelo de Bion consubstancia-se na ligação das impressões sensoriais às experiências emocionais que chegam à consciência como

“coisas em si” no sentido filosófico de Kant, que Bion denomina de elementos β que vão ser transformados nos elementos α , como se fossem “digeridos”, de modo a poderem ser armazenados e utilizados, ulteriormente, pelo aparelho para pensar.

Esta transformação de elementos β em elementos α , Bion põe-na a cargo de um constructo que denomina de função α que, não operando directamente sobre a experiência emocional, vai agir sobre a percepção da experiência sensorial ligada à emoção (os elementos β), tanto durante a vigília como durante o sono, transformando-a nos elementos α .

Bion caracteriza, assim, os elementos β , na sua essência, como impressões sensoriais, “coisas em si” mas dotadas de um componente emocional, enquanto os elementos α , que no início são, predominantemente, imagens visuais, Bion constrói-os como o resultado da transformação de impressões sensoriais ligadas às experiências emocionais, ou seja, como percepções olfactivas, tácteis e visuais que vão ser utilizadas, pelo aparelho para pensar pensamentos para formar os pensamentos oníricos, o pensar inconsciente vigil, os sonhos, as recordações e as lembranças.

Caracterizando os elementos β e os elementos α segundo este ponto de vista qualitativo, fica claro que a função α transforma o dado sensorial em algo psíquico, o que significa que Bion, fazendo a analogia com a consciência, enquanto órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas, que a função α será o correspondente dos nossos sentidos para a apreensão da realidade psíquica.

Mas esta analogia, Bion fá-la “por defeito” na medida em que a realidade psíquica vai para além da função da consciência que se limita a ser um “órgão sensorial” para a percepção das qualidades psíquicas de uma realidade que por atender, apenas, à percepção das qualidades psíquicas, fica contida na realidade psíquica e, portanto, é bem mais restritiva que a realidade psíquica que não requer, só, uma percepção das qualidades psíquicas porque, entre estas duas realidades, a da consciência e a psíquica, Bion põe a infinitude de um universo em expansão na medida em que, para ele, a capacidade de pensar é a capacidade para pensar a emoção e para a sonhar porque são as emoções o verdadeiro carburante da vida psíquica por serem elas que permitem descobrir o verdadeiro significado da experiência e,

consequentemente, levarem ao aprender com a experiência e à simbolização dessa experiência.

Neste seu modelo, Bion retoma o pensamento de Melanie KLEIN de que o fantasma inconsciente é a expressão mais importante da actividade psíquica e que a vida fantasmática e a relação com objectos internos parciais existem desde o início da vida mas, num movimento de expansão do pensamento, vai alargar, enriquecendo esta concepção de Melanie KLEIN considerando que a função primordial do psiquismo, na sua relação com os objectos internos, é a transformação que, permitindo a simbolização, leva ao crescimento da mente.

Função α

Partindo da sinapse como entidade neurofisiológica e seguindo o modelo da Freud, Bion considera que é no contacto entre dois neurónios que a função α vai transformar as impressões sensoriais ligadas às experiências emocionais em elementos α , elementos que se vão agrupar entre si para formar o que ele denomina, como, aliás, Freud já o fizera, de Barreira de Contacto.

Deste modo, Bion dá um substrato orgânico a esta função α à semelhança de Freud que considerara que, na estrutura neuronal, haveria pontos de resistência nos contactos entre os neurónios que funcionariam como uma barreira de contacto.

É no seu livro “Aprender com a experiência” (1962) que Bion expõe o modelo onde as experiências emocionais, tanto as que acontecem durante o estado vigil como durante o sono, vão ser, em conjunto com as impressões sensoriais, transformadas pela função α para poderem servir os pensamentos, concluindo que a função α trata as emoções e as percepções de igual modo ou, dito de outro modo, que as emoções seriam “objectos” sentidos como percepções.

Identificação Projectiva Realista

Melanie Klein pensou a Identificação Projectiva (I.P.) a partir da sua concepção de posição esquizo-paranóide, pondo-a como um mecanismo de defesa primitivo desta posição e um modo narcísico da identificação através da qual, toda a personalidade, ou parte dela, pode penetrar fantasmaticamente no interior de um objecto, quer no corpo desse objecto quer, igualmente, dentro do seu psiquismo, o que pressupõe

que, tanto os objectos externos como os internos, têm, respectivamente, um espaço no seu interior e conteúdos psíquicos (objectos internos), ou seja, que os objectos são dotados de tridimensionalidade.

M. Klein, com a sua genial intuição clínica, ao realçar a importância da I.P. veio, assim, dar uma nova dimensão à exploração do espaço interno da vida psíquica e dos seus movimentos, tornando este espaço interno num lugar onde se movem as “personagens” do mundo psíquico interno, actores da narrativa interna que cada um de nós, a cada momento, vai construindo para si, indo buscar elementos do passado e combinando imagens concretas com os vínculos existentes entre elas, qual um palco onde se vão dando acontecimentos e onde os protagonistas são esses personagens que, continuamente, recriam, internamente, as situações dinâmicas da realidade externa.

Bion, por sua vez e num movimento de expansão deste conceito de M. Klein, vai considerar a existência de uma I.P. “realista” como sendo, já, uma forma precoce de pensar com um aspecto qualitativo sadio e estruturante, que está, também, concretizada na empatia da mãe para com o seu bebé que lhe vai permitir ter um modo primitivo, não verbal, de comunicação com ele.

Com esta expansão do conceito do I.P., Bion vai dar ênfase à acção da projecção no interior de quem a recebe e não, apenas, de quem a projecta, o que o leva a concluir que os pensamentos não são posse de um determinado pensador mas, antes, se comunicam entre si através de diferentes canais que não são exclusivos da comunicação verbal, como são, por exemplo, os canais da comunicação corporal.

Assim, para Bion, a I.P. não é, apenas, uma operação mental que só age fantasmaticamente no interior do psiquismo de cada um, mas, é ela que vai levar a um agir com intencionalidade que tem a finalidade de comunicar, ao exterior (ao outro), uma experiência emocional, o que coloca a I.P. realista na própria essência da formação dos símbolos e da comunicação intersubjectiva na medida em que ela vai determinar a relação de empatia com o objecto ao possibilitar que a pessoa se coloque, subjectivamente, no lugar do outro e, desse modo, possa melhor compreender os sentimentos do outro.

Implicado a esta concepção de Bion está a ideia de que, se os pensamentos circulam livremente, não sendo património exclusivo de nenhum pensador, então, eles,

enquanto conteúdos, vão preceder o continente que é o pensador, donde Bion infere que os pensamentos são anteriores à formação do aparelho para os pensar, que cada um constrói.

Assim, por este seu duplo aspecto projectivo e identificatório, implicando quem deposita e quem recebe, pode-se afirmar que a I.P. realista está na base da comunicação humana na medida em que ela não age, apenas, no interior do psiquismo, mas, também, no seio de uma relação interpessoal, o que significa que a I.P., sendo da ordem do fantasma é, igualmente, uma interacção entre dois ou mais psiquismos.

Mas Bion, que sempre se preocupou em dar um realce muito especial à acção enquanto resultado de um harmonioso funcionamento do aparelho para pensar pensamentos, vai mais longe e vê a Identificação Projectiva Realista como um dos elementos constitutivos da acção, na base da capacidade social da pessoa que comunica com outra.

Esta capacidade social vai concretizar-se, segundo Bion, na acção dirigida ao outro, com quem se quer comunicar, por três movimentos: o movimento da correlação pelo qual os dados são, interiormente, combinados, o movimento de publicação onde os dados se tornam conscientes para a pessoa através de operações que transladam os elementos do mundo interno para o mundo externo e o movimento da comunicação, acto de comunicar os dados ao outro através da realização da identificação projectiva e que, se houver senso comum que implica que haja uma relação harmoniosa no conjunto de dados comunicados, leva o outro a experimentar um sentimento de verdade ao receber a comunicação.

Este modo de elaborar o processo do pensamento a culminar numa acção, e não num simples agir, levou Bion a afirmar que o pensamento é uma acção mas onde essa acção, resultado do pensar desse pensamento, não se submete ao objecto dessa acção porque o pensar move-se num universo em expansão.

Barreira de Contacto

Já Freud considerara que existiam, na estrutura dos neurónios, pontos de resistência nos contactos entre eles que funcionariam como uma barreira de contacto com uma função próxima da função do pré-consciente, ou seja, que estabeleceriam associações, conexões e ligações com uma tripla função tripla que, agindo a três níveis, permitiria: a separação do inconsciente e do consciente; a distinção entre a memória e a percepção, a diferenciação entre qualidade e quantidade.

Bion repensa esta concepção de Freud, pondo a origem desta barreira de contacto na Identificação Projectiva realista enquanto forma precoce de pensar e considerando que esta barreira se constituiria por elementos α que se iriam armazenando nela mas mantendo-se, sempre, disponíveis para serem utilizados na formação dos pensamentos oníricos, dos pensamentos vigis e das recordações. Construída, assim, como estando em permanente processo de formação e exercendo uma função de membrana semi-permeável que separa os fenómenos mentais conscientes e inconscientes, esta Barreira de Contacto estará na origem tanto das fantasias inconscientes como da própria consciência que constituem a realidade psíquica.

No início da vida psíquica e a partir da reintrojecção de algo que provém do espaço psíquico da mãe através da Identificação Projectiva realista, esta Barreira de Contacto vai, progressivamente, funcionar como um continente autónomo que vai poder transformar as impressões sensoriais ligadas às experiências emocionais (elementos β) em elementos α . Constituída deste modo, ela vai manter-se ao longo de toda a vida psíquica e, portanto, constituir-se como parte essencial do aparelho mental estando, permanente e continuamente, em formação pela proliferação de elementos α que estão, igualmente, permanente e continuamente, a ser produzidos pela função α . Estes elementos α vão, considera ainda Bion neste seu modelo, aderindo entre si e, desse modo marcando, simultaneamente, o contacto e a separação entre consciente e inconsciente, o que o levou a compará-la a uma membrana semipermeável que separa mas, também, põe em contacto os fenómenos mentais.

Nesta dualidade entre consciente e inconsciente, a Barreira de Contacto assim construída pode ser comparada ao acto de sonhar na medida em que ela impede que os fantasmas e os estímulos endopsíquicos interfiram com a visão realista que, cada

um, tem do mundo à sua volta e do seu mundo interior como, também, ela evita que, no contacto com a própria realidade, hajam distorções devidas às emoções de origem interna tornando-se, deste modo e por esta dupla função, na base onde assenta uma relação normal com a realidade e com o mundo interno.

Qual um continente aberto, tolerante e seguro, a Barreira do Contacto vai organizar a aquisição das características (qualidades) da personalidade de cada um, como são a coragem, a fé e a esperança que, Bion considera, por sua vez, como indispensáveis às qualidades essenciais ao crescimento da mente como são a indagação, a aceitação da dúvida tolerada, a perspectiva reversível que permite ver a partir de outro ponto de vista, a preocupação mantida¹ com o outro, bem como as capacidades de poder sentir culpa sem cair na inveja, de poder lutar, de sentir empatia sem aniquilar o desejo de separação em relação ao outro.

Modelo Continente - Conteúdo (♀♂)

Construído para compreender e expressar, tanto os acontecimentos intrapsíquicos como os intersubjectivos, Bion baseou este modelo da díada continente – conteúdo (♀/♂) numa rede de emoções que, ao dotar cada termo de díada de significado emocional, vai permitir a sua interacção. Reforçando o papel fundamental das emoções na formação do nosso psiquismo, Bion põe, assim, nas experiências emocionais a responsabilidade de dar o sentido aos acontecimentos psíquicos.

Partindo da relação que o recém-nascido tem com o seio (mãe), Bion vai considerar, ao nível da abstracção, que essa relação representa a interacção de dois elementos penetrados pela emoção e capazes de sofrerem as transformações necessárias ao seu crescimento mútuo.

Este crescimento far-se-ia, para o continente (♀) segundo um modelo por aglutinação que levaria à constituição de manchas que delimitariam buracos, indo-se tecendo, dessa forma, um retículo cujos fios seriam constituídos pelas emoções. Os conteúdos (♂), por seu lado, cresceriam, emergindo de uma base desconhecida, análogo a uma parábola e onde os ♂ estariam sem terem nenhuma coesão aparente como se estivessem em órbita, prontos a partirem rumo a um meio onde ficariam em

suspenso. Este meio permitir-lhes-ia, por sua vez, o estabelecimento de uma relação com um continente onde, ambos (♀ e ♂), pudessem conviver dentro de uma relação de harmonia que permitisse a dúvida tolerada e, desse modo, o crescimento de ambos, ♀ e ♂.

Bion chamou a este tipo de interação, uma relação comensal onde, tanto os dois termos da díada como o resultado dela podem são susceptíveis de crescimento.

Usando um modelo que privilegiasse movimentos de expansão, Bion vai considerar ainda que, para que haja crescimento, por haver aprendizagem, os continentes (♀s) que se encontram unidos entre si pelas emoções, deverão poder ser substituídos por outros mas sem que essa substituição ponha em risco a relação comensal que une o continente (♀) ao conteúdo (♂) para que, desta forma, o conjunto dos vários continentes (♀n), que formam o retículo, se mantenha íntegro mas sem rigidez.

Os conteúdos, por sua vez, devem estar unidos entre si (♂n) por constantes que representam a dúvida tolerada, sendo, igualmente, a emoção que lhes vai fornecer a capacidade para penetrarem num continente dando-lhe a vitalidade para irem ao encontro desse continente.

Deste crescimento conjunto dos continentes (♀n) e dos conteúdos (♂n) resultará a capacidade de tolerância à dor da frustração e, conseqüentemente, um adequado funcionamento do aparelho para pensar pensamentos de modo a desencadear a acção que permite modificar o estado de carência causador da frustração.

Posição Esquizo-paranóide ↔ Posição Depressiva (Ps ↔ D)

Expandindo o pensamento de Melanie KLEIN que concebera as posições esquizo-paranóide (Ps) e depressiva (D) a partir da passagem evolutiva, no bebé, da fase esquizo-paranóide para a fase depressiva, Bion vai transformar essa passagem de sentido único, numa oscilação e num intercâmbio entre as duas posições, considerando, em mais um dos seus movimentos ao serviço da expansão da mente, que ambas vão estar durante toda a vida, permanente e sincronicamente, na presença uma da outra (Ps ↔ D).

¹ A melhor tradução que encontrei para o termo "concern" da língua inglesa.

Tal como o modelo ♀/ ♂ (contínente/conteúdo), neste modelo $Ps \leftrightarrow D$, Bion quis realçar os processos de crescimento mental, crescimento que, aqui, pode ser compreendido como a oscilação permanente entre o narcisismo primário (Ps) e a relação objectal (D).

Igualmente este modelo $Ps \leftrightarrow D$, em conjugação com o modelo ♀/ ♂ permite, também, compreender que a utilização dos pensamentos, de um modo integrativo e estruturante para o Eu, depende de como se vai fazer a passagem entre as duas posições ($Ps \leftrightarrow D$) ou, dito de outro modo, a formação de pensamentos úteis depende da capacidade em suportar os momentos de depressão o que subentende possível a capacidade para tolerar a frustração.

Partindo da concepção de que, numa relação comensal, (♀. ♂) a dúvida é tolerada, Bion vai considerar que, nesse tipo de relação, os conteúdos estão numa situação semelhante a uma posição esquizo-paranoide “elaborada”, ou seja, onde não há sentimentos persecutórios, o que permite que eles estejam em paz com o objecto total. Esta Ps elaborada, Bion dotou-a com as propriedades do estado físico das partículas descrito por Poincaré onde, porque não há nenhuma carência aparente entre os elementos, há uma receptividade para acolher um elemento que Poincaré denominou de “facto seleccionado” e que vai dar coerência aos elementos pré-existentes dispersos. No seu modelo, Bion considera que o facto seleccionado é de ordem emocional e que é ele que permite que os conteúdos, que estão na posição esquizo-paranoide elaborada, possam passar para uma posição depressiva na medida em que o facto seleccionado introduz uma ordem na desordem existente nos conteúdos, permitindo um movimento de integração e de síntese.

Assim, neste processo de oscilação permanente entre a posição esquizo-paranoide e a posição depressiva ($Ps \leftrightarrow D$), ou seja, entre movimentos de desintegração e dissociação e movimentos de integração, será uma experiência emocional (emoção ou ideia) que é sentida como o descobrimento de uma carência onde parecia, aparentemente não haver nenhuma e que irá dar coerência ao que está disperso e ordenar o que está em desordem.



Por sua vez, o descobrimento da carência é feito porque é possível tolerar a frustração perante essa descoberta que é inerente à dor mental que a carência, pela reactivação da experiência de desamparo inicial, provoca.

Realçando este papel da carência, Bion diz-nos, deste modo, que será a elaboração progressiva da oscilação entre as duas posições, posição esquizo-paranoide e posição depressiva, que permitirá elaborar a “negatividade”, ou seja, “viver a vida aceitando a morte”, nas palavras de Amaral Dias.

Vínculos do amor, do ódio e do conhecimento (L, H e K)

Ao considerar que os pensamentos são, sempre, indissociáveis das emoções, Bion vai dotar a mente de uma função vinculadora que dá o sentido às experiências emocionais.

Esta função vinculadora é constituída por três elos emocionais correspondentes às 3 emoções básicas: amor (L), ódio (H) e conhecimento (K) que Bion denomina de vínculos e que considera, sempre, ligados entre si.

Bion construiu estes três vínculos a partir da pulsão de vida para o vínculo amor e da pulsão morte para o vínculo ódio, indo considerar a existência de uma terceira pulsão que se manifesta pela curiosidade e pelo interesse que a criança, desde muito pequena, tem pelo interior do corpo da mãe que Melanie KLEIN tinha, já, interpretado como uma pulsão para o conhecimento e, por isso, chamando-a de pulsão epistemofílica e que Bion põe em relação com o vínculo do conhecimento (K).

Bion, expandindo, mais uma vez, o pensamento de Melanie KLEIN, vai considerar que é pelo vínculo K que a pessoa pode ir para além da experiência sensível e sensorial, porque pode guardar, dentro de si, o objecto bem como construí-lo no seu mundo interno, o que significa que este vínculo K está, permanentemente, ligado ao pensamento.

A origem de K, Bion vai pô-la nas experiências primitivas de carácter emocional relacionadas com a ausência do objecto de relação, estando a sua existência, sempre, dependente de uma ligação comensal entre os objectos.

Ao longo da vida, os vínculos, ou seja, as experiências emocionais nas quais duas (ou mais) pessoas ou duas partes da mesma pessoa se relacionam entre si, vão ser

guardadas na recordação e na gratidão, sentimentos que, por sua vez, vão dar consistência aos vínculos.

1.2 As Origens do Pensamento

Introdução

Bion fundou o pensamento a partir da frustração que o bebê sente, no início da vida, quando da ausência do objecto cuidador.

Quando o bebê sente um estado de desamparo, de fome, de dor, de sofrimento, ele vai utilizar, segundo este modelo de Bion, uma predisposição inata, uma “pré-concepção inata do seio”, inata porque o bebê, quando nasce, já a traz dentro dele e que o poderá aliviar, compreender e livrar de todos os elementos de sofrimento.

O bebê que, desde o início da sua vida, já possui uma consciência rudimentar que funciona como órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas, vai ter, assim, logo que nasce, consciência da carência do seio que é consubstanciada, primeiro como consciência de um “não-seio” e, num segundo tempo, como consciência de um de um “seio-mau”.

Esta consciência do não-seio/seio-mau, Bion vai integrá-la no seu modelo do aparelho pré-conceptual que considera que, quando a pré-concepção do seio encontra uma realização, ou seja, quando o bebê tem à sua disposição um seio onde pode mamar e uma mãe que o contem no seu colo e nos seus braços (no seu regalo), vai nascer, na mente do bebê, uma concepção do seio, e, doravante, os seus estados de sofrimento vão ser sentidos como o negativo do seio: num primeiro tempo como um objecto “não-seio” que o bebê irá evacuar através dos seus choros, movimentos corporais, emissão de fezes e de urina e, num segundo tempo, já como um “seio mau”.

Será a experiência real de mamar que vai permitir que o bebê se possa desfazer desse não-seio/seio-mau porque a mãe, dando o alimento, vai servir de abrigo (continente) para os sentimentos que são, primeiro de desamparo e de carência e,

depois, já sentidos como “maus” e que o bebê, numa atitude activa, já vai projectar dentro da mãe.

Por este processo, considera Bion, o bebê vai, sistematicamente, descarregar o seu sofrimento psíquico e físico na mãe e no seio (continentes) estando, pela sua expectativa inata do seio, num estado de “espera de alívio” enquanto a mãe, pela empatia que nutre pelo seu bebê, vai saber dar-lhe uma resposta que o vai aliviar do seu estado de desamparo e de carência e lhe vai satisfazer a necessidade de algo que lhe falta, como se ela “digerisse” as emoções do bebê, restituindo-lhas de um modo que ele já as pode digerir e, deste modo, ajudando-o a desenvolver a sua capacidade para tolerar as frustrações.

Neste modelo, Bion considera que o bebê descarrega o seu sofrimento através da Identificação Projectiva, sofrimento que é sentido pelo bebê, como “coisa em si”, elementos β , que o bebê vai projectar na mãe que, pela sua empatia pelo bebê, consubstanciada no que Bion chama de “capacidade de rêverie materna”, os vai transformar em elementos α , ou seja, em elementos que o bebê já consegue utilizar na construção dos seus pensamentos oníricos, do seu pensamento inconsciente, dos seus sonhos e nas lembranças, que ele vai, pouco a pouco, edificando.

Esta função interpretativa materna das emoções do seu bebê é, no modelo de Bion, um processo mental que o próprio bebê vai desencadear na sua mãe pelo bombardeamento emocional que lhe dirige e à medida que a sua própria capacidade, ainda obviamente num estado inicial, de sonhar e de pensar se vai desenvolvendo, alimentada pela sua experiência concreta através das impressões sensoriais ligadas às experiências emocionais, num momento do desenvolvimento mental onde físico e psíquico ainda não se encontram diferenciados e que se configura no que Bion denomina de protopensamentos, por serem os primeiros pensamentos elaborados pelo bebê..

Estes protopensamentos são caracterizados por Bion como níveis primitivos de simbolização que emergem da organização do espaço corporal do bebê mas que já representam uma forma de construção do espaço psíquico apesar de, nestes primeiros momentos dos princípios da vida mental, serem ainda, impressões sensoriais ligadas a experiências emocionais primitivas que, por este primitivismo, são essencialmente comunicadas pela via corporal.

A partir deste modelo dos protopensamentos, Bion vai enraizar a origem da vida psíquica num “Eu corporal” que se vai construindo a partir das primeiras experiências com o objecto de relação, já que é o espaço psíquico da mãe que vai, no início, conter os elementos não pensáveis do bebé – elemento β - bem como o seu estado de não integração primária (posição esquizo-paranóide) e a sua dor primitiva, o seu estado de “terror de morrer” como Bion o nomeia.

Será esta relação íntima que a mãe tem com o seu bebé, feita de gestos e de acções de pegar ao colo, de transportar, de amparar, de olhar, de sorrir, de falar e de embalar (o “holding” e o “handling” nas palavras de Winnicott) guiados e alimentados pela capacidade de rêverie materna que vai fornecendo, ao bebé, uma riqueza de elementos sensoriais, emocionais e psíquicos que, disponibilizados pela função α da mãe e veiculados pela capacidade de rêverie, vão dar, ao bebé, o seu primeiro sentimento de existência, sentimento que é, assim, alicerçado na constituição do seu Eu corporal.

Para que o sentimento de existência e o Eu corporal se possam continuar a desenvolver é essencial que o bebé possa ir vivenciando um sentimento de continuidade na sua relação com a mãe mas é, igualmente necessário, que esta relação, alimentando a capacidade de tolerância às frustrações do bebé, possa ir permitindo que o bebé vá descobrindo, através do seu vínculo K, que pode criar algo que lhe vai, por sua vez, permitir, porque já pode tolerar, que possa pensar que o pensamento do seio pode tomar o lugar do seio real quando este está ausente.

Este primeiro espaço, primeiro lugar para o pensamento, o bebé vai começar por o representar no seu corpo já que é nele que o bebé vai descobrir as suas primeiras fontes para o pensamento através, por exemplo, de um gesto, ao agarrar a chucha, de uma sensação ao tocar-se a si próprio, de um som ao emitir um “babil”, dos quais ele é, agora, o protagonista. É neste espaço que o bebé vai fazendo existir entre ele e a mãe e onde a mãe existe, ora enquanto presença (mãe real), ora, também já, enquanto ausência (mãe como objecto interno), porque a tolerância à frustração o permitiu, que Bion considera que o objecto simbólico pode ser criado, o que significa que, na sua origem, o símbolo é, no modelo de Bion, simultaneamente, um objecto concreto e um processo mental que, para existir, necessita do suporte concreto da experiência corporal.

Nesta concepção, Bion junta-se a Freud quando este afirmara que, o que se sente emocionalmente é, primeiro, sentido naturalmente pelo corpo.

Esta capacidade que tem o bebê de poder pensar o seio ausente vai, pouco a pouco, substituir o seu primitivo processo de evacuar o seio ausente, nessa altura, ainda um objecto não-seio, através de uma dialéctica instaurada pelo diálogo primeiro que o bebê e a mãe criam entre si e onde o bebê, bombardeando emocionalmente a mãe, vai estimular tanto a mãe fazedora de gestos cuidadores como a função de rêverie materna, o que vai permitir que a mãe posse servir de continente para essas emoções bombardeadas pelo bebê e as possa transformar.

Assim, se a mãe dera ao seu bebê, durante a gestação, um útero físico, ela vai, agora, após o nascimento, oferecer-lhe um útero mental que acolhe as projecções do bebê feitas das suas emoções e dos seus sentimentos, as separa e as transforma para, depois, as devolver ao bebê, nomeando-as e acrescentando-lhes sentido para que o bebê já as possa compreender e tolerar. Este papel da mãe, já Melanie KLEIN se referira a ele ao afirmar que “a mãe vai pensar o impensável do seu bebê numa gestação simbólica (psíquica) no útero da sua mente”.

Se o início dos inícios da função pensante do bebê é desencadeada pela experiência de desamparo inicial que o bebê recém-nascido experimenta, será contudo, pela repetição predominantemente satisfatória das experiências emocionais ligadas às impressões sensoriais que o bebê vai experimentando, nestes primeiro diálogos com a sua mãe, que ele vai adquirir a capacidade para reconhecer essas impressões sensoriais, já transformadas, pela mãe, em imagens visuais, olfactivas, auditivas, cinestésicas, para, depois, as poder memorizar sob a forma de pensamentos primitivos ou oníricos, os elementos α e, finalmente, poder começar a desenvolver a sua própria função α , que irá emergindo de modo sucessivo e gradual.

Neste modelo, Bion vai considerar que será esta função α , que começa a emergir no psiquismo do bebê que irá, por sua vez, enriquecer a consciência rudimentar que o bebe já possui, permitindo-lhe estar cada vez mais sensível para a percepção das qualidades psíquicas dos objectos de relação.

Esta função α do bebê vai ser construída e enriquecida por conceitos que, segundo Bion, têm a sua origem nas pré-concepções, mas que são já representações do objecto, ou seja e porque a tolerância à ausência do objecto já o permite, são já

pensadas a partir do não-objecto, representações que o bebé vai utilizar como hipóteses na sua procura de soluções perante a frustração sentida nas suas experiências relacionais com as realidades externa e interna.

Bion construiu esta concepção da génese e do desenvolvimento da função α a partir da sua ideia matriz de que, quando a pré-concepção inata do seio não encontra um seio real que permita a realização da pré-concepção e origine uma concepção de seio, ela vai ligar-se a uma frustração dando origem a um pensamento na condição de que o bebé tenha a capacidade para tolerar essa frustração.

Com este modelo sobre o pensamento e sobre os primeiros desenvolvimentos dos pensamentos e do aparelho para os pensar, fica evidente que, para Bion, não é só o “negativo” das experiências de desamparo e de frustração, nem a “ausência” sentida nas experiências de separação do objecto cuidador, os únicos desencadeadores do nascimento do pensamento, pois, o impacto da própria presença real do objecto vivo materno tem, igualmente, um papel indispensável para que esse pensamento se possa desenvolver normalmente e para que comece a haver, desde o início, um crescimento saudável, já que, se o pensamento nasce no momento da ausência que gera o desamparo, ele também precisa, para que essa ausência possa ter o seu papel constitutivo para o crescimento do pensamento, que o bebé vivência experiências suficientemente boas de encontro emocional com a sua mãe, de modo a poder ter, diz Bion, um impacto estético com um objecto que possua qualidades sensoriais, como a cor, a forma e o movimento e que sejam capazes de despertar a vida psíquica do bebé.

Em síntese, pode-se considerar que existem, essencialmente, três factores para o desenvolvimento do pensar, no bebé, que, sem hierarquias, estão sempre em interligação:

- o modo como a mãe utiliza o seu próprio pensar e o seu conhecimento, e como contém as angústias do seu bebé;
- a capacidade do bebé para tolerar as ausências e as perdas, e para as poder substituir por símbolos que lhe vão, por sua vez, permitir criar novos símbolos;
- o desejo do bebé em conhecer os conteúdos mentais, tanto os seus como os dos outros.

Os Fenómenos Protomentais

Bion considerou, com mais relevância nos seus escritos a partir dos anos 70, que a mente já existira no feto, sendo os protopensamentos os processos mentais mais primitivos que igualmente já existiam no feto e, por conseguinte, no recém nascido, num tempo em que o bebé não tem ainda capacidade para discriminar o que é físico do que é psíquico.

Bion alicerça o modelo dos protopensamentos na ideia de que, nos últimos meses da vida intra-uterina, o feto já teria experiências emocionais que o preparariam para a transição para uma vida fora do corpo materno, bem como, e porque os diferentes aparelhos sensoriais já teriam a capacidade para receber e para tratar os estímulos que o feto iria recebendo dentro do útero, já construiria pré-concepções que, por existirem aquando do nascimento, Bion classifica de inatas.

Bion considerou que estes pensamentos primitivos não desapareceriam após o nascimento, podendo ter acesso directo a processos imunológicos humanos, estendendo, assim, o conceito de mente até às células, ou que poderiam, ainda, manifestar-se ao longo da vida, nomeadamente no processo psicótico o que subentende que, para Bion, estes primórdios da vida mental, onde físico e psíquico não estão diferenciados, se poderiam estender ao longo do tempo, podendo irromper em determinados momentos. Esta concepção de Bion assenta na sua posição monista, na relação mente-corpo, considerando que se deve transpor a ideia de que esta relação tem, apenas, as qualidades de uma cesura.

Dependendo da qualidade com que os protopensamentos vão ser vivenciados pelo bebé e à medida que o aparelho para pensar pensamentos se vai desenvolvendo e vai permitindo uma tomada de consciência do estado de carências na posição esquizo-paranóide, os protopensamentos vão-se tornando em “problemas para resolver” e o aparelho psíquico vai adquirindo a capacidade para encontrar solução para eles, porque, tolerando a frustração, permite que o facto seleccionado seja encontrado e que possa haver passagem para a posição depressiva que, pela síntese que origina, permite que a solução seja encontrada.

Este modelo dos protopensamentos, directamente oriundos das impressões sensoriais olfactivas, auditivas, visuais e tácteis tem implícito o papel fundamental que a pele tem nestes primórdios da vida psíquica, na medida em que serão as sensações tácteis as que melhor se poderão opor à confusão inicial provocada pela não diferenciação entre físico e psíquico, confusão que gera outra confusão, agora entre continente (♀) e conteúdo (♂), na medida em que a sensação táctil propicia ao bebé o sentimento de que existe uma barreira entre continente e conteúdo, barreira que tem um papel tranquilizador para o bebé.

Aparelho Pré-conceptual e Função Vinculadora

Nesta caminhada para a diferenciação e para a simbolização, no universo em expansão onde Bion coloca o nosso psiquismo que, também, se expande porque se encontra nesse universo que tende para o infinito, e na continuidade do modelo dos protopensamentos, Bion vai construir o modelo das pré-concepções no bebé, pré-concepções que, já não emergindo do mesmo nível de diferenciação entre físico e psíquico dos protopensamentos, serão, sobretudo devidas às qualidades mais primárias dos objectos, donde e usando uma concepção Kantiana, as vai conceber como “expectativas vazias” que respondem pelas qualidades primárias dos objectos. Dotando já o feto de capacidade para criar pré-concepções, Bion vai, implicitamente, dotar o recém-nascido de pré-concepções inatas, sendo uma delas a pré-concepção do seio que corresponderia, no humano, a uma expectativa inata que “ pede um seio” como diz Amaral DIAS referindo-se, deste modo, à característica da pré-concepção de representar um estado de espera.

No seu modelo, Bion considera que, sempre que uma expectativa de um objecto – pré-concepção desse objecto – encontra um objecto com as qualidades primárias necessárias, vai criar um aparelho pré-conceptual que vai permitir que, na mente, se forme uma concepção desse objecto. Contudo, especifica Bion, não são os objectos em si mesmos que servem as expectativas vazias para originar uma concepção desse objecto, mas antes, as relações emocionais com esses objectos e os vínculos pessoais que os acompanham pois Bion mantém este modelo sobre o aparelho pré-conceptual fiel à sua convicção de que os pensamentos são indissociáveis das emoções realçando o papel da função vinculadora com os seus três vínculos, L, K, H.

Neste modelo, Bion faz depender os vínculos directamente, tanto da disposição heredo-constitucional do bebé com os seus sentimentos de inveja e de avidez, como, e principalmente, da capacidade de rêverie da mãe, reforçando, deste modo, a importância da relação na origem da vida psíquica do bebé.

Partindo do vínculo K que, essencialmente vincularia o bebé ao seio (mãe), Bion constrói o modelo de “seio em K” para exemplificar a situação em que, tendo a mãe a sua capacidade de rêverie a funcionar, a relação que o bebé estabelece com o seio, ao mamar, vai modelar o medo que o bebé tem de morrer, bem como a sua inveja e o ódio em relação ao seio indiferente, medos, inveja e ódio que o bebé vai projectando no seio que, por sua vez, os vai devolver ao bebé, de modo a ele os poder reintrojectar, ou seja, poder reintrojectar uma parte de si já mais tolerável.

Quando o seio está em -K, ou seja, se a mãe estiver indisponível para o seu bebé, o seio vai ser sentido pelo bebé como invejoso e as projecções que são reintrojectadas pelo bebé vão ficar desprovidas de valor, dizendo Bion que o bebé introjectará um “terror sem nome, indizível”.

É através desta relação dinâmica do bebé com o objecto “seio em K” que, igualmente vai ter origem a criatividade do bebé porque, diz Bion, o objecto seio possui “beleza e verdade”, duas qualidades que são, para ele, fundamentais pois tinha como lema as palavras do poeta KEATS: “a beleza é verdade, a verdade é beleza”.

Donald MELTZER vai desenvolver este pensamento de Bion através do realce que dá, no desenvolvimento psíquico do bebé, à experiência estética que considera ser uma experiência primária que existe desde o nascimento e, por isso, com ligações muito estreitas com a sensorialidade. Os sons e as luzes serão, muito provavelmente, as primeiras sensações estéticas que levam o bebé a viver a experiência da beleza do objecto: o som da voz da mãe, o brilho dos seus olhos. A sensorialidade pode, assim, ser considerada um elemento central nas experiências primitivas do bebé pois o encontro emocional com o objecto vivo antes das experiências negativas pode levar a um impacto estético com o objecto de uma importância capital para o desenvolvimento psíquico do bebé.

Meltzer pensa que poderá ser este conflito entre, por um lado a experiência de beleza do objecto e da relação com o objecto e, por outro, a experiência da perda e a

procura da significação no interior dessa experiência, conflito que ele denomina de conflito estético, que leva o bebê a desenvolver o vínculo K.

Ao considerar que os pensamentos se fundam na união das impressões sensoriais com a experiência emocional, o que implica que não há nada na actividade consciente inteligente que não tenha estado, primeiro, nos sentidos, como o disse Freud, Bion levanta a questão implícita de saber, em que momento do seu desenvolvimento o bebê (feto?) começou a vivenciar as impressões sensoriais ligadas à emoção, colocando Bion esse momento logo após a cesura de nascimento, quando da transição da vida aquática para a vida aérea, o que levou Donald MELTZER a considerar que o período da beatificação máxima entre o mãe e o bebê é muito precoce e que, rapidamente, vai ser ensombrado por um grau variável de depressão pós-partum da mãe. Será no momento em que a mãe pega no seu bebê ao colo e ficam, os dois, perdidos pelo impacto estético, um do outro, que se irá instaurar o poder desse momento, dessa imagem, originando que tudo, após essa imagem, possa vir a causar dor que irá ser aliviada pelo vínculo K que vai salvar o jogo entre o amor e o ódio ao pôr-se no âmago do limiar entre Ps e D e ao permitir que a capacidade negativa seja utilizada pelo encontro da Beleza com a Verdade.

AMARAL DIAS (1997) expandindo o modelo de pré-concepção de Bion, vai considerar que a pré-concepção inata do seio – ideia do seio – está contida no reflexo de sucção, bem como em todas as articulações das competências do recém-nascido que se estruturam à volta do reflexo de sucção. A pré-concepção comporta duas áreas: uma área não transformável, “saturada”, correspondente à parte biológica que pertence aos aspectos biológicos de todos os mamíferos e que não está acessível à relação com o objecto e uma área “insaturada” que responde, como Bion a construiu, ao conceito de vazio de Kant, e que, concretamente, neste território insaturado da pré-concepção, corresponde a uma expectativa vazia de um objecto, expectativa transformável que acolhe objectos com determinadas qualidades que não são exclusivas desses objectos concretos, mas que são as qualidades de objectos, sejam eles quais forem, que têm, todos, aquelas qualidades.

Citando AMARAL DIAS “(...) um bebé não tem a expectativa daquele seio, tem a expectativa do seio, ainda que a expectativa do seio corresponda a uma ideia do seio.”¹

Fazem parte da área insaturada da pré-concepção, os elementos da pessoa, as características biológicas, neurobiológicas, genéticas e fenotípicas que se encontram como aptas, enquanto expectativas vazias, à transformação através do contacto com os objectos, ou seja, que estão predispostos ao encontro com os objectos de modo a sofrerem a transformação.

A ideia de pré-concepção como o lugar onde uma expectativa inata se realiza no encontro com um objecto exterior, vai, como salienta AMARAL DIAS, resolver a questão da relação entre inato e adquirido, constitucional e ambiental, sendo, na pré-concepção, o constitucional que cria uma expectativa vazia de um objecto que, desse modo, “pede” um objecto.

Finalmente e numa aproximação às concepções de D.W. WINNICOTT, este modelo de pré-concepção constituído por Bion, é semelhante ao espaço de ilusão conceptualizado por Winnicott na medida em que, ambos, remetem para um estado à espera de uma realização criativa.

A Posição esquizo-paranóide ↔ Posição depressiva.

Bion considera que, quando o bebé está à mercê da realidade externa e da sua ansiedade perante o seu instinto de morte (pulsão de morte), ele vai elaborar o sentimento de desamparo que se apodera dele, utilizando, por um lado, mecanismos muito primários como a dissociação/clivagem (“splitting”), a negação, a onipotência, a idealização e a identificação projectiva, que o levam a dissociar/clivar os objectos idealizadores e perseguidores e, deste modo, estar no que já Melanie KLEIN descrevera como a posição esquizo-paranóide (Ps) e, por outro, utilizar um processo de integração dessa dissociação que é feita com um sentimento de ambivalência e que é próprio da, também, descrita por Melanie KLEIN, posição depressiva (D).

¹ AMARAL DIAS, c. “Tabela Para uma Nebulosa”, Fim de século, Margens, 1997, pp. 38

É neste movimento de dissociação versus integração que Bion considera que tem início o processo de oscilação permanente $Ps \leftrightarrow D$, que é permanente porque, doravante, vai estar, sempre, presente na vida psíquica.

A experiência depressiva que o bebé vive na posição depressiva significa que o bebé já consegue admitir que o objecto de relação já não está submetido à sua onipotência e que tem liberdade ou seja, o bebé já aceita a perda do objecto o que, paradoxalmente, lhe vai trazer um ganho que é o ter a possibilidade de construir, no interior do seu espaço psíquico que se está a formar, o objecto perdido. O pensamento faz-se, deste modo, na posição depressiva dado ser um momento de internalização do objecto ausente introjectado, não já como mau, mas como simbólico.

Mas, para que o ganho seja possível, ou seja, para que o bebé consiga guardar em si o objecto e o possa construir, é fundamental o vínculo K pois é ele que vai permitir, segundo o modelo de Bion, que o bebé queira conhecer o objecto, indague sobre ele, procure a sua significação no interior do seu psiquismo, indo para além da experiência sensível com o objecto. Mais uma vez, Bion saliente, neste modelo, o papel do conhecimento (vínculo K) nesta capacidade, que já existe no bebé, de criar esta “música interna” onde a criatividade toma as suas origens.

Quando o bebé, tolerando a dor à frustração, já tem um funcionamento adequado nesta oscilação entre a posição esquizo-paranoide e a posição depressiva ($Ps \leftrightarrow D$), articulada num funcionamento de crescimento na díada continente/conteúdo ($\text{♀} \cdot \text{♂}$), ele vai já ser capaz de desencadear uma acção, e não, apenas, um agir, tanto no seu mundo externo como no seu mundo interno com o objectivo de tentar modificar um estado de carência.

Modelo Continente/conteúdo ($\text{♀} \cdot \text{♂}$)

Este modelo é uma analogia que Bion utiliza para explicar o funcionamento da díada mãe-bebé, bem como a formação do self do bebé (conteúdo) a partir do psiquismo da mãe (continente), self que, na perspectiva monista de Bion e na sua aproximação à filosofia hindu, inclui o corpo, a mente e um espaço mental para ideias ulteriores que podem vir a ser desenvolvidas.

Bion construiu este modelo continente-conteúdo a partir da sua concepção de que, quando o recém-nascido sente um estado de desamparo e de sofrimento e é guiado pela expectativa inata do seio (pré-concepção inata do seio) vai tentar libertar-se desse estado evacuando as suas emoções num seio que o vai compreender, sendo a representação mais primitiva desta configuração a da interacção entre a boca do bebé e o seio materno.

Da união repetida das pré-concepções com os dados sensoriais vai nascer o que Bion denominou de relação comensal (♀.♂) que, existindo logo no início da vida, na díada mãe/bebé, tem como característica a de estimular o crescimento tanto dos dois termos da díada como da própria díada.

Esta relação continente (mãe) / conteúdo (bebé) comensal que depende da capacidade de rêverie materna na medida em que requer, por parte da mãe, a compreensão das emoções projectadas pelo bebé, vai ser introjectada pelo bebé e, assim, constituir parte do seu aparelho da função α .

Bion dá como exemplo deste processo de introjecção que o bebé faz de parte da função α da sua mãe, o “babil” que o bebé faz, respondendo e substituindo o falar da mãe com as mesmas características rítmicas e de entoação usadas por ela.

Este aparelho de função α que começa a desenvolver-se no bebé vai permitir que a pré-concepção inata do seio se ponha em sintonia (“accordage”) com os dados sensoriais (perceptivos) da realização adequada, ou seja, que a díada continente-conteúdo esteja unida por uma relação comensal. Deste modo e já introjectada no bebé, esta relação comensal vai estimular no bebé e em simultâneo, tanto a sua capacidade para captar para si próprio as impressões sensoriais como a capacidade de tomar consciência, com conhecimento (“awareness”) dos dados dos sentidos, das suas duas capacidades que, assim, se vão desenvolver ao mesmo tempo. Em consequência, a introjecção desta relação continente/conteúdo irá permitir que se vá desenvolver um espaço psíquico para pensar e que o bebé possa passar do pensamento dual para o pensamento triádico.

Pelas características da relação comensal, está implícito que este modelo continente-conteúdo é indissociável da teoria dos vínculos, na medida em que os dois termos da díada, para esta existir, têm de estar sempre unidos por um elo vinculativo.

Identificação Projectiva Realista

Bion reformulou o conceito de Identificação Projectiva (IP) que Melanie KLEIN concebera, considerando que, se é certo que é pela identificação projectiva que o bebé veicula a sua fantasia omnipresente , dirigindo-a para a mãe, também é certo que ela pode funcionar com um fenómeno realista enquanto actividade ao serviço do real e da realidade porque, apesar de emergir do estado de desamparo sentido pelo bebé e da sua impossibilidade para lidar com certas sensações e emoções, é, também, ela que lhe vai permitir que o bebé esteja receptivo à ajuda da mãe e, portanto, possa já respeitar o princípio da realidade.

Esta Identificação Projectiva realista é, igualmente, no modelo de Bion, um processo empático na medida em que depende da capacidade da mãe em colher os sentimentos do bebé e em lhes poder comunicar de forma a ele os poder receber e os poder interiorizar. Esta empatia materna concretiza-se no que a mãe (continente) acrescenta às emoções e aos sentimentos, que o bebé se quisera libertar (el. β , σ), através da sua capacidade de rêverie e da sua função α , transformando-os (el. β , σ) em emoções e sentimentos toleráveis pelo bebé (el. α).

Ao construir a identificação projectiva como um fenómeno realista e empático, Bion põe nela a origem da actividade da capacidade para pensar, na medida em que é ela que vai permitir que, de estados mais arcaicos, caóticos e desintegradores (posição esquizo-paranoide), donde emergem as emoções e os sentimentos que o bebé sente como inconsoláveis (el. β , σ), o bebé possa alcançar estados de maior integração e coesão do self (posição depressiva) na condição dos conteúdos terem sido projectados num continente (seio bom-mãe) capaz dos acolher, de os desintoxicar e de os devolver modificados e já passíveis de serem tolerados pelo bebé.

A Identificação Projectiva Realista vai permitir, assim, que o bebé se possa expandir, ampliar-se dentro do espaço mental da mãe, o que lhe vai possibilitar poder começar a construir elos de ligação entre as impressões sensoriais ligadas às emoções e a consciência que vai começar a ter delas, o que é ponto de partida para a construção dos objectos mentais, ou seja, para a simbolização.

O modelo que Bion constrói para expor a sua concepção de identificação projectiva é o de um bebé ansioso e invadido por um temor de morrer, consequência do seu

estado de desamparo, que o põe numa dependência absoluta da mãe, temor que ele passa, com êxito, para dentro da sua mãe quando está a mamar porque a mãe tem a capacidade de receber esse temor e de poder, perante o bebé, desintoxicar o seio que albergou o temor, pegando nele ao colo, amparando-o, sorrindo-lhe, falando-lhe meigamente, acariciando-o, consolando-o, embalando-o, e deste modo, devolvendo-lhe o temor de uma forma que o bebé vai recuperá-lo já na qualidade de um temor suportável, temor que é a expressão da transformação dos el. β em el. α e de parte da função α materna que o bebé vai introjectar. Deste modo, o bebé, pela Identificação Projectiva Realista, vai-se enriquecendo em el. α e desenvolver a sua própria função α o que lhe vai permitir ir consolidando a noção fora/dentro e ir definindo as limites do seu espaço psíquico, o self, em relação aos objectos do exterior, bem como ir acumulando tempos de experiência que lhe vão permitir ir ganhando capacidade para suportar um tempo de espera, ou seja, ir aumentando a sua capacidade de tolerância à frustração em simultâneo com a capacidade de aprender com a experiência.

O enriquecimento em elementos α e a introjeccção da relação continente/conteúdo oriunda da função α da mãe vai permitir, por sua vez, que o bebé vá construindo, no seu espaço psíquico recém-nascido, a barreira de contacto que lhe vai dar a capacidade de começar a separar a vida intra psíquica da realidade exterior.

A identificação Projectiva será, também, considerada Bion no seu livro “Atenção e Identificação” (1970), neste estado primitivo do psiquismo que é o do bebé, o protótipo da memória, na medida em que será a Identificação Projectiva realista que irá preencher as manchas do pensamento que, no modelo similar do adulto, eram geradoras do retículo e, por consequência, fomentadoras do crescimento dos continentes (♀) que vão albergar os conteúdos (♂) mas que, neste estadio ainda rudimentar do desenvolvimento da vida psíquica, não podem, ainda, ser preenchidas por pensamentos propriamente ditos.

Assim e tomando como referência o modelo da Identificação Projectiva que liga o bebé e o seio numa relação comensal continente/conteúdo, concretizada num primeiro momento entre a boca do bebé e o seio da mãe e, num segundo momento mais avançado do desenvolvimento do espaço psíquico do bebé, entre a boca e o

seio introjectado pelo bebé, seria o continente que o bebé já vai construindo, o elemento mais próximo da memória.

Barreira de Contacto

Com ponto de partida na Identificação Projectiva realista, a Barreira de Contacto vai constituir-se, no bebé, a partir da introjecção de algo que provem do espaço psíquico da mãe, indo, progressivamente, funcionar como um continente relativamente autónomo que, quando a função α do bebé também já é autónoma da função α da mãe, vai poder transformar os elementos β em elementos α .

Ao considerar que o bebé, pelo seu desamparo inicial, vai interiorizar, pouco a pouco, algo da capacidade de sua mãe para pensar os pensamentos, bem como algo do seu espaço psíquico (função α materna veiculada pela capacidade de rêverie da mãe), o que lhe vai permitir que o seu próprio espaço psíquico rudimentar comece a formar a barreira de contacto, Bion constrói esta barreira como um protótipo da função α materna consubstanciada no aspecto não sensorial do amor da mãe já que o aspecto sensorial fora veiculado nos elementos β projectados pelo bebé na mãe e, por ela, transformados.

Será, assim, nesta experiência emocional que o bebé vivencia no amor que a sua mãe lhe demonstra que se iniciará essa função continente promotora de crescimento emocional que tem a Barreira de Contacto à semelhança do que ela representa na vida psíquica do adulto.

Splitting – Clivagem/dissociação

À semelhança da reformulação que fizera para o conceito de Identidade Projectiva, Bion vai considerar que o bebé, perante o sofrimento gerado pelo seu estado de desamparo, vai utilizar um mecanismo de defesa normal, a clivagem (splitting), quando, de tanto desejar o seio gratificante e com tanta intensidade vai, paradoxalmente, deixar de mamar para, alguns instantes depois, voltar a mamar para não morrer. Este movimento paradoxal acontece, explicita Bion, porque o bebé faz um corte forçado, uma clivagem entre a satisfação material dada pelo leite e pelo bem estar corporal e a gratificação psíquica vinda do mamar materno e da sua compreensão, corte que é devido ao facto do seio dar ao bebé o leite mas, também, o

amor, a compreensão e o alívio que geram a emoção, emoção que, quando é muito intensa, pode inibir o impulso do bebê de continuar a mamar e, desse modo, inibir o impulso para encontrar, manter e preservar os seus meios de subsistência. Este primeiro movimento de paragem na mamada acontece, porque o amor que envolve a mãe e o bebê vai acentuar, mais do que atenuar, o entrave ao impulso de mamar devido a que, considera Bion e apoiando-se na função vinculadora da teoria dos vínculos, o amor (L) é sempre inseparável da inveja (H) para com o objecto amado, já que os vínculos vivem sempre ligados entre si.

No bebê, esta situação vai-se concretizar, segundo Bion, a partir do momento em que o bebê sente que esse amor por sua mãe suscita o ciúme e a inveja num terceiro objecto excluído, o pai, o que implica que Bion alicerça este modelo na concepção de Melanie KLEIN de “édipo precoce”.

Quando o bebê, num segundo momento, vai retomar a mamada depois de a ter interrompido, ele vai responder a um impulso de outra ordem, um impulso de subsistência, movido, agora, pelo medo de morrer fisicamente por inanição, medo que vem pôr-se no lugar do medo da inveja de há instantes atrás, obtendo, agora, o bebê uma satisfação material que vai, por sua vez, reforçar a não satisfação psíquica que se vai transformar em avidez. Este estado mental de avidez vai, assim, nascer desta clivagem entre, por um lado, o sentimento de inanição e o medo de morrer dessa inanição e, por outro, o amor e o medo da inveja com o consequente ódio mortífero que lhe está, inevitavelmente, ligado.

Rêverie materna

Bion construiu a função de “rêverie materna” como uma consequência do amor que a mãe tem pelo seu bebê que actuará desde o nascimento do bebê, apesar de já estar em elaboração durante toda a gravidez, principalmente nos últimos meses de gestação, o que significa que, para Bion, a rêverie materna começa a exercer a sua função, no psiquismo nascente do bebê, ainda antes de nele se começarem a formar-se as pré-concepções, exceptuando, obviamente, as pré-concepções inatas, como se o bebê ainda estivesse num momento de gestação, já não físico, mas agora psíquico. Como já Melanie KLEIN observara, a mãe ao pensar o impensado do seu bebê e ao devolver-lho com sentido acrescido e já de modo a poder ser pensado por ele, vai

emprestar ao bebé a sua língua materna, verbal mas, também, emocional e afectiva, o que vai permitir que o bebé comece a pensar o seio ausente em vez de o evacuar no mau seio presente, ou seja, que ele possa começar a aceder ao pensamento dual. Bion considera que o estado de rêverie materna, componente da função α da mãe, se vai desenvolver segundo dois registos ligados entre si: o registo emocional e o registo intelectual, estando esta ligação assente no conhecimento intuitivo que a mãe tem das emoções do seu bebé e tendo, como implícito, o empenho e o desejo que ela tem em tentar compreender o significado da comunicação primitiva do bebé, empenho e desejo que se alicerçam na sua função vinculativa com os seus três vínculos, nomeadamente, o vínculo K, que lhe permite a capacidade da indagação, de “querer saber acerca de”, num momento em que o bebé ainda não tem palavras para o/se dizer. Esta qualidade de comunicação da mãe para com o seu bebé, este “compreender” da mãe deverá ser entendida no sentido mais próximo do etiológico da palavra compreender, ou seja, como um “prender por dentro” na medida em que a mãe vai ter a capacidade de captar o que se está a passar com o seu bebé graças à sua intuição onde predomina mais a sensibilidade de que a sua atenção proveniente dos órgãos dos sentidos.

Assim uma mãe, com rêverie, intui a verdade dos sentimentos e das emoções do seu bebé devolvendo-lhas de forma a que o bebé já as possa tolerar e conter, ou seja, já possa começar a ser um continente para os seus próprios conteúdos. Como o bebé vai, igualmente, introjectando parte da função α da mãe, que lhe vai permitir começar a construir a sua própria função α , pode-se dizer que a rêverie materna é como a fonte que alimenta as necessidades do bebé de ser compreendido para que se possa compreender a si próprio e compreender os outros, acedendo à capacidade para pensar e para sonhar.

Esta qualidade psíquica da rêverie materna que a mãe transmite ao seu bebé e que é função das suas qualidades psíquicas que conduziram a sua capacidade para fazer uma identificação introjectiva da identificação projectiva do seu bebé vai permitir que os elementos α assimiláveis e metabolizáveis que ela devolve ao bebé sejam semelhantes a significantes arcaicos que o bebé vai introjectar, qual alimento psíquico dado pela mãe.

Por sua vez, os elementos β do bebê vão reactivar no aparelho psíquico da mãe uma série de inscrições mnésicas antigas que vão fazer a mãe revivenciar o antigo e que vão, em simultâneo, ser reorganizadas em novas representações em função do contexto emocional do momento e da própria estrutura das “imagens motoras” do bebê, originando, no aparelho psíquico da mãe, representações mentais duplamente alicerçadas na história da mãe e no teatro comportamental do bebê.

Celeste MALPIQUE considera que, pela sua capacidade de rêverie, a mãe oferece um bom continente (\varnothing) temporal ao seu bebê, tornando o tempo de espera suportável para o bebê e ajudando-o a adquirir a noção de tempo interno e de tempo externo.

Por sua vez, Donald MELTZER, considera que, no início, a tri-dimencionalidade do aparelho psíquico do bebê está expressa na vivência que o bebê tem de um tempo oscilante, reversível, marcado pela repetição que vai originar, no bebê, uma certa capacidade para antever mudanças, capacidade onde predomina a Identificação Projectiva que permite que as fantasias do bebê se coloquem na mãe. Mas, se a ausência do objecto é vivenciada como um tempo que nunca passa, ela vai deixar o bebê perdido, sem limites, vivência que é manifestada por fantasias persecutórias.

A pouco e pouco, considera ainda Donald MELTZER e através do espaço potencial de Winnicott e do objecto transicional, a ausência e o tempo de espera irão sendo elaborados, passando a separação do objecto a ser vivenciada, pelo bebê, como um espaço no tempo (distância/duração) ao qual o desejo impõe limites (tempo transicional) e que a mãe ajuda a definir se responder a tempo. Se a resposta da mãe é consistente, o bebê repete e evoca memórias de satisfação, surgindo a confiança e esboçando-se a esperança, ou seja a capacidade para saber esperar com fé no objecto.

Os processos primários do sonho

No seu modelo sobre as origens dos pensamentos e do pensar, Bion considera que os pensamentos do sonho dependem dos elementos que pertencem aos processos primários, o que o distancia de Freud que considerava que o sonho dependeria da insaturação dos processos secundários.

Com esta mudança de perspectiva, Bion inaugura um movimento de expansão do pensamento ao considerar que o sonho tem uma função criativa, sendo, por isso, uma etapa do crescimento psíquico que, de um modo dinâmico e criativo, vai actualizar os fundamentos emocionais de todos os processos do pensamento, como se as emoções que procuram representações encontrassem, durante o sonho, as formas adequadas capazes de as estabilizar e de as tornar pensáveis.

Bion com a sua fantástica intuição científica, antecipa-se com este seu modelo, às descobertas neurofisiológicas do sono paradoxal – REM – ao colocar os pensamentos do sonho nos processos do desenvolvimento psíquico muito mais precocemente do que Freud o fizera ao pô-los só em processo secundário e fá-lo porque, para Bion, os pensamentos do sonho dependem da existência de elementos β e de elementos α que são pertença dos processos primários.

Ao colocar o sonho no processo primário, Bion vai permitir que se possa afirmar, no plano psicodinâmico e como diz Donald MELTZER, que não será o sonho o guardião do sono mas, antes, o sono o guardião do sonho já que o sono continua a ser um recurso narcísico que é, em si mesmo, indispensável para tornar possível os investimentos objectais do dia que acabou de passar.

As perspectivas actuais, cognitivas, neurobiológicas e metapsicológicas conciliam-se, assim, sob a égide dos pensamentos de Bion em relação ao sonho e à memória, pois, todas afirmam que, para consolidar os restos diurnos, é o sonho – fase REM – que vai efectuar um trabalho de conexão associativa conectando-os com os traços já inscritos.

É, igualmente, a partir da concepção de Bion de que os processos psíquicos originários nunca se apagam na mente, antes formam, ao longo da vida, o alicerce inconsciente dos processos primários e secundários, que autores como Pietra AULAGNIER e Bernard GOLSE, consideram que os significantes arcaicos podem ser percursos de representações mais complexas e mais elaboradas e que o sonho

poderá ter uma função de reexperimentar os processos de ligação que permitiriam passar, durante a ontogénese, dos processos originários do pensamento aos processos primários da fantasmática clássica. Esta função do sonho é corroborada pela constatação de que o sono e a fase REM da mulher grávida têm as mesmas características do sono e da fase REM do bebé prematuro com a mesma idade de gestação, como se houvesse uma regressão no padrão do sono da mãe para um estado arcaico da organização psíquica durante a noite, como mostrou BOURGUIGNON, o que leva Golse a considerar e porque, no estado vigil, a mãe funciona, sobretudo, sob a égide de processos primários e secundários enquanto o bebé funciona, primordialmente, segundo o registo dos processos primários, que se poderá pensar que, no momento do nascimento do bebé pode haver uma intensa reactivação dos processos originários maternos, vestígios dos seus funcionamentos arcaicos, que favoreceriam a comunicação empática da preocupação materna primária.

Roteiro das experiências do bebé que conduzem à formação da sua capacidade para pensar os pensamentos.

1ª Hipótese

O bebé chora porque tem fome, indo a mãe satisfazê-lo dando-lhe o seio gratificador: a pré-concepção inata do seio que o bebé possui vai unir-se a uma realização positiva e o bebé experimenta a sensação de um “seio bom”, indo-se formar, na sua mente, uma concepção caracterizada pela qualidade sensorio-perceptiva.

2ª Hipótese

a) O bebé chora porque tem fome mas a mãe não o satisfaz: a pré-concepção inata do seio vai unir-se a uma realização negativa, sentida pelo bebé como um “não-seio” ou, já, um “seio mau presente”, elemento β que o bebé tenta evacuar, no seio real da mãe, através da Identificação Projectiva.

b) Ao receber este elemento β , a mãe graças à sua capacidade

rêverie vai aliviar o bebê, transformando as sensações desagradáveis do bebê. O bebê reintrojecta a experiência emocional modificada e que está ligada à impressão sensorial – elemento α - adquirindo, em simultâneo, os alicerces para a sua própria função α , a partir da parte da função α materna veiculada pela rêverie materna e que é um aspecto não sensorial do amor da mãe.

3ª Hipótese

Perante uma nova experiência de realização negativa e possuindo o bebê uma tolerância inata à frustração e uma inveja que não é demasiado intensa, vai surgir na sua mente a primeira noção de ausência do objecto (seio) e de frustração e, simultaneamente, um problema para solucionar para o qual o bebê vai tentar encontrar resolução através do seu, ainda rudimentar, aparelho para pensar pensamentos, resolução que aparece como uma nova realização dando origem à matriz de um novo pensamento.

A partir deste roteiro pode-se, em paralelo, seguir o destino da Identificação Projectiva (conteúdo) que um bebê ansioso faz para dentro da sua mãe:

1ª Hipótese:

A Identificação Projectiva que o bebê faz na sua mãe tem êxito, ou seja, bebê chora pelo seu temor a morrer e a mãe recebe adequadamente esse temor pegando-lhe ao colo, sorrindo, dando-lhe de mamar e, deste modo, ela vai desintoxicar o “seio mau” que albergou esse temor e o bebê vai recuperar um temor leve.

2ª Hipótese

A Identificação Projectiva falha porque o bebê experimenta o temor de estar a morrer, chora, mas a mãe reage com angústia, não tranquilizando o bebê, ou seja, a mãe não está disponível para receber esse temor que, por ser recusado por ela, vai ser, de novo, colocado no bebê. Esta hostilidade que tanto pode ser da mãe

como do próprio bebé, vai estragar a fantasia omnipresente do bebé e impedir que o seio desintoxique o temor do bebé, tornando-se o seio num mau objecto. Este mau objecto vai despojar as projecções do bebé do significado que elas tinham tido quando foram projectadas pelo bebé pela Identificação Projectiva, despojamento que é feito de um modo ávido, invejoso e hostil e que vai transformar um temor, com significado, num “terror sem nome” que vai ser reintrojectado pelo bebé.

3.3 O Psiquismo Fetal e Vida Embrionária

Bion vai desenvolver esta ideia do psiquismo se iniciar, ainda, na vida intra-uterina, ao longo de toda a sua obra mas com mais relevância nos seus últimos trabalhos¹ e, nomeadamente, na sua Trilogia “Memória do Futuro” que escreveu entre 1975 e 1979².

Apoiando-se nos estudos dos embriologistas, Bion considera que pode já haver uma vida psíquica primitiva intra-uterina porque, nos últimos meses de gestação, o feto já pode tornar-se “consciente” de “certas coisas” que não são ele, como também já poderá ter emoções como o medo subtalâmico ou sensações dolorosas igualmente de origem subtalâmica, que não chegam ao consciente mas que o feto já as pode sentir. Sobre esta região subtalâmica, Bion nota que há, ainda, muito para compreender sobre o significado que poderão ter, na vida mental, estruturas anatómicas cerebrais como o núcleo caudado e o quiasma óptico onde há um inter cruzamento de fibras nervosas que provêm das origens subtalâmicas e se dirigirem para os Hemisférios Cerebrais, não deixando de assinalar que os estudos sobre estes assuntos estão, ainda, num “estado embrionário” e que deverão, sempre, ser enquadrados enquanto conjecturas científicas e segundo o Princípio de Incerteza de Heisenberg que afirma que, se existe algo que é certo, é que a certeza é errada pois a única certeza é a incerteza.

Num contexto, ainda, de conjecturas, Bion põe a hipótese de existirem vestígios mentais de elementos arcaicos que, após o nascimento, se poderiam vir a manifestar de modo alarmante e perturbador para o funcionamento psíquico, em situações, portanto, psicopatológicas, emergindo no consciente e rompendo “a calma magnífica do comportamento racional e são”, como se estas partes pré-natais da vida mental estivessem separadas do resto da personalidade e, normalmente, não se manifestassem. Estes elementos arcaicos formar-se-iam, neste modelo de Bion, a partir do momento em que o feto, nos últimos meses da vida intra-uterina, já poderia

¹ *Evidência* (1976); *Conferência de Los Angeles* (1976); *Cesura* (1977); *Turbulência Emocional* (1977); *Conferência de Nova Iorque* (1977); *Conferência de S. Paulo* (1978).

vivenciar experiências emocionais que o preparariam para uma vida fora do corpo materno bem como já poderia receber impressões sensoriais, dado que os diferentes aparelhos sensoriais já podem, pelo menos nos últimos meses de gestação, receber e tratar estímulos.

Fazendo existir impressões sensoriais e experiências emocionais no feto, Bion vai considerar que já podem, igualmente, formar-se pré-concepções no psiquismo fetal. Estas pré-concepções inatas emergiriam de actividades fetais observadas nas ecografias como o chuchar no dedo ou na língua ou, ainda, faz Bion a hipótese, de certas “ocorrências” ou “eventos” como o sentir a pulsação do seu sangue ou as pressões sobre o líquido amniótico que, por sua vez, fazem pressão sob o corpo, por exemplo, sob os globos oculares originando dor.

Bion refere a este propósito a constatação feita durante uma ecografia, de um feto, no fim da gestação, com um braço levantado sobre os olhos fazendo pensar num gesto para se proteger de uma luz intensa, sabendo que a pressão sob os globos oculares, para além da dor que provoca, dá uma sensação de um “flash luminoso”. Na sua preocupação de se manter numa postura científica correcta, Bion considera que estes dados observáveis nas ecografias poderiam reforçar a veracidade das conjecturas que fizera sobre a vida psíquica intra-uterina que, por estarem alicerçadas em factos reais e evidências observáveis, se poderiam chamar de conjecturas racionais.

Continuando nesta perspectiva de integrar, nos seus modelos, os novos conhecimentos da Biofísica e partindo da noção de que a adrenalina dá mais iniciativa do que comportamentos de ataque ou de fuga, Bion considera que o embrião não antecipa, não pensa, não ataca nem foge mas o seu corpo vai-se desenvolver na antecipação de ter que produzir um aparelho para pensar, para atacar, para fugir, qual uma antecipação corpórea que vai tornar possível, no futuro, o funcionamento de uma mente.

Esta ideia, Bion começou por expô-la na conferência que proferiu em S. Paulo (1978), onde, utilizando a perspectiva da biologia médica, questionou o papel dos produtos químicos das glândulas suprarrenais (produtoras de adrenalina) no feto e, em particular, sobre o que se passaria no feto no momento em que estas glândulas se tornariam funcionantes, pondo a hipótese de que o feto já poderia sentir medo ou

sentimentos agressivos, mas foi na Trilogia, Memória do Futuro e, sobretudo, no terceiro volume, "Aurora do Esquecimento" que a vai expandir.

Estas suas conjecturas sobre o psiquismo fetal começam a ser referidas como um elemento importante do seu constructo sobre as origens dos pensamentos e do aparelho para os pensar, a partir de 1976 quando fez as suas conferências em Los Angeles e onde realça a história pré-natal e se refere aos possíveis vestígios, na actividade mental depois do nascimento, de actividade mental pré-natal existente nos "estados de ancestralidade anfíbia", pois se existem, nos nossos corpos, sinais das fendas branquiais também é plausível pensar que podem haver sinais, nas mentes, desses estados pré-natais mentais.

Um ano depois, em Nova Iorque, Bion tece reflexões sobre os estados primordiais da vida mental, nomeadamente, quando o feto começa a ter capacidade para receber e tratar as impressões sensoriais. Põe a hipótese de, no feto, já poder haver um sistema nervoso autónomo funcionando e com origem no cérebro talâmico que possibilite, ao feto, de poder, já, sentir algo semelhante ao "medo" e ao "ódio" dado que os núcleos talâmicos e límbicos, já funcionantes no feto, são a origem do medo e dos sentimentos agressivos. Bion considera, ainda, que poderiam ser reminiscências desse medo subtalâmico do feto que estariam na origem de certos impulsos emocionais psicóticos.

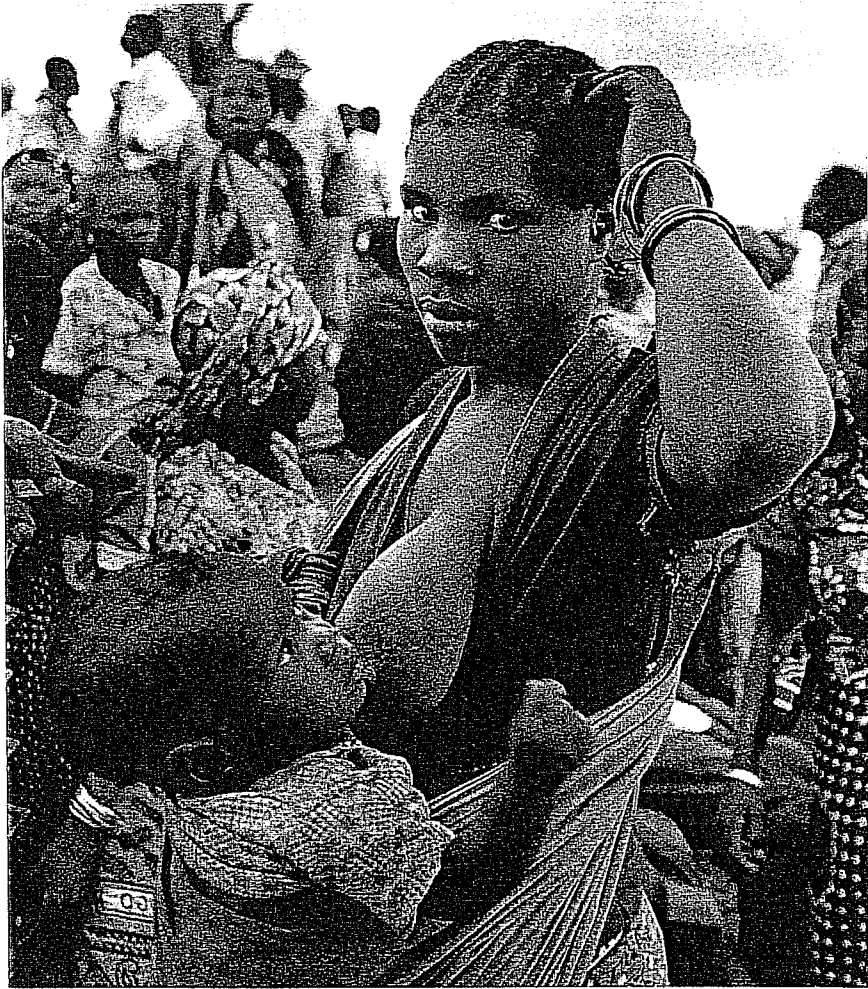
Esta ideia, Bion vai desenvolvê-la no seu artigo "Turbulência Emocional" onde formula a hipótese de haver uma conexão entre o pensamento da vida emocional pré-natal e o pensamento da vida após o nascimento bem como que a sensibilidade mais primitiva sentida pelo feto poderá transmitir-se ao longo da vida já que o espírito humano, como numa espiral helicoidal, mantém em todos os níveis da sua evolução a contribuição vital trazida por esses arcaísmos como se a mente progredisse através de um movimento helicoidal onde existiriam movimentos de regressão e níveis anteriores da espiral onde haveria turbulências arcaicas.

É, também, neste artigo que Bion cita frase de Freud: "...há mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do acto do nascimento nos leva a pensar." Mas, enquanto Freud realça, após a cesura do nascimento, os primeiros cuidados psicológicos maternos como indispensáveis ao desamparo mental e pondo-os ao mesmo nível das contribuições biológicas pré-

natais recebidas no útero materno, Bion toma um vértice oposto, interessando-se pela própria cesura e pela continuidade das vivências embrionárias e fetais na vida pós-natal.

Nestes seus trabalhos sobre os estados psíquicos primordiais, Bion tem, sempre, a preocupação de salientar que eles são, obviamente, diferentes do estado mental após a cesura do nascimento pois, como aliás indica a própria palavra cesura, com o nascimento há, concomitantemente, tanto uma continuidade mantida como quebrada entre o feto de termo e o bebé recém-nascido, como se existisse uma sinapse, um diafragma ou uma tela onde o pensamento do feto se pudesse projectar e reflectir, partindo, de novo, para os níveis primordiais do pensamento e do sentimento mas que, simultaneamente, também servisse, enquanto membrana permeável, de uma passagem, de um ponto de contacto em ambas as direcções.

A cesura, diz Bion, seria como um espelho transparente como o que serviu de tela a Picasso quando pintou um quadro num vidro transparente de modo a poder ser visto dos dois lados. Esta concepção da cesura, com estas duas funções simultâneas de separação e de continuidade fá-la, assim, estar muito próximo da concepção de Barreira de Contacto.



1.4 “Memória do Futuro”- Um Roteio de Leitura Pessoal

Compreendi esta obra de Bion guiada pelo título e concretamente, pelo significado da palavra “Memoir” que, na língua inglesa significa¹ um ensaio ou estudo com contornos biográficos sobre o autor, o que me ajudou a compreender esta Trilogia como um constructo onde Bion faz uma aproximação, o mais perto possível, à realidade do acontecer humano enquanto realidade psíquica, a diferenciar da realidade perceptiva, ou seja, da realidade material descodificada pelo aparelho sensorial. Li, assim, estes três livros como se estivesse descorticando um percurso, semeado pela narrativa autobiográfica de Bion e onde o autor parece desconstruir todos os conhecimentos acabados, “saturados”, que não admitem mais nenhuma expansão.

Paulo Cessar SANDLER, que traduziu em brasileiro esta Trilogia, caracteriza-a como uma obra científico-artística intuitiva-empírica que responde à concepção que KANT desenvolveu em “Crítica da Razão Pura” sobre a “ânsia de saber” e considera-a como “um teatro do absurdo que é, a rigor, um teatro da realidade e uma obra cheia de humor”.²

Sendo uma obra fascinante e de uma riqueza imensa que estimula, a todo o momento, a capacidade associativa de quem a lê, sobretudo conhecendo-se a história pessoal de Bion e o seu percurso científico que, continuamente, se expande por múltiplos “universos em expansão” escolhi, neste roteiro de leitura e dado o tema deste trabalho, o que Bion discorre sobre a relação entre o psiquismo embrionário e a vida psíquica pós natal, no contexto da ideia matriz que atravessa toda esta trilogia, de que o presente é o agente de acção do que provem do passado infantil e de que ele contém vestígios da vida intra-uterina.

Sendo no terceiro volume, “A Aurora do Esquecimento”, que Bion expõe mais detalhadamente as referências à vida psíquica intra-uterina, foi este volume que me mereceu mais atenção ao elaborar este roteiro, pelo que será sobre ele o meu comentário, fazendo apenas uma referência a um excerto do primeiro volume “O Sonho” que me pareceu pertinente enquadrar como introdução ao terceiro volume.

¹ Segundo o Dicionário *Triplex* da Porto Editora

² Notas sobre a versão brasileira de Memória do Futuro, in Bion, W.R., *Memória do Futuro*, vol. III, *A Aurora do Esquecimento*, Imago, 1996.

Volume I – “O Sonho”

No capítulo 11 deste primeiro volume, Bion tece considerações sobre o que ele denomina de “pensamento puro”, pensamento que considera ser incognoscível em si mesmo mas que poderá tornar-se conhecido através de outras formas de pensamento.

Na busca dessas formas, Bion vai dar a palavra, e obviamente, não por acaso, ao personagem “Esquizo-paranóide” que começa por verbalizar a grande confusão, “o ruído malvado” que é causado pelo bombardeamento de pensamentos, de pedaços de memórias de toda a espécie e vindas de momentos díspares da vida, sem relação aparente entre eles, numa dispersão característica da posição esquizo-paranóide. De seguida, questiona-se se estes “ruídos” serão reminiscências ou premonições ou, finalmente, se, ambas, não serão a mesma coisa apenas consideradas distintas porque são postas num território onde a medida do tempo temporal e do tempo espacial é o de uma conjunção constante feita de: ”impotência, onnipotência, idealização, sentido embrionário da realidade, sentido embrionário do sentido, transformada para ser usada num território não-sensível do pensamento sem um pensador, a partir de pensamentos onde o pensador é, ele próprio, parte da essência do pensamento”¹

Como interlocutor deste personagem “Esquizo-paranóide”, Bion cria o personagem de “Posição Depressiva” que, fazendo o seu papel de tentativa de integração e encadeando com o conceito do pensamento sem pensador, formulado pela “Esquizo-paranóide”, vai introduzir o conceito de “pensamento puro”, questionando, por sua vez que relações existirão entre este pensamento puro, “standard” e o pensamento “particular” (singular, individual) ou o sonho “particular”.

1 Bion W.R., *A Memoir of the Futur*, Karnac Books, 1991, p.51.

Pondo em causa essa “singularidade” do pensamento, Bion, pela voz deste seu personagem, questiona-se: “Se não existe nenhuma particularidade, o que existirá para ser usado em seu lugar? Quais serão as contrapartidas de distúrbios, de perturbações, de turbulências que são violentas, invisíveis, insensíveis? Análogos aos modelos tornados visíveis pelos desenhos de água e de cabelos de Leonardo¹?. E, ocasionalmente, pelas formulações esquizofrénicas ou psicóticas?. Como é que a pessoa sabe da vermelhidão tão invisível, do ruído tão inaudível, da dor tão impalpável mas que a sua intensidade, pura intensidade, é tão intensa que não pode ser tolerada tendo de ser destruída mesmo que isso envolva o assassinio do indivíduo “físico?”².

O diálogo finaliza com o personagem “Mãezinha”³ que, respondendo a outro personagem que manifestara o não entender o que o personagem “Posição Depressiva” acabara de dizer, clarifica o que pode ser o modo de funcionamento psíquico de alguém que não quer saber sobre a existência desse território incognoscível que guia a vida psíquica consciente: “Tu (referindo-se ao personagem que desvalorizara o discurso da “Posição Depressiva”), dás a impressão que és o que estás a falar mas não sabes falar sobre isso. Vejo que despertaste. Mas não para seres um só contigo próprio.⁴ As minhas felicitações comiserações e os meus melhores votos para uma feliz, marcante e nova Introspecção. E, apesar de tudo, uma alegre Extroversão.”⁵

Este pequeno excerto, parece-me, clarifica a ideia de Bion de que o pensamento puro, o único que poderá tratar a verdade pura só existiria no embrião, quando o “pensador é, ele próprio, parte da essência do pensamento”. Depois, o que é pensado como verdade, está, sempre de uma maneira ou de outra, ligado à mentira, a um pensamento mentiroso. Este pensamento puro, embrionário, incognoscível, aparece, transformado, quer nas reminiscências, quer nas premonições, do pensamento

¹ Referência aos desenhos de cabelos revoltos e de remoinhos de água de Leonardo da Vinci.

² *ibid.* p. 51

³ Bion chama-a de “SMALL MO”.

⁴ Paulo Cesar SANDLER traduz esta frase por: “Mas não para te reconciliares contigo próprio”.

⁵ *ibid.* p. 52

consciente vigil ou durante o sono, quando o pensamento está na dispersão característica da posição esquizo-paranóide.

Motivo de reflexão é, também, creio, o facto de Bion pôr um personagem denominado de “Mãezinha” a fazer a ponte indispensável para que a pessoa saiba de si, entre o íntimo – introspecção – e o que tem visibilidade – a extroversão, ponte que me fez evocar a capacidade de rêverie materna, quando a mãe interpreta, com o seu próprio psiquismo, o que o bebé lhe envia permitindo a conjugação entre, por um lado, os apelos internos sentidos pelo bebé, onde soma e psique ainda se confundem, e que o bebé exterioriza no seu comportamento e, por outro, os gestos, as posturas e as acções da mãe dirigidos ao bebé e guiados pela função α materna que alimenta a sua capacidade de rêverie e que gere o modo íntimo como cada mãe vivencia o seu bebé. Plagiando a fala ao mesmo tempo séria e humorística da “Mãezinha”, poderíamos dizer que um bebé recém-nascido ficará muito feliz se tiver uma mãe com uma introspecção que possa albergar aquele bebé que acaba de nascer num aparelho psíquico onde dominem os vínculos L e K mas que, também seja, ao mesmo tempo, uma mãe que aja com alegria e com humor.

3º Volume. A Aurora do Esquecimento

É neste volume que Bion vai desenvolver o que, ele próprio, caracteriza como uma tentativa psico-embrionária de escrever um “relato embrio-científico sobre uma jornada, do nascimento à morte, inundada por conhecimento prematuro, experiência, glória e auto-satisfação auto-intoxicante”.¹

O título “A Aurora do Esquecimento” é uma referência, no âmbito das conjecturas imaginativas, às percepções primordiais (fetais/embrionárias) – na Aurora da vida – que se vão manter no psiquismo, ao longo de toda a vida, e, portanto, fazendo parte do futuro do aparelho psíquico, apesar de irem habitar, quando da cesura do nascimento, o território do esquecimento.

No 1º capítulo deste livro, Bion começa esta narrativa tecendo considerações sobre a união do corpo com a mente, considerando que é o corpo que vai permitir que a mente experimente as sensações, “o corpo permite que a mente cheire”. É o corpo que dá os conteúdos à mente, conteúdos que, ele corpo, trouxe do meio líquido

¹ BION, W.R., *Uma Memória do Futuro*, vol.III, *A Aurora do Esquecimento*, Imago, 1996, p. I.

amniótico enquanto é a mente que tem as palavras que trouxe do “futuro”, considera Bion num diálogo ficcional entre, por um lado, vários personagens que personificam os vários momentos de formação e de vivências do embrião, desde o início da sua formação até ao termo gestacional que Bion denomina, sucessivamente de: “Em maturação”, “Somitos”¹, “De Termo”, e, por outro, as possíveis reminiscências dessa vida intra-uterina, durante certos momentos da infância, da adolescência e da adultícia, personificados por vários intervenientes no diálogo como: “Vinte meses”, “Oito anos”, “Doze anos”, “Dezoito anos”, “Vinte e Um anos”, “Trinta anos”, “Quarenta anos”.

Sendo esta obra, também, autobiográfica e conhecendo a biografia de Bion, é por demais evidente que as idades personificadas neste diálogo, correspondem a momentos determinantes da sua vida. No mesmo sentido, Bion faz intervir, no diálogo, figuras marcantes para ele como o poeta Milton ou o deus hindu Krishna.

A conversa de todos estes personagens culmina num diálogo, primeiro entre a “Mente” e o “Corpo” que vão ser substituídos, no tempo do diálogo mas, também, seguindo o tempo maturativo de cada um de nós, por “Psique” e “Soma”.

Através do diálogo que constrói entre os dois, Bion expõe como, com as particularidades de cada um, soma e psique interagem continuamente e de como, mutuamente, se equivocam por lerem os factos de modo diverso. Diz a “Mente” : “... Curioso - o significado não consegue passar nem de ti para mim, nem de mim para ti”².

Responde o “Corpo” : “ É o significado da dor que te estou a enviar ; as palavras conseguem passar – palavras que eu não envieí – mas o seu significado perdeu-se”².

Igualmente, o modo de sentir é diferente, pois o corpo tem dor enquanto a mente sofre de ansiedade, como afirma a “Mente “. Mas, irremediavelmente, precisam um do outro para existirem: a “Mente” cheira porque o “Corpo” tem o líquido que agrega os átomos da “Mente” e o Corpo fala de si através das palavras que vai buscar, emprestadas à Mente que, por sua vez, já as fora buscar emprestadas ao futuro. Mas as palavras que o “Corpo” usa, ao passarem a barreira entre Mente e Corpo, perdem o significado.

¹ “Somito”: segundo o Dicionário de Língua Portuguesa do José Pedro MACHADO, é um segmento que resulta, no embrião, da divisão da corda dorsal e dos tecidos envolventes.

² Bion, W.R., *A Memoir of the Futur*, Karnac Books, 1991, p. 433.

Bion expõe, assim, neste pequeno troço de diálogo toda a complexidade existente na relação entre psique/mente e corpo/soma incluindo as suas mais arcaicas diferentes origens: o “Soma” recebendo mensagens das suas “membranas fetais” e a psique com as suas dores vindas do passado, não esquecendo, frisa Bion neste diálogo, as sofridas intensamente quando Mente e Corpo foram rejeitados e se passaram a chamar “Psique” e Soma”. Certamente Bion está a referir-se ao momento da cesura do nascimento, quando o recém-nascido sente o “desamparo inicial”, vivência determinante para a constituição da função pensante.

O capítulo termina com a intervenção de um novo personagem – o “Rapaz” como se, desse modo, Bion introduzisse o capítulo seguinte que, pelo desenrolar da narrativa e pelos personagens que põe em cena : “Rapaz”, “Rapariga”, “Mãe”, parece referenciar-se, temporalmente a uma idade próxima dos onze anos. Curioso é, também, o que Bion faz, pelo menos nos primeiros seis capítulos e segundo a minha compreensão deste livro, ao pôr a coincidir, formalmente, o número da página do início do capítulo com a etapa da idade real que, em cada um desses capítulos, vai percorrendo, o que me fez pensar que Bion teve a preocupação (lúdica?) de escrever o número de páginas precisas, em cada capítulo, de modo a começar o capítulo seguinte no número da página do livro que coincidissem com a idade real a que esse capítulo se vai referenciar, ao longo dos diálogos que o constroem.

No terceiro capítulo – capítulo 21 – Bion faz referência a situações que lhe foram penosas, vividas na idade dos vinte anos, durante o período da Primeira Grande Guerra, ao longo de um riquíssimo diálogo cheio de personagens que personificam idades chave desse presente como : “Vinte anos”, “Vinte e Um anos”, “Vinte e Quatro anos”, ou de um futuro próximo como : “Trinta anos” ou “Quarenta anos” ou, ainda, de um futuro mais longínquo como “Sessenta e Dois anos” ou “Setenta e cinco anos” (idade de Bion quando escreveu este livro?) que recordam e comentam o que, de tão marcante, se passou na idade dos vinte anos.

Neste conturbado capítulo, onde, igualmente, intervêm personagens como o “Psicanalista”, o “Diabo”, o “Sacerdote” ou, ainda, o “Coração”, todas elas, metaforicamente escolhidas, Bion vai continuar a referir-se ao papel de reminiscências oriundas da vida intra-uterina através do personagem “Trigésimo

Somito” que diz, dirigindo-se ao personagem “Psicanalista” : “Somiticamente falando, eu sei muito que não posso tornar claro para si mas que, para mim, é suficientemente factual. Tenho de pedir emprestado ao soma o discurso articulado”¹.

Respondendo a este apelo do “Trigésimo Somito”, o Soma afirma, igualmente, as suas dificuldades em expressar, ao Psique, claramente as suas mensagens. Deste modo, mais uma vez, Bion expressa este desajuste que existe entre a linguagem do corpo que ele denomina de “Vocabulário Somítico” e a linguagem do simbólico psíquico.

Continuando a dar a palavra ao “Trigésimo Somito” Bion retoma a sua ideia da importância que a vida intra-uterina pode vir a ter após o nascimento referindo-se à importância que o olfacto poderá ter tido na vida anfíbia intra-uterina bem como ao olfacto poder ser, após o nascimento, um impulsionador da curiosidade essencial para a capacidade de aprender enquanto a sua perda, na vida pós-natal, poderá originar uma incapacidade para se ter curiosidade.

No seguimento desta conjectura e na voz do personagem “Setenta e Cinco anos”, Bion fala, também, dos “ecos de mensagens enviadas pelas guelras, vindas dos tempos da origem em que se é semelhante a peixe e que chegam, com frequência, à mente consciente.

Neste capítulo que parece referenciar-se à época dos seus vinte anos, Bion evoca as suas vivências na 1ª Grande Guerra, nomeadamente um episódio passado no dia 8 de Agosto de 1918 em que a sua actuação lhe valeu uma condecoração como herói de guerra mas que, para ele e devido às mortes dos soldados que tinha sob as suas ordens, lhe deixou, para toda a vida, um grande remorso e uma grande amargura. A propósito, assim, do modo tão difícil como viveu esses tempos de guerra, sobretudo pelas feridas psicológicas que ela lhe fez, Bion compara o modo como a ela sobreviveu com o modo como sobreviveu ao próprio nascimento fazendo, certamente, a analogia entre as experiências de desamparo que, ambas, lhe provocaram e considerando, assim, que podem haver várias cesuras ao longo da vida.

¹ ibid. p. 445.

Também neste capítulo dedicado à (sua) juventude, Bion fala do fanatismo espiritual e da intolerância quando, como diz o personagem “Doutor” “Ou cérebros, que, como canais alimentares, emitem factos onde se esperaríamos ideias. Ou mesmo “fuga de ideias” quando seriam necessários pensamentos, pensamentos articulados”¹. Na mesma linha de pensamento, encadeia o personagem “Psicanalista” : “Penso que o problema é premente quando as “articulações” são tão rígidas que a pessoa não pensa , tem uma osteo-artrite psíquica - indo pedir emprestada alguma terminologia dos meus amigos médicos”¹

A ideia de arrogância está, também patente, já no capítulo seguinte, pela voz do personagem “Alice”, um dos seus personagens principais que atravessa toda a trilogia, que, dirigindo-se ao psicanalista, diz : “O que você não conhece é o conhecimento ; assim que o conhece e assim que ele é conhecido por si, vai ficar tão cheio de conhecimento que não vai ser capaz de ser curioso”². Bion alude, aqui, a sua ideia da necessidade das concepções terem, sempre, uma parte insaturada que permita que o pensamento continue a expandir-se.

Este 4º capítulo – capítulo 39 – está centrado no personagem “Quarenta anos” e, pelo desenrolar, parece ter como pano de fundo a morte da primeira mulher ao dar à luz a filha e a culpabilidade que Bion sentiu por não a ter acompanhado nesse momento do nascimento da filha.

Novamente pela voz de “Alice”, Bion salienta as limitações do discurso articulado, ao considerar que: “ ...Eu costumava pensar que podia falar mas esta capacidade para o discurso articulado é mais uma tela opaca do que um vínculo que me dá a possibilidade de comunicar com alguma coisa que não sou eu”².

No capítulo seguinte, Bion continua a referir-se à importância da vida intra-uterina na vida pós-natal, fazendo intervir no diálogo várias personagens dos tempos intra-uterinos como o “Embrião de Sete Semanas”, o “Terceiro Somito” ou, ainda, “Todas as almas (pré-natais)” de modo a realçar a importância que os desenvolvimentos maturativos embrionários vão ter na vida pós-natal bem como a sua ideia de que só o feto poderia ter um conhecimento verdadeiro da realidade, por exemplo, da “realidade” das sensações auditivas ou olfactivas já que, após o nascimento, estas

¹ ibid. p. 447.

² ibid. p. 467

sensações sentidas pelos “amigos somáticos” ficariam, como diz o “Psicanalista”:
 “(...) submersos nas evacuações cerebrais, intelectuais – um abstracto e rarefeito oceano de Teorias onde eles não poderiam nem cheirar nem saborear. Se os somitos pudessem escrever, o livro seria : “Sobre a Interpretação da Realidade” e as teorias seriam todas elas o que chamamos de sonhos.”¹

Continuando a salientar a distância que, pela via da significação existe entre o significado e o significando e como os significandos podem saturar o significado, Bion, pela voz do “Psicanalista”, alude aos invólucros verbais que podem não ser os apropriados para veicularem o significado: “Eu sei e tenho razões para recear que o “invólucro”² onde o meu significado entrou vai aprisionar, tanto a mim como ao meu significado – inescapavelmente. Você pensa que tudo isto não passa de conversa e que esta conversa não tem importância. Eu sei – embora não o possa provar – que não é assim”³

Esta fala é confirmada pelo personagem “Alice” que afirma : “Eu sabia que os ruídos do meu bebé não eram todos babel ; soava “tal e qual” como uma conversa ; mas não era”.⁴ O diálogo prossegue como “Psicanalista” que esclarece o que “Alice” acabou de dizer : “Era talvez um precursor, um prelúdio à conversa, mas agora já não podemos saber. Não podemos saber se esta conversa é “tal e qual” uma conversa, um prelúdio à conversa, a própria coisa em si, facto real. Pode ser “isso” a que as nossas vidas nos conduziram”⁴.

Este excerto de diálogo patenteia bem a preocupação de Bion em distinguir o real do significado que ele toma para a pessoa devido à significação que ela lhe dá e do significando que a pessoa utiliza como veículo para esse significado. Esta preocupação coloca-o muito próximo da concepção de Lacan sobre o real, o imaginário e o simbólico. Bion reforça esta ideia, numa fala do “Psicanalista”, a propósito da distinção entre uma discussão científica e uma conversa social assente no pensamento científico : “É um dos problemas da comunicação verbal. O discurso

¹ ibid. p. 470

² Bion emprega a palavra “peau” (caneta)

³ ibid. p. 447

⁴ ibid. p. 477

é ambíguo. A sua ambiguidade é a mais perigosa por estar disfarçada pela sua aparente precisão”¹.

Bion volta, neste capítulo a referir-se à díada corpo/mente, numa posição monista, num diálogo entre o “Doutor” e o “Psicanalista”. Começa o primeiro por afirmar : “Pobre velho corpo, pobre velha mente. Chega a ser quase surpreendente como eles não conseguem dar-se bem, os dois, e estejam sempre a inferiorizar-se um ao outro, especialmente se nos lembrarmos que um deriva do outro. De facto, eles podem bem derivar de um gerador biológico atómico de plutónio²”. Ao que responde o segundo : “Se é verdade que a matéria viva deriva do calor engendrado pela reacção do oxigénio com o protoplasma, então posso ver que a substância cerebral pode derivar do “apodrecimento” do músculo involuntário e a mente, da mesma maneira, da energia libertada da degenerescência da capacidade atlética”³.

Estas considerações mostram-se de grande actualidade, traduzindo a intuição científica que Bion tinha pois parecem adivinhar os novos conhecimentos de neurobiologia, nomeadamente, a relação existente entre os neurotransmissores cerebrais e a actividade desportiva.

Esta alusão à “capacidade atlética” diz, também, respeito à própria actividade desportiva de Bion que foi, sempre, um grande atleta e desportista, desde a idade do colégio interno onde as suas façanhas, como atleta, lhe angariaram grande prestígio junto dos seus colegas de tal modo que se tornaram, publicamente, no seu cariz pessoal durante a adolescência.

Continuando a focar a necessidade de ver a relação entre soma e psique de um modo que não os cinda, e fazendo a analogia com os processos do desenvolvimento, o “Psicanalista” afirma : “(...) A criança é potencialmente um pai ; o pai é potencialmente uma criança, embora não seja capaz de se tornar numa. Dito deste modo, parece que os processos do desenvolvimento só se dirigem numa direcção. Parece-me que precisamos de desenvolver uma capacidade para usar uma tela, uma resistência, uma cesura, como Picasso que usou uma placa de vidro. Olha-se por este

¹ *ibid.* p. 481

² *ibid.* p. 470

³ *ibid.* p. 470

lado e vê-se um esboço de uma perturbação psicossomática ; olha-se por este lado e vê-se uma soma-psicose”.¹

Bion advoga, aqui, um conceito que lhe é caro, a reversibilidade da perspectiva que, como a mudança de vértice ajuda a compreender os factos segundo vários pontos de vista.

Focando mais uma vez a distância que existe entre o real e a representação que fazemos desse real, Bion, na voz do Psicanalista chama a atenção para a necessidade de ter em conta o meio reflector que permite que a representação se forme, qual um espelho que reflecte a imagem do objecto : “(...) eu sugeriria, mesmo, que qualquer espécie de superfícies de fluído reflexivo se torna objecto de desagrado”². Considerando que este fluído, tanto pode ser o líquido amniótico como o fluído gasoso, alusão à vida intra-uterina e à vida após o nascimento, o “Psicanalista” continua : “(...) Mas líquido ou gasoso, o fluído pode estar, constantemente mudando de um estado que reflecte a calma para a turbulência”².

Voltando à sua concepção que é na vida intra-uterina que se teria as condições para se estar mais perto da verdade do real, sem barreiras interpostas, Bion, continua na voz desta personagem : “É vulgar para os obstetras, encontrarem um feto a chuchar no polegar. Provavelmente, o feto tem uma oportunidade ideal para “observar o seu polegar”³.

Encadeando com o tema “observar”, Bion vai expressar outra das suas preocupações, sobre a necessidade de reflectir sobre o que é, a cada instante, o acto de observar e de como a observação pode ser limitante se ela se esgotar num acto de observação que se julga o único verdadeiro, preocupação que o vai levar a pôr, na boca do “Psicanalista” uma frase que lhe é muito cara ”La reponse est le malheur de la question” querendo, com ela, significar que “o infortúnio da pergunta é ela ser susceptível de ser respondida”. Completa esta ideia continuando : “a linguagem – embora eu tente falá-la de modo articulado, penso, indo ao ponto em questão – é, quando utilizada por mim, em superficie reflectora, turbulenta, distorcida e distorcedora.”⁴

¹ ibid. p. 487

² ibid. p. 489

³ ibid. p. 489

⁴ ibid. p. 490

No fim deste capítulo e mantendo-se o diálogo à volta do que se interpõe entre o real e a construção que a mente faz desse real e do que as “superfícies reflectoras” podem acrescentar ao real que reflectem, Bion, usando o seu habitual porta-voz, o “Psicanalista”, aborda a sua concepção do “negativo” dos processos psíquicos, considerando que : “Mesmo se não nos perturbarmos com o “universo”, o não-eu, descobrimos que a mera tentativa de sabermos que “Eu” sou envolve uma quantidade intolerável de descoberta daquilo que nunca fomos capazes de tolerar e que, com igual probabilidade, estamos certos de não tolerar”.¹

Bion estende este conceito da negatividade do nosso funcionamento psíquico ao feto afirmando que “mesmo o feto está envolvido com o não-feto”.

No capítulo seguinte, a personagem do “Psicanalista”, continua a tecer considerações sobre as limitações das nossas produções conscientes que utilizam a linguagem como veículo, bem como a importância do que já foi vivenciado e sentido quando ainda não há linguagem para o dizer pois, embora esquecida , “a coisa arcaica vive e contribui com a sua vitalidade para uma conversa que, de outra forma, seria estéril”.¹

Distinguindo a “sabedoria” do “conhecimento” e considerando a necessidade deste ser aumentado pela sabedoria, o “Psicanalista” afirma, também: “Apesar de inteligente, a probabilidade de sobrevivência baixa se o carácter não se pode fiar em ser sábio”. Bion enaltece as linguagens menos eruditas como as canções de embalar que “dizem muita coisa”.²

Voltando à questão sobre a que realidade podemos aceder, o “Psicanalista” afirma: “(...) A única realidade sobre a qual conhecemos é a variedade de esperanças, sonhos, fantasias, memórias e desejos que são parte de nós. A outra realidade existe, é, gostemos ou não dela. Uma criança pode querer castigar a mesa porque ela a magoou quando fez, nela uma nódoa negra. Mas ela pode, também, querer castigar-se a si própria por ter sofrido a nódoa negra. Ela pode, ainda, ser levada a acreditar que, para além destes factos, existe uma mesa que não é, nem boa nem má, quer a criança goste ou não dela, quer a perdoe ou a castigue. Podemos decidir castigar o nosso deus, castigarmo-nos a nós próprios por acreditarmos “nisso” ou “nele” ou

¹ ibid. p. 494

² ibid. p. 494

“nela”. Isso não vai afectar a realidade que vai continuar a ser real não interessando quanto intratável, incognoscível, ultrapassável, a capacidade humana para compreender seja ou não seja. Apesar de tudo, nós não sabemos muito sobre o mundo onde vivemos ou sobre a mente que somos”¹.

Seguindo este vértice, Bion, vai falar sobre os filtros que a mente humana põe entre ela e a realidade e de como o “não saber” sobre algo ou o ter esquecido são processos conscientes, não se estendendo ao inconsciente pois afirmar que não se teve “nenhuma experiência sensorial pode não querer dizer que “ela não o tenha esquecido, a si”² pois como clarifica o “Psicanalista”. “É relativamente racional e pode ser mais aceitável”³ afirmar que não se sabe do que se dizer que se esqueceu de algo ou que se esqueceu o seu significado.” “Alguns desses pensamentos podem, agora, ser difíceis de manter ou de formular, porque se teve a recepção que eles terão por parte do recipiente; pode-se descobrir que não havia nenhum recipiente ou que havia um cuja receptividade se teme. É mais fácil sentir que existe um iniciador³ e um recipiente e que há uma Tela (cesura) entre os dois. Isto é possível se se acreditar que ela está entre você e eu – um “não você” e “você”. Isto assusta menos do que acreditar que se é os dois, o iniciador e o receptor”⁴ Respondendo à pergunta de um dos personagens questionando esta fala do Psicanalista com um “porquê?”, Bion põe na voz de Alice uma afirmação sobre o papel infeliz que as respostas podem ter: “O infortúnio e a fraqueza da curiosidade é a resposta que acaba por destruir a própria curiosidade.”⁵ Continuando a encadear o diálogo Bion vai pôr na boca do “Psicanalista” a frase que parece ser o protótipo do mecanismo de saturação de uma pré-concepção: “Sim eu sei” - como esta resposta é letal! Destroi-se o desejo de começar uma investigação ou uma descoberta. Esta resposta, dada a si próprio, esmaga a sua curiosidade ou faz com que ela se refugie fora da vista, fora do contacto social. A superfície de “sim, eu sei”, a sociedade inanimada, é tudo o que resta”.⁶

¹ ibid. p. 500

² ibid. p. 500

³ ibid. p. 500.

⁴ Paulo Cesar SANDLER traduz por “ gerador”

⁵ ibid. p. 500.

⁶ ibid. p. 500

Sempre com a preocupação de salientar o peso do que, em nós, embora não sendo consciente para o "Eu" (self) existe e trabalha na nossa mente, Bion advoga a necessidade dos "nossos esquecidos eus, písceo¹, anfíbio, terrestre", todos se encontrarem no mesmo corpo, "ao mesmo tempo - não consecutivamente ou dispersos no espaço, mas aqui e agora, no mesmo corpo."²

Bion volta, aqui, a evocar a vida mental intra-uterina ao falar do eu písceo e do eu anfíbio e da influência que ela tem ao longo da vida mental de uma pessoa pois cada um "retém as suas qualidades písceas" porque, como explica o "Psicanalista":(....). "Quando abandonamos o nosso meio líquido por um gasoso, trazemos o nosso líquido connosco. Como os peixes, ainda podemos cheirar devido ao muco que se manteve nas nossas vias respiratórias graças às glândulas que mantêm o nosso meio aquoso apesar de termos mudado para um meio gasoso"³.

Terminando este capítulo que se poderia considerar como um alerta para a "omnisciência", Bion, sempre através do personagem "Psicanalista" advoga a necessidade de, perante um facto da realidade para o qual "podemos não ser capazes de fazer algo sobre ele, podermos(...) fazer algo por nós mesmos. Em particular, podemos ser capazes de moderar o nosso conceito sobre nós - mesmos e a nossa sabedoria - a nossa auto-imposta omnisciência".⁴

Porque Bion considera que pensamento é, também, acção conclui este capítulo, ainda pela voz do "Psicanalista" e referindo-se à especificidade de uma sessão psicanalítica, realçando que, na sessão: "nunca é um problema de "exactamente" ou "somente" o que está sendo expresso consciente e intencionalmente. A coisa significativa e importante é o que estamos a dar sentido e a pretender transformar em acção".⁵

Continuando a preocupar-se com o modo como, cada um, traduz pensamentos em acção, Bion no capítulo seguinte passando em revista alguns comportamentos, nota as discrepâncias entre as impressões sensoriais e as construções mentais sobre elas, comentando, na voz do Psicanalista que "(...) os humanos acham difícil reconhecer e reconciliar um mau cheiro com uma actividade criativa, quer seja produzir crianças,

¹ Bion utiliza a palavra "fishy".

² ibid. p. 501

³ ibid. p. 502

⁴ ibid. p. 504

⁵ ibid. p. 504

moscas varejeiras ou ideias. Há sempre os bons e os maus " mau cheiros". Um queijo pode ser fermentado e isso para mim, é insuportável mas o queijo é bom. como o são os duriões¹.²

Bion continuando a dar voz ao "Psicanalista, afirma como resposta à questão de saber se um psicanalista faz distinção entre os indivíduos e as suas mentes: " Às vezes essa distinção é relevante. Cada vez estou mais ciente de que há algo mais do que o que se apresenta aos meus sentidos - som, visão, audição, tacto. Tenho sensações que são despertadas por algo que eu não cheiro ou toco ou oiço ou vejo. As minhas percepções não são suficientemente finas, embotadas pelo constante bombardeamento da realidade sensorial. Eu não vou viver o tempo suficiente para alcançar aqueles factos a não ser num grau rudimentar"³.

Como réplica a esta fala, Bion na voz do personagem "Alice" que preconiza, entre outros papéis, o da mãe, faz nova associação com as sensações experimentadas pelo feto, no útero. No antepenúltimo capítulo, Bion, refere-se à teoria e à prática de Melanie Klein e declara, pela voz do "Psicanalista de como as interpretações Kleinianas têm " uma qualidade vaga mas verdadeiramente iluminadora" e como, seguindo Charcot, a insistência sobre a observação continuada de factos sem explicação pode levar a que um padrão possa começar a emergir. Estas duas influências foram determinantes, diz Bion, para, ao fazer uma recapitulação casual da descrição de Freud sobre "o trauma do nascimento"⁴, o levar a pensar que a ideia de cesura entre natal e pré-natal podia ser plausível mas enganosa, como enganosa, também, poderia ser a cesura entre consciente e inconsciente, estando certamente a referir-se à sua ideia de que se há cesura, também há continuidade entre a vida intra-uterina e a vida após o nascimento.

No penúltimo capítulo, Bion, sempre através do personagem "Psicanalista, expõe a sua ideia de que "o feto deve ter características inatas que, mais tarde ou mais cedo se tornam aparentes"⁵ o que o leva a perguntar:"(...)...Se o feto, subsequentemente, se torna num homem ou numa mulher inteligente, sábio e talentoso, porque não

¹ "durião": árvore cujo fruto é semelhante à alcachofra, segundo o Dicionário Universal Profissional-Língua Portuguesa, Texto Editora, 2000.

² ibid. p. 511

³ ibid. p. 514-515

⁴ Bion está, certamente, a referir-se ao texto de Freud, "Inibição, Sintomas e Angústia".

⁵ ibid. p. 562

poderá, à medida que se aproxima o fim da gestação, mostrar protótipos do tipo de comportamento que se espera da criança ou do adulto (...). Continuando expandindo a sua ideia, prossegue: "Ocorreu-me que o feto pode ouvir ruídos, ver luminosidades, cheirar odores num fluido aquoso como é o fluido amniótico e o mecónium. O significado disto não se tornaria, de imediato, aparente, mas senti que experiências anteriores com doentes teriam sido menos obscuros se eu tivesse ousado imaginar que as emoções manifestadas fossem pré-natais (...) Pergunto-me se o feto altamente dotado poderia usar, precocemente, antes do nascimento, os mecanismos que a psicanálise tornou familiares no tratamento das crianças e dos adultos. Um feto, assim tão precocemente desenvolvido, poderia tentar livrar-se, tanto dos sentidos quando se tornassem sensíveis às mudanças de pressão no meio aquoso, como dos sentimentos, "emoções" de intensidade subtalâmica; ele pode ser atacado por experiências ainda não modificadas como seria de esperar pelos centros "superiores". Então chega o "trauma do nascimento".¹

Bion, no final do livro introduz o seu próprio personagem, "Bion" que vai tecer varias considerações sobre a relação pré-natal ↔ pós-natal nomeadamente falando da "personalidade prematura" que continua a sua existência numa difícil proximidade como seu hospedeiro pós-maduro no mesmo "soma físico" ou dos "analísandos que embora fisicamente estejam correctamente formados, temem, nas tarefas dos seus ouvidos e olhos, a intervenção de um supostamente hiper-activo sistema de sobrevivência arcaico dos núcleos auditório ou optico."²

No último capítulo, Bion, respondendo com o personagem "Psicanalista" à questão posta pelo personagem "Alice" se as notícias perturbadoras recebidas por uma mulher grávida poderiam afectar o feto, afirma que : " (...) o facto de não haver comunicação demonstrável entre a mãe e o feto tão evidente como há entre a mãe e o bebé não é uma razão adequada para se afirmar de que não existe comunicação"³.

No epílogo , Bion declara que este livro pretende ser o modo como expressou a sua rebelião contra o senso comum, a razão, a memória os desejos e, sobretudo o compreender e o ser compreendido que, durante toda a vida, o aprisionaram, frustraram e perseguiram. Com algum sarcasmo, Bion afirma que não pretende dar

¹ *ibid.* pp. 562-563.

² *ibid.* p. 564.

³ *ibid.* p. 575.

factos científicos, estéticos ou religiosos, nem mesmo deixar, desses factos, traços, vestígios ou fantasmas escondidas dentro dessas palavras. O que o motivou a escrever este livro foi " impedir alguém que SABE de preencher o espaço vazio"¹ apesar de temer ter sido "razoável".

Bion despede-se desejando "a Todos uma Insensatez Lunática e uma Fissão² Realista".

Comentário

Cheguei ao fim da leitura desta Trilogia com a sensação que Bion construiu um teatro onde nós, leitores nos sentimos personagens participantes devido ao modo como, continuamente, os diálogos entre as personagens interagem ludicamente com o leitor que vai sendo estimulado a construir os seus pensamentos a partir da leitura que faz, umas vezes com humor, outras com estranheza, outras, ainda, com a ideia de se estar perante sábios conhecimentos. E, pouco a pouco, as conjecturas imaginativas e racionais, as analogias, as referências culturais, encrostadas nos constructos de Bion, vão permitindo que se encontre uma grande lucidez e uma grande sabedoria nesta narrativa de Bion.

¹ ibid. p. 578

² Fissão: segundo o Grande Dicionário de Língua Portuguesa de José Pedro Machado, "fissão", na Astronomia é a ruptura de um corpo celeste gasoso em duas massas desiguais para formar uma estrela binária; na Física é a partição de um núcleo atómico como resultado do bombardeamento do núcleo com neutrões em dois outros núcleos atómicos, cada um com uma massa aproximadamente igual à metade do núcleo primitivo.



2. António MUNIZ de REZENDE : os Modelos de Bion para a Simbolização

2.1 O Modelo Abstractivo da Simbolização

Rezende caracteriza o modelo que Bion construiu para a compreensão da simbolização como um modelo abstractivo na medida em que ele pressupõe que se passa da experiência para a aprendizagem através da capacidade de aprender com a experiência emocional mas, não parando na experiência feita, continua-se pelo processo de simbolização, processo de simbolização que permite que as experiências virem palavras.

Neste modelo em que, pela simbolização, se vai das coisas às palavras, Bion considera dois momentos: um extractivo que extrai o sentido das coisas e um transactivo que, pelo que Bion chamou de intuição conceptual, vai unir o sentido às palavras, sentido que provem da abstracção das concepções. Serão estas palavras, já dotadas de sentido, que vão, de novo, voltar às coisas através da realização que, pelo acto de realizar, vai atribuir às coisas essas palavras que começaram por ser um produto da abstracção dessas mesmas coisas, de forma a que se possa “falar” dizendo a verdade sobre essas coisas.

Bion, como nota Rezende, quando implica o momento da extracção do sentido no processo simbólico, tem implícito que a estruturação do símbolo se deve, também, à estruturação dos cinco sentidos, estruturação que os faz funcionar em senso comum consubstanciado na unificação dos sentidos que é posta em prática quando eles dão origem às impressões sensoriais.

Enquadrando este modelo abstractivo da simbolização na concepção que levou Bion a utilizar modelos para explicitar as suas compreensões sobre o funcionamento mental, Resende considera que estes modelos devem ser vistos como passagens para chegar ao simbólico, que podem ser abandonadas quando é alcançado o ponto de chegada simbólico, salientando que, para Bion, o grande benefício de utilizar modelos residia no facto de que eles conduzem à abstracção simbólica sem que esta perca o contacto, quer com o modelo, quer com a realidade. Deste modo, a abstracção, no seu processo total e tendo partido do real, volta a esse real com ressignificado, com ressignificação, ou seja, pela simbolização, reencontra-se o real através do simbólico.

Os modelos de Bion, conclui Rezende, devem ser vistos como etapas intermédias entre a experiência concreta e o pensamento abstracto, pontes que permitem a passagem mas que, após essa passagem, ficam para trás apesar de continuarem a estar disponíveis para possibilitarem novos contactos com a realidade e, deste modo, zelarem para que o conhecimento da realidade se mantenha verdadeiro.

Este modelo abstractivo da simbolização tem implícito que a ausência pode ser tolerada e, desse modo, admitida, ou seja, Bion considera que, para haver simbolização, tem de haver uma referência ao ausente, o que é possível porque, desde o início do funcionamento mental, existe um vínculo afectivo que está subjacente a toda a experiência vivida e que vai permitir que a frustração, devido às experiências de ausência, possa ser tolerada.

2.2 O Território do Negativo e a Fé na Realidade Última

Intrusando o modelo da simbolização com o modelo do aparelho pré-conceptual, Bion considera, como explicita Rezende, que a simbolização vai abranger a pré-concepção bem como a união desta com a realização, através da experiência, para que se forme a concepção, o que significa que, integrando a experiência no processo

da simbolização, Bion vê este processo como estando em permanente crescimento e, conseqüentemente, coerente com uma mente que é um universo em expansão. Igualmente, ao implicar a abstracção no processo de simbolização, Bion afirma que simbolizar não só pressupõe a capacidade de manter juntas a afirmação e a negação como permite que, pela negação, se possa ir mais longe do que se foi pela afirmação, ou seja, que se possa ir para além do conhecimento. Deste modo, Bion coloca a simbolização no território do negativo, único território possível para que o pensamento se possa expandir sem limites, deixando em aberto as qualidades do indizível e permitindo que se possa manter a intuição de que há, sempre, algo mais para além de tudo o que já foi dito e compreendido, respeitando, assim, a parte insaturado da mente. Porque respeitar a parte insaturada da mente, é estar, como diz Bion, no espaço do negativo que é o espaço onde pode existir “a fé na Realidade Última”, O, que designa, simultaneamente, zero e infinito, donde se veio e para onde se vai e que tem, como característica fundamental, o ser incognoscível. Deste modo, Bion, considera Rezende (1994), aproxima-se de uma postura correspondente ao metarrealismo negativo onde o negativo surge como espaço simbólico, na medida em que, com a capacidade negativa surge a capacidade de pensar dentro de um espaço não saturado, compatível com o de um universo em expansão.

É, também, por esta capacidade negativa, diz Rezende (1994), que se pode aprender o sentido da falta do objecto, o que vai permitir que, tendo-se feito o caminho no sentido da ida da coisa ao simbólico, se possa, também, fazer o caminho da vinda, do simbólico à coisa, porque não se está saturado com tudo o que se tem mas, antes, se está no território da indagação que permite voltar à coisa para saber mais sobre ela, impedindo que se fique no território da inveja, o que leva Rezende (1994) a afirmar que, para simbolizar é preciso fazer a experiência da falta e poder aprender com essa experiência, é saber o que falta e o que faz falta.

Bion, ao implicar um acto de fé na Realidade Última para que, verdadeiramente, se possa exercer a função de simbolizar, e, como essa Realidade é incognoscível, vai considerar que é imprescindível poder ter a percepção interna dessa realidade que não se pode conhecer, realçando, uma vez mais, o respeito que se deve ter pelo negativo que permite que se possa manter a afirmação de que, apesar de não se saber o que não está ao alcance do conhecimento, se acredita que ele existe porque se

mantem a intuição que ele existe. Para mostrar como, através da fé, se pode ter esta percepção interna da Realidade Última, Bion usou um modelo análogo ao que Freud criou ao conceber que a consciência é o correspondente das faculdades sensíveis para a percepção dos fenómenos internos, considerando, agora, no seu modelo que a fé seria a faculdade perceptiva dessa Realidade Última que percepcionaria internamente os sinais reveladores dessa realidade incognoscível que só se faz conhecer através desses sinais. Deste modo, considera Bion, será essa fé a garantia para que a mente continue pertencendo a um universo infinito onde é mais importante saber que não se sabe do que se ficar amarrado ao que já se sabe, saturado por todo esse saber que se conhece.

Para melhor explicitar a sua ideia, Bion considerou, metaforicamente, que a mente deveria estar, sempre, com os seus terminais abertos, qual uma nave espacial com os seus sensores, de modo a poder captar os mínimos sinais através dos quais a Realidade Última faz saber de si, venham eles donde vierem.

Bion afirma, ainda, que, o que vem depois do nascimento com a experiência que se vai ter quando se entra no mundo simbólico e no universo do discurso, é um desafio da ordem do infinito porque, indo o simbólico em direcção a essa Realidade Última, nunca a vai alcançar, mas, igualmente porque esse simbólico vem, ele próprio, de uma Realidade Última que existiu na vida intra-uterina quando foi vivenciada uma experiência de todo, da unidade vivida no ventre materno, experiência que Bion chama de “at-one-ment” e que, após o nascimento, o simbólico tenta refazer a cada momento.

Para explicar esta ideia de que a “Realidade Última” é incognoscível, Bion cita a frase de Shakespeare, “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode suspeitar a nossa vã filosofia.” Este “mais”, considera Bion, é o espaço do negativo, do desconhecido, do universo em expansão. Como analisou John Keats, estudioso da personalidade e da obra deste escritor, Shakespeare, através do seu pensamento negativo, vai manter-se no território das incertezas, das dúvidas sem que, para isso, necessite de qualquer esforço de irritação ou de impaciência, o que lhe vai permitir alcançar o facto e a razão. “Há mais coisas no coração do homem do que podemos suspeitar” escreveu, ainda, Shakespeare, mantendo esta capacidade de simbolizar no território do negativo.

Simbolizar é, ainda, para Bion e como diz Rezende (1994), conservar a unidade na multiplicidade, levar em conta essa multiplicidade e, principalmente, levar em conta a dinâmica das relações de sentido, o que vai permitir criar, ainda, mais sentido.

Bion, para melhor explicitar a sua ideia de Realidade Última enquanto lugar onde se vem, vai tomar como guia, o livro de Martin Buber, “I and Thou” (1974) (“I and You”) livro sobre a ética religiosa onde a relação a Deus está em íntima associação com a relação ao Outro, outro que deverá, sempre, ser tomado na segunda pessoa, Tu/vós, que “me “ fala e pede uma resposta e não como um objecto, um “ele” que pode ser usado, manipulado. Baseando-se nesta obra que pode ser considerada como uma descrição dos mecanismos entre o “Self” com letra maiúscula e o “self” com letra minúscula, Bion, retomando a ideia deste autor de que “No ventre materno, o homem foi iniciado no todo e, ao nascer, esquece-o”, vai considerar que o bebé já nasce sabendo desta Realidade Última porque experimentou, no ventre materno, o estado de “at-one-ment” onde o corpo e a mente estão em simbiose: o feto pensa, sentindo, diz Bion, porque na vida intra-uterina há um total predomínio da sensação e da emoção sobre o pensamento só que, depois, com a cesura do nascimento, essa Realidade da vida fetal vai ser esquecida. Para que estes dois mundos onde se vive, primeiro o aquático e, depois, o aéreo, se possam interpenetrar, Bion propõe que se estude a cesura do nascimento não, apenas, como ruptura, cisão, mas, também, como um elo de ligação, um vínculo semelhante a uma sinapse que permitiria, na passagem do mundo aquático para o mundo aéreo, uma mudança com as características de uma “Mudança Catastrófica”, ou seja, que levaria a uma evolução do vínculo K em direcção à Realidade Última, mantendo-o em sintonia com essa Realidade, numa experiência existencial – afectiva com essa mesma Realidade Última e onde, como afirma Bion, “é-se, sendo-se”. Deste modo, esta cesura que tanto separa como mantém o vínculo à vida fetal e a consequente Mudança Catastrófica dela resultante serão a consequência do carácter transformacional que Bion deu ao processo de simbolização e a garantia de que, por um lado, o modelo usado para compreender a simbolização não é isomórfico porque permite a transformação e, por outro, que a vida mental habita um universo em expansão.

No âmbito deste processo transformacional, a cesura do nascimento será, assim, o corte necessário para que os vínculos de natureza fetal em vez de se extinguírem,

possam vir a ser de outra ordem possibilitando, como diz Rezende (1994), que as “de-cisões” possam ser um acto de liberdade. Para que estes vínculos de natureza fetal se possam conservar após a cesura do nascimento, obviamente num outro nível de sentido e de referência, Bion vai considerar que eles deverão ser de ordem afectiva por serem os afectos os únicos que têm a capacidade para dar o sentido e o referencial à linguagem necessário para que ela se venha a constituir de modo a, realmente, se poder dizer a verdade sobre o vínculo que liga a pessoa aos outros e aos objectos.

2.3 A Vinculação Afectiva da Simbolização. A Transformação Simbólica

A vinculação da simbolização é feita, afirma Bion, pelo vínculo K que é inseparável dos outros vínculos, L e H, e por um elo de ligação entre os três indispensável ao funcionamento do pensar pensamentos. Bion aproxima-se, assim, do ideia matriz de Melanie Klein de que o simbólico se constitui pelo vínculo afectivo na medida em que é a dimensão afectiva que está no âmago da simbolização porque, primeiro, juntam-se as pessoas para que, depois, as palavras se possam juntar.

Bion tomando esta concepção emocional-afectiva do símbolo de Melanie Klein, como ponto de partida para a sua teoria afectiva da simbolização, vai considerar que há símbolo quando as pessoas, entre si ou na sua relação com as coisas, se juntam e se articulam afectivamente numa conjunção constante. A partir desta concepção de que simbolizar é estabelecer vínculos afectivos que permitem que as palavras se articulem linguisticamente, depois de se terem articulada afectiva e emocionalmente, Bion vai mais além ao colocar a tónica do simbolizar no “ser-se sendo”, ser-se sendo apesar de, como diz Rezende (1995), não se poder saber, ao certo, o que é este “ser-se”.

Bion aproxima-se, igualmente, de Melanie Klein, ao afirmar que o símbolo está presente desde o início de vida psíquica, vindo só depois a percepção intelectual e linguística, ou seja, vendo o processo simbólico de “baixo para cima”, do real humano para o simbólico e não esquecendo a dimensão humana do próprio símbolo.

Este modo de Melanie Klein e de Bion considerarem o processo da simbolização humana deve-se, nota Rezende, à aproximação de ambos à filosofia de Heidegger levando-os a ter uma concepção mito-poética do símbolo onde este mito-poético seria, como diz Rezende (1995), o tempo primitivo em que a criança infante e a humanidade infante, ainda não sabendo uma língua, estão já num processo de aprendizagem baseado no acto de transformar a intuição em palavras. Alias, Bion considera, neste contexto, que o mito é como o sonho da humanidade, enquanto o sonho é o mito do indivíduo, o que leva Rezende acrescentar que o sonho será a linguagem mito-poética que o inconsciente encontra para se dizer.

Rezende, fazendo o paralelo entre as concepções de Bion e de Lacan sobre a simbolização dado ambas a considerarem como um processo abstractivo, refere, todavia, um ponto chave onde elas se distinguem que é, precisamente, o momento onde se inicia o processo da simbolização pois, para Lacan, a simbolização faz-se de “cima para baixo” já que é preciso que, primeiro se chegue ao simbólico para, depois, se poder ressignificar o imaginário e o real: primeiro a pessoa pensa, depois imagina esteticamente e finalmente realiza, como explicita Rezende (1995), sendo a realização, para Lacan, a concretização de um modelo estética concebido no imaginário mas obedecendo à norma de razão. Outro ponto que distingue Bion de Lacan, considera Rezende (1994), é que, enquanto Lacan vê o simbólico vindo do real e passando pelo imaginário até chegar ao símbolo, num processo de abstracção formal onde é a norma que preside à estruturação da estrutura simbólica pois a última palavras é sempre dada à norma, já Bion nunca dá uma última palavra ao processo de simbolizar pois põe o pensar como uma acção que não se submete ao seu objecto do conhecimento porque o pensamento é sempre mais amplo do que o conhecer que se destina a entender algo. “Ser é mais importante que entender” diz Bion na “Memória do Futuro”, ou como diz Rezende (1994), pensar é igual a ser porque todo o ser está implicado no pensar.

Neste ponto, Bion fundamenta-se em Kant pondo a tónica no “conhecer alguma coisa”, não na coisa em si mas no conhecimento dos fenómenos onde essa “alguma coisa” está implicada já que a coisa em si nunca se conhece, é incognoscível.

2.4 A intuição e a Tolerância à Frustração

Bion, como nota Rezende, numa aproximação à filosofia de Heidegger, acredita que, no processo da simbolização, o mais importante não será ensinar a pensar mas deixar pensar pois os elementos da simbolização pertencem a um universo em expansão que pedem liberdade. Só deste modo, considera Bion, é que se poderá fazer a transformação que está implícita em todo o processo de simbolização, transformação que não só opera a nível perceptivo-cognitivo levando às palavras mas, também, opera a nível das vivências afectivas porque é, igualmente uma transformação simbólica ou seja, uma transformação do ser em direcção à Realidade Última que respeita a capacidade negativa de forma a que ela possa cumprir o seu papel de humildade que permite dizer que nem tudo é acessível à simbolização. Como diz Rezende (1994), o mais importante será poder ter uma evidência, um reconhecimento da realidade e não o de ter mil certezas, porque as certezas, pela sua conotação emocional e afectiva poderão ser um produto da arrogância e do fanatismo, enquanto que a evidência pressupõe, sempre, um contacto com a realidade numa intuição verdadeira.

Esta intuição é, para Bion, um elemento constitutivo fundamental no seu modelo sobre a simbolização por ser ela que guia a realização e que permite chamar pelo nome, o que esta sendo vivido na experiência emocional porque, sendo um elemento da realidade psíquica, faz ver o que está presente nessa realidade mas que não é visível. Esta relevância dada à intuição tem subjacente a preocupação de Bion pela permanente busca da verdade que tem implícita, por sua vez, a capacidade para tolerar a frustração que não só permite que se procure a verdade como que não se desista dessa procura porque se tem o que Bion chama de amor à verdade, verdade que é para a mente o que o alimento é para o corpo, como afirmava Bion para mostrar como a experiência da verdade é uma experiência de fortalecimento para a mente. Rezende (1994) acrescenta, para que haja essa experiência da verdade, a

importância da gratidão porque, curando a inveja, possibilita que se possa ver a realidade com “bons olhos, olhos da verdade”.

Sendo a capacidade de tolerância à frustração a que permite a busca da verdade bem como o respeito pelo princípio da realidade, Bion coloca, assim, a realidade e a verdade como fontes da frustração mas, também e num processo dialéctico como é habitual nos seus modelos, como fontes do conhecimento pois é a realidade que fecunda o conhecimento na medida em que o conhecer nasce juntamente com o objecto conhecido.

Bion ao colocar a experiência emocional da frustração como elemento fundante no nascimento do pensamento por ser ela que vai fazer pensar, ou seja, que vai fazer nascer os pensamentos porque é, pelo pensamento, que se tolera a experiência emocional que frustra, Bion vai inaugurar um modo de pensar a simbolização na área científica, assente na ideia de que, tanto para pensar simbolicamente, o quotidiano, como para pensar as questões científicas é preciso, sempre, suportar as experiências emocionais da frustração para que se possa continuar a buscar a verdade porque se continua a amar essa verdade, como afirma Bion.

Bion, preocupando-se com a eficácia do pensamento na concretização das acções, considera que é porque o pensamento faz nascer pensamentos, faz pensar fazendo ponderar, avaliar, meditar, recordar, não esquecer, que as acções se preparam, acções que vão, por sua vez, dar eficácia ao pensamento, considerando Bion que um pensamento é eficaz quando está cheio de emoção, de experiência emocional e é por ser eficaz que vai poder dar o sentido a essa experiência emocional orientando-a para e pela acção. Pensa-se e age-se porque “se está sendo” e não, apenas, porque se sabe.

2.5 A Resignificação do Real. As Reminiscências

Como explicita Rezende (1995), Bion ao considerar a simbolização com um processo abstractivo que, primeiro, extrai o sentido das coisas, colocando-o no conceito para, em seguida, pela transacção e pela via da intuição, ligar o conceito, que transporta o significado, às palavras (significantes) para aceder ao simbólico, põe o percurso, que leva o sentido ao encontro das coisas e das palavras, a ir do

imaginário, território dos significantes, ao simbólico, território do sentido e dos conceitos para, a seguir, poder regressar aos significantes e às coisas mas, já, com mais valia de sentido, de simbólico, o que vai permitir ressignificar os significantes e as coisas. Este papel de ressignificação do real, Bion coloca-o no processo simbólico desde a primeira experiência sensorial que se teve desse real, por via da experiência emocional que a acompanhou mas estende, igualmente, esta ressignificação ao imaginário e ao significante por ele conotado. Para Bion, como diz Rezende (1995), o significante representa a “imagem” ou o molde que, vindo do imaginário, vai ser dotado, pelo simbólico, de simbolismo porque, explicita Rezende (1999), se no imaginário a pessoa dá o sentido que deseja, no simbólico descobre um sentido, o significado do significante, descoberta que se distingue do desejo porque já integra a capacidade de negativo e respeita a fé na Realidade Última.

É esta ressignificação do real á luz do simbólico que vai transformar o concreto bruto do real numa Realidade cheia de sentido, de um sentido que a busca da verdade permite descobrir pois, como diz Rezende (1999), “ressignificado, o real é mais verdadeiro e mais gratificante”.

Esta concepção de ressignificação do real leva Bion a estudar a memória e o desejo, inerentes ao processo de ressignificação, considerando que a primeira diz respeito às impressões sensoriais do que se acredita que se passou, enquanto o desejo respeita as impressões sensoriais que, ainda, não se produziram.

Na sua permanente procura de um modelo que respeite a busca da verdade, Bion considera que a memória é enganadora porque regista factos sob a influência de forças inconscientes, o que o leva a propor que se mude a vértice da memória para o da recordação porque as recordações que tornam presente o que estava guardado no coração, não são, apenas, fruto de um simples armazenamento de dados sensoriais já que devem a sua existência à permanência de um vínculo afectivo. Ao colocar as recordações na dependência de um vínculo afectivo, Bion, noutra mudança de vértice, propõe que se vejam as recordações como reminiscências de modo a implicar a relação entre o “aqui e agora”, que faz emergir a recordação, com a “eternidade “ que vem do vínculo afectivo que remonta à Realidade Última vivida na vida fetal, ou dito por outras palavras, é pôr, sempre, na recordação, a presença do eterno. Passar para o vértice das reminiscências é, finalmente, diz Bion, revelar a

importância de ter, sempre, presente que compreender é entender o eterno no actual e que simbolizar a memória é passar para o vértice da reminiscência.

Expandido esta ideia de Bion, Rezende, numa aproximação à teoria dos fractais, onde o fractal contém as informações do todo, considera que esse vínculo afectivo que assegura o eterno, no presente, seria como um fractal que fica conservado na recordação mas, também, na gratidão, recordação e gratidão que, por sua vez, vão dar consistência a esse vínculo.

2.6 A Transcendência do Símbolo

Para exemplificar o processo de simbolização como um voltar ao ponto de partida para uma ressignificação desse ponto de partida, o que pressupõe que o modelo utilizado seja passível à transformação, tanto no ponto de partida como no da chegada, Bion escolheu o modelo da espiral ascendente onde o caminho de volta não é idêntico ao da ida, tal como a pessoa que, também, já não é a mesma após simbolizar pois ganhou em significação. Este modelo explicita, igualmente, a ideia de que não chega, para simbolizar, haver símbolos (moldes simbólicos) pois é preciso usá-los simbolicamente, ou seja, utilizá-los como pontes entre as várias passagens que, por eles, são nomeadas.

Este modo de conceber a simbolização do símbolo como um permanente ganho em significação, aproxima Bion da concepção de Paul RICOEUR de que o símbolo é transcendente, pois, como nota Rezende (1994), quem simboliza pode, ainda, simbolizar mais porque o símbolo faz pensar. Por isso Rezende (1994) afirma que no símbolo "há sentido, há sentidos, há mais sentidos", porque o símbolo remete, sempre, para outros símbolos devido à sua transcendência interna.

Rezende desenvolve esta transcendência da simbolização, considerando que o símbolo tem uma transcendência, simultaneamente, intrínseca e extrínseca: intrínseca porque, sendo o símbolo uma conjunção constante de diferentes elementos que se completam mutuamente dentro do símbolo, cada elemento do símbolo remete, sempre, para os outros seus elementos, e extrínseca porque o símbolo remete, inexoravelmente, para outros símbolos. Deste modo, esta

transcendência do símbolo cumpre a concepção de Bion da mente ser um universo em expansão.

Ainda nesta aproximação à transcendência, nota Rezende (1995), quando Bion dota o símbolo de uma capacidade de transacção, no momento em que o conceito e a intuição se ligam entre si, capacidade que vai permitir uma mudança catastrófica, vai aproximar o simbolizar da essência da experiência mística onde não é preciso ver nem é preciso falar do que se está sendo pois é no silêncio que os místicos se encontram pela fé com o seu deus. Bion propõe, neste sentido, que, para se compreender toda a amplitude da simbolização, se mude o vértice de ver para ser o que tem implícito, mais uma vez, que se coloque o negativo no âmago do processo de simbolização, no ponto mais alto do simbolizar, quando, diz Rezende (1995), "o ser dispensa o dizer" porque o negativo, devido à expansão contínua do pensamento, pode ser integrado, simbolicamente e tomar a direcção do inconsciente emocional que é, também, a via para se caminhar em direcção à Realidade Última.

Este modelo de Bion sobre o processo da simbolização com capacidade de transacção, permite, também, mostrar que significado e simbólico não são sinónimos pois o simbólico vai para além do significado na medida em que ele implica a junção de um significante com o significado em função de um referente e por via da intuição que dá a significação. Esta união do significado com o significante através da significação foi, também, conceptualizada por Lacan que considerou que essa união se fazia por via do que ele denominou por "ponto de capiton" e que vai permitir que se dê a passagem do imaginário, onde o sentido é dado pelo desejo, ao simbólico onde é descoberto o significado do significante, descoberta que, como diz Rezende (1999) está alicerçada no entrelaçamento do real, do imaginário e do simbólico que estão, sempre, numa sustentação mútua como se estivessem unidos por um " nó Borromeano".

2.7 A Lógica Simbólica Relativa da Simbolização e a Ambivalência Paradoxal

Bion ao integrar pela via do processo da simbolização, a dimensão emocional das relações humanas na racionalidade das relações linguísticas por considerar que o

emocional faz alterar a lógica das relações, vai inserir a simbolização, como diz Rezende (1999), numa "Lógica simbólica relativa" que, por integrar a dimensão emocional, não faz parte dos sistemas lógicos regidos pela dicotomia "sim ou não", mas, antes, pertence a uma lógica de "sim e não", onde, como explicita Rezende, sim e não coexistem, permanentemente, o que implica que haja mil e uma possibilidades emocionais entre o sim e o não como existe entre o ser e o não ser toda a vastidão do que Bion dizia ser o "being" e que Resende traduz por "estar-se-endo-si-mesmo".

É esta lógica simbólica relativa que alicerça o que Rezende (1999) chama de "ambivalência paradoxal" que permite que a pessoa se mantenha na busca de uma verdade apesar de saber que nunca a poderá alcançar porque, paradoxalmente, também sabe que, só mantendo-se nessa postura de procura, poderá ser verdadeiro consigo próprio. Implícito a esta ambivalência paradoxal" está, diz Rezende (1999), a concepção de Bion de que o inconsciente é um pensamento que, ainda, não se estruturou como linguagem o que leva Resende a imaginar, que, assim como Bion postulou que havia "pensamentos à procura de pensadores", também poderia dizer a Lacan que o inconsciente são pensamentos à procura da linguagem.

2.8 A Conjunção Constante dos Conceitos

No seu modelo da simbolização em que há uma mais valia de significação, Bion considerou que os conceitos que se formam no território do simbólico a partir das pré-concepções e passando pelas concepções, vão-se organizar entre si, segundo a lógica da sua significação e a lógica do seu aparecimento através de uma conjunção permanente que vai permitir que não se perca nenhum aspecto significativo das experiências feitas que são os referentes das concepções que, pela abstracção, vão originar os conceitos. É esta conjunção constante que possibilita que os conceitos se possam expandir e que, pela simbolização que habita um universo infinito, se possam vir a transformar em novas pré-concepções. Estas pré-concepções vão, por sua vez e pela sua realização, originar novas concepções e permitir novas intuições que, por sua vez, vão possibilitar que novos conceitos, oriundos da abstracção das concepções, se encontrem com as palavras (significantes), dando acesso a novos

símbolos. Sendo, na conjunção constante, os conceitos a origem das hipóteses que formulam que certos elementos de um conceito ou que certos conceitos que estão organizados entre si, vão ser, constantemente conjuntos, é necessário que eles já sejam simbólicos, ou seja, que eles, após a extracção e, portanto já na transacção, se tenham ligado à intuição.

2.9 Os Graus de Simbolização

Segundo o modelo de Bion, Rezende considera três níveis de simbolização, integrando neles o pensamento fetal e relevando o papel da capacidade de rêverie da mãe.

A Simbolização de 1º Grau (o sensório-sensível)

Para estudar a noção da estrutura no processo simbólico, Bion vai alicerçar-se na concepção de estrutura de Merleau Ponty que a definiu como uma multiplicidade unificada por uma ordem cujo sentido é uma correspondência intencional à situação existencial. É neste contexto intencional que responde ao referencial oriundo do real que Bion coloca a estruturação das sensações oriundas dos sentidos, estruturação que se vai fazer num primeiro nível de simbolização que implica o sensório-sensível porque, como Freud considerara, não há nada na inteligência que não tenha estado, primeiro, nos sentidos. O início deste primeiro nível de simbolização, Bion referencia-o à cesura do nascimento e à passagem do meio aquático ao aéreo mas já integrando, nesse início da simbolização, a vida intra-uterina por considerar que, nos últimos meses da gestação, o feto já pode receber impressões sensoriais e ter experiências emocionais. Colocando deste modo, o início da simbolização num estadio tão precoce do desenvolvimento do bebé, Bion vai dar ao corpo um papel fundamental na formação do símbolo, considerando que é no corpo que a simbolização tem o seu princípio, o que leva Rezende (1994) a definir o símbolo como uma "polissemia encarnada" e, como são os sentidos a condição da experiência intuitiva, a dizer que o "corpo simboliza, o corpo é simbólico".

O Pensamento fetal e a Simbolização

Bion caracterizou o pensamento primitivo fetal como sendo um sentir na medida em que o feto pensaria, sentindo porque, como afirma no seu livro "Conversando com Bion" (Conferências de Nova Iorque e S. Paulo, 1980), "a única coisa que o feto pode fazer é identificar-se simbioticamente".

Bion consubstancia este pensamento primordial fetal num "Mim" que, já existindo no feto, antes do pensar propriamente dito, prepararia o pensamento, como se fosse um pensamento não verbal, muito próximo das emoções e das sensações e que, no ventre materno, propiciaria ao feto, a "unidade" de que fala Martin BUBER.

Bion pensa que esta unidade primitiva vivida pelo feto no útero da sua mãe estaria no território da "Realidade Última", realidade que Bion caracteriza, neste momento da vida intra-uterina, como um facto primordial onde "tudo começou" e que, apesar de permanecer, sempre, incognoscível, deverá guiar, ao longo da vida, o caminho para a procura da verdade que, por sua vez, busca essa Realidade Última.

Mais uma vez, Bion, ligando a simbolização a um pensamento fetal num espaço de Realidade Última, reforça a noção de negativo e a importância de se fazer um trabalho no negativo por ser, como ele afirma, o único que pode respeitar o reconhecimento do infinito, do informe, do inominável desse pensamento fetal primitivo, consubstanciado na unidade primitiva "at-one-ment".

Alexandra PIONTELLI que continuou a investigação sobre a vida emocional do feto, in útero, considera que este pensamento primitivo da vida fetal pode estar presente na memória da criança até à idade de 4-5 anos, sendo, em seguida, alvo da amnésia infantil. Por sua vez, Donald Meltzer pensa que esta memória fetal poderá surgir na consciência e em qualquer idade, através de "flashes", de lampejos que atravessariam a consciência.

A Capacidade de Rêverie Materna

Com a cesura do nascimento, a unidade primitiva feto/ corpo materno vai passar para o espaço dual da relação do bebé com a sua mãe, relação que Bion, seguindo a intuição de Melanie KLEIN, considera como constitutiva da vida psíquica porque, desde o início é estruturante, no sentido definido por Merleau-Pontí.

Será pela rêverie materna, qual um útero mental, que o pensamento fetal, informe, infinito e inominável poderá ser, após a cesura do nascimento, nomeado pela mãe que, pela sua capacidade de rêverie, vai continuar a fazer a gestão psíquica do bebê que, como infante que é e, portanto não falante, como diz Rezende (1999), necessita que seja a mãe a ceder-lhe as palavras. Deste modo, vão ser os pensamentos da mãe que vão proporcionar ao bebê o desenvolvimento do seu aparelho para pensar e o fortalecimento do seu "Eu", "Eu" que vai tomar o lugar do "Mim" fetal.

A língua materna é, assim, simultaneamente, a língua que se fala e a língua emocional-afectiva com que o bebê vai aprender a nomear as situações vividas e, através dela, os valores na relação emocional com o outro (bom seio), como explicita Rezende (1995).

Nesta caminhada para lidar simbolicamente com as palavras e para que o bebê possa sentir "ser-se", como diz Rezende (1995), o bebê tem de poder sentir que a mãe lhe proporciona um ventre mental para pensar as suas emoções, as suas angústias, os seus sofrimentos, ou seja, a sua, ainda, incipiente dor do pensar.

Como primeira herança da sua mãe, ou se se quiser, desse ventre mental materno, o bebê vai receber dela o seu olhar e os seus cuidados que vão permitir que o pensamento do bebê se possa ir desenvolvendo a par do desenvolvimento da capacidade de rêverie materna, capacidade que vai permitir que a mãe possa ir pensando o que o bebê, ainda, não consegue pensar. É neste pensar conjunto que o pensamento nascente do bebê se vai poder construir, pela mão do pensamento de rêverie materna que é estimulado, por sua vez, pelos sinais de apelo que o bebê envia à sua mãe, pensamento nascente que, também, se constrói a partir do território materno habitado por tudo o que ela já pensou antes do seu bebê nascer e a partir do território inominável, mas existente, do psiquismo fetal.

Rezende (1995), valorizando a importância que Bion dera à gratidão no desenvolvimento da simbolização, numa aproximação a Heidegger que considerara que se pensa com gratidão porque se pensa porque se está grato, considera que a mediação do olhar da mãe, ao reconhecer o seu bebê com enlevo e com "gratidão", vai possibilitar ao bebê, quando este, no início da sua função pensante, fica bloqueado por uma emoção excessiva, que ele saia desse impasse e que os seus

pensamentos possam prosseguir o seu desenvolvimento no seu, ainda, principiante aparelho para os pensar.

Neste processo em que a díada mãe-bebé está emocionalmente envolvida, Bion considera que vai ser muito importante a capacidade que a mãe vai ter para intuir a correspondência entre o que ela está a dizer ao bebé e o que o bebé está a sentir de modo a que possa emergir, tanto no psiquismo materno como no psiquismo nascente do bebé, o que Bion designou de "facto seleccionado", referindo-se, deste modo, ao factor de articulação à volta do qual se vai fazer a conjunção constante no conceito que, permitindo a entrada, num momento de integração, possibilitada pela posição depressiva, faz nascer o "conceito extractivo transactivo" que veicula o simbólico.

Para que esta conjunção constante possa emergir na díada terá de ter havido, antes, o estabelecimento de um vínculo que possibilita uma comunicação afectiva, vínculo que deverá ter começado já, durante a relação que a díada criou no tempo do espaço intra-uterino, consubstanciado-se, nessa altura, no cordão umbilical que irá ser restabelecido, após o corte do cordão umbilical, quando da cesura do nascimento, num vínculo que vai manter o fio da fidelidade e da confiança.

Conceber, deste modo o caminho para o simbólico, a partir do vínculo afectivo que já se iniciou na vida intra-uterina, implica considerar que só poderá haver simbólico se se tiver, sempre, mantido um vínculo que, apesar de todos os ataques feitos pelas experiências que repetem, de algum modo, a experiência de desamparo primordial do nascimento, conseguiu que, como diz Rezende (1995), a confiança, a fidelidade e a fé nunca deixassem de existir.

É neste contexto vincutivo que os conceitos vão nascer, no aparelho pré-conceptual do bebé, a partir do nome que a mãe, ao nomeá-lo, dá ao vivido do seu bebé, no seu trabalho de rêverie materno, conceitos que vão ter uma conotação afectiva, na própria relação da díada, levando o bebé a saber, primeiro, o que é o "seio bom" e o "seio mau", antes de saber o que é o seio, na sua totalidade, o que leva Rezende (1994) a dizer que, no início, todo o substantivo é adjectivo. Rezende considera, ainda e em termos do vivido do bebé que, para Bion, quando dentro do aparelho pré-conceptual do bebé, "seio bom" e "seio mau" formam uma conjunção constante, já se está na área da simbolização.

Bion considera, assim, que os conceitos que são gerados, ao mesmo tempo, na mente da mãe e na do bebê e que são nomeados pela mãe vão ser o motor do movimento do aparelho pré-conceptual do bebê, a semente que os pensamentos depositam na mente, fecundando-a, como diz Rezende (1995). Por sua vez, são as pré-concepções, que dão origem aos conceitos dos quais novas pré-concepções vão derivar e que constituem as matrizes à espera de realizações e de pensamentos que vão transformar as pré-concepções, respectivamente em concepções e conceitos.

Quanto à capacidade de conjugar o bom objecto com o mau objecto, é no Self (ou "My self") que Bion vai colocar a capacidade para tolerar a coexistência do bom e do mau objecto, do ser e do não ser, capacidade que é a garantia do crescimento do pensamento, do movimento contínuo que vai da pré-concepção ao conceito para voltar à pré-concepção e, assim, sucessivamente, considerando, deste modo, que a existência do Self implica a existência de objectos totais porque só trabalha com objectos totais o que implica estar em paz com a posição depressiva para que possa reconhecer a existência de um espaço psíquico propício ao exercício e ao desenvolvimento da função simbólica. O relacionamento com o objecto total torna-se, deste modo, um factor de integração do Eu permitindo, como considera Resende, que o amor do objecto se torne idêntico ao amor de si, o que vai implicar que a posição depressiva possa elaborar uma posição esquizo-paranóide impedindo a onnipotência e a onisciência e permitindo que possa haver aprendizagem porque os próprios limites podem ser elaborados de tal forma que se podem expandir, impedindo, assim, o abafamento das emoções.

A Simbolização de 2º Grau e de 3º Grau

Quando o bebê inicia o seu processo de simbolização, a capacidade de rêverie materna vai ter a função de impedir que o pensamento deixe de funcionar e se possa expandir porque não vai permitir que a identificação projectiva do bebê seja excessiva, zelando para que o bebê possa pensar com a experiência da verdade e com coerência o que, por sua vez, vai permitir que a subjectividade do bebê não se imponha ao objecto de forma arbitrária e possa respeitar a razão, aceitando a

realidade, o que já é um atributo de segundo nível de simbolização, que corresponde, à capacidade do bebé viver uma relação dual com a sua mãe.

É neste segundo nível que Bion vai colocar, também, a passagem da imagem pictórica à imagem poética, como explicita Rezende (1994), ou seja, a passagem do desejo que não se pode realizar em contacto com o seu fim, para a palavra que, dotada já de simbólico, realiza esse desejo. Neste movimento de realização, Bion inclui as capacidades para intuir, verificar, compreender, situar na existência, capacidades que são, já, um passo adiante do conceito e da sua intuição porque um conceito realizado vai tornar-se num modelo para novas realizações, o que significa, diz Rezende (1994) que o pensamento cresce de realização em realização.

No terceiro nível de simbolização, onde a relação já é a três e onde já existe a capacidade da nomeação que vai permitir que se desenvolvam as capacidades de aprendizagem e de crescimento psíquico, a realização já é guiada, explicita Rezende (1994), por uma mente capaz de intuições efectivas, uma mente que aprende com a experiência e experimenta com inteligência, como diz Rezende (1995).

É neste nível terciário que se faz, verdadeiramente, a passagem do imaginário para o simbólico, considerando o imaginário como o lugar das emoções originadas pelo relacionamento do bebé com a mãe, ou seja, o lugar privilegiado da representação das emoções experimentadas desde o início do relacionamento com a mãe.

Um momento fundamental para a simbolização é quando a criança reconhece a sua identidade, momento que, também Lacan fala ao considerar o reconhecimento pela mãe do seu bebé quando lhe diz, em frente ao espelho, " És tu, Maria", ou seja, quando a criança vê a sua imagem ao espelho, como a da sua mãe, e ouve o seu nome apontado à sua imagem reflectida no espelho, o que lhe vai permitir que passe da imagem para o nome próprio, num reconhecimento simbólico da sua identidade.

Ao aceder a estas qualidades terciárias, a criança vai poder realizar o sentido do que diz, do que lhe dizem e do que ouve: realizar é, assim, diz Rezende (1995), perceber vivendo.

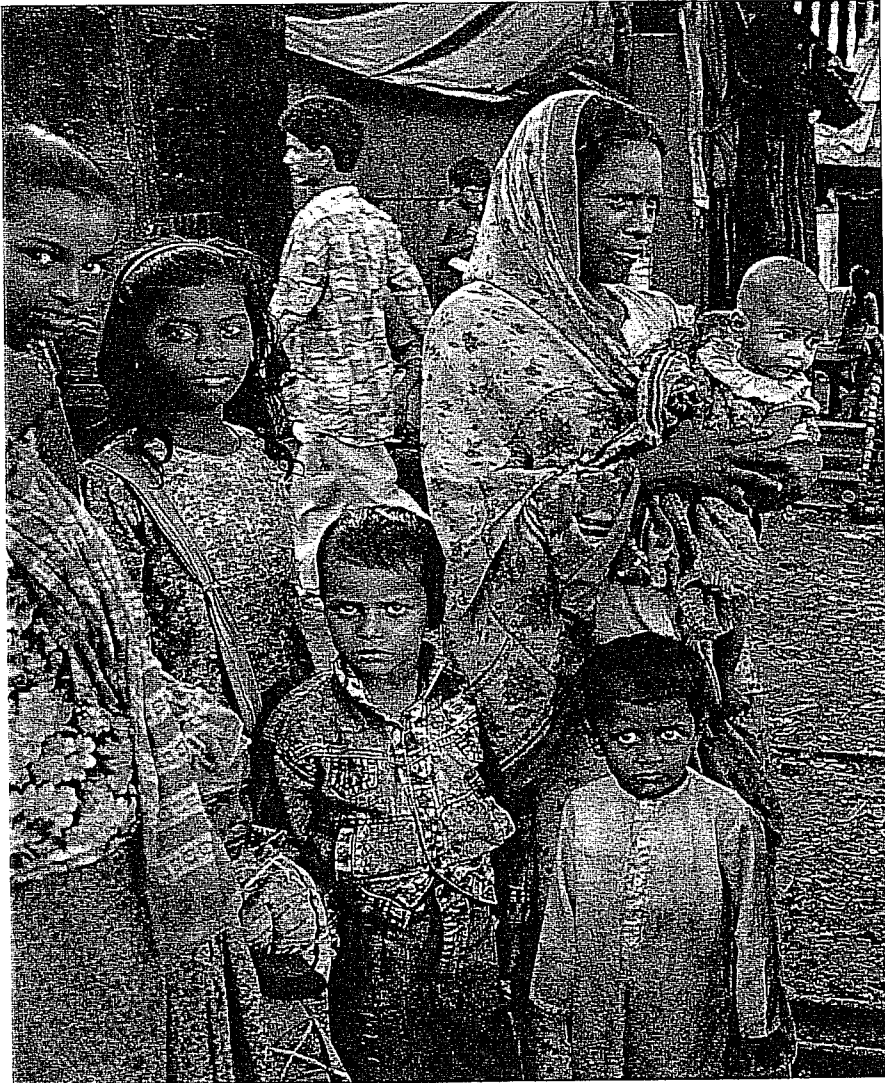
É, igualmente, na situação terciária que a criança vai aceder à situação edipiana e que, com a resolução desta situação se vai tornar autónoma, permanecendo dependente dos outros, autonomia que, como afirma Resende (1995), deve permitir que a criança se sinta dependente, sem sacrificio da autonomia e se sinta autónoma,

sem prejuízo da dependência, para o que continua a ser indispensável a capacidade de tolerância a frustração que permite que o pensamento continue em expansão, que possa ir descobrindo novos sentidos, os possa ir simbolizando e, desse modo, possa pensar para além do conhecimento, no espaço não saturado que surge pela capacidade negativa.

Tendo em consideração estes três níveis de simbolização e que o caminho da simbolização se faz do real para o simbólico, passando pelo imaginário, caminho que é, também, o que vai da relação at-one-ment da vida fetal para a relação terciária onde autonomia e dependência coexistem num movimento de expansão da mente, passando pela relação dual onde a imagem pictórica vira imagem poética, poder-se à dizer, como afirma Rezende (1999), que ao real corresponde o prazer, ao imaginário corresponde o gozo e ao simbólico corresponde a alegria.

Comentário

Rezende ensina-nos a ver melhor o território do Negativo, a nele situar o ser num “ser-se-sendo” que habita um território simbólico onde o símbolo é transcendente porque se transcende a si próprio, porque, para o psíquico “há sentido, há sentidos, há mais sentidos”. Ensina-nos a pensar o espaço do Negativo no território da abstracção simbólica.



3. Carlos AMARAL DIAS : “O Negativo ou o Retorno a Freud”

3.1 O Negativo ou o Retorno a Freud

De Thanatos a Eros

Em “Inibição, Sintoma e Angústia”(1926), Freud ao ressituar a angústia como uma resposta ao perigo e já não como consequência à insatisfação, vai realçar o desamparo, condição da espécie humano, como sendo o lugar do nada que emerge como primeiro negativo, o lugar da pulsão de morte onde se fundamenta a constância originária: ser, existir em relação a não ser, não existir.

Esta primeira experiência de desamparo que o bebé vivencia – o desamparo originário de espécie humana – Freud coloca-a na cesura primordial que é o nascimento, elegendo este como sendo o protótipo traumático e, desse modo, colocando a separação do objecto com a sua, consequente, ausência, como estando no âmago da angústia. Deste modo, na sua teoria da dualidade pulsional de Eros e Thanatos, vai considerar que, na relação com o objecto de relação quando este se separa do sujeito, vai originar uma experiência de desamparo, inaugurando o que Amaral Dias considera ser a instauração da relação entre o referente e o negativo.

Este negativo, explicita Amaral Dias, deve ser entendido enquanto sinónimo de pensamento porque é no negativo que o pensamento poderá, primeiro, elaborar a ausência do objecto para, posteriormente e num nível já de maior complexidade, elaborar a falta do objecto quando esse objecto está ausente, o que implica, como salienta Amaral Dias, que já se tem o pensamento no território do “negativo” e não apenas no território do negativismo que só contempla a falta do objecto.

O caminho para o simbólico será, assim, o caminho que se percorre para simbolizar a falta do objecto na sua ausência, iniciando-se este percurso na cesura primordial porque é o acto do nascimento que, originando o estado de desamparo primordial, vai causar uma ruptura no equilíbrio psíquico do bebé recém-nascido pondo-o á mercê do objecto de relação, na sua dependência. A partir deste início, o caminho vai-se fazer pela significação que une o significante ao significado dando o sentido ao significante. Esta união será “costurada” pelo que Lacan, na sua teoria da significação, denominou de ponto de “capiton” que vai costurar o rasgo que foi feito

pela cesura que motivou a ruptura, ou seja, vai coser o significado com o significante pela via da significação e iniciando, deste modo, a função de pensar e simbolizar.

O caminho começa, assim, no território de Thanatos onde habita a pulsão de morte, concepção que se distancia da elaborada por Melanie KLEIN que pusera Eros como organizador da mente ao considerar, na sua teoria intuitiva da simbolização, serem os vínculos afectivos, amor e ódio, que estariam no âmago inicial do processo simbólico, ou seja, pondo a ênfase no emocional que habita o território de Eros.

Bion, no seu modelo da simbolização, também já se afastara da concepção de Melanie KLEIN quando pôs as experiências emocionais sob a égide da função de pensar, realçando o pensamento e aproximando-se de Freud que pusera o ponto de partida do início da função pensante na separação e no desamparo e, portanto, já não colocando em Eros o factor harmónico que iniciaria a construção da posição esquizo-paranóide e, conseqüentemente, o início de pensar, como Melanie KLEIN considerara.

Freud, Bion e Lacan consideram, assim, conclui Amaral Dias, que a capacidade de estrutura do psiquismo está na capacidade para estruturar o negativo. “Estruturar o negativo passa a ser o problema da estrutura do psiquismo. Estruturemos o negativo, estructuremos a ausência, é a proposta de Freud.”¹

O caminho para o simbólico, será, assim, o percurso a fazer para estruturar a ausência o que, implicitamente, implica resolver o problema do estado de desamparo cuja existência é concomitante ao corte do cordão umbilical, no momento da cesura do nascimento, ou seja, é imanente à condição humana e ao acto de nascer.

Deste modo, como considera Amaral Dias, a relação a Eros, ou seja, à vida, à emoção, ao amor, ao afecto, virá depois do desamparo inicial e será gerada pela elaboração da aflição, da ameaça, do perigo que advêm da relação a Thanatos, primeiro responsável pelo desamparo inicial.

Bion afastou-se, igualmente da concepção de Melanie KLEIN que considerara que o objecto, tanto na sua qualidade de bom objecto como de mau objecto, estaria presente desde o nascimento através de mecanismos da projecção e da introjecção e, mais uma vez, se aproxima de Freud que considerara que, no lugar do objecto

¹ Dias C.A., *O Negativo ou o Retorno a Freud*, Fim do Século Edições, Lisboa, 1999, p.24.

perdido que originou o desamparo, vai passar a estar uma comunicação simbólica com o objecto.

O Vínculo do Conhecimento e o Objecto Materno

Clarificando este caminho para o simbólico, Amaral Dias salienta que, quando Freud introduziu o desamparo originário, ele estava, implicitamente, a introduzir o problema do “nada” que separa o bebé do seu objecto de relação que é a mãe. Será por vir a saber desse nada, desse desamparo originário, que no funcionamento psíquico do bebé, se irá instalar uma dupla ordem: a do amor (L) e a do ódio (H). Deste modo, diz Amaral Dias, o vínculo aparece como um alicerce para “o equívoco sobre o nada”, como um lugar onde o insuportável, devido ao desamparo, se vai tornar objecto através da relação com o perigo e com a ameaça (vínculo do ódio) e com o amor (vínculo do amor).

Para que se possa “vir a saber” sobre esse nada, Bion considerou a existência do vínculo do conhecimento (K) que se encontra em ligação permanente com os outros dois vínculos, L e H, e que, diz Amaral Dias, se instala no ponto onde “por nada se saber” se podem criar aptidões para saber. Como já o notara Freud, estas aptidões são possíveis porque o bebé tem consciência de uma insatisfação, ou seja, ele tem capacidade para sentir a frustração que é devida às experiências de separação e de ausência do objecto de relação que ele experimenta. Esta capacidade para sentir a frustração é revelada por exemplo, como notou Bion, pelo facto do bebé dar sinais de fome antes de se aperceber da sua necessidade, o que pode servir de confirmação à ideia de que o bebé terá um aparelho que lhe possibilita, perante o desamparo, vivenciar uma experiência emocional de frustração.

Contudo para que este aparelho para pensar possa começar a funcionar é, como considera Bion, igualmente necessária a presença do objecto materno vivo pois, para que o bebé possa começar a “pensar” a ausência, necessita ter vivenciado experiências suficientemente boas de encontro emocional com objecto vivo que é ele próprio, dotado de qualidades sensoriais capazes de despertarem, nele, bebé, a vida psíquica. Bion vai remontar este despertar à vida intra-uterina. A partir das suas conjecturas de que, na situação fetal intra-uterina, há um total domínio da sensação e da emoção sobre o pensamento, Bion vai considerar que, este objecto

vivo que é o bebé, já sentiu, antes do nascimento, sensações arcaicas onde o sensitivo e o emocional predominam numa fusão máxima por não haver pensamento para os distanciar. Este modo de caracterizar estas experiências in-útero levam-no a fazer uma analogia com o livro de Martim BUBER, “Me and You”, que trata das experiências místicas considerando que é no ventre materno que o ser humano conhece a totalidade, no sentido de unidade, e que, ao nascer, a vai esquecer. Como Buber, Bion considera que no feto já existiram germes primordiais do pensamento e do sentir que funcionariam através de um mecanismo semelhante ao da identificação projectiva, germes que, apesar de, após a cesura do nascimento, se tornaram inacessíveis à consciência, poderiam vir a ser os próprios germes do que virá, posteriormente, a constituir-se como o carácter ou a personalidade como se, acrescenta Amaral Dias, o pensamento primordial do feto fosse projectado na cesura do nascimento, reflectindo-se para os níveis primordiais do sentimento e do pensamento.

Este pensamento primordial do feto que já estaria associado às pré-concepções (pré-concepções inatas) seria para Bion, o pensamento “no começo dos começos” a partir do qual se iria desenvolver o pensamento até chegar ao nível da simbolização através de um processo de uma complexificação progressiva.

Alexandra PIONTELLI, ao desenvolver esta ideia de Bion e a partir das suas observações do comportamento dos fetos, caracteriza este pensamento fetal como sendo um pensamento unitário, onde a condensação entre sensação, emoção e pensamento (germes do pensamento) é tal e com tal densidade que se vai necessitar de uma vida inteira para tentar integrá-lo (viver com ele). Piontelli considera, também, que será pela relação com o Outro que começa pela relação com o objecto relacional que se iniciará o movimento de discriminação necessário para “desenrolar” tal condensação e tal densidade, ou seja, para se iniciar o caminho da simbolização.

Pensar o Nada para Simbolizar

Lacan, como refere Amaral Dias, vai, igualmente, conceber que o processo de simbolização se inicia por um vínculo, consubstanciado no seu modelo de “costura”

do hiato que se forma pela separação do objecto e que vai permitir que se entre na comunicação simbólica : este “costurar” é o lugar que a criança vai criar quando se sente impotente perante o objecto, à mercê dele, como diz Amaral Dias, experimentando o “nada” para nele sacrificar o objecto e poder lidar com esse nada, o que se faz, já, no território da simbolização, porque como o objecto já lá não está, ele vai ter de ser pensado pela criança, o que leva Amaral Dias a concluir que para haver comunicação simbólica, é necessário que o objecto seja sacrificado.

Lacan considera, pois, que nesta etapa do caminho para o simbólico e perante uma situação de desamparo em que a criança fica sem o objecto, ela já vai ser capaz de pôr o símbolo no lugar do objecto perdido. Antes, já a mãe, enquanto objecto de relação do bebé que vai e vem e que, conseqüentemente, o bebé perde e volta a encontrar para voltar a perder, mobilizara, no bebé, o mecanismo, que lhe vai permitir poder passar a fazer a “costura”, ou seja, pensar, em cima do nada que ficou na ausência do objecto, em cima da cesura, criando o símbolo e desenvolvendo a comunicação simbólica.

O símbolo é assim, na concepção de Lacan e na explicitação de Amaral Dias, o testemunho da separação do objecto que originou, no bebé, sofrimento devido à falha, ao desamparo inicial.

Freud ao dar um papel fundante ao desamparo inicial no processo de pensar considerou dois caminhos possíveis e antagónicos : o da não simbolização e o do caminho para a simbolização. No primeiro, haveria um retorno ao estado originário como resultado da pulsão de morte e para satisfazer a tentação onnipotente da espécie levando a criança a não se confrontar com a dor da separação e, desse modo, a não aceder ao pensamento e a ir introduzir o objecto no lugar do pensamento. No segundo, que é o caminho para a simbolização, para que a criança possa substituir o objecto pelo símbolo e aceder a uma comunicação simbólica, ela vai ter de pensar o objecto, o objecto mãe, já na sua condição de objecto para o homem, ou seja, que, apesar de fisicamente presente, ele está de forma descontínua e, por vezes, irremediavelmente perdido para a criança. Será só depois de aceder a esta condição que a criança poderá pensar a relação com o objecto o que leva Amaral Dias a afirmar que a relação que a criança pensa com o objecto não se faz com o lugar da presença do objecto mas terá de ser feita com o lugar onde a criança vivenciou a

perda do objecto porque o símbolo não é um mero substituto do objecto, não tem as mesmas características do objecto. O símbolo, explicita ainda Amaral Dias será, assim, o lugar que sucede ao objecto, será o modo como o aparelho para pensar pensamentos pensou esse nada inicial, originado pelo desamparo sentido pela criança quando o outro se separa dela. Nas suas palavras, o símbolo é “este nada que separa do outro e que a criança vai ter de transformar num símbolo”.¹

Esta possibilidade que a criança tem de pensar o “nada” que pressupõe a sua capacidade para, mentalmente, renunciar ao objecto é-lhe dada por uma outra capacidade que ela, também, possui de, perante o desamparo, poder ter uma atitude de liberdade em relação ao objecto e de poder passar desse “nada” para o pensamento da “não coisa”, o que lhe vai permitir poder aceitar que o objecto está perdido e que ele poderá ser pensado através do símbolo que ela vai construir desse objecto. Como conclusão poder-se-á, assim, afirmar que a comunicação simbólica se constrói a partir do negativo que advém da experiência de desamparo.

É neste “nada” que Bion vai colocar a experiência da frustração considerando-a como sendo a fundadora da formação dos pensamentos e do aparelho para os pensar o que lhe permite explicar a diversidade que a representação desse “nada” pode ter bem como a singularidade própria a cada um. E, ao pôr a elaboração da frustração como condição necessária ao desenvolvimento do pensamento, na medida em que é a frustração que vai construir o lugar deixado vazio pelo objecto que se perdeu, Bion vai, assim, expandir a concepção de Freud que pusera no desamparo a condição necessária ao desenvolvimento do pensamento.

Amaral Dias desenvolvendo esta concepção de Bion, vai considerar que a passagem do nada à não coisa, com a criação de um não objecto, faz-se, assim, pelos processos que levam à modificação da frustração, à sua evacuação ou à sua intolerância o que implica, para que o pensamento possa continuar a crescer e a desenvolver-se, que o bebé já seja capaz de tolerar a sua dor mental provocada pela frustração.

¹ ibid. p. 33

A Elaboração da “Não Coisa” e a Capacidade de Realização Negativa

Neste seu modelo sobre a frustração perante a perda do objecto, Bion baseou-se em Kant e no modo como este pensou a “coisa em si” pondo o seu contrário na “não coisa” e não no “nada”, o que levou Bion a considerar que será através da elaboração dessa “não coisa” que a criança vai ter de elaborar o hiato entre ela própria e o objecto. Este processo vai-se iniciar a partir das pré-concepções que a criança tem dos objectos, pré-concepções que Bion considerou como sendo expectativas vazias, aptas para acolherem as qualidades primárias dos objectos e que vão permitir que a criança construa uma relação com o objecto através do pensamento de que o objecto, pelas suas qualidades primárias, não existe.

Será só, num segundo tempo e pelas suas qualidades secundárias que o objecto real, “aquele objecto específico”, poderá existir no pensamento mas, salienta Bion, para a pré-concepção não é o objecto real o importante pois o que importa realmente é a qualidade primária desse objecto

Amaral Dias, relevando a importância desse primeiro tempo em que as pré-concepções acolhem as qualidades primárias dos objectos, vai enfatizar a relação que o pensamento consegue pensar com a função que o objecto transporta através das suas qualidades primárias e que é o testemunho de que o objecto não existe pois o que importa é a relação com essa função que é, diz Amaral Dias, uma “função nutritiva, alimentadora.”¹ . Por isso, afirma, ainda, Amaral Dias, o objecto real “é qualquer coisa da qual é preciso partir”² para que se possa voltar ao simbólico, ao conceito. E isto é possível por o humano ter a capacidade de poder partir do objecto para pensar o “não objecto”, capacidade que Bion chamou de “capacidade de realização negativa” e que considerou como sendo a responsável pelo modo como o homem organiza, tanto a sua relação com o mundo como consigo próprio e sendo nela que se vão inserir os vínculos

Amaral Dias relevando a importância desta concepção de Bion, explicita este conceito bioniano considerando que a pré-concepção já contém esta capacidade de realização negativa, ou melhor, é ela essa capacidade de realização negativa porque nela não está nenhum objecto mas a qualidade primária desse objecto “que está

¹ *ibid.* p. 40.

² *ibid.* p. 40.

para alguém e para além do objecto, que a atravessa”¹, ou seja, será através da qualidade primária que a pré-concepção atravessa a concepção para encontrar um conceito onde a pré-concepção se irá realizar.

No bebé, a concepção do seio, que resulta do encontro da pré-concepção inata do seio com o seio, serve para que, a partir dela e quando não há seio, o bebé possa pensar o não-seio que o leva ao conceito. A concepção serve, assim, e somente como frisa Amaral Dias, para criar um aparelho pré-conceptual e será nesse aparelho pré-conceptual que, pela capacidade de realização negativa que ele tem, se irá construir, a partir das qualidades primárias do objecto, a pré-concepção que se vai realizar no conceito. Por isso, diz Amaral Dias, “o seio só interessa para criar uma coisa chamada não seio (...) para abrir o caminho do qual emerge o negativo”.²

É pela relação com a qualidade primária da coisa que se chega à ordem abstractiva do conceito e, como afirma Amaral Dias, “quanto mais existe uma relação com a qualidade primária da coisa e apenas com a qualidade primária, mais a ordem abstractiva nos fundamenta como ser.”³

Quando a criança cria uma concepção do objecto que lhe permite criar um não-objecto, ela vai iniciar o caminho para poder lidar com o lugar do negativo e, aí, poder construir simbolicamente porque se pode construir a si própria na medida em que é pela capacidade de relação com a qualidade primária do objecto, que é a capacidade de realização negativa, que se desenvolve a capacidade de ser. Esta capacidade vai desenrolar-se através de um itinerário que é tarefa para toda a vida e que vai permitir que se vá aumentando o lugar para o negativo criando, desse modo, a espessura entre o ser e o não ser e nunca pondo um fim no “ser” e, conseqüentemente, no “não ser”. Bion traduziu esta ideia considerando que “tendemos para o ser”, completando-a Amaral Dias com a noção de que “é-se, sendo-se”.

Lugar do Negativo. A Espessura do Símbolo

O lugar “para o negativo” vai permitir que, em vez de se negar o desamparo, ele possa ser afirmado porque é um lugar, diz Amaral Dias, para a dor, para a separação

¹ *ibid.* p. 40.

² *ibid.* p. 40.

³ *ibid.* p. 41

e para a diferença onde o insuportável se pode tornar suportável porque pode ser pensado através dos vínculos L, H e K que vão permitir o conhecimento e a indagação e, através deles, possibilitar que a dor seja tolerada de modo a que a diferença e a separação com o objecto possam ser aceites.

No bebé, este lugar para o negativo começa a existir quando ele acede ao pensamento: “Eu não sou Tu” e “Tu não és Eu”, o que pressupõe que o bebé já é capaz de sentir a separação do objecto e de tolerar a dor do desamparo bem como e em simultâneo de criar simbolicamente, com riqueza criativa. É esta riqueza criativa que vai dar a “espessura ao símbolo” que é a espessura entre a coisa e a não coisa que, como diz Amaral Dias, tem a mesma densidade da espessura entre o “ser” e o “não ser”. Deste modo, afirma Amaral Dias, criar simbolicamente com riqueza é possível porque o real é construído a partir do negativo, da “não coisa” e não de um desmentido do desamparo, o que vai permitir que o bebé possa pensar a diferença entre si próprio e o outro e que a realidade possa ser, para ele, o que ele vai conceptualizar desse real através dos conceitos que, a partir desse real, ele vai construir.

A Falta na Ausência do Objecto: a diferença entre Bion e Lacan na Formação do Símbolo

A construção dos conceitos, o bebé vai fazê-la no território do negativo que é o lugar onde ele pode pensar a dor que sente quando pensa a ausência do objecto, mas para poder pensar essa dor, é necessário que já possa tolerar essa dor quando sente a falta do objecto quando ele não está presente, o que leva Amaral Dias a concluir que é a falta na ausência que importa para a construção da simbolização e a relevar a importância de diferenciar ausência e falta na ausência. Esta diferenciação é fundamental porque, diz Amaral Dias, ela permite entender que é a relação com a falta na ausência do objecto que “relança a litigância dolorosa que é não ser capaz de pensar o objecto ausente, de sentir a falta do objecto ausente”.¹

Será, assim, a capacidade para poder pensar essa falta, quando o objecto está ausente, que vai permitir que o conceito se construa porque o aparelho pré-

¹ ibid. p. 52.

conceptual, que constrói o conceito a partir da concepção, pode dotar o conceito do que Amaral Dias denomina de “espessura”. Será esta “espessura” que vai permitir que se possa pensar a coisa como, também, se possa pensar a “não coisa”.

A este conceito fundamental de Bion de que a simbolização se faz no lugar da falta na ausência do objecto porque é nesse lugar que o aparelho pré-conceptual cria os conceitos, Amaral Dias acrescenta que é essencial compreender que o processo que leva ao conceito não é uma operação linear, como a concebera Bion, mas que é algo de uma grande complexidade, consubstanciando-se essa complexidade na qualidade da “espessura”.

É nesta diferenciação entre “falta do objecto” e “falta na ausência do objecto” que Amaral Dias coloca, também, a diferença entre as concepções de Bion e de Lacan sobre a simbolização, diferença que, por sua vez, permite explicitar a importância de ter em conta, na compreensão dos processos que levam à simbolização, a relação que se constrói, ou não constrói, com a “falta na ausência” do objecto.

A teoria de Lacan sobre a constituição da ordem simbólica no homem, considera que a simbolização é fruto da falta do objecto pois é esta falta que é o organizador de ordem simbólica, ordem que se instala na consciência do bebé quando ele já é capaz de ter consciência dessa falta.

A falta é, assim, para Lacan, o sinal onde a ordem simbólica se vai desenvolver, ou como diz Amaral Dias, Lacan lança “a falta em cima do simbólico” pois, para ele, a ordem simbólica só se instala quando o bebé já tem consciência da falta do objecto.

Lacan constrói o trajecto para alcançar a ordem simbólica, iniciando-o na relação do bebé com a mãe quando o bebé é, ainda, um prolongamento narcísico da sua mãe, quando ele é, ainda, um “phalus da mãe”. Num tempo seguinte deste trajecto, o bebé vai deixar de ser esse prolongamento materno, outorgando-se como sujeito separado da mãe, tanto a nível do imaginário como do simbólico mas sendo, ainda, salienta Amaral Dias, da ordem do desejo da mãe. Ou seja, o bebé inicia a sua outorgação como sujeito separado de sua mãe através de duas vias: pela comunicação simbólica e pelo “estado do espelho”.

Na primeira e pelo esboço de uma comunicação simbólica o bebé forja a sua condição de sujeito separado do seu objecto primário quando instala uma fala com o

objecto que lhe falta porque já lhe é possível substituir o objecto que falta por um lugar onde o objecto já não existe e onde ele pode instalar uma fala com o objecto.

A separação da mãe, a nível do imaginário, o bebé fá-la através do que Lacan denominou de “estado do espelho”, quando o bebé cria uma relação imaginária com aquele: “És tu” que a mãe lhe diz quando o leva ao espelho. “És tu que existes no teu imaginário porque eu te digo que tu és tu”. Deste modo, o bebé existe no seu imaginário porque a mãe lhe diz que “ele é ele”, ou seja, o bebé, nesta etapa, existe, ainda, enquanto alienação na sua mãe, e, portanto, como um prolongamento do phalus materno. O seu imaginário é, ainda, um lugar onde o bebé sabe que existe porque a mãe lhe diz que ele é ele, o que leva Lacan a considerar que, nesta etapa do trajecto para a ordem simbólica, o sujeito ainda não se constitui verdadeiramente como sujeito.

Para se instituir como sujeito no seu imaginário e para que o esboço de comunicação simbólica possa constituir-se como uma verdadeira ordem simbólica, Lacan considera que o bebé tem de aceder ao "Nome do Pai" e ao Não".

Não, enquanto: "não és da mãe nem a mãe é de ti"¹, ou seja, como organizador da separação radical do bebé em relação ao objecto materno, separação que implica que a mãe, na sua relação com o bebé, o destrone do lugar que ele tinha no seu narcisismo e o passe para o lugar do seu desejo.

Nesta fase o bebé está, assim e ainda, no desejo da sua mãe que é o lugar que se institui a seguir à perda do objecto, ou seja, na concepção de Lacan sobre o percurso para o simbólico, para haver desejo tem de ter havido, antes, perda do objecto. Deste modo, Lacan considera que neste percurso há uma dupla perda para o bebé e para a mãe: a primeira, quando o bebé deixa de ser o phalus da sua mãe no momento em que ele comunica simbolicamente com ela, ainda que de forma rudimentar, ou seja, quando introduz a fala com ela. A segunda perda acontece quando o bebé deixa de estar no lugar do narcisismo de sua mãe para passar a estar no lugar do seu desejo que é, também, o lugar do objecto perdido. É, também, neste lugar do objecto perdido que o bebé e a mãe vão passar a estar quando o pai introduz o "Nome do Pai".

¹ ibid. p. 49

Como diz Amaral Dias, é pelo Nome do Pai que o bebê acede, como no batismo, à ordem simbólica e não apenas carnal, pois é, por ele, por o bebê aceder a ele, que o bebê se vai desalienar da alienação anterior em relação à mãe.

Mas, para que o bebê possa aceder a ele, terá que renunciar ao desejo da mãe, terá que aceitar a castração que é a condição para aceder ao Nome do Pai: "ganhas o meu nome aceitando o meu nome", ou seja, aceitando a renúncia ao desejo, aceitando a castração. A castração surge, assim, na teoria de Lacan, pela aceitação do Não e do Nome do Pai e será nessa altura que o bebê passa a "dizer", que a fala aparece tal como o início da ordem simbólica.

Para que haja ordem simbólica, Lacan exige, assim, que haja "uma convergência de Não, Nome, Fala e Castração",¹ como salienta Amaral Dias, ou seja, quando o bebê já se põe no lugar da falta da mãe, quando ele é a falta da mãe, porque deixou de ser o phalus da mãe e ficou no lugar do desejo da mãe mas, também, e por via do Nome do Pai com a consequente castração, "a mãe fica no lugar do desejo" do bebê.

Assim, diz Amaral Dias, "a comunicação simbólica introduz o bebê no lugar do desejo da mãe e o nome do pai introduz a mãe no lugar do desejo da criança".²

Pelo que fica exposto e como analisa Amaral Dias, Lacan considera que o imaginário do bebê já vai poder resolver o problema da falta, ou seja, quando a mãe leva o bebê ao espelho e lhe diz: "Eu digo que és tu", está a enunciar o bebê, ainda em relação à díada, e, portanto, será o imaginário que vai resolver o problema da alienação porque é ele o lugar para todas as estratégias de alienação.

Contudo, e neste ponto Amaral Dias põe o âmago da diferenciação entre a teoria de Lacan e o modelo de Bion e a insuficiência na teoria de Lacan, a falta, para o bebê não se resolve no lugar da alienação que é o lugar do imaginário, mas no lugar do simbólico porque a falta, para o bebê, não se resolve, porque a mãe o nomeia. Quando o bebê instala entre ele e a sua mãe a fala: "Nomeias-me e eu digo que sou aquilo que tu dizes que eu sou"³ como nota Amaral Dias, o bebê está, ainda, numa

¹ *ibid.* p. 49

² *ibid.* p. 49.

³ *ibid.* p. 50

luta contra a falta porque ele está alienado neste "Sei que existo mas o meu nome depende de ti",¹ na medida em que a existência do bebé se faz na alienação na mãe, considerando que a alienação, como a viu Lacan, faz com que o sujeito fique alienado na coisa que fez ou na coisa em que foi feito. Neste momento do trajecto para o simbólico, o bebé ainda está num lugar de luta contra a falta porque está no lugar que inaugura o lugar da castração da mãe e o lugar da sua própria castração e não, já, no território do Não, que, pela aceitação da castração, permite que apareça o desejo.

E é aqui, neste território, que Lacan considera que, por ter acedido à falta, o bebé se instaura na ordem simbólica porque ele já adquiriu, em Nome do Pai, a capacidade de renúncia ao objecto de desejo, que é a sua mãe, tornando-se, deste modo, para Lacan, a falta num organizador da ordem simbólica. Já Bion, com outra perspectiva, considera, nota Amaral Dias, que a ordem simbólica só se instaura no lugar da falta que é um lugar que só pode existir depois de ter existido o lugar para a ausência do objecto. É que, como ainda diz Amaral Dias, enquanto para Lacan "antes do verbo não há lugar para o desejo"², pois o homem para desejar tem, primeiro, "que renascer da falta"³, ou seja, tem de ter a capacidade para renunciar ao objecto, substituindo-o pela ordem simbólica, já Bion põe a falta no lugar da ausência e não da renúncia e é por ser uma falta na ausência que pode relançar a dor mental que vai permitir que o bebé possa ser capaz de pensar o objecto ausente, possa ser capaz de sentir a falta do objecto ausente e, desse modo, ser capaz de elaborar o conceito. É neste sentido que Amaral Dias diz que para Bion, a falta na ausência é que relança a litigância dolorosa, ou seja, é por ela que, também, pode surgir a incapacidade para elaborar o conceito. E é, igualmente, neste ponto que Amaral Dias considera o seu conceito de "espessura do conceito", realçando que o conceito não é uma operação linear como Bion a considerara no seu modelo.

¹ *ibid.* p. 50

² *ibid.* p. 51

³ *ibid.* p. 56

A Área Insaturada da Pré-concepção e a Espessura do Conceito

Este conceito de “espessura do conceito” está directamente ligado ao de aparelho pré-conceptual pois, para que o bebé possa adquirir a capacidade para elaborar conceitos, ele tem de ter já adquirido a capacidade para criar um aparelho pré-conceptual que lhe permita lidar com a expectativa vazia e com a virtualidade do não-objecto, pois é no lugar onde está esse aparelho pré-conceptual que se gera, permanentemente, o pensamento e que vai dar a espessura ao conceito porque esta espessura advém da própria natureza do aparelho pré-conceptual.

É o aparelho pré-conceptual que permite ao bebé, tanto pensar o objecto como ser capaz de pensar a sua falta, na sua ausência ou, dito de outro modo, é a espessura que permite pensar uma coisa, como também é a espessura que permite que se possa pensar a sua falta, na sua ausência.

Na sua construção do modelo do aparelho pré-conceptual, Bion considerou que este aparelho pressupõe, sempre, uma concepção que advém da realização de uma pré-concepção, já que, é a partir das concepções de objectos reais que o aparelho pré-conceptual pode criar os conceitos. Mas para que isto seja possível, é necessário, considerou, ainda, Bion, que a qualidade secundária do objecto, que forma a concepção desse objecto, não impeça o bebé de continuar a trabalhar a qualidade primária do objecto que é a que gera a área insaturada da pré-concepção e que vai permitir que o aparelho mental possa criar novos conceitos, sendo, acrescenta Amaral Dias, a riqueza dessa criação o que determinará a espessura do conceito.

O complicado desta operação para criar conceitos, salienta Amaral Dias, é que "no aparelho pré-conceptual, o objecto real, que é o objecto da concepção, é posto no mesmo lugar potencial que é posta a área insaturada da pré-concepção"¹ donde a importância, relevada por Bion, de poder haver tolerância ao sentido do infinito que é, acrescentava ainda, o que dá a saúde mental, para que a qualidade secundária do objecto não impeça que a sua qualidade primária possa continuar a trabalhar, alimentando a área insaturada da pré-concepção.

Será esta área da pré-concepção que não fica satisfeita com o objecto porque não ficou totalmente preenchida pelas qualidades secundárias desse objecto que, ao constituir-se como a área não saturada da pré-concepção, vai continuar a manter o

¹ *ibid.* 53

aparelho pré-conceptual disponível para trabalhar a qualidade primária sobre a qual se fará, por sua vez, a área insaturada da pré-concepção da qual vai depender a criação de novos conceitos, num processo que, como dizia Bion, tende para o infinito, porque é capaz de tolerar esse infinito.

O importante, como salienta Amaral Dias, é, assim, a parte não dissociativa do aparelho pré-conceptual pois é ela que vai permitir que o conceito encontrado não dissipe a "entropia" gerada pelo encontro da pré-concepção com a concepção.

No aparelho pré-concepcional, é de extrema importância a capacidade de realização negativa pois, produzindo o aparelho pré-conceptual a dois níveis, o nível que produz os conceitos mas, igualmente, o nível que produz as concepções que têm um efeito de dissipação da mente porque, ligando-se às qualidades secundárias do objecto, ficam saturadas, criando entropia e desacelerando a mente, será pela realização negativa que poderá ser contrariado este efeito de entropia das concepções dado esta capacidade de trabalhar com a "não coisa" que, habitando o território da não saturação, vai permitir que os conceitos se possam organizar e, conseqüentemente, a mente possa crescer.

Deste modo, considera Amaral, o aparelho pré-conceptual deverá ser concebido como criador de espessuras sendo fundamental esta sua capacidade para criar espessuras porque, como nunca é possível pensar a totalidade da coisa, o problema põe-se em saber qual a parte da coisa é pensável e qual não é, estando a parte que é pensável no domínio do não dissipativo. É por esta parte que a mente poderá criar conceitos capazes, por sua vez, de conter o efeito de dissipação da concepção, ou seja, que poderá, sempre que em contacto com o objecto real, pôr o aparelho pré-conceptual a funcionar de modo a pensar para criar novos conceitos.

Quando a mente não consegue criar o conceito porque a falta na ausência repõe a litigância dolorosa de tal modo que só reclama o objecto real, reclama do objecto que ele seja só objecto, ou seja, e porque se está no domínio da concepção, reclama ao objecto que ele seja "o que eu quero que ele seja, que ele seja como eu sou"¹, como explicita Amaral Dias, isto significa que se está no lugar da concepção que é o lugar da alienação pois é o lugar onde se aliviam "as nossas falhas" mas não é o lugar onde se pensa a falta.

¹ *ibid.* p. 57.

Esse lugar, onde se pode continuar a interrogar a falta, na ausência do objecto, que é implicitamente, o lugar onde se pode interrogar a dor que advém dessa falta, herança da primeira experiência do desamparo originário, é o lugar onde se constituem os conceitos, o lugar, como caracteriza Amaral Dias, "da condenação à liberdade"¹ porque existe um aparelho pré-conceptual com um limiar alto à insaturação. É este limiar que vai permitir que o aparelho pré-conceptual, tolere o "não objecto" e impeça que a parte saturada que "reclama o objecto" real o venha substituir porque, quando o objecto real satura, completamente, a área insaturada da mente, ele vai criar, no pensamento, um efeito dissipativo de não transformação. É por isso que, diz Amaral Dias a compreensão pode saturar a mente como, em sentido inverso, quanto maior for a tolerância ao sentido do infinito, que é dada pela parte insaturada da mente que indaga porque ainda não compreendeu tudo, menor é a dissipação do aparelho pré-conceptual e maior a sua aptidão para criar conceitos que contenham efeitos não dissipativos quando em contacto com a não-coisa pois, "quanto mais a mente se prende à coisa, menos apta fica a tolerância da não-coisa".²

A tolerância ao sentido do infinito é, assim, o garante do crescimento e da organização dos pensamentos e dos conceitos porque permite tolerar a dúvida e elaborar a partir dela.

Quando a mente está aberta na área insaturada, ela vai permitir o crescimento psíquico e o funcionamento da capacidade estruturante do negativo que, pela sua acção, vai possibilitar que a capacidade de realização negativa se vá desenvolvendo e, conseqüentemente, que o bebé possa pensar e continuar a pensar a falta do objecto, na sua ausência, ou seja, a tolerar o não objecto e, dessa forma, a formar conceitos entrando na ordem simbólica e nela permanecer.

¹ *ibid.* p. 57

² *ibid.* p. 60

3. 2 A Formação do Símbolo

Pôr a construção do simbólico em função da elaboração da falta do objecto, na sua ausência pela via da capacidade de realização negativa para pensar a "não coisa", é considerar, como afirma Amaral Dias, por um lado, que o símbolo é da ordem de uma dinâmica entre consciente e inconsciente, dinâmica permitida pela Barreira de Contacto e, por outro, que o símbolo reenvia para uma falta porque, por ser da ordem do simbólico, ele está, obrigatoriamente, relacionado com o ausente na medida em que ele só simboliza algo porque se deu a ausência desse algo e não por ele ser uma formação substitutiva desse algo.

Assim nesta concepção da formação do símbolo exposta por Amaral Dias e que tem implícito "uma relação radical com o ausente", o símbolo já não aparece, nem como formação substitutiva nem como o reconhecimento de algo, mas como uma "multi e meta significação" ¹ que a concepção de Bion, articulando o símbolo ao conceito, permite alcançar.

Pedro LUZES, a partir desta concepção de Bion de pôr conceito e símbolo, lado a lado, vai articulá-los com a perda aceite do objecto, ou seja, com a posição depressiva, considerando que ambos, conceito e símbolo, se iniciam quando uma hipótese, respeitante a um facto, é seleccionada permitindo a entrada na posição depressiva, no contexto do modelo de Bion, Ps <-> D, mas deixando para trás os aspectos não seleccionados do objecto que são as suas características sensíveis que não entram na formação do conceito e, portanto, do símbolo.

Já Freud, quando considerou os lapsos como perturbações na relação entre a percepção, com a sua ultra-claridade, e uma "função falha" expressa no pensamento pelo disfuncionamento de linguagem, estudara a relação entre o sensível (percepção) e o pensamento, relação que Bion retoma, na sua teoria das funções, nomeadamente

¹ ibid. p. 97.

através da teoria da função α que, com a sua natureza transformacional, vai operar sobre a realidade sensível tornando os elementos oriundos dessa realidade - elementos β - aptos a serem pensados, ou seja, a serem "colocados na cadeia dos protopensamentos e dos pensamentos propriamente ditos"¹, como diz Amaral Dias.

Neste modelo de Bion, o "nome", ou seja, a palavra que nomeia o símbolo, mas que, também, pode ser o "nome esquecido" ou o "lapso" que Freud estudou, vai designar o facto seleccionado como sendo o elemento que nomeia e organiza toda a experiência com o objecto, incluindo, como explicita Amaral Dias, "a natureza da experiência emocional com o objecto"². Será esta experiência emocional que vai estar na origem da falha do nome esquecido, e vai exercer a sua acção na cadeia de significantes que levam ao lapso.

Fazendo o percurso em sentido inverso e seguindo a análise de Amaral Dias, pode-se considerar que o lapso, através da cadeia de significantes, vai permitir que se entre em contacto com a experiência emocional ou considerar, ainda, através da análise da "função falha" que esteve na origem do lapso que se pode chegar à reversão da função α , mecanismo reversivo que se expressa na "ultra-claridade" perceptiva e que vai originar, quando a função simbólica se confronta com a dor mental de um modo não tolerável, que ela recue e produza elementos β (primários) que não servem para serem pensados, ou seja, transformados.

Desta análise infere-se, como explicita Amaral Dias, que a falha de linguagem tem, na sua origem, a intolerância à dor mental e que será esta cadeia, que se inicia na dor mental e se estende até ao lapso, que se irá articular com a percepção, só que vai fazê-lo através de um "pensamento excluído", ou seja, através de um pensamento que não pensa, que não transforma pensamentos, e com uma percepção que, pela sua ultra-claridade, vai inviabilizar o funcionamento do aparelho para pensar.

Pela ultra-claridade perceptiva, a percepção torna-se hiperpresente, sobretudo sob a forma de uma imagem, que, pela sua hiperpresença vai originar que "a coisa (o objecto) não se perca como coisa" e fique em concepção, saturando completamente a pré-concepção que, desse modo não é ganha para o pensamento, porque não passa

¹ ibid. p.102.

² ibid. p.102

para um conceito nem pode ser utilizada pelo aparelho pré-conceptual. Deste modo, quando a percepção do objecto real está hiperpresente, as suas qualidades sensíveis, que são as qualidades secundárias do objecto e alimento da concepção, podem impedir as qualidades primárias do objecto de alimentar o aparelho pré-conceptual para criar um conceito. Como diz Amaral Dias, a coisa tem de ser perdida como imagem para que o nome da coisa possa ser ganho pelo pensar. Desta forma se compreende que, se o nome reenvia, obrigatoriamente, para o simbólico, já o lapso, o nome esquecido, reenvia para a falha na relação com o objecto, objecto que está hiperpresente porque demasiado rico em elementos sensíveis que não permitem que ele seja ganho para o pensamento porque as suas qualidades secundárias estão demasiado presentes para que as suas qualidades primárias trabalhadas no aparelho pré-conceptual possam vir a tornar o objecto em conceito e em símbolo.

Este modelo de Bion sobre a história do percurso da formação do símbolo em que é a capacidade de realização negativa que vai possibilitar que a pré-concepção seja um estado mental de expectativa, elege, assim, o elemento insaturado como sendo o mais importante para a simbolização, pois é ele que vai permitir que as transformações inerentes à formação do símbolo, que se iniciam no nível sensorio-motor (boca-seio), possam atingir níveis de abstracção cada vez mais vastos, testemunhando, desse modo, o crescimento cognitivo-emocional. Este crescimento vai, por sua vez, ser possível porque ele vai permitir que o desejo (incestuoso e parricida no mito edípico privado) possa passar a conceito e, portanto, "a projecto objectal" como diz Amaral Dias ¹. Mas, para que este projecto objectal possa existir é, sempre, necessário que, quando a pré-concepção passa à concepção no caminho para a formação do conceito, se possa manter a parte insaturada da pré-concepção que, testemunhando "uma qualidade vazia da ordem da negatividade" ², permite que os conceitos e os símbolos possam emergir, o que implica considerar que, inerente à formação dos símbolos e dos conceitos, esteja a tolerância à qualidade negativa. É pela tolerância à qualidade negativa que as transformações se poderão dar na mente quando a pessoa é posta em contacto com a realidade sensível e com as experiências

¹ *ibid.* p. 104

² *ibid.* p. 105

de contacto, transformações que vão permitir que a pessoa construa continuamente a sua narrativa interna, a sua "narrativa de contexto" nas palavras de Bion.

Mas para que a narrativa se possa constituir desta forma é necessário que a realidade percebida como concepção seja, como diz Amaral Dias, "perdida aonde (foi) percebida"¹ para que se possa manter a parte não-saturada da pré-concepção e, desse modo, se manter, também, a qualidade vazia da negatividade, ou seja, é necessário, que a concepção seja conhecimento, re-conhecimento e potenciação de um outro conhecimento, para que, onde o objecto é encontrado, se possa criar a "condição para o não-objecto sobre o qual se fundam radicalmente conceitos e símbolos"². O mesmo é dizer que, para que se constituam símbolos e conceitos que tornem a relação ao objecto numa relação simbólica, não chega ter uma relação com o objecto perdido, pois é necessário que possa haver uma perda da realização positiva que se originou com o encontro com o objecto real, para que, na ausência do objecto, a sua não-presença se constitua como significação. "É este luto pelo real"³ que Freud mostrou que a criança faz no jogo da bobine que, ao torná-la "mestre da ausência" lhe vai permitir aceder ao simbólico porque já possui uma relação ao objecto perdido na qualidade de "dono" desse objecto.

Também Lacan, referindo-se à mesma ordem de fenómenos, como nota Amaral Dias, considera que "é preciso que a coisa se perca, para ser representada"⁴. Esta renúncia ao objecto perdido, necessária ao processo de simbolização, a criança vai sustentar a sua viabilização através da linguagem que lhe vai permitir designar, simbolicamente, o objecto.

O momento originário deste processo de renúncia, que é o do recalçamento originário, poderá ser concebido, como sugere Amaral Dias, como o significante primeiro que vai governar a cadeia falada de significantes que se virão a constituir a partir dele. Considerar, deste modo, o recalçamento originário é, como Amaral Dias realça, dar-lhe o estatuto de acontecimento fundador na medida em que é ele que funda a viabilização da passagem do real, que se vive, para o simbólico que se diz pela linguagem.

¹ *ibid.* p. 104.

² *ibid.* p. 105.

³ *ibid.* p. 105

⁴ *ibid.* p. 107

Também Lacan, refere também Amaral Dias, enfatizou o papel essencial que a relação ao objecto perdido tem como viabilizador da comunicação simbólica com esse mesmo objecto ao afirmar que "a palavra é a morte da coisa" ¹ ou, ainda, que "se não se pode ver a coisa (objecto perdido) matamo-la ao simbolizá-la pela palavra". ²

Assim, tanto a teoria de Lacan como o modelo de Bion salientam que é o sacrifício do objecto que permite a mudança e a transformação necessárias à constituição do processo simbólico enquanto uma relação de ausência ou, como diz, Amaral Dias referindo-se a Rosolato, como uma relação ao desconhecido que, nesse desconhecido, "tolera a dúvida e o sentido do infinito próprios ao crescimento mental e emocional" ³.

¹ ibid. p. 107

² ibid. p. 107

³ ibid. p. 108.



Comentário

Amaral Dias ensina-nos a pensar a espessura do território do Negativo, entre o ser e o não-ser. Ensina-nos a não ter medo de começar em Thanatos e não em Eros. Ensina-nos a cuidar do insaturado e a recear o saturado de modo a que o pensar e os pensamentos tendam para o território onde se pode tolerar a dúvida e o sentido do infinito, pois é na dúvida que se pode trabalhar para o crescimento mental e emocional.

4. James GROSTSTEIN: “O Buraco Negro”

4.1 A Importância do Nada, do Sem-Sentido e do Caos na Psicanálise

Neste primeiro artigo dos três que constituem este livro, Grotstein vai formular uma nova concepção sobre os impulsos instintivos e sobre o papel do instinto de morte que me pareceu pertinente integrar neste trabalho porque traz novas luzes sobre a compreensão dos primórdios do pensar, no bebé, tendo como base o modelo do aparelho para pensar pensamentos de Bion.

Grotstein, reformulando a ideia de Freud de que os impulsos seriam o principal componente do “caldeirão fervilhante” que é o *id.*, o que implicava, para Freud, dar um carácter demoníaco e caótico aos impulsos instintivos, vai antes, considerá-los como “significantes semióticos” ou mensageiros de estadios mentais inconscientes da ausência, da falta, do vazio ou da carência e que funcionam como reguladores do Self.

Como mensageiros, eles vão ser transmissores das pré-concepções e das pré-percepções, bem como do que BOLLAS denominou de “conhecimento impensado” para designar o verdadeiro Self Inato que, potencialmente, se irá modificar e activar pela experiência para se tornar no Self.

Compreendidos segundo este constructo de Grotstein e fazendo parte do processo primário, os impulsos vão ser a forma mais básica da comunicação, constituindo um sistema de codificação que vai antever uma significação pessoal que o bebé, num

tempo posterior, irá dar aos dados relevantes dos acontecimentos de modo a transformá-los em experiências pessoais.

Deste modo, os impulsos libidinais e agressivos deixam de ser simples forças irruptivas, tornando-se em veículos de significações que vão constituir a significação pessoal que cada pessoa constrói, bem como permitir a continuidade evolutiva do self.

Juntamente com os afectos, os impulsos vão ser as instâncias responsáveis pela atribuição do sentido aos objectos e aos conhecimentos de forma a torná-los em experiências emocionais.

Grotstein fundamenta esta sua concepção dos impulsos, na “crença” que cada pessoa tem da primazia causal dos seus impulsos instintivos em relação ao mundo percebido, ou seja, a pessoa não se vê, apenas, como alguém que pensa, sente ou se comporta de acordo com os seus impulsos, mas ela vai para além deste “ver”, acreditando que os seus impulsos são responsáveis pelo mundo percebido dado existir, entre eles, impulsos e mundo, uma relação causal que fundamenta a ligação significativa que a pessoa cria com os acontecimentos que se dão no mundo.

Independentemente dos impulsos serem ou não causais, será, assim, a convicção que a pessoa tem da sua primazia causal, que lhe irá dar um sentimento de significação pessoal quando ela estabelece a sua conexão pessoal e significativa com a realidade.

Grotstein considera que a origem dos impulsos instintivos se encontra numa instância que denomina de “Nada” e que os vais utilizar como mensageiros do estado de vazio angustiante desse “Nada”, da “fome” desse Nada que espera ser preenchida com alguma coisa.

Grotstein constrói este conceito de “Nada” a partir dos modelos de Bion, considerando, que a sua origem, o “Nada primário”, é uma matriz vazia, um continente primário para um conteúdo primário, sem significado, constituído pelos elementos β e que Grotstein denomina de “sem sentido primário”.

O “Nada” e o “Sem Sentido” primário constituíram, assim, a essência primordial, pensando Grotstein o Nada primário como a insaturação embrionária à espera de realização e o sem sentido primário constituído por pré-concepções e pré-percepções rudimentares embrionárias à espera de uma realização pós-natal sob forma de experiências codificadas.

O Nada primário estará, portanto, na base de qualquer experiência significativa na medida em que, sendo o continente do sem sentido, é ele que vai permitir que a realização dessas experiências se faça com significação desde que esteja numa relação dialéctica com o seu conteúdo. Por sua vez, o sem sentido primário, será o “a priori” da experiência que emerge de um “infinito informe e profundo”, qual um vazio originário que aguarda o cumprimento e a realização da experiência e que tem as características de uma “anorganização” enquanto entidade primária que ocorre antes da experiência e, por conseguinte, independentemente dela. O “sem-sentido” será, assim, o potencial de cada um, independentemente da significação e que, ainda, não foi utilizado mas que existe, potencialmente, até ser invocado.

Grotstein considera, ainda, que já não na qualidade de primários, o “Nada” e o “sem-sentido”, herdeiros do Nada e do sem-sentido primários vão-se manifestar, no inconsciente ao longo de toda a vida, existindo numa normal oposição dialéctica às estruturas positivistas do determinismo psíquico, que incluem, principalmente, os impulsos e os afectos.

Grotstein equaciona, também, que a todo o sem-sentido corresponde um sentido, na medida em que o sentido e o sem-sentido são opostos primários que, constantemente, são conjugados um com o outro em identificações opostas e complementares, tendo um papel fundamental na organização e na definição mental. Deste modo, a definição do sentido depende, normalmente, da ausência do sentido e do sentido negativo como, por analogia, a definição de uma figura, na sua positividade, depende do espaço negativo ou do enquadramento em que a figura está colocada.

Quando, considera Grotstein, há a capacidade mental saudável de viver o “Nada” como uma ausência ou um vazio que antecipa, de forma contemplativa, uma realização positiva futura, o “Nada” será vivido como positivo, ou dito de outro modo, para que o Nada seja saudável é preciso que o continente que é o Nada, esteja, ele próprio, no interior de um outro continente que vai proporcionar-lhe um contexto significativo; se o Nada não tiver este continente vai constituir-se o “Buraco Negro”.

Grotstein considera que o par Nada/sem-sentido e a dotação afectivo-instintivo determinista existiram numa harmoniosa oposição binária até ao nascimento,

momento em que irromperiam no “eu” do bebé, sendo, nesse momento, as capacidades maternas de sustentação e de contenção que iriam formar a defesa natural contra a eclosão de uma catástrofe potencial devida a essa irrupção .

Pensando os impulsos instintivos e os afectos como os primeiros elementos do psiquismo a conferirem sentido e sendo já, no bebé, uma forma rudimentar de significação pessoal, porque já transformam objectos e acontecimentos em experiências, Grotstein postula que a necessidade que o bebé tem do seio deverá ser considerada como uma necessidade instintiva do eu, pré-erótica, como aliás, já Freud a considerara, com uma função de auto-regulação. Esta necessidade do seio é, na formulação de Grotstein, “a grande rampa de lançamento”¹ para duas linhas fundamentais do desenvolvimento psíquico, a do narcisismo e as das relações objectais, por um lado, e a do sentido e da auto-regulação, por outro.

Grotstein conceptualiza esta auto-regulação que o bebé tem em relação ao seio a partir de dois outros conceitos: o ambiente sustentador² que está em relação directa com a concepção de Winnicott de “holding” e o conceito de continente/conteúdo de Bion. É o ambiente sustentador que vai lidar com a turbulência emocional e com um carácter quantitativo pré-mental ou não-mental que vai transmitir uma configuração de fundo, focada numa regulação interactiva, que é anterior à auto-regulação autónoma, e uma capacidade que, Grotstein, caracteriza como a de “apaziguar”. O continente/conteúdo, por sua vez, vai lidar com a atribuição qualitativa do sentido dos conteúdos psíquicos, representando o início da mentalização. O ambiente sustentador, pela sua conjugação com o continente/conteúdo, vai ter uma capacidade defensiva que, à medida que o desenvolvimento da mentalização se prossegue, vai utilizar o mito, a fantasia e o simbolismo, de modo a dar sentido e significado ao acontecimento e, assim, detendo a queda numa turbulência emocional.

Esta turbulência emocional aparece sempre que é violado um limiar para os estímulos internos e externos e para a regulação dos afectos e tem as suas raízes em factores biológicos independentes e anteriores à experiência de significação,

¹ Grotstein J., *O Buraco Negro*, Climepsi, Lisboa, 1996.

² No original “holding environment”.

compreendendo-a Grotstein , à luz da teoria do caos, o que o leva a dotá-la de características como a não-linearidade, a imprevisibilidade, a sensibilidade às condições iniciais e a bifurcação e o que significa que, quando as turbulências são excessivas, elas vão transcender a linearidade passando para um domínio caracterizado por uma unidade organizacional diferente onde os elementos da turbulência, ou seja, os elementos caóticos, estão sujeitos a uma coerência binária subjacente a um princípio de duplo-registo.

Ao pôr a origem do “Nada” no estado traumático fundamental inerente ao nascimento, Grotstein vai sugerir que o bebé nasce na posição depressiva do sem sentido primário, sendo salvo, por um lado, pelas capacidades contentora e sustentada maternas que vão proteger, alimentar, entender-se com ele, sincronizar-se com ele, concedendo-lhe especialidade e unidade e, por outro lado, pela própria capacidade que o bebé tem para utilizar “os seus mecanismos esquizo-paranóides de modo a conceder ordem e sentido mítico-fantasmático através da sua capacidade de conferir um sentido predatório (ou paradisíaco) aos eventos. Deste modo a ansiedade persecutória da posição esquizo-paranóide vai conceder sentido à aleatoriedade inicial da existência rudimentar do recém-nascido, ou seja, modula e regula a inicial anorganização, prevenindo o desenvolvimento da desorganização”¹, como afirma Grotstein, que considera, assim, que a posição esquizo-paranóide será um modo de designar as inclinações da adaptação “para-a-sobrevivência” inatas do bebé, apuradas filogeneticamente e nas quais se inclui a sua capacidade para organizar a aparente aleatoriedade do seu terror de abandono, através da mitificação da fantasia e do sonho. Será esta capacidade que Grotstein considera ser responsável pela organização mítico-fantasmática que irá servir-se, no início do processo da simbolização, das pré-concepções inatas (Bion) e das pré-percepções inatas (Grotstein).

Na perspectiva de um desenvolvimento normal do psiquismo do bebé, o Nada designa a capacidade que o bebé tem para contemplar o vazio criado pela ausência do objecto (mãe/seio), vazio que permanece apto a acolher o regresso do objecto mas que exige, para que o bebé possa tolerar um Nada vazio que permita ser preenchido, de modo adequado, que o bebé tenha um acto de fé sobre o regresso do

¹ ibid. p.36

objecto. Concebido assim, será o Nada que vai sustentar o regresso do objecto que se afastou, permitindo o desenvolvimento da constância do objecto através da aquisição do ciclo: partida do objecto, antecipação vazia do objecto com fé de que o objecto vai regressar e regresso do objecto.

Neste contexto, a desorganização pode aparecer, no bebé, quando ele sofre uma “vaga” de sem-sentido primária e está desprovido de um “ambiente sustentador e continente que possa fazer um ajustamento sincronizado entre a sua imersão na vida e o emergir do seu caos interno e donde resultará um sem sentido patológico (secundário), a desorganização”¹. Esta experiência de desorganização tem implícito um Nada que se tornou numa matriz negativa, num continente do caos, porque a incapacidade para tolerar a lacuna devida à ausência do objecto com um Nada vazio vai originar uma reificação concreta da ansiedade presa-predador, sob a forma de um “mau seio” que pode levar ao Nada desintegrador do “buraco negro”.

Grotstein conclui a partir desta sua concepção que, juntamente com o par Nada/sem sentido primário e as estruturas determinantes pós-natais que são os instintos impulsivos e os afectos, encontram-se, na mente do bebé, outras entidades carregadas de onipotência como o caos e a anorganização. Também Winnicott já considerara que o bebé nasceria já com a concepção de algo que se poderia denominar de caos primário, semelhante à anorganização ou à indiferenciação que se deveria à experiência da descontinuidade primária, acrescentando que, para haver organização, teria de continuar a haver, no bebé, a capacidade para continuar a ser (“To be able to go-on-being”) porque, se esta capacidade falhasse, o bebé entraria na desorganização e na desintegração.

Grotstein, considerando que o risco de uma desorganização poder levar à entrada no “buraco negro”, e dentro da sua concepção dos impulsos instintivos, reformula o instinto de morte pensando-o como a capacidade que vai permitir uma antecipação, com a conseqüente adaptação e regulação desse “horror último” ou dessa “experiência” apocalíptica que é o “buraco negro” dado que, como impulso instintivo que é, o instinto de morte veicularia uma mensagem semiótica significativa sempre que houvesse um sinal de alarme de catástrofe que pudesse pôr

¹ *ibid* p. 38..

em perigo a integridade do psiquismo, constituindo as respostas agressivas a esta ameaça, o arsenal pré-adaptativo do instinto de morte.

O instinto de morte, postula, assim, Grotstein, terá, então, uma actividade que emerge de uma dialéctica entre dois aspectos: um que transmite a pré-concepção inata e a pré-percepção apocalíptica do “buraco negro” e um segundo aspecto que engloba os componentes pré-adaptativos da actividade, da agressão e da protecção do self e da espécie, destinados a serem utilizados para lidar com os perigos do ciclo predador-presa.

Ao tentar antecipar o desastre, o instinto de morte vai tentar medeá-lo através do “Nada” e do seu conteúdo, o sem sentido primário, mais especificadamente, através da substância e do sentido em que eles estão destinados a se tornarem.

As vias que levam a esta transformação do Nada e do sem sentido primários em substância e sentido, poderão ser conceptualizados, fazendo apelo ao conceito de formas de Platão e de Kant, considerando o Nada e o sem sentido primários como “arquetipos e protótipos de possíveis formas que se poderão desenvolver a partir da confluência do Nada/sem sentido com a experiência da realidade (pelo impacto dos estímulos reais) que vão preencher o Nada vazio, vão dar significado ao sem sentido, podendo recorrer, temporariamente, às formas inatas como andaimes para o bosquejo da substância e do sentido”¹.

Como explicita Grotstein, o Nada e o sem sentido podem, por exemplo, unir-se com formas inatas como, por exemplo, as forças do destino, conceptualizadas por BOLLAS que, incluindo “o conhecimento impensado”, vão constituir, num tempo anterior à experiência, o “verdadeiro self” em construção; podem, também, unir-se com as pré-concepções inatas de Bion, “memórias do futuro” que, nota Grotstein, como um gene cromossómico, possuem um plano de fundo inato para o seu desabrochar futuro”².

Mas para que o futuro possa desabrochar, é sempre necessário que o bebé comece um trabalho de codificação dos dados sensoriais e emocionais através da atribuição de significados cognitivos (objectivos) e de significações instintiva e afectiva (pessoal) aos dados internos e externos dos acontecimentos da vida, sendo esta

¹ ibid. pp.44

² ibid. p. 44

significação pessoal que é atribuída, através do processo primário, pelas capacidades míticas que vai permitir que o bebé, a partir das suas experiências, vá criando um sentimento de significação próprio que lhe dá o sentimento de especificidade, enquanto pessoa. Mas para que este sentimento de significação se possa iniciar é fundamental que exista no bebé, o que Grotstein denomina de “presença de fundo da identificação primária”, que se constitui como um “tema de identidade vitalício” que vai influenciar todo o desenvolvimento psíquico do bebé e que lhe é imbuído a partir de um leque de temáticas de identidade que os pais conferem ao seu bebé, principalmente a mãe e já a partir da vida intra-uterina, através de identificações projectivas oriundas do mundo interno dos pais e que vão, no bebé, originar, por sua vez, contra-identificações projectivas.

Por este processo de construção, o estabelecimento da significação pessoal será, assim, uma função da ligação e da vinculação, atribuindo o bebé sentido à sua mãe através do investimento libidinal e afectivo e, por sua vez, a mãe investindo de sentido o seu bebé, criando-se, assim, um mútuo investimento ao qual se irá suceder um estado de sentido partilhado que coincide, considera Grotstein, com a fase transitiva de Winnicott.

Concebida desta modo, “a presença de fundo da identificação primária” é, assim, um conceito largamente abrangente que inclui a ideia de objecto fundador, ou seja, de objecto que edifica, educa, cria, mas, também, que está na retaguarda, apoiando e que, sendo oculto, é inerente ao conceito de ambiente sustentador. Igualmente, ele vai incluir, considera, ainda, Grotstein, o “conjunto de tradição, ambiente, herança, raízes, donde vimos, etc.”¹, bem como o conceito de Winnicott de “ser bebé” no sentido de ser a parte do bebé que está tão conectada (objecto-ligado) à mãe (ambiente sustentador), que nenhuma comunicação tem lugar porque nenhuma comunicação é necessária, o que leva Grotstein a classificar este conceito como “porventura o mais místico conceito de Winnicott”².

Considerando o “ser bebé” como a contrapartida do “fazer bebé” que é a parte activa do bebé que procura o seio e o usa como objecto, Grotstein aproxima o “ser bebé” da representação do “inefável sujeito do inconsciente” enquanto o “fazer

¹ *ibid.* pp.150

² *ibid.* p. 150

bebé” se torna no “sujeito secular da psicanálise”, ou seja, naquele que, se procura, no processo psicanalítico. Quanto ao “inefável sujeito do inconsciente” é um conceito que se equaciona com o “sujeito do ser” e que estará contido na presença de fundo da identificação primária. Grotstein explicita, ainda, que no “sujeito do ser” vão confluir os sentidos heideggerianos do sujeito, enquanto ser e tempo, o conceito de O (Realidade Última) de Bion bem como o conceito de Lacan de sujeito no e do inconsciente. Assim, este sujeito que é indizível, vai constituir a ordem oculta do nosso ser, aquele que é “o sonhador que sonha os nossos sonhos”, no dizer de Grotstein e que se fundamenta na presença de fundo da identificação primária.

Grotstein considera, ainda, que para o bebé prosseguir com esta doação de sentido dado aos objectos e aos acontecimento é necessário, também, que ele tenha a capacidade, não só para dar significação aos objectos mas, também, para lhes atribuir valor, gratidão e importância, atribuições que o vão, por sua vez, preencher de significação e de valor, como, igualmente, é necessário e, em sentido inverso, que o bebé seja, igualmente, capaz de “fazer o luto da perda de um objecto cujo valor e significação transcendem a ausência”¹. No mesmo sentido, é, também, fundamental que os pais e, principalmente, a mãe, sejam capazes de fazer o luto da separação do seu bebé para que este possa seguir o trajecto do desenvolvimento e da maturação, ou seja, para que, quando assediado pelo caos potencial e, ainda, incapaz de mentalização, o bebé seja capaz de se auto-regular com a ajuda da mãe ou, pelo menos, que esta capacidade de auto-regulação não seja irremediavelmente destruída, permitindo que, nos momentos de excessiva agitação devida à turbulência emocional e quando o bebé experimenta, realmente, o caos, ele consiga cingi-lo através do auto-erotismo e da zanga. Ou seja, para que o bebé consiga constringer os momentos de caos provocados pelos estados traumáticos e que podem dar, ao bebé, uma experiência de aleatoriedade pelo sem sentido cataclísmico que originam, é necessário que os ataques provocados por esses estado traumáticos não acarretem uma dissolução da matriz contentora/sustentadora do mundo interno com o seu conseqüente desaparecimento funcional, ou seja, que não haja dissolução da presença de fundo da identificação primária. E sendo esta presença de fundo o garante para que a função α continue o seu funcionamento, a sua dissolução poderá

¹ ibid. pp.30

originar, no desenvolvimento psíquico futuro do bebé, uma inversão da função α com a conseqüente entrada num mundo de “fantasmas de sentido perdido” (elementos β primários)¹ cheio de “pavor sem nome” que encaminha para a experiência apocalíptica do “buraco negro”.

Para impedir a dissolução da presença de fundo é fundamental, acrescenta, ainda, Grotstein, o papel do instinto de morte que, ao dar as respostas adaptativas, vai permitir que o bebé se possa salvar dos traumatismos, através da elaboração da ansiedade persecutória, no contexto do tema presa-predador.

Em síntese, será o instinto de morte com este papel adaptativo bem como os impulsos instintivos e os afectos, introduzindo a significação pessoal, que vão, então, permitir que o bebé inicie o processo pelo qual o seu self e o mundo dos objectos, que com ele interage, venham a adquirir sentido e significação e, desse modo, resistir ao “puxão entrópico” rumo ao Nada e ao sem sentido secundários, agora na sua expressão negativa que é o “buraco negro” que, nas palavras de Grotstein, é “o mais temível nadir da experiência humana”². Este Nada e este sem sentido secundários são, assim, o resultado da dissolução da presença de fundo da identificação primária que vai transformar o “vácuo prístino”, que era o sem sentido primário, numa mistura de restos desinvestidos, resíduos do sentido perdido e do pavor sem nome, restos inominados, os elementos β primários que se encontram numa desordem cósmica interna “vívida como aleatória por ser regida pelas leis do caos e que habita um Nada secundário que, numa actividade análoga à que Bion descreve no seu livro “Ataque aos Vínculos” (1959), se vai constituir, porque continente de um sem sentido de elementos β , num Nada “torturante”, ao serviço da negação do “ser” através da negação do sentido.

Aliada à presença de fundo de identificação primária, Grotstein formula, também, a hipótese que, no bebé, haveria um Super-Eu pré-moral, distinto do Super-Eu primitivo que Klein considerou existir na posição esquizo-paranóide, mas enquanto Klein o concebeu como sendo o resultado da identificação projectiva que o bebé faria de partes de si próprio na imagem materna seguida da introjecção, no Eu, dessa

¹ Bion considera os elementos β primários, precisa Grotstein, como elementos β que foram recusados pelo processamento da função α e que poderão constituir a bizarria e a aleatoriedade dos delírios e das alucinações.

² *ibid.* p. 51

imagem combinada, o Super-Eu a que Grotstein se refere seria inato e arquétipo, funcionando como uma barreira ou um limiar para regular a irrupção do sem sentido primário numa altura em que o bebé ainda não iniciou o processo de mentalização que irá fazer através do mítico, da fantasia e do sonho. Dotada desta função, esta barreira seria, também, um regulador do caos potencial que pode assediar o bebé, funcionando como uma barreira transformadora capaz de converter o caos e o sem sentido no “jargão da moralidade”, como diz Grotstein.

4.2 O Buraco Negro

Neste artigo, Grotstein alicerça a sua concepção de “buraco negro” a partir das experiências relatadas por doentes com perturbações mentais primitivas quando, ao sofrerem rupturas da vinculação, referem uma sensação catastrófica de descontinuidade do seu self, qual uma queda no abismo em direcção ao vazio.

Na fenomenologia normal da vida psíquica, Grotstein faz a analogia entre o “buraco negro” e o fenómeno que é vivido quando a pessoa está a adormecer, e acontece que a “consciência da mente se atrasa em relação à do corpo”¹, experimentando a pessoa o cair no espaço infinito, acordando abruptamente como que para deter a queda.

A partir das experiências clínicas dos seus doentes, Grotstein considera que o “buraco negro” exprime a vivência do sem-sentido e do Nada, representando o derradeiro estado traumático da desorganização, do terror, do caos, da aleatoriedade e da entropia e estando em relação com a “fantasmagoria activa e passiva associada ao instinto de morte, podendo ser a sua mais apocalíptica manifestação”², precisa Grotstein.

Estas experiências de “buraco negro” seriam repetições e/ou continuações do estado arcaico de depressão primária causado pela perda do objecto primário quando do corte do cordão umbilical, o que remete a experiência do buraco negro para um fracasso do “continuar-a-ser” descrito por Winnicott, para o terror sem nome que o bebé experimenta quando não sente a sua mãe como um continente capaz de conter

¹ *ibid.* pp.62

o seu medo de morrer, no modelo de Bion ou, ainda, para a “falha básica” de Balint, ou seja, para o virtual desaparecimento do self que está implícito em todas estas concepções e no âmago do “buraco negro”.

A génese do buraco negro estará, assim, numa falha dos mecanismos adaptativos que lidam, normalmente, com o Nada e com o sem-sentido e que actuam perante as ansiedades de separação, permitindo o caminho para a individuação, donde a importância de compreender a acção desses mecanismos adaptativos que têm a sua génese em factores constitucionais, pré-natais, peri-natais e ambientais primitivos e que abarcam um vasto leque de fantasmagoria de angústia do estranho que vem cobrir a anterior angústia de separação e onde estão incluídos os arquétipos considerados por Jung, as pré-concepções inatas do modelo de Bion, os medos inatos do predador descritos por Bowlby, as pré-concepções definidas pelo próprio Grotstein e, numa perspectiva etológica, os módulos de rituais inatos referidos por Rapoport.

Este leque de fantasmagorias vai combinar-se com fantasias e ilusões produzindo cenários narrativos adaptativos que, no bebé, vão encher o buraco do Nada de modo a anularem a sua rudimentar falta de sentido ou mesmo, por vezes, aleatoriedade, até ao momento em que a transitividade (Winnicott), ou seja, o sentido partilhado com a mãe, possa produzir um “andaime self objecto de vivência partilhada através dessa profunda fenda preparando o permanente cimentar da estrutura psíquica”¹, como explicita Grotstein.

As imagens que formam as fantasmagorias da angústia ao estranho constituem, segundo Grotstein, o aspecto mais arcaico e rudimentar da posição depressiva que, na sua perspectiva, precede e é subjacente à posição esquizo--paranóide, ficando esta com a função de regular a posição depressiva. Ou seja, os processos inerentes à posição esquizo-paranóide como a clivagem, a identificação projectiva, a idealização e a negação mágica onipotente irão, então, organizar as “fantasmagorias”, implícitas à separação primária vivida na posição depressiva, em entidades fantasmais que vão constituir no bebé o seu sentido pessoal até que a realidade cognitiva seja alcançada e consiga conferir um significado realista à experiência entre o self e o objecto.

² *ibid.* pp.62

Quanto ao dilema de saber o que está em jogo quando da perda do objecto, se é o narcisismo primário ou se é o objecto de amor primário, Grotstein propõe uma hipótese dialéctica, em duplo registo, englobando os dois aspectos na medida em que considera a resposta do bebé à perda do objecto como uma perda narcísica primária que, devido à falta de fronteiras que existe, nessa altura do início da vida do bebé, entre ele e a sua mãe, é indistinguível da perda do objecto, sendo esta falta de fronteiras a consequência da unidade mãe-bebé que, como uma “gêmeidade” siamesa”, põe o bebé, simultaneamente, como separado e não separado da sua mãe. E como, neste estágio do seu desenvolvimento, o bebé está não separado da mãe, a sua vivência de perda do objecto é equacionada a uma perda narcísica.

Grotstein precisa que a sua concepção de haver um défice primário consubstanciado no “buraco negro” e inerente à sua hipótese de que existe uma posição depressiva antes da posição esquizo-paranoide não exclui a concepção de Melanie KLEIN sobre a destructividade, que se inicia na posição esquizo-paranoide e é dirigida ao seio através da voracidade, do sadismo, e da inveja e que irá ser reconhecida, a seguir, na posição depressiva. A concepção de Grotstein refere-se a uma outra destructividade que terá a sua origem na impotência catastrófica primária devida à experiência de separação inicial que o bebé sente quando nasce e que ele pode experimentar como destrutiva quando a projecta no seio onde, nessa altura para o bebé, “o significante da catástrofe é indistinguível da própria catástrofe”¹, como diz Grotstein que acrescenta que seria este tipo de impotência, sentida pelo bebé como destructividade, que Bion se referia quando considerava que a rêverie materna (contenção materna) falha porque a mãe não consegue suportar o medo de morrer do seu bebé e não a destructividade que o bebé lança sobre ela.

Será, pensa Grotstein, pela posse dos seus impulsos e afectos que o bebé poderá controlar este sentimento de impotência primária, ou seja, pela primazia causal que ele vai dar aos seus impulsos em relação ao mundo percebido, o que vai permitir que o self se constitua como primeiro objecto do Eu subjectivo e, desse modo, o bebé possa começar a sentir-se na posse da sua experiência pessoal e possa dar início à continuidade da sua própria história pessoal.

¹ ibid. p. 66

Ao considerar a depressão primária vivida na posição depressiva inaugural, quando da separação primária, como o primeiro desorganizador da psique, Grotstein vai relevar o papel do funcionamento da presença de fundo de identificação primária por ser o principal gerador de significação que permitirá, ao bebé, de prosseguir o seu caminho para a mentalização e para a simbolização. A presença de fundo será, diz Grotstein, como “um chão” de significação que vai impedir que o bebé seja engolido pelo vazio do buraco negro ou, dito de outro modo, lhe vai dar resistência (por oposição à vulnerabilidade) para que possa manter o instinto de morte, nos seus aspectos activos e passivos, dentro dos limites de uma capacidade que, permitindo uma antecipação da experiência do “buraco negro”, lhe possibilite criar medidas adaptativas que vão transformar o Nada e o sem sentido primários em substância e em sentido. Deste modo, nota Grotstein, o instinto de morte poderá ter uma “função de fornecer um sinal de angústia, não apenas para detectar os predadores externos e internos perigosos e portadores de morte, mas, também, para detectar a emergência do Nada e do sem-sentido”¹, quando se apresentam como desintegradores do self e a partir do interior. Seria como se, pelo instinto de morte, fossem activadas pré-concepções inatas, pré-percepções inatas e módulos de comportamento também de origem inata que, em conjunto, formariam o que Grotstein designa por “fitas”, por analogia às fitas utilizadas nos video-gravadores; a activação seria feita pelas experiências vivenciais, traumáticas e não traumáticas e teria o objectivo de preparar a transformação dos acontecimentos em experiências, através da função α que, combinando processo primário e processo secundário, iria permitir que a mente aceitasse os dados sensoriais da experiência emocional (elementos β) e os pudesse transformar em elementos adequados para serem pensados, armazenados e sonhados (elementos α).

Estas pré-concepções e pré-percepções inatas, às quais se juntam pré-concepções e pré-percepções adquiridas para formar as “fitas” respondem à ansiedade de separação e à angústia ao estranho e são compostas por concepções da ansiedade presa-predador. Estas “fitas” passariam num videogravador que Grotstein chama de “horizonte de acontecimentos” que teria a função de organizar a aleatoriedade dos

¹ *ibid.* p. 77.

momentos de desorganização e de caos em narrativas com sentido e de apresentar um espectro de estratégias defensivas para evitar a descida no “buraco negro”.

4.3 A Presença de Fundo da Identificação Primária

Neste texto, Grotstein expõe a sua teoria do défice ou da ausência, alicerçada nos conceitos de “Nada e de sem-sentido” que utiliza a regulação autónoma e interactiva como forma de resolução dos défices.

Esta regulação está já relacionada com os aspectos fisiológicos mais básicos do meio interno e do comportamento dado estar alicerçada em sinais psicossomáticos e somatopsíquicos elementares, o que leva Grotstein a considerar que a auto-regulação interactiva é a linguagem do narcisismo primário e da simbiose, ocupando um espaço intermédio entre a necessidade e o desejo.

Grotstein constrói esta teoria do défice em analogia com a teoria do conflito que utiliza a linguagem da função simbólica pois, na mente adulta saudável, o domínio da regulação autónoma e interactiva foi, já, absorvido pelo domínio do sentido simbólico, exprimindo-se através dos sentimentos, da intuição e da empatia.

Considerando que as transformações pré-simbólicas e simbólicas dos significados cognitivo e emocional das experiências constituem o objecto da mente, podendo ser vistas como figuras que se destacam do fundo, Grotstein salienta que este fundo é a sensibilidade que rege essas transformações e que deverá ser compreendida à luz dos conceitos de objectos transitivos e de ambiente sustentador de Winnicott, da função α e da rêverie materna de Bion, de funções dos self-objectos de Kohut e da sincronização mãe-criança de Stern.

A capacidade de rêverie materna tem um papel fundamental neste fundo na medida em que ela se traduz pela “capacidade de contenção materna para sofrer, tolerar, resistir, compreender e traduzir as mensagens do seu bebé enquanto comunicações urgentes dotadas de sentido.”¹ o que é essencial para o bebé, pois vai permitir que ele seja “interpretado” a tempo e, desse modo, poupado à catástrofe do “buraco negro”. Será, assim, a função α da mãe consubstanciada na sua capacidade de

¹ *ibid.* pp.100

rêverie que vai tolerar e traduzir os proto-afectos do bebé, ou seja, as coisas em si mesmas, os elementos β , de modo a que eles possam transformar-se em representações de afectos e não venham a persistir como uma grave turbulência emocional.

O ambiente sustentador, personificado na presença de fundo da Identificação primária é, igualmente, um elemento essencial para que o fundo se mantenha sensível às transformações na medida em que, como explicita Grotstein, ele comporta em si a responsabilidade fundamental pelo afecto e pelas necessidades de sincronização do bebé bem como a responsabilidade pela garantia da integridade do seu “espaço transitivo potencial” onde vão ter lugar as transformações pré-simbólicas (sensorio-motoras) e simbólicas sob influência da “matriz de rêverie materna com a sua função contentora-de-conteúdos, como a definiu Bion, matriz de rêverie materna que, com a Presença de fundo são como “gémeos siameses”, como também o são “o bebé regulado e o seu alter ego que se encontra em evolução simbiótica.”¹

Considerando que o bebé já nasce com um dote hereditário de pré-concepções inatas que o deve preparar para o mundo, ele tem, contudo, em seguida de ser apoiado através de elos de ligação (“bounding”) e da vinculação (“attachement”) para que, quando for desmamado, possa prosseguir o processo contínuo do desenvolvimento e da maturação que o vai levar à separação e à individuação.

Para a continuidade deste processo é fundamental que os pais forneçam ao bebé o sentido pessoal e a regulação e que o bebé, por seu lado, saiba ajustar-se ao que os pais lhe dão de modo a que a linha do sentido e a linha da regulação não se dissociem uma da outra, permitindo que o bebé possa continuar a desenvolver um Self vitalmente encarnado que lhe permite obter segurança afectiva.

Este conceito de auto-regulação interactiva que pertence, assim, a uma nova ordem de funcionamento mental que segue sinais em vez de símbolos ou signos, deve ser diferenciado das funções de sincronização materna que, igualmente, são necessárias para ajudar o bebé, com toda a sua vulnerabilidade, a desenvolver uma auto-regulação competente. O conceito de auto-regulação interactiva deve ser conectado com a teoria dos sistemas onde a perspectiva interactiva dita que o bebé regula a sua

¹ *ibid.* p. 101

mãe, tanto quanto a mãe regula o seu bebé, através de formas diferentes, umas exclusivamente fisiológicas e outras exclusivamente psicológicas que fornecem prazer mas, também, sentido e realização.

Numa revisão da literatura psicanalítica sobre a auto-regulação, Grotstein saliente que a linha comum que percorre todos os trabalhos parece ser a necessidade de consolo ou apaziguamento. Grotstein acrescenta a esta necessidade, a de homeostase ou de estabilização psicológica (sensorio-motora), considerando-a “uma pré-condição para a aquisição da intersubjectividade, da interactividade, do crescimento mental e de outros aspectos do funcionamento simbólico representativo – a capacidade de gerar sentido e de receber e valorizar o sentido – isto é, a capacidade de transcender a organização sensorio-motora”¹

No bebé, a estabilização de factores biopsicológicos e psicobiológicos, dominados pelo sensorio-motor, é função duma trilogia feita pela integridade dos dados constitucionais do bebé, por um ambiente sustentador adequado e por uma ajustada e contentora matriz do rêverie materna, donde será essencial, para que o bebé possa desenvolver confiança na sua capacidade para gerir, com êxito, a sua experiência normal de carência inerente à condição humana, que exista um efeito ideal de conjugação entre os elementos dessa trilogia, nomeadamente entre os dados constitucionais, em particular o limiar dos estímulos, e o ambiente sustentar-contentor. Esta conjugação vai, também, permitir que o bebé possa desenvolver, graças ao que Grotstein chama de “folie à deux” normal que existe entre o bebé e a sua mãe, um sentimento de onnipotência normal de especialidade e de individualidade.

Estes factores formativos vão permitir que se vá desenvolvendo, no bebé, um espaço contínuo interno onde vai ser feito o que Grotstein denomina de “mapeamento interno das experiências com os objectos”, mapeamento que vai ocupar um duplo registo dimensional a nível simbólico, estendendo-se desde a dimensão zero do processo simbólico até à sua terceira dimensão e que comporta dois domínios espaciais, um para os objectos internos de fantasia privados ou pessoais que vão constituir o mundo imaginativo e um outro domínio para as representações simbólicas dos objectos que vão formar o mundo interpessoal. Estes dois domínios

¹ *ibid.* p.116

também existem, desde a sua formação e durante toda a vida, numa “gemeidade siamesa, obviamente mais evidente na criança, propondo Grotstein para melhor explicitar o carácter desta gemeidade, a imagem de uma fita de Moebius¹ transitiva para exemplificar a ligação entre estes dois mundos feita num espaço potencial.

Esta imagem da fita de Moebius serve, também, para Grotstein reforçar a ideia de que é pela complementaridade do mundo imaginário e do mundo interpessoal com o contínuo jogo entre o processo primário e o processo secundário que, no bebé, se irá desenvolver uma psique com limites securizantes que vai permitir a emergência da capacidade de “mapeamento” dos objectos, ou seja, da sua representação simbólica.

Para um bebé que acaba de nascer, torna-se, assim, como primeira prioridade a regulação de estádios potencialmente turbulentos, regulação que vai depender da conjunção entre factores congénitos, nomeadamente do limiar que o bebé tem à estimulação e, por outro lado, ao reforço prolongado da regulação interactiva da mãe. Por sua vez, será da conjunção entre a auto-regulação e a regulação interactiva, que tem implícito os conceitos de ligação e de vinculação de Bowlby, que a ligação da mãe ao seu bebé e a vinculação do bebé à sua mãe se poderão desenvolver, permitindo que, no bebé, possa nascer uma psique sustentada e com as características de um continente/conteúdo, no sentido do modelo de Bion.

Neste contexto da importância da auto-regulação, Grotstein insere, também a importância da vida intra-uterina, referindo, a este propósito, os trabalhos de Paul (1990) que, a partir de um estudo clínico com pacientes dominados por uma vivência de enorme pressão emocional, postula que essa pressão poderia vir já dos tempos da vida intra-uterina onde a pressão (física) do corpo materno, exercida sobre o útero, teria sido o primeiro contacto sensorial que o feto teria com a mãe, à qual se seguiria a exercida pelas contracções uterinas no acto de nascimento. Neste seu trabalho, Paul apela à existência de uma memória fetal que, dado as suas origens tão arcaicas, remontando-as à experiência in útero, iria transmitir às vivências sensoriais de pressão vividas ao longo da vida e desde muito cedo, uma força pressionante que originaria uma baixa do limiar à dor, agora emocional.

Voltando a referir a dialéctica necessária entre a auto-regulação e a regulação

¹ Fita circular contínua que, a dado ponto tem uma torção de modo a que, a cada volta, provoca a e

interactiva, Grotstein considera que estes dois conceitos estarão um para o outro, como respectivamente, estão os instintos do Eu para os instintos sexuais, estando os primeiros relacionados com a preservação do self e os segundos com a preservação da espécie.

Grotstein refere ainda que a regulação interactiva deve ser equacionada como uma regulação transgeracional, dando como exemplo de desregulação interactiva a equacionar dentro de uma desregulação transgeracional, as perturbações de stress pós-traumática que se vão desenvolver em crianças vítimas de abuso sexual.

Em síntese, e como tema deste seu trabalho, Grotstein formula que o desenvolvimento saudável da psique exige uma sincronização contínua da vinculação e da ligação ou, mais especificamente, uma sincronização nas vivências das internalizações inerentes às experiências de vinculação e de ligação para que sejam possíveis internalizações de objectos internos apaziguadores que são um dos agentes fundamentais da auto-regulação. Por sua vez, será desta auto-regulação que irá depender a aquisição do funcionamento simbólico, ou seja, como diz Grotstein, “a capacidade para receber e para transmitir sentido e significado de uma forma inter-subjectiva e interactiva”¹, para o que é indispensável que a auto-regulação se possa, continuamente, complementar com a regulação interactiva que fornece a dimensão grupal à significação e à sua conexão interactiva e intra-subjectiva. Para que exista este permanente jogo dialéctico é fundamental que o bebé adquira a capacidade de “transitar”, pois ela vai-lhe permitir, diz Grotstein, “suavizar a aspereza do fosso de separação” devida às ausências da mãe que vão aumentar a vulnerabilidade do bebé às experiências do sem-sentido. Esta capacidade transitiva que se faz acompanhar pelo mito, pela fantasia e pela ilusão e que é reforçada pela realidade através da sincronização materna, vai permitir que o bebé possa ir fazendo a demarcação entre o “eu” e o “não eu” num espaço potencial onde o bebé utiliza, quando da ausência da mãe, os objectos transitivos. Deste modo, a “transitivização” é, nas palavras de Grotstein, como um “andaime temporário” sobre o vazio (“buraco negro”) do Nada que o bebé utiliza até alcançar uma individuação suficiente que lhe permita suportar a experiência da separação. Assim, é o estado transitivo que vai permitir ao bebé passar das experiências de não separação às de separação e das de

¹ *ibid.* pp.123

indiferenciado às de individuação, bem como e implícito a estas passagens adquirir a diferenciação entre mente e corpo. É, igualmente, pelo estado transitivo que o bebé vai passar da inconstância e da impermanência do objecto à capacidade de pensar na sua constância e permanência e poder, desse modo, elaborar objectos internos e as representações desses objectos.

Os fenómenos transitivos ocorrem no limiar da posição depressiva, quando já se estabeleceu o vai e vem contínuo entre posição esquizo-paranóide ↔ ↔ posição depressiva do modelo de Bion, e são estes fenómenos que vão permitir, através das passagens transitivas sucessivas para a posição depressiva, que o bebé não fique condenado à aleatoriedade da posição depressiva.

A partir da ideia de que, no contexto dos comportamentos de vinculação e ligação, a mãe utilizaria “reguladores fisiológicos ocultos”, tais como, a temperatura do corpo, o batimento do coração, o apetite, o temperamento para a regulação física do seu bebé que, por sua vez, os irá internalizar como auto-reguladores, Grotstein chama a atenção para a existência de possíveis comportamentos neuroreguladores, sob a égide da auto-regulação automática que não pertenceriam ao domínio da intencionalidade vivida mas seriam do tipo pré-adaptativo e activados por experiências traumáticas com a finalidade de ajudarem o bebé/a pessoa a acomodar-se a circunstâncias extremas, o que pressuporia a existência de mecanismos de defesa e de comportamentos inatos e automáticos que, sendo estruturas potencialmente adaptativas, requerem a experiência para que se cumpram ou para que sejam activadas. Grotstein formula, assim, a hipótese da existência de um automatismo inato, de grande complexidade, anterior à experiência, englobando automatizações instintivas herdadas, pré-existentes, módulos ou estruturas aguardando activação, concluindo que, pressupor a existência destas estruturas, é validar a existência de um instinto de morte enquanto “instinto pré-adaptativo de antecipação de confrontos predatórios que se pode activar ou cumprir como uma sentença irrevogável perante traumas invulgares¹. O mesmo será dizer, explicita Grotstein, que o instinto de morte poderá ser conceptualizado como “uma estrutura adaptativa inata, precursora do sinal de angústia para o perigo e que pode transportar, na sua sequência mnésica atávica a pré-concepção universal do

¹ ibid. pp.123

fenómeno do “buraco negro”¹. No mesmo sentido, Grotstein postula que a ansiedade presa-predador existirá na espécie humana, manifestando-se na experiência infantil desde o início da vida.

Votando ao seu conceito de “Presença de Fundo da Identificação Primária”, Grotstein considera que será ela o principal incitador da regulação autónoma e da regulação interactiva, na medida em que ela representa o suporte da condição individual do self, bem como, e esta será a característica a salientar, a memória fantasiada de uma inicial conexão “siamesa” que o bebé teve com a sua mãe e com o mundo, em geral, que vai permitir que a pessoa construa a sua própria história e a possa narrar: “era uma vez”, como diz Grotstein.

Nesta perspectiva, a “Presença de Fundo” expressará, na base do que Winnicott considerou ser o ambiente sustentador que a mãe dá ao seu bebé, permitindo-lhe “ser bebé” (“being infant”), precisa Grotstein, uma continuidade descontínua que vai permitir que a pessoa se sinta, enquanto “espírito ou essência cuja presença se sente quando a mãe está lá”².

Conceito muito vasto, Grotstein vê-o, em última instância, como a “essência espiritual da nossa incognoscível subjectividade”³.

Quanto à “Identificação primária”, ela designa a união primária do bebé com a sua mãe que espalha, no bebé, um tema de identidade que, independentemente do grau de separação e de individuação que venha a ser alcançado, vai permitir que se mantenha, para sempre, um sentimento de “a uma só mente” (“at-one-ment”) com a mãe. Será pela Identificação Primária, que o bebé poderá fazer a ponte entre a narcisismo primário e o relacionamento primário com o objecto, considera Grotstein, ao fazer o paralelo entre este seu conceito e outros conceitos formulados por outros autores, como o relacionamento simbiótico (SEARLES, 1950), simbiose normal (MAHLER, 1958), capacidade de estar só na presença da sua mãe e do seu ambiente sustentador (WINNICOTT, 1958, 1960), continente/conteúdo e rêverie materna (BION, 1962).

A “Presença de Fundo da Identificação Primária” inclui, ainda, o conceito de “romance familiar” de Freud.

¹ *ibid.* p. 126

² *ibid.* p. 128

³ *ibid.* p. 128

Por seu lado, Tustin propôs, também, que esta presença de fundo poderia advir do sentido que o pai tem para a díada mãe-bebé.

Grotstein considera que, para a pessoa, esta presença de fundo, vai ser o “fundo da figura”, a moldura da imagem da nossa existência que vai contextualizar o sentido da vida de cada um, o que o leva a interligá-la com o conceito de Lacan de “Outro”, enquanto “aspecto do self que, sem ser o sujeito da fala e da percepção, é a fonte inconsciente da linguagem, do discurso, tanto para com o “Outro” como para o próprio self.”¹

Finalmente, a “Presença de Fundo da Identificação Primária” está ligada à “folie à deux” positiva pela qual, considera Grotstein, a mãe atribui “um sentimento de especialidade e de significação ao seu crédulo bebé, o qual se vai identificar introjectivamente, com estas atribuições e, depois, ao nível interno, se vai identificar projectivamente com estes introjectos”². Nesta perspectiva, a Presença de Fundo da Identificação Primária serve como um patrocinador do self em desenvolvimento, sendo através desta “folie à deux” normal que “alguns aspectos da criança se podem identificar com as atribuições projectivas de especialidade e de ternura por parte da sua mãe”³, desde que estas atribuições projectivas sejam credíveis.

Grotstein conclui que o fundo de identificação primária é um conceito composto que, nas suas palavras, “inclui os dotes heredo-constitucionais, o ambiente sustentador, a tradição, a vizinhança, a cultura, a espiritualidade e, especialmente, o sentimento de ser lançado no mundo com a bênção da especialidade e de significação de forma a resistir à turbulência da separação progressiva”⁴.

Comentário

Grotstein ensina-nos a colocar o humano recém-nascido na sua transcendência transformativa, respeitando a sua condição de ser intencional. Ensina-nos, também, a pensar no território do Negativo, na espessura do contínuo inexorável par inato/adquirido como um “ inextirpável contínuo físico-químico-biológico-

¹ *ibid.* p. 131

² *ibid.* p. 132.

³ *ibid.* pp. 132-133

⁴ *ibid.* p. 134.

relacional-psicológico”, como diz Luis SOUSA RIBEIRO no prefácio ao livro de Grotstein aqui comentado.

5. Paradeiro num percurso

A leitura de todas estas obras permite relevar algumas temáticas que se salientam no contexto deste trabalho.

5.1 O Nascimento do pensamento: de como necessidade e desejo se ligam entre si, numa emergência comum.

Considerando que o pensamento nasce para caminhar para o território do simbólico, pode-se considerar três elementos fundamentais como desencadeadores do nascimento do pensamento e, portanto, do início do processo de simbolizar.

- 1º a ausência, nas experiências de separação do objecto cuidador;
- 2º o negativo das experiências de desamparo e de frustração;
- 3º o impacto da própria presença do objecto vivo materno.

O momento do nascimento do pensamento aconteceria quando o bebé, estando no território do nada que ficou pela ausência do objecto, quando da cesura, vai sentir o desamparo mas, também e pelo impacto da função materna do objecto vai criar um vínculo com ele, vínculo que lhe vai permitir poder sacrificar o objecto e iniciar a costura do hiato dando início ao processo da simbolização.

É no território do nada, do negativo que o bebé vai poder afirmar o desamparo, em vez de o negar porque é nele que o bebé vai elaborar a sua relação com o lugar onde vivenciou a perda do objecto que passa por o bebé poder lidar com a frustração perante o nada, ou seja, poder tolerar a dor mental gerada, primeiro, pela elaboração da ausência do objecto e, depois, pela elaboração da falta do objecto, quando da ausência dele.

Lidar com o território do negativo é sinónimo, então, de ter capacidade negativa pela qual o bebé vai poder partir do objecto para pensar o não objecto, capacidade que lhe advém do seu aparelho pré-conceptual, gerador de conceitos e que lhe permite poder pensar dentro de um espaço não saturado, compatível com um universo em expansão.

Por sua vez considerar que tudo começa pelo desamparo inicial, originário, tem implícito pensar que a aflição e o perigo que emergem desse desamparo vão ser elaborados a partir

de uma relação a Thanatos que precede a relação a Eros o que implica, por sua vez, pôr a posição esquizo-paranoide a começar em Thanatos, na pulsão de morte, como refere A. Dias.

Mas tendo sempre em vista a trilogia inicial onde os três elementos funcionariam em complementaridade, sendo todos imprescindíveis, o papel da vinculação ao objecto primário, na concepção de Bowlby a pulsão de apego, deverá ser inserida nesta relação de Thanatos, o que é possível, utilizando o construto de Grotstein, considerando como fundantes do pensamento, por um lado, os impulsos instintivos, libidinais e agressivos, como significantes semióticos, ou seja, como a forma mais básica da comunicação e, por outro lado e em complementaridade com eles, uma configuração de fundo emergente com uma regulação interactiva e uma capacidade de apaziguamento que Grotstein denomina de ambiente sustentador.

O estado traumático fundamental, inerente ao nascimento dará origem a um território de Nada que, por sua vez será a origem dos impulsos instintivos por ter as características de uma matriz vazia, qual continente primário, herdeiro da insaturação embrionária, à espera de realização e, porque é um continente, vai acolher conteúdos que, no início ainda são desprovidos de sentido, elementos β , pré-concepções e pré-percepções rudimentares embrionárias, constituindo o sem-sentido primário, primeiros conteúdos do Nada primário que, a partir do momento do nascimento esperam as realizações pós-natais.

Mas porque, no início, continente e conteúdos são desprovidos de sentido, o bebé está em permanente ameaça de desorganização interna, sendo protegido dessa ameaça pelo impulso instintivo de morte que, dotado de uma mensagem semiótica significativa e com um valor de antecipação, está sempre pronto a entrar em acção, perante qualquer ameaça de desorganização, com mecanismos de adaptação e regulação devido, considera Grotstein, ao instinto de morte poder ser um herdeiro de um automatismo inato anterior à experiência e englobando automatizações instintivas herdadas, e portanto, ser uma estrutura adaptativa inata, precursora do sinal de angústia para o perigo.

Quanto ao ambiente sustentador, ele estaria nos alicerces da Presença de Fundo da Identificação primária (P.F.I.P.) que será uma temática de identificação vitalícia, imbuída a partir de temáticas de identidade que os pais conferem ao bebé através das identificações projectivas dos seus próprios mundos internos e que vai permitir, ao bebé, iniciar a construção da sua significação pessoal utilizando a função vinculadora veiculada pelas

identificações projectivas parentais. Esta função vinculadora está, assim, numa dependência estreita à capacidade de rêverie materna, capacidade que dotaria o fundo da P.F.I.P. de uma sensibilidade que presidirá às transformações pré-simbólicas do bebé. Capacidade de rêverie e Presença de Fundo seriam, assim como gémeos siameses.

O ambiente sustentador será, igualmente, um elemento fundamental para que este fundo se mantenha sensível às transformações na medida em que é ele o responsável pelo afecto e pela necessidade do bebé simbolizar quando, ainda na fase dos protopensamentos primordiais, não é capaz de transformar os el. β em el. α .

Dado que, no início do nascimento do pensamento, os factores biopsicológicos e psicobiológicos são regidas pelo sensorio-motor, Grotstein considera três elementos com uma função de estabilização dos estados de turbulência: a integridade dos dados constitucionais, o ambiente sustentador e a matriz de rêverie materna. Estes três elementos, porque dependentes de factores congénitos do bebé e da mãe, nomeadamente, o limiar à estimulação do bebé e à regulação interactiva da mãe, constituirão para o bebé uma auto-regulação interactiva que assenta em muitos conceitos de ligação e de apego (vínculo) formulados por Bowlby. Assim, esta regulação interactiva é equacionada, por Grotstein como uma regulação transgeracional, dependente das internalizações das experiências de apego que vão possibilitar que o bebé possa internalizar objectos internos apaziguadores que vão dotar o funcionamento simbólico principiante de significação interactiva e intersubjectiva, indispensáveis ao funcionamento simbólico, tornando-se esta regulação interactiva como uma linguagem de narcisismo primário e da simbiose, ocupando o espaço intermédio entre a necessidade e o desejo e consubstanciada na necessidade que o bebé tem de apaziguamento e de consolo (afecto).

Esta auto-regulação interactiva vai permitir que a P.F.I.P. se vá constituindo como um espaço contínuo interno onde o bebé vai fazendo o "mapeamento" das suas experiências com os objectos, mapeamento que começa no ponto zero do processo de simbolização e se vai continuar ao longo de toda a vida até aos mais complexos graus de simbolização e que comporta dois domínios espaciais, o dos objectos privados internos da fantasia que vão constituir o mundo imaginativo pessoal e o das representações simbólicas dos objectos que constituem o mundo interpessoal. Estes dois mundos ou espaços vão coexistir ao longo de toda a vida como irmãos siameses, em permanente complementaridade pelo que se poderá dizer que a P.F.I.P. será, então, uma memória fantasiada de uma conexão siamesa com a

mãe e com o mundo que, existindo toda a vida, será o suporte da condição individual do self, na base da auto-regulação interactiva e que vai permitir que o bebé vá construindo a sua própria história e a possa, mais tarde, vir a narrar: " Era uma vez " .

É, também nesta P.F.I.P. que Tustin considerou que se deveria integrar o papel do pai na medida em que a P.F.I.P. poderia, igualmente, advir do sentido que o pai constrói dentro de si para a díada mãe/bébé.

Finalmente inerente à P.F.I.P. está o que Grotstein considera ser uma "folie à deux" normal que inerente à P.F.I.P., resultaria do efeito ideal da conjunção entre os elementos da trilogia que rege a auto-regulação interactiva (integridade dos dados constitucionais, ambiente sustentador e rêverie materno), "folie à deux" através da qual a mãe atribui, ao seu bebé, um sentimento de especificidade e de significação.

Finalmente, esta caminhada que o pensamento inicia com o nascimento e que o vai levar para o território do simbólico, é feita através do modo como o bebé vai elaborar a dor do desamparo e da separação através dos vínculos amor, ódio e conhecimento num percurso que lhe vai permitir aceder ao pensamento: "Eu não sou tu e tu não és Eu ". E este pensamento, o bebé tem-no porque já pode criar simbolicamente porque já iniciou o trabalho que vai dando espessura ao símbolo, espessura que vai permitindo que a dor de pensar a falta, na ausência do objecto, seja cada vez mais tolerada e não iniba o pensamento e que a criança se possa formar num "mestre da ausência" nas palavras de Freud, porque já se sente dona do objecto.

5. 2. A primazia dos continentes em relação aos conteúdos

Considerar que os continentes serão os primeiros a se constituírem no psiquismo do bebé advém, a partir dos modelos de Bion, do facto de ser indispensável, para que se inicie o processo da identificação projectiva realista que irá ser o alimento do aparelho para pensar pensamentos nascente no bebé, que exista uma base donde vão emergir os conteúdos veiculados por esse processo da identificação projectiva, base, que será formada pelos continentes do apego, o "holding", da capacidade de rêverie e do ambiente sustentador que têm, assim, de existir previamente à identificação projectiva.

A capacidade de rêverie materna é um bom exemplo desta primazia dos continentes na medida em que, no início da vida psíquica do bebé ela vai ser um elemento constitutivo do

aparelho pré-conceptual do bebé por, ser dela, que dependem, em grande parte, os vínculos afectivos que vão possibilitar as relações emocionais que efectivam a formação das concepções, na mente do bebé.

Já Klein considerava que a mãe seria para o seu bebé recém-nascido, um útero mental que vai pensar o impensável do seu bebé, numa gestão simbólica feita, agora, no útero da sua mente.

5.3 Começar na posição Depressiva

Considerar que o começo se iniciaria em D e não em Ps, ou seja, no território das relações objectais e não no território do narcisismo primário tem implícito que este "começo", está colocado quando a vida psíquica do bebé ainda está enraizada num Eu corporal, nos primórdios do seu sentimento de existência, quando da construção dos protopensamentos onde físico e psíquico não estão, ainda, diferenciados num momento da vida onde se pode pôr a origem da frase de Freud: "o que se sente emocionalmente é, primeiro, sentido, naturalmente, pelo corpo" e que está muito próximo dos relatados pelos personagens da trilogia da "Memória do Futuro" de Bion.

É a concepção do território do Nada que leva Grotstein a pôr a hipótese de que, no início da vida e contrariamente à hipótese de Klein, haveria uma inversão na sequência temporal das posições esquizo-paranoide e depressiva, sugerindo, portanto, que o bebé nasceria numa posição depressiva (D) do sem sentido primário. Desta D primária o bebé seria salvo pelo Outro, pela capacidade contentora e sustentadora materna e pelas suas próprias capacidades para utilizar os mecanismos da posição esquizo-paranoide (Ps) que iriam dar significado às realizações, pondo, assim Grotstein, a Ps como a dadora de sentido da aleatoriedade inicial da existência rudimentar do recém-nascido.

Deste modo, D precederá e estará subjacente a Ps porque, primeiro haveria as fantasmagorias primitivas implícitas à separação primária e oriundas de D e, só depois, a Ps regularia a D, organizando essas fantasmagorias em entidades fantasmas que irão constituir o primeiro sentido pessoal do bebé.

A inversão consequente da perda do objecto preceder o mecanismo primário, Grotstein explica-a englobando os dois aspectos na medida em que, no início da vida psíquica, a

falta de barreiras devido à gemeidade mãe/bébé origina que a vivência da perda do objecto seja equacionado a uma perda narcísica.

Ao inverter a posição entre Ps e D e implícito ao que se acabou de referir, Grotstein considera que a par da destructividade vivida na Ps, existiria no recém-nascido uma outra destructividade devida à impotência catastrófica primária inerente à separação e à cesura do nascimento e a integrar na neotenia inexoravelmente humana, e para a qual será fundamental a Presença de Fundo de Identificação Primária por ser esta presença o principal gerador de significação.

Já instalado o vai e vem Ps \leftrightarrow D, numa etapa posterior, quando as separações, pelas ausências da mãe, vão ser suportadas por um estado transitivo que vai permitir que o bebé passa das experiências com a mãe às de separação, das de não indiferenciação às de diferenciação entre o corpo e a mente, da inconstância da permanência do objecto à sua permanência, estes fenómenos transitivos vão estar no limiar de D.

II / DE COMO BIO SE TRANSFORMA EM PSIQUE: UM MODELO ENTRE A TEORIA E A PRAXIS

1. O Modelo de Maria Rita MENDES LEAL

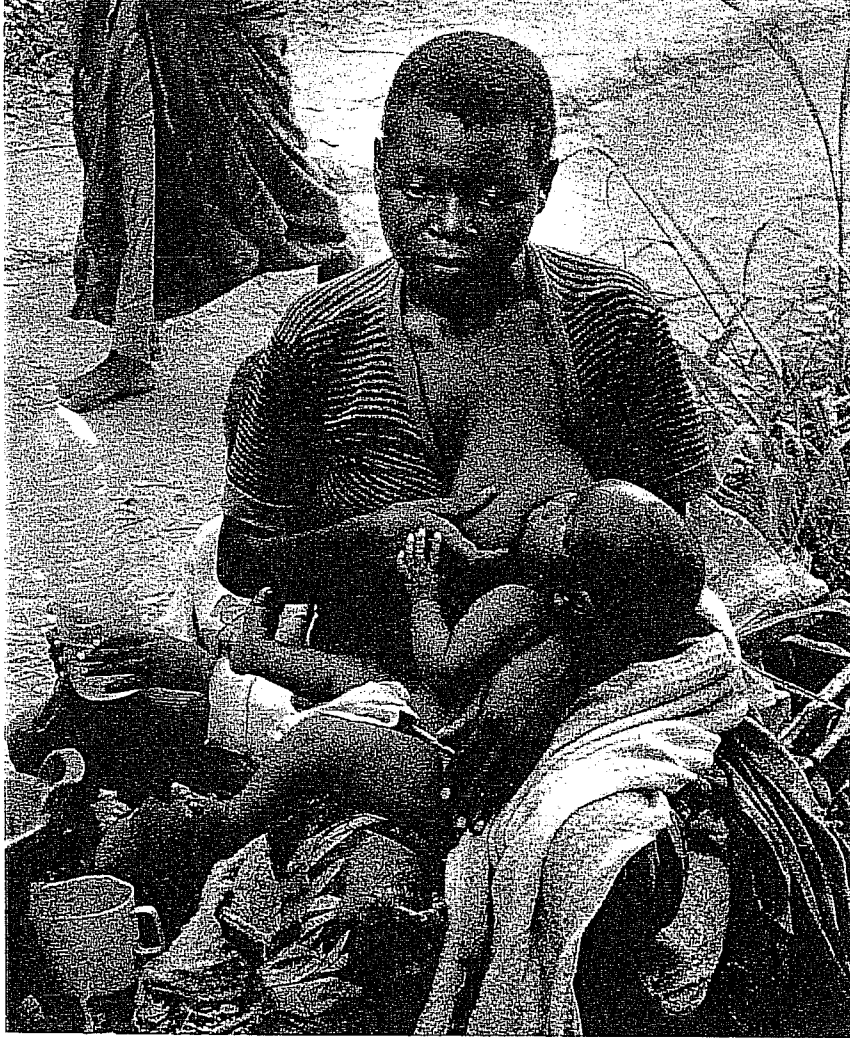
1.1 A comunicação não verbal

Na minha leitura compreensiva da obra de Maria Rita Mendes Leal (MRML) sobre o desenvolvimento da mente humana e, mais especificamente, sobre o processo que leva ao pensamento simbólico, tomei, como alicerces do modo como MRML compreende este processo, a forma como caracteriza a comunicação não verbal, no humano.

Afirmando que todo o comportamento humano é expressivo-comunicante na medida em que desperta, inevitavelmente, no outro, uma reacção, MRML vai definir essa expressividade como “a ressonância ao significado vivido no intercâmbio emocional”, salientando que a mensagem não verbal, sobretudo em momentos carregados de emoção, está impregnada de significados implícitos cujo conteúdo intrínseco não é descodificável directamente e só faz sentido quando referenciado a uma rede de relação entre interlocutores.

Considerando a comunicação não verbal como sendo uma “ressonância emocional” e incluindo nela a comunicação pré-verbal do bebé, MRML caracteriza-a pela simultaneidade e pela sincronia, sendo estas duas propriedades das mensagens não verbais implicadas no intercâmbio entre os interlocutores que vão dar a especificidade do discurso emocional, o que a leva a afirmar que, no humano, e desde que o bebé nasce, existe uma capacidade para a apreensão directa das ressonâncias mentais dos outros que permite sinalizar significados sob a forma de uma sinalética protomental constituída por equações vivenciais emocionais.

A partir da noção de “área do subjectivo” que as teorias da mente definem como sendo uma apreciação cognitiva que permite que cada um alcance (no sentido de tomada de consciência) que o pensar e o sentir do outro podem não conduzir exactamente ao seu próprio pensar e sentir, MRML vai considerar que será a ressonância emocional ao próprio sentir e ao sentir do Outro que fundamentará o



intersubjectivo, ou seja, o relacionamento implícito entre sujeitos que se apreendem directamente, como alguém¹ distinto de algo e como origem de desejos e de intenções. Este sentido de presença do outro que se consubstancia na empatia vai exprimir-se nos humanos, segundo MRML, por padrões ou cadências culturalmente inseridas, contextualizando-se em narrativas que dão fundo aos propósitos perfilhados, negados e/ou rejeitados. Deste modo, o intersubjectivo é utilizado para significar a expontânea sensibilidade à presença do Outro, Outro que se define como aquele que responde. (Leal 75-85, 91)

A partir da noção de padrão, MRML considera que, no humano, existirá um padrão inato de relação com a função de metabolizar os elementos da experiência de modo a que possa ir sempre construindo uma nova capacidade para a relação de objecto assente na percepção da contingência recíproca e alternante dos intercâmbios de pessoas entre si ligadas emocionalmente, percepção que se concretiza nos gestos e nos eventos, espontaneamente, vividos.

A estruturação precoce da mente vai ser, igualmente, compreendida por MRML, a partir deste padrão inato de relação que se encontra alicerçado em condições psicológicas de regulação da contingência da percepção.

Estes padrões inatos, nucleares, da organização da mente, que MRML entende a partir das mútuas contingências de intercâmbio comunicacional expontâneo são os pilares do seu modelo de intervenção terapêutica psicológica assente no paradigma das trocas comunicativas recíprocas e alternantes entre interlocutores.

Os elementos da experiência individual que emergem destas trocas comunicativas e que são o suporte da interacção, MRML caracteriza-os como mediadores mentais estruturantes e moduladores da comunicação e da estruturação e diferenciação do Eu em relação ao Outro a que denomina de “metábolos”.

Os “Metábolos” que, em grego, significam (“metabolum”) o lugar do encontro das vivências dinâmicas, MRML define-os como configurações mentais pré-simbólicas, que, não sendo, ainda, símbolos, são, já, representantes estáveis e convencionais dotados de uma propriedade de metabolização ou, dito de outro modo, são configurações metabolizadoras que funcionam como padrões de acção de vai e vem que vão sendo, ao longo da vida, ritualizados.

¹ Sublinhado por Maria Rita Mendes Leal.

Considerando-os como padrões inatos, MRML afirma que eles vão ter, desde o nascimento, o papel de despertar o bebé para ritmos primários do intercâmbio com o outro (mãe) e que, à medida que o bebé os vai utilizando, eles vão sendo encadeados em eixos de significados de experiência no vai e vem do intercâmbio com o outro, o que significa que vão ser eles a equacionar e a integrar a vida emocional tornando-se nos organizadores internos que vão gerar todo o processo primário de atribuir significados ao mundo externo.

O encadeamento dos metabólos em eixos de experiências significativas vai constituir-se numa rede emocional interna que funciona como um padrão de ordenação simbólica que irá continuar a constituir-se, pelos anos fora e que irá concretizando, na criança, e consolidando ao longo da vida, a tarefa básica da dupla rotura inerente ao desenvolvimento mental, a da dissociação primeira e a da negação/separação que fomentam a saúde psicológica e que permitem, afirma MRML, que a transcendência possa ser descoberta.

Este padrão inato, bem como a apreciação da resposta do Outro que o intercâmbio que emerge da iniciativa de cada um põe em cena, assentam no património biológico individual e vão ser os reguladores das relações, expressas por actos, entre processos envolvidos no intercâmbio, veiculando as significações emocionais do encontro das “psique” dos parceiros envolvidos nesse intercâmbio.

O início do processo de desenvolvimento pré-simbólico e da formação do símbolo na mente humana e que constitui também o âmago desse processo, será, para MRML, o modo como o “bio” se transforma em “psique” que, finalmente, constitui o modo como se irá fazer a hominização ou a humanização no recém-nascido e que, afirma MRML, reside na transformação que a mente irá fazer para obter instrumentos de transmissão indirecta da mensagem.

Esta humanização vai ter como elemento fundamental, considera MRML, a intencionalidade como comprova o facto do recém-nascido responder, selectivamente, aos estímulos como revelando uma intencionalidade no encontro com certos eventos e não com outros o que aponta claramente para a expectativa ou a busca de um interlocutor/cuidador com características humanas e femininas, conclui MRML. Este encontro fundamental para o desenvolvimento do bebé vai depender, considera MRML, das características subtis da intervenção capacitadora

mãe-bebé que assenta na sensibilidade que a mãe tem para dar forma às conversações corporais, gestuais e de movimentos dos objectos e dos eventos que estão a acontecer no momento da interacção e com os quais se vai estruturar a matriz expressiva da comunicação entre o bebé e a sua mãe. A partir desta matriz, o bebé vai organizar-se como pessoa potencialmente separada do ambiente, através da sua capacidade de comunicar, o que implica que a evolução mental vai depender da experiência do bebé de ser, ele próprio, um interlocutor válido para alguém que o reconhece e que lhe permite que ele se vá apoderando, física e linguisticamente, de tudo o que o rodeia.

1. 2. Os Modelos de Bion.

Para a construção do modelo sobre os primeiros passos do desenvolvimento pré-simbólico da mente humana MRML vai partir de alguns dos modelos de Bion, nomeadamente do modelo sobre o processo mental que leva ao simbólico e do modelo que explicita como a organização mental, antes da formulação da linguagem falada, já permite que, na mente do bebé, já se vão constituindo “pensamentos para com eles pensar”, dentro do âmbito de um contexto de configurações protomentais que são sobreponíveis, nas suas características, ao conceito de metabólos.

Tendo a preocupação de alicerçar os seus modelos compreensivos sobre os processos psicológicos no substrato biológico e considerando que existe uma analogia dos metabólos como a operatividade da função α , MRML chama a tenção de que a hipótese de Bion sobre a existência, na mente, de uma função com actividade transformadora bem como as suas hipóteses sobre a primeira organização emocional e sobre a construção de símbolo, vieram a ter, posteriormente, confirmação empírica.

MRML aproxima a função do metabolo da operatividade da função α do modelo de Bion na medida em que a capacidade de transformar desta função α que se instala na díada mãe/bebé nos primórdios da existência e que está dependente da qualidade da experiência emocional vivida dentro da união dual, se liga à capacidade continente (\varnothing) da mãe que lhe vai permitir reconhecer os formatos emocionais em jogo na relação inicial com o seu bebé e, deste modo, poder dar-lhe uma resposta adequada e

previsível. Assim, MRML vê a função α como tendo uma função “alfabetizante” que vai transpor o que falta, dando um nome à vivência e validando-a no seu contexto relacional próprio do momento que passa.

Como Bion, no seu modelo sobre a formulação do “conceito”, na mente, MRML vai basear-se no conceito filosófico de Kant de “conceito vazio” onde o símbolo, implicitamente, reenvia para uma falta ou ausência que, por ele, símbolo, é suprimida, mas, também alicerçar-se na teoria da potencialidade do negativo que, considera Bion, vai permitir modificar a frustração através da criação de um não-objecto, figura mental que vai dar início ao processo de pensar.

1. 3. De Como a Imitação se Transforma em Mutualidade

MRML considera que a organização da vida mental, no bebé, vai alicerçar-se no “intercâmbio da imitação recíproca e alternante”, imitação que está consubstanciada em actos projectados em eventos ou sequências de eventos ritualizados em vai e vem, que, com uma função metabólica vão criar os andaimes para regular a diferenciação dos primeiros vínculos que o bebé vai construir (Leal, 1981, 1983, 1985, 1993, 1994).

A partir deste intercâmbio de imitações em vai e vem, vão-se construindo, no bebé, os primeiros padrões de intercâmbio com os outros que assentam num sistema de sinais que servem como equações de vivências emocionais e que estão alicerçadas em mensagens, gestos e objectos expressivos para o bebé e que ele utiliza, espontaneamente, no seu intercâmbio implícito com o Outro. O caminho para o simbólico far-se-á, então, pela transformação que o bebé vai fazer nessas equações vivenciais de modo a transformá-las em instrumentos de transmissão indirecta na comunicação simbólica com o seu interlocutor principal. Como especifica MRML, o caminho para o simbólico far-se-á através do modo como o bebé vai operar a passagem do seu mundo multifacetado de significados vivenciais para o território da comunicação simbólica onde, e emprestando o modelo a Bion, a pré-concepção se substitui à concepção no seu caminho em direcção ao conceito, como explicitou Amaral Dias.

Para MRML tudo começa a partir da capacidade que, desde que nasce, o bebê tem para a imitação imediata e que é devida, a existir, no bebê humano, um padrão de acção conjugada com uma atenção preferencial dada a um acto operado pelo Outro que vai possibilitar, ao bebê, a imitação desse acto que, por sua vez, lhe vai permitir ir ao encontro do seu interlocutor encetando o intercâmbio recíproco do actos mutuamente contingentes.

Será, então, este padrão que funda a humanização do filho do Homem e que assenta numa matriz bio-psicológica em que se estrutura o laço primário da relação de objecto, constituindo-se num padrão primário de expectativas e imitações.

Esta padrão inato, MRML compreende-o como uma estrutura circular inata de orientação que se concretiza através de um circuito que se inicia pela atenção intrincada na intenção e que se prossegue pela acção-pausa-repetição que vai regular, desde o início do intercâmbio, as trocas entre o bebê e o seu meio que constituem as suas relações objectais e que assenta, biologicamente em redes flexíveis de associação neuronais.

Dotando o bebê, desde o início da vida extra-uterina, de um aparelho integrador de relação emocional assente neste padrão inato de exploração das respostas de tipo “vai e vem” do outro, ou seja, de permutas, MRML, considera que o bebê, desde que nasce, tem capacidade para enquadrar as suas vivências primárias (pré-simbólicas) da relação implícita com o Outro, organizando-as em imagens “protopáticas” que transportam, tanto o sentido do destino próprio ligado aos outros como as emoções básicas que vão ressoar pela vida fora, o que torna este padrão inato de exploração das respostas do outro numa fonte insubstituível da organização das fronteiras do eu. A contingência mútua de atenção no intercâmbio expressivo do bebê com o Outro, advém para MRML, de, no intercâmbio do bebê com a sua mãe e tanto no bebê como na mãe, haver complexas redes de sinais em que a atenção, enquanto tensão referida ao Outro, e a expectativa correspondente se completam: a atenção/tensão expectante de um e a contingência de ritmos de resposta do outro tornam-se componentes de reciprocidade e de alternância indispensáveis à elaboração de mensagens entre eles.

Este padrão inato de orientação que se manifesta nas reacções circulares de atenção ao que aparece e desaparece, ao que vai e ao que vem ou não vem, é, finalmente, o

modo como, desde o início, o bebé procura a compreensibilidade do seu lugar num mundo repleto de complexidades, e que vai projectar no brincar dedicando-se a actividades de receber/dar, conter/vazar, encher/esvaziar. Mas, para que esta manipulação lúdica possa seguir o seu curso organizador e carregado de impulso, é necessário, considera MRML, que a relação de objecto seja internalizada como uma matriz reguladora que vai manter a busca de compreensibilidade das pessoas, dos eventos, das coisas. Como nota MRML, o bebé saudável joga, até à saciedade, o movimento de análise de vivências de conter e de ser contido, primeiro explorando o corpo, em seguida com o jogo, pela experimentação do põe/tira, separa/junta, aparece/desaparece, utilizando o bebé estes gestos como metabolizadores organizacionais que podem ser considerados como um padrão organizativo da mente em que se trata de cindir e reencontrar o que está separado e o que pertence estar junto.

A partir das concepções de Bion de como a criação simbólica modifica a frustração, MRML considera que, quando o bebé de três meses fixa o ponto de ausência, ou seja, o lugar donde acaba de desaparecer/deslocar um objecto de forte interesse lúdico, para o bebé, a resposta que ele vai dar está assente na existência de um padrão primário de organização pré-simbólica em que se revela a busca do lugar para o negativo, como fonte de pensar.

Na sua preocupação de alicerçar a sua compreensão dos fenómenos psicológicos em factos da observação, MRML nota que o carácter emocional globalizante de todas as reacções padronizadas do recém-nascido é comprovado pelo facto de que os movimentos corporais do bebé acordado são, espontaneamente, sincronizados com a fala do adulto presente. Nesta sincronia revela-se a imediatez da relação inter-subjectiva e será nesta sincronia dos movimentos e na sensibilidade à presença do outro, que se inicia o formato da mutualidade característica da primitiva relação mãe/bebé, união dual ou simbólica.

MRML precisa, ainda, que estas ressonâncias à comunicação linguística não supõem a percepção consciente do conteúdo do discurso ou do reflexo motor, quer no bebé quer no adulto interveniente mas implicam, apenas, no bebé, a reacção de orientação e o seu componente de alerta/habituação.

1. 4. Da Mutualidade à Elaboração Simbólica

Por analogia com os elementos β do modelo de Bion, MRML vai compreender o processo de desenvolvimento pré-simbólico como uma transformação de estruturas mentais primárias, os metabólos, na medida em que eles são como mediadores mentais estruturais que farão uma metabolização das vivências emocionais que o bebê vai experimentando através de uma actividade, que MRML caracteriza como compulsiva, de trocas recíprocas e alternantes entre objectos contentores (continentes) e contidos.

Será esta actividade que se irá tornar num instrumento transformacional que vai promover a organização mental ao englobar a vida emocional e interpessoal e ao permitir que o bebê vá construindo um entendimento partilhado sobre a ordenação do mundo que o envolve e que lhe proporciona uma rede de intercâmbio relacional com as pessoas que, com ele, estão afectivamente comprometidas.

O símbolo irá emergir desse entendimento partilhado, sendo, assim, um sinalizador de significados da realidade vivida dentro de uma dinâmica relacional e um organizador das experiências emocionais. O uso de signos, incluindo as palavras, na criança é, deste modo, a tradução final da organização gradual das primeiras e, ainda, confusas experiências expressivas que vão, ao longo do desenvolvimento, permitindo que o bebê vá construindo matrizes complexas desses significados vividos e narrados que, por sua vez, vão possibilitar novas formulações decodificáveis para o Outro mas que subentendem, sempre, a convicção de encontrar, no Outro, uma ressonância e uma possível resposta.

Será o padrão de acção de intercâmbio de “vai e vem” que vai ser o ordenador dessa experiência confusional primária desencadeando e/ou regulando o intercâmbio dialógico pré-verbal e verbal entre parceiros emocionalmente envolvidos, contribuindo, por essa cadência, para a estruturação das instâncias do Eu.

Esta cadência determinada pela mutualidade, ou seja, pela experiência de comunicação de vivências relevantes para o próprio e à medida que vai havendo uma elaboração interna dessa mutualidade, vai possibilitar a elaboração simbólica testemunhada pela linguagem falada. Serão as compreensões e as incompreensões

partilhadas nas situações relacionais mãe/bebé que irão constituir o contexto básico e indispensável a todas as aprendizagens e a todas as transacções íntimas futuras.

Sobre o processo de desenvolvimento pré-simbólico, MRML cita Oscar RIEDER (1963) que afirma que “No início, a linguagem falada só faz sentido para a criança na medida em que actualiza os acontecimentos em que ela experimentou a presença do Outro, num gesto de mutualidade. As palavras não transmitem sentido por si mesmas, são actos como sons e gestos que põem em cena contextos de relacionamento vivido e que muitas mães descodificam sem dificuldade”.

Imprescindível, ainda, precisa MRML, para que o intercâmbio e a comunicação se organizem simbolicamente, será haver uma distância entre a intenção e o objecto de intenção, entre a avaliação emocional e a representação da coisa enquanto o objecto externo para que possa haver uma diferenciação entre o veículo significante e o significado veiculado.

Este processo de diferenciação entre “significante e significado”, essencial para que o desenvolvimento simbólico se possa processar em toda a sua riqueza permitindo ao simbólico ir adquirindo sempre, mais espessura, na perspectiva de Amaral Dias, inicia-se logo, considera MRML, a partir do nascimento, pois o recém-nascido já tem funções primárias para destrinçar e discriminar os elementos da experiência primária da mente e a partir deles, construir a capacidade de localizar experiências e de classificá-las no seu contexto familiar e não familiar de forma a separar o que pertence e o que não pertence a cada situação e, desse modo, ir construindo uma barreira para certos estímulos e não para outros, de acordo com a relevância que tenham tido para o seu Eu.

Por sua vez, a alternância das experiências que, desde que nasce, o bebé experimenta e que advém da permanente dualidade entre activo e passivo que existe nas instâncias de vida que se permutam entre si e que o bebé vai inserir na comunicação implícita dos relacionamentos pré-verbais, vai dar origem, mais tarde e, já quando o simbólico se instalou, a metáforas que vão dar corpo à apreciação geral dos significados através dos anos e constituir a capacidade predicativa do desenvolvimento cognitivo (S. Bell) mas, precisa MRML, essas metáforas serão, sempre, um testemunho da permanente existência subjacente da vida emocional precoce, ao longo da vida.

1.5. Das Relações Objectais ao Sentido de Pertença

Alicerçando o seu constructo sobre o desenvolvimento simbólico a partir da noção de que a vida está encadeada, desde o início, num padrão de relação de presença/contacto com um objecto que responde e estabelece contacto com o mundo, MRML sustenta que as relações objectais originárias do bebé estão enraizadas nas expectativas iniciais que o bebé tem de um intercâmbio com um objecto de características pré-determinadas (Houzel, 1998).

MRML distancia-se, assim, da ideia de Freud de que a origem da vida mental do bebé estaria nos instintos, o que implicava o bebé ser não-objectal e reúne-se a Klein e a Bion, considerando, como eles, que o bebé traz consigo padrões inatos para enquadrar a experiência emocional na relação objectal não estando, apenas, condicionado pelo prazer para a sua sobrevivência física, pois, como especifica MRML, o bebé orienta-se, desde que nasce, para o mundo e para o contacto objectal dado que ele tem iniciativas.

Conceitos como identificação projectiva, posição relacional e supostos básicos que servem de alicerces a MRML, pressupõem a existência de uma relação objectal originária enraizada, considera MRML, nas expectativas iniciais que o bebé tem de um intercâmbio com um objecto de características pré-determinadas: o bebé não procura simplesmente um objecto alimentador, mas, também, um objecto de relação, tendo capacidade para “aprender com a experiência” já que traz, consigo, padrões inatos para enquadrar a experiência emocional da relação objectal.

MRML cita trabalhos de Zeedik (1997) e de Russel (1996) que mostram a conexão que existe, desde o nascimento, entre os indicadores da vida emocional e a agudeza na discriminação sensorial do bebé face ao mundo perceptivo, e, baseada nestes trabalhos, formula a hipótese de que o bebé tem expectativas sobre o mundo material e social muito antes de ter condições para agir sobre a realidade externa e muito antes de ter sucesso nos testes de permanência do objecto e de conservação dos conceitos de espaço, lugar e tempo.

Outras observações empíricas vão no mesmo sentido mostrando que o reflexo de orientação que o bebé revela, desde as primeiras semanas, já engloba o sentido de estar em presença, no contexto de uma relação de objecto.

Para que a relação de objecto se constitua numa verdadeira interacção com o Outro e possa alcançar uma congruência relacional é necessário, precisa MRML, que o bebé estabeleça e internalize uma matriz coerente de relacionamentos interpessoais com alguém valioso afectivamente para ele e para quem, ele também, seja valioso e que o reconheça na sua individualidade e nas suas potencialidades próprias para que o bebé possa ir construindo o seu sentido de pertença.

1. 6. Da Formação do Eu ao Sentimento de Autoria e de Projecto

Partindo dos estudos de J. S. Watson (1969-1979) sobre as interacções entre expectativa e repetição observadas em bebés de poucas semanas e de como essas interacções vão configurar, no bebé, reacções de análise de contingências de resposta do meio à sua própria iniciativa, MRML vai considerar que o núcleo vivencial de Eu se estrutura como um metabolo, ou seja, ainda de um modo pré-simbólico, ele vai-se constituir como uma fonte e um continente da experiência dessa invariância básica que é o metabolo e que subentende a existência de um padrão de acção accionado por configurações mentais pré-simbólicas estáveis.

Será, então, a actividade mental de análise em relação ao Eu do que vai e do que vem, ou seja, da “dimensão de retorno”, como a designa MRML que vai equacionar configurações mentais, movimentos internos e emoções despertadas por objectos de manipulação externa que, animisticamente, podem representar, para o bebé, partes de si próprio que, saindo dele e, de novo, entrando nele, vão permitir, ao Eu, um exercício de intuição capaz de expectativas face ao acontecer que possa vivenciar o ser continente e o ser contido.

O bebé vai, assim, apreender a tomar distância com o seu Eu e a empenhar-se num mundo que ainda mal compreende, através da interacção expressiva com a mãe, desde os primeiros dias de vida. Contudo, será só quando o Eu do bebé conseguir assumir a sua parte de “estar aqui” que pode conter, devolver e mediar a intuição do Eu alicerçado na vivência de ser encontrado e de encontrar, que o bebé poderá

iniciar a ordenação do seu universo relacional e, conseqüentemente, poder, a partir do diálogo emocional, fazer emergir a linguagem socialmente partilhada.

No processo de diferenciação do Eu, MRML considera que, assim como nas situações intersubjectivas é essencial para a distinção entre o Eu e o não Eu haver, entre os interlocutores, um objecto alvo num contexto de comunicação, também para o bebé vai ser o gesto motor expressivo, feito, em simultâneo, por ele e pela sua mãe, de apontar acompanhando o olhar interrogativo ou afirmativo que vai constituir uma situação de consenso que vai permitir que o bebé possa desenvolver a distinção entre o seu Eu e o não Eu.

Os intercâmbios de actos e palavras e a consciência ainda obscura que o bebé tem das mútuas imitações vão, como diz Paul RICOEUR (1990), citado por MRML, permitir que o Eu seja assumido pelo próprio, na sua narrativa pessoal, e possa olhar para si mesmo como um outro.

Mas, para que no bebé e depois na criança se institua um Eu que possa vir a encontrar o sentido da autoria e do projecto, é, sempre, necessário que, a partir do relacionamento intersubjectivo, possa emergir o pressuposto primitivo do padrão inato de busca de um interlocutor fiável que responde ao bebé/criança e lhe vai permitir aceder à vivência de “anseio por um outro” e, desse modo, lhe vai dando consistência ao seu estar no mundo. É neste sentido que MRML considera que, pela vida fora, se vai entrelaçar misteriosamente nessa experiência originária que o bebé teve com a sua mãe, um desejo fundamental de reencontrar, nas suas percepções, o testemunho daquele diálogo implícito que existe entre a mãe e o bebé na região do sentir em que o bebé e a sua mãe não são senão “um só por desejos acordos”.¹

MRML discorda da ideia de Lacan de que a identidade do Eu se estrutura a partir do reconhecimento da imagem corporal própria, ou seja, que a representação mental da identidade de cada um é devida à pessoa se reconhecer como figura física devido, considera Lacan, ao prazeroso reconhecimento que o bebé tem, a partir dos 6 meses, da imagem perceptiva seu corpo, quando se vê ao espelho. Para MRML, a identidade do Eu gera-se antes dos 6 meses e já no contexto dos jogos prazerosos de intercâmbio do bebé com os seus interlocutores e parceiros biológicos e emocionais, sendo criada e recriada cada vez que, no bebé, se

¹ Leal, M.R. M., *A Grupanalise*, Fim do Século, 1997, p. 123.

desencadeia o anseio do diálogo instituinte. MRML considera, assim, que a metáfora do espelho de Lacan sobre o reconhecimento da imagem perceptiva do corpo próprio não capta o padrão de expectativa da resposta do outro.

MRML salienta a importância para a formação do Eu do instante de pausa que existe em qualquer relação emocional intersubjectiva e onde acontece a espontânea imitação do formato ou da cadência do acto imediatamente precedente do outro. No bebé, quando ele observa a mãe a imitá-lo, ele vai sentir-se, diz MRML, encontrado e ao retomar, ele a seguir, o mesmo gesto ou acto face à sua mãe, vai acontecer um novo momento de mútua atenção em que cada um envolvido na relação se reflecte e se separa. Nesta sequência de imitação mútua entre o bebé e a mãe, o bebé, à medida que vai imitando a sua mãe, vai percebendo como a cadência dos seus actos alternando com os da sua mãe, o liga a ela mas, também, a diferencia dela. Esta sequência de actos descrita como o “espalhamento emocional”, constitui-se, assim, como a descreve MRML, como uma repetição alternada, pontuada pela atenção expectante do bebé e da sua mãe e onde se destaca o instante da pausa instituinte que demarca a alternância que separa e une um ao outro.

Será nesta área de encontro pontuado pela pausa e onde o bebé é, simultaneamente, origem e continuador da comunicação da mãe que o diálogo, enquanto alternância e acto de dar a vez, pode acontecer, mas será pela pausa expectante que faz parte dessa alternância do diálogo instituinte, que se vai gerar a distância, área intermédia entre o Eu e o Outro, que vai permitir que o bebé aceda ao jogo da mutualidade.

1. 7. As Etapas do Desenvolvimento Emocional

Na 1ª etapa do desenvolvimento emocional, o bebé, quando está em estado de busca e, portanto, receptivo ao Outro, vai construindo uma estrutura dialógica a partir das respostas que recebe da mãe e que são imediatamente contingentes a um acto espontaneamente emitido pelo bebé e que é a manifestação de condutas de orientação subjacentes ao estado de busca.

Esta estrutura dialógica assenta, assim, em vivências de alternância entre “o que vai e o que volta” e é construída em simultâneo com os padrões de vida emocional e de comunicação que vai ter um papel modulador através das sequências “atenção-

espera-atenção...” que, por sua vez, vai definir uma matriz primordial de intercâmbio pré-verbal que emerge do reflexo de orientação.

Estudos com o bebé de R. M. Bergshoem (1969), citados por MRML, revelaram que o bebé humano, desde muito cedo, manifesta claras preferências e intenções para as coisas e para a presença do Outro concluindo, como outros estudos experimentais semelhantes, que a mente do bebé funciona como um sistema de ressonâncias engrenadas entre si que não se destinam, apenas, a recolher e a fazer uma classificação dicotómica da informação mas que, também, permitem a ponderação (avaliação) dos significados globais dos estímulos que emanam tanto dos órgãos internos como dos sentidos.

As condutas de orientação que, desde que nasce, o bebé revela, pressupõem que o bebé tem já uma capacidade pré-reflexiva para se aperceber da orientação do outro face a ele próprio mas não tem, ainda, segundo Leslie (1990), referido por MRML, a qualidade de representação mental, dado que essa capacidade pré-reflexiva não necessita de ser consciente. No mesmo sentido, MRML considera que a apreensão directa que o bebé revela, desde muito cedo, e que é já um modo de intuição, constituída por ressonâncias mentais incorporadas em gestos, sons ou imagens, bem como a simbolização que o bebé faz de certos significados, pressupõem que as mensagens partilhadas deste modo são apresentadas pelo bebé sem que seja preciso que delas tenha uma representação mental consciente.

Esta hipótese de não haver ainda representações mentais conscientes, subjacentes às condutas de orientação ou às mensagens partilhadas, é corroborado, na vertente biológica, refere MRML, por descobertas neurológicas que constataam que a codificação das experiências subjectivas dentro de uma rede neuronal de comunicação múltipla, se faz segundo as leis dos fenómenos complexos.

Nesta primeira etapa é fundamental a atitude do adulto de esperar e de seguir os ritmos do bebé, sabendo esperar as suas pausas intermitentes que pontuam as emissões espontâneas dos actos do bebé que o adulto vai imitando para que a comunicação do bebé continue o seu desenvolvimento.

Importante é, igualmente, que o adulto saiba reconhecer o prazer que provém para o bebé de explorar as suas próprias expectativas e de encontrar a solução de discrepâncias no intercâmbio que, para o bebé, se tornam motivo de interesse.

Será pela ligação emocional que o bebé sente ao seu interlocutor com quem joga o jogo recorrente da alternância recíproca do “agora eu, agora tu” que ocorre no convívio biológico entre a mãe e o bebé que se iniciará o diálogo recíproco e alternante e poderão ter lugar as dádivas mútuas.

Através deste jogo “agora eu, agora tu”, o bebé vai, lentamente, integrando a vivência mental da rotura que, por sua vez, vai permitir que, no bebé, se vá realçando a realidade “ali fora” com a qual o bebé se serve para comunicar e que se vá consolidando a mútua colaboração dos dois intervenientes onde a iniciativa do bebé é tão relevante quanto a capacidade da mãe para responder, permitindo que se vá construindo uma interacção cadenciada por “trocas brincadas” de actos e de coisas numa sequência de alternâncias na comunicação.

Nesta sequência de alternâncias, e a partir das doze semanas, considera MRML, apoiada em Watson (1972), vai ser enquadrada a “apreensão instituinte do bebé de ser origem de actos e de intenções” (Leal, 1975, 1985, 1988).

Entre o primeiro e o quarto mês já se observam, no bebé, regularidades nas sequências de intercâmbio pré-verbal, testemunhadas na alternância recíproca de actos entre bebé e o seu interlocutor, que dependem da percepção da contingência de reacções do Outro ao próprio agir, o que vai possibilitar a organização de trocas alternantes entre os objectos e os significados a partilhar no espaço transicional da relação interpessoal.

A 2ª etapa do desenvolvimento emocional é considerada, cronologicamente, a partir dos nove meses, no momento em que o padrão originário manifesto na reacção circular de atenção ao que vai e ao que vem ou não vem, ao que aparece e desaparece, vai ser projectado no brincar. Será, sobretudo, entre os 9 e os 12 meses, que o bebé se irá aplicar, intensamente, nesta tarefa projectiva de metabolização e que lhe vai servir de registo pré-simbólico das interpretações subjectivas de todas essas experiências emocionais, registo que se mantém consistente no tempo e que vai condicionar as percepções dos acontecimentos ao longo da vida.

Este registo pré-simbólico das interpretações subjectivas das experiências que está assente nos actos de troca e de posse que vão corporalizar o bebé como detentor de mediadores partilhados, vai configurando uma área de significados que MRML considera como uma área de consistência subjectiva onde os objectos são

manipulados de parceria com o interlocutor e onde os significados podem ser nomeados verbal e/ou gestualmente.

A corporalização deste marco comunicacional observa-se a partir do 2º semestre, quando o bebé e o seu interlocutor, em simultâneo, apontam com o dedo para um mesmo objecto como referencial e, por consenso, num gesto expressivo que se acompanha de alternância do olhar interrogativo ou confirmativo. O rótulo fornecido irá ser, diz MRML, o produto “gostoso” deste consenso, um representante emocional em simultâneo com um representante linguístico.

A tarefa de construção de significados pessoais depende, assim, da partilha de um espaço pré-simbólico de comunicação emocional que o bebé cria, no fim do primeiro ano, com o apontar a uma segunda pessoa e com o referenciar gestos que são, já, características de uma triangulação, na medida em que esse apontar pressupõe uma rotulação de veículos consensuais de significados enraizados num entendimento a dois. Este consenso é expresso pela vivência de prazer que o bebé e o interlocutor experimentam face ao objecto referenciado, ao intuïrem um significado, entre eles partilhado, e será este formato subjacente ao “apontar a dois” que irá desencadear, considera MRML, a actividade fundamental da criação simbólica, ou seja, esta rotulação dos veículos consensuais de significados mais ou menos abstractos enraizados num entendimento a dois.

A partir desta rotulação de veículos consensuais, o bebé irá, paulatinamente, diz MRML, aceitar rotular os elementos da realidade como referentes externos de uma vivência interna como se apontasse mentalmente como fizera, anteriormente, com o dedo. Deste modo, o bebé irá atingir o estatuto de falante apesar de, nesta etapa do desenvolvimento emocional, as palavras funcionarem mais como actos do que verdadeiramente como símbolos, ou seja, mesmo quando a criança já tem o uso da linguagem, ela irá continuar, em certos contextos, a utilizar equações mentais ou pré-simbólicas ou a usar a linguagem, apenas, como acto, donde a importância de compreender, no percurso para o simbólico, o que distingue o sinal do símbolo, bem como o modo como o bebé vai transpor o hiato entre o vivido e o significado, ou seja, como o vai formular de modo abstracto neste percurso entre o veículo como referente e o conceito veiculado pela palavra.

Na 3ª etapa que se inicia com o aparecimento do andar, vai dar-se uma harmonização das vivências conflituosas e perturbantes para o bebé, harmonização que emerge de um trabalho de separação e individualização do self onde a realidade externa é veiculada, agora, pela figura paterna e pelas suas leis, contribuindo para o fortalecimento do veículo do conhecimento.

Na 4ª e última etapa do desenvolvimento emocional simbólico, a criança já vai conseguir diferenciar o seu viver do dos seus pais, quer eles estejam fisicamente presentes ou ausentes, através da incorporação da narrativa do viver dos seus pais e incarnando o imaginário deles com o seu nível conceptual que é distinto do dos seus pais.

2. O Desenvolvimento da Intencionalidade no Primeiro Ano de Vida¹

M. Suzanne ZEEDIK (1996), neste artigo, defendendo a necessidade de uma postura de integração nas várias posições teóricas sobre o desenvolvimento da intencionalidade, faz uma revisão de uma vastíssima bibliografia sobre os parâmetros a ter em conta como iniciadores do desenvolvimento da intencionalidade através de uma análise dos pontos de controvérsia, entre as várias perspectivas, que impedem um consenso e que se concentram basicamente à volta de três questões fundamentais:

- o que constitui e define a intencionalidade;
- que comportamentos traduzem esses elementos constitutivos da intencionalidade;
- como se processa a sucessão de etapas durante o desenvolvimento inicial da intencionalidade.

Na sua preocupação holística, e partindo das perspectivas cognitiva, social e ecológica, Zeedik propõe que se considere, nesta fase dos conhecimentos, a intencionalidade como a capacidade que o ser humano tem para dirigir o seu comportamento para o mundo que o envolve. Caracterizando este comportamento a

¹ A leitura deste artigo foi-me sugerida por Maria Rita Mendes Leal.

partir das concepções que actualmente dominam nos trabalhos sobre o desenvolvimento dos comportamentos no bebé, Zeedik considera a intencionalidade através de quatro perspectivas que, afirma, se devem mutuamente completar e não se confrontar:

- como um comportamento dirigido a uma meta (“goal-directedness”);
- como resultado do suporte parental (“parental scaffolding”);
- como a capacidade inata para a intersubjectividade;
- como um comportamento dirigido a um objecto (“behavioral object-directedness”).

Começando pela perspectiva filosófica, Zeedik chama a atenção para que, se a intencionalidade foi entendida segundo perspectivas filosóficas diferentes, contudo, em todas elas, há o consenso de considerar que a intencionalidade se refere a estados mentais e comportamentos que são dirigidos ou são sobre um objecto ou um facto específico, o que significa que, para os filósofos que mais se dedicaram ao estudo da intencionalidade, Brentano (1874-1917), Husserl (1889-1938), Merleau-Ponty (1908-1961) e independente das suas divergências, a intencionalidade inclui tanto uma experiência ou pensamentos de algo, como um comportamento ou movimento dirigidos para um objecto, uma pessoa ou uma situação.

Compreender as posições filosóficas sobre a intencionalidade é importante, na medida em que as divergências nas perspectivas psicológicas reflectem algumas das diferenças nessas posições filosóficas. Assim, para Brentano, o primeiro filósofo fenomenologista a interessar-se pela intencionalidade e que teve um papel determinante no Circulo de Viena, a intencionalidade era a característica principal da consciência, consciência que pressupõe a relação entre o espírito e o real e que é resultante da actividade das coisas sobre o Homem.

Cinquenta anos antes, já Husserl com a sua postura fenomenologista de grande preocupação pela honestidade intelectual que o levava a estar sempre disponível, intelectualmente, para renunciar a algo familiar se a experiência das coisas assim o impusesse, o que o levava a auto-intitular-se o “eterno principiante”, considerou a intencionalidade como o elemento específico da consciência através do qual ela

reenvia a algo do que está consciente, o que significa que a intencionalidade já não é, para este filósofo, o produto da actividade das coisas sobre o espírito do homem, mas que é nela que está guardado o segredo da relação de cada um com o mundo, o que significa que, podendo as intuições ser constituídas por acções e por pensamentos, elas têm de estar, necessariamente, referidas a representações mentais dos objectos e não, simplesmente, aos objectos em si mesmos.

Merlean-Ponty, discípulo de Husserl, mas também, integrando as ideias de Sartre na sua posição de existencialista interrogando a ambivalência, vai-se afastar da concepção da intencionalidade como sendo, por definição, uma característica restrita aos estados mentais e vai considerar que a actividade mental (consciência) não é o único modo de relacionamento da mente humana com o mundo, havendo outros como a propriedade da mobilidade que se observa, por exemplo, na visão ou no movimento do corpo. Como diz Merlean-Ponty, citado por Zeedik:

-“Já a mobilidade, no seu estado puro, possui o poder básico de dar a significação. (...) A mobilidade é a primeira esfera na qual, inicialmente, o significado de todas as significações é engendrado no domínio do espaço representado”¹.

As diferentes perspectivas psicológicas vão reflectir estas diferentes posições filosóficas e, se têm o mesmo ponto de partida, considerando que a mente, quer seja a alma, o Eu ou as faculdades cognitivas, tem um papel directivo no comportamento humano, vão divergir no modo como consideram que a intencionalidade advém à mente do bebé, ou seja, se ela é inata ou resultante das experiências que o bebé tem com o mundo que o envolve, o que pressupõe outra divergência de posições, que está no âmago da compreensão do que é a intencionalidade e que diz respeito à questão de saber se o bebé dá sentido ao comportamento dos outros, porque, primeiro, compreende o seu próprio comportamento ou se, ao contrário, o bebé vem a compreender as suas próprias experiências porque, primeiro, interagiu com os outros.

Esta divergência é alimentada, basicamente, por duas posições, explicitadas por Zeedik:

¹ Merlean-Ponty, M. , “*Phenomenology of perception*” (C.Smith, Trans.). London: Routledge and Kegan Paul., 1945/62.

- a posição dos cognitivistas, alicerçada na teoria da mente que advoga a primazia individual, afirmando serem os processos cognitivos o ponto de partida e a base para a análise explicativa da intencionalidade. Será a progressiva maturidade cognitiva do bebé que lhe irá permitindo um maior conhecimento de si próprio, essencial para uma posterior compreensão das acções dos outros;
- a posição das teorias sociais que, dando a primazia à interacção social, advoga que é o comprometimento emocional com o outro que leva o bebé à compreensão da sua experiência individual, tendo implícito que, no bebé, existe uma capacidade inata para a intersubjectividade, como defendem Trevanthen (1987- 1993), Tronick (1981), Vigotsky com a sua teoria sociogenética do desenvolvimento e Fogel (1993) ao considerar a relação social como a base da cognição, do conhecimento e da memória.

A partir destas duas posições, primazia individual versus experiência interpessoal, Zeedik vai expor as quatro perspectivas sobre a intencionalidade.

a- Intencionalidade como comportamento dirigido a um objecto

O desenvolvimento da intencionalidade é considerado em termos individuais e de uma direcção visando um objectivo: o bebé ao ter o desejo de uma actividade diferente da do momento, vai ter uma acção propositadamente usada visando um objectivo. Este objectivo requer já a presença de representações mentais o que implica que a intencionalidade se refere, sempre, a um estado mental, o que, por sua vez, significa que o comportamento é sustentado obrigatoriamente por um estado mental, como considerava Husserl. A intencionalidade é, assim, uma capacidade cognitiva do bebé.

Searle (1979) afirma mesmo que os estados intencionais não são sobre as representações mas eles são as próprias representações.

Difícil torna-se, nesta perspectiva cognitiva da psicologia do desenvolvimento, estudar a intencionalidade na medida em que não se podem observar os estados mentais só os podendo inferir o que no bebé, dada a ausência de linguagem, torna acrescida essa dificuldade.

Esta inferência vai ser feita a partir dos comportamentos observados no bebé, questionando o que, neles, pode pôr em evidência, um estado mental de intencionalidade, considerando Frye (1991), entre outros, os seguintes elementos:

- a antecipação do resultado de uma acção;
- a persistência numa acção;
- a correcção dos erros;
- a selecção de acções alternativas apropriadas a um objecto;
- a paragem da acção quando o objectivo é atingido;
- a evidência da surpresa manifestada pela expressão do rosto;
- a demonstração de uma preferência.

Se para a maioria dos autores cognitivistas há um consenso quanto a estes comportamentos reveladores da intencionalidade, já o mesmo não se passa quanto à idade em que o bebé começa a revelar esses comportamentos, referindo Zeedik três opiniões diferentes:

- os “representacionalistas” precoces que afirmam que a intencionalidade e, portanto, as representações mentais, estão presentes praticamente desde o nascimento e se apoiam na ideia de que os comportamentos de sucesso e de antecipação que se observam no bebé, desde que nasce, são sugestivos de terem já um objectivo;
- os “representacionalistas” tardios que exigem aos comportamentos intencionais não só a antecipação mas, também, a expectativa, reportando a intencionalidade para o final do primeiro ano, altura em que o bebé já consegue distinguir, separar o objectivo final da sua acção dos meios que o levam a esse objectivo.

Frye defende esta posição considerando que a intencionalidade existe a partir dos 8 meses, quando o bebé já revela uma atitude de surpresa perante uma alteração não esperada por ele, revelando, desse modo, uma compreensão do objectivo e dos meios de alcançar:

- uma terceira opinião defende que os estados mentais que sustentam a comunicação intencional não se podem desenvolver independentemente da estrutura linguística, reafirmando a necessidade das representações mentais na definição da intencionalidade e, conseqüentemente, considerando que os bebés só têm um agir

intencional quando são capazes de mostrar claramente, através do comportamento e da linguagem, que as suas acções são guiadas por estados mentais.

Esta primeira perspectiva sobre o desenvolvimento da intencionalidade, defendendo que as representações mentais são a origem do comportamento intencional encontra, contudo, dois impasses: um, primeiro, de como compreender a origem das representações mentais e um segundo e por considerar a intencionalidade intrinsecamente ligada aos estados cognitivos, que se prende com o modo de compreender o desenvolvimento da sensibilidade para outros estados psicológicos que acompanham a comunicação social.

Este impasse abre porta à segunda perspectiva, assente nas teorias sociais interpessoais.

a- A intencionalidade como resultado do suporte parental

Nas teorias sociais, a intencionalidade é estudada a partir do papel que ela desempenha ao permitir que dois indivíduos possam comunicar entre si. O desenvolvimento da intencionalidade é definido em termos de uma relação diádica e já não como um funcionamento individual e onde a comunicação interpessoal não é, apenas, o meio para atingir os fins mas, também, tem um valor de interacção. Será esta interacção, constituída pela partilha de uma experiência individual que veicula um significado, que vai ser o ponto de partida para o bebé desenvolver a sua compreensão do mundo e os seus objectivos, sendo essas interacções sociais precoces uma evidência da intencionalidade.

Nesta perspectiva interpessoal, Zeedyk destaca dois grupos de teorias sociais. O primeiro grupo engloba as teorias “como se” que consideram que os bebés não têm capacidades intencionais mas que são os pais que os tratam como se os bebés as tivessem ao atribuírem (projectando) significado aos comportamentos dos seus bebés. A partir das observações directas de bebés feitas por Brazelton, Stern, Trevarthene e Vedeler, entre outros que estudaram as interacções dos bebés com os pais, as teorias “como se” concluem que os pais, desde muito cedo, respondem a muitos dos comportamentos dos seus bebés de um modo que sugere que eles vêem as acções do bebé como intencionais apesar dessas acções, na realidade, não veicularem os significados que os pais assumem que elas têm.

Como diz Newson (1979), citado por Zeedyk, “os bebés humanos tornam-se humanos porque são tratados como se fossem humanos”.

A esta teoria “como se” pode aplicar-se, contudo, a mesma crítica feita às teorias cognitivas na medida em que se a compreensão social não é considerada uma capacidade do bebé que existe desde o início do seu desenvolvimento, fica difícil compreender como vai o bebé adquiri-la mais tarde, no momento da comunicação social.

É para responder a este impasse que aparece um segundo grupo de teorias sociais que defende que os comportamentos sociais têm origem nas interações sociais precoces considerando, como afirma Reddy (1996) que não são os conhecimentos sobre o outro que vão permitir a comunicação intencional mas são, pelo contrário, as intenções comunicadas que vão possibilitar o conhecimento sobre o outro.

Estas teorias fundamentam a terceira perspectiva sobre o desenvolvimento da intencionalidade consideradas por Zeedik e que assentam no pressuposto de que a intencionalidade é uma capacidade inata para a intersubjectividade.

c- A intencionalidade como capacidade inata para a intersubjectividade.

Trevarthen (1977, 1979, 1980, 1989, 1993), Brazelton (1982) e Tronick (1981, 1978, 1988), no âmbito das teorias sociais, defendem que a intencionalidade é fundamentalmente um fenómeno emocional interpessoal, nascendo já o bebé com uma capacidade inata para a intencionalidade como evidenciam o estudo das interações sociais precoces.

Nesta perspectiva, o recém-nascido nascerá, já, biologicamente equipado com uma capacidade para a intencionalidade sob forma de uma sensibilidade e de uma progressão para comportamentos interpessoais, o que significa que não há um início de intencionalidade per si, e que as suas formas mais precoces, ainda que muito rudimentares vão-se tornando, com o avanço do processo do desenvolvimento psicológico, cada vez mais complexas e controladas.

Esta perspectiva da intersubjectividade inata vem contrariar a clássica posição cartesiana de que o bebé nasceria cego para os estados mentais dos outros, argumentando que é só no contexto do “querer saber” sobre a mente dos outros que os bebés podem compreender a sua própria mente.

Trevarthen, num estudo sobre várias etapas do desenvolvimento da intencionalidade, durante o primeiro ano de vida, constata comportamentos comunicativos que, ao longo do desenvolvimento psicológico desse primeiro ano, se vão articulando à volta de certas “temáticas”. Assim, o recém-nascido, logo nos primeiros dias, mostra uma sensibilidade ao estímulo social através, por exemplo, da preferência pela voz da mãe ou pelos seus comportamentos de imitação, confirmando a tese de que o bebé começa a vida já com uma competência para as relações interpessoais, constituindo esta sensibilidade ao estímulo social a primeira etapa do desenvolvimento da intencionalidade.

Aos dois meses, constata Trevarthen, já o bebé contribui para as interacções de um modo consistente apesar das interacções comunicativas ocorrerem, ainda, entre o bebé e os seus pais simplesmente como um vai e vem de comunicação e não como uma transmissão de informação sobre algo em particular. A esta etapa, Trevarthen denomina de intersubjectividade primária.

A reciprocidade e a sincronização que cada vez vão sendo mais evidentes nas trocas, nas expressões faciais e nas vocalizações das interacções mãe-bebé, vão transformando as interacções comunicativas em verdadeiras conversas, “proto-conversas”, que revelam, já, muitas das características das conversas dos adultos assentes na comunicação verbal como são o vai e vem entre os dois, a antecipação de vários componentes visuais e vocais onde o bebé tem, já, um papel activo no início e na conclusão dessas “proto-conversas” com a sua mãe.

Estas teorias da intencionalidade inata consideram que, o que torna possível estas “proto-conversas”, é a existência, já nessa altura, de uma intencionalidade mútua partilhada entre mãe e bebé que assenta, por sua vez, na motivação inata do recém-nascido para se engajar em interacções pessoais. Esta motivação inata para interacções com pessoas é revelada, por exemplo, nos bebés de dois meses quando mostram significativamente mais respostas sociais, como o sorriso, a animação das expressões faciais e as vocalizações, quando estão na presença de pessoas do que perante objectos para os quais são os comportamentos de os tentar alcançar os mais frequentemente exibidos. Igualmente as vocalizações são mais melodiosas, a “dança dos dedos” e o abrir das mãos são mais frequentes para as pessoas do que para os objectos. Esta constatação, entre muitas outras do mesmo teor, levam os partidários

da teoria da intencionalidade inata a concluírem (Trevarthen, 1989) que a cognição do engajamento interpessoal no bebé de dois meses é diferente da actividade mental (consciência) dirigida aos objectos, tanto a um nível motivacional como objectivo.

Para Trevarthen, estas diferenças nas respostas do bebé devem-se ao fundamento biológico da intencionalidade que, desde o nascimento e dado a sua condição de ser inato, está activo indo sensibilizar o bebé para ritmos, movimentos e expressões emocionais dos outros seres intencionais e, desse modo, tornando-se no responsável pelas diferenças existentes nas respostas comunicativas do recém-nascido dadas a um ser que responde, psicologicamente, ou a um objecto físico, o que leva Trevarthen a concluir que a motivação e o movimento do bebé para as pessoas tem um carácter inato diferente das motivações e dos movimentos para com os objectos.

Contudo, salienta Trevarthen, por volta dos cinco meses, vai-se observar uma mudança da atenção do bebé que se vai engajar menos vezes nas trocas proto-conversacionais, podendo mesmo derivar a atenção do outro, a favor da emergência de uma preferência pelos estímulos vindos dos objectos físicos, preferência que é acompanhada por uma maior atenção dada ao meio que envolve esses objectos. Para esta mudança contribui, certamente, a maturação motora e da capacidade visual, competências que vão permitir que o bebé consiga melhor alcançar, agarrar e manusear os objectos apesar de, nesta etapa, o bebé ainda não ser capaz de partilhar informação sobre os objectos ou o meio.

Será só a partir do 9º mês que se observará, no bebé, uma integração da atenção focalizada no social e nos objectos, altura em que se pode considerar que tem início a etapa da intersubjectividade secundária. Nesta etapa, a atenção em comunhão com o outro e o referenciamento social já são possíveis, permitindo que a díada possa partilhar um interesse pontual, consubstanciado, por exemplo, no “apontar a dois”.

Dando realce a esta perspectiva que alicerça a compreensão do desenvolvimento da intencionalidade no desenvolvimento da intersubjectividade. Zeedyk privilegia a concepção da intencionalidade como sendo um fenómeno alicerçado nas relações interpessoais e não uma acção solitária individual, sendo o bebé guiado biologicamente para o acto de comunicar com o outro o que lhe vai possibilitar que a sua “mente” “se oriente” e “se encontre” com a mente dos seus pais devido a um

motivo biológico existente em ambos que fundamenta a subjectividade que, igualmente em ambos, apela à mutualidade e à partilha.

Trevarthen considera, ainda, que as “temáticas” à volta das quais a intencionalidade do bebé se vai organizando vão ser, cada vez mais, complexas e elaboradas apesar de, qualitativamente, as relações intencionais com o mundo não serem muito diferentes nos primeiros meses e ao longo da vida.

Nestas teorias da intersubjectividade inata outra diferença em relação às outras perspectivas reside no facto dos pais já não serem vistos como activadores ou administradores da activação da intencionalidade do bebé mas serem consideradas como parceiros para o bebé, ajudando-o a compreender os significados ao partilhar as suas próprias intenções com o bebé.

Como saliente Trevarthen (1979), se é verdade que o bebé convida a mãe para, com ele, partilhar a “dança das expressões” e das excitações porque ele precisa de um parceiro, também é verdade que ele já sabe o principal dessa dança suficientemente bem e não é um mero fantoche que se anima pela mímica da mãe.

As teorias sociais “como se” concordam com as etapas do desenvolvimento da intencionalidade descritas por Trevarthen mas não as consideram, como seria de esperar, como uma expressão da intersubjectividade que só consideram que existe a partir dos 9 meses, ou seja, a partir da etapa da intersubjectividade secundária, já que vêem a etapa que Trevarthen considera como de intersubjectividade primária como sendo, ainda, uma projecção parental.

Dado estas divergências teóricas, Zeedyk chama a atenção que as diferentes interacções dos, supostamente, mesmos elementos de observação, bem como a falta de consenso nos vários estudos se devem, entre outros factores, às condições rígidas e não naturais da observação de bebés, às várias metodologias experimentais utilizadas bem como aos diferentes critérios de experimentação aplicados. A título de exemplo, Zeedyk refere que o mesmo comportamento do recém-nascido de abrir a boca, ou de protusão da língua tanto pode ser considerado, por umas teorias, como um comportamento de imitação do bebé que pressupõe uma actividade propositiva e uma acção voluntária, como pode, para outras teorias, ser um comportamento automático de natureza reflexiva, não requerendo uma explicação de mutualidade.

Antes de abordar a quarta perspectiva, Zeedyk salienta que o desenvolvimento da intencionalidade proposto pelas teorias da intersubjectividade inata oferece a vantagem de considerar a socialização desde o nascimento e não como emergindo de um estado de a-socialização difícil de caracterizar, como também de precisar como a estrutura cognitiva lhe põe termo.

Considerar a socialização desde o nascimento é dar um contexto donde, desde o primeiro dia de vida, modos mais complexos de intencionalidade podem emergir numa perspectiva em que a natureza da intencionalidade evolui, ao longo do desenvolvimento, segundo um continuum interpessoal.

d- Intencionalidade como um comportamento dirigido a um objecto

Vedeler (1994) opõe-se a uma definição da intencionalidade fundada nas representações mentais na medida em que as próprias representações mentais requerem a intencionalidade, porque são, já, representações de alguma coisa o que as torna, inerentemente, intencionais.

Vedeler propõe, em alternativa, que a intencionalidade, no bebé, seja um pré-requisito para a explicação da origem das representações mentais e que a sua definição esteja apenas baseada na direcção do comportamento sem referência ao conteúdo mental.

Afastando-se de Brentano e de Husserl que consideraram a intencionalidade como uma característica restrita aos estados mentais, Vedeler apoia-se em Merlean-Ponty e vai considerar uma forma elementar da intencionalidade baseada num comportamento direccionado para os objectos e sem que seja preciso estar sustentado em representações mentais com um papel causal nesse comportamento.

Aproximando da noção de intenção-na-acção descrita por Searle e da teoria ecologista de Gibson que enfatiza a interacção do organismo com o meio, meio que engloba os objectos físicos como, também, os comportamentos dos outros, Vederler considera que a intencionalidade se desenvolve por expansão, como uma propriedade do corpo e da mente não estando, assim, apenas confinada à mente e integrada numa relação do organismo com o meio inserida no contexto onde ela ocorre. Fundada nesta relação do organismo com o meio, a intencionalidade pode ser estudada pela teoria dinâmica dos sistemas.

No final desta extensa revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento da intencionalidade, Zeedyk, apelando a uma abordagem integradora das várias perspectivas como forma de encorajar o diálogo entre elas, conclui salientando três níveis de integração:

- uma definição de intencionalidade que ultrapasse a controvérsia sobre a necessidade, ou não, de estar alicerçada em estados mentais que são a causa dos comportamentos intencionais e abrangendo todas as formas de intencionalidade, desde as mais simples, não mentais, até às mais complexas, pressupondo que, ao longo da vida, vão existir modos complexos de intencionalidade onde o comportamento é causado por um estado mental com modos mais primitivos que vão sendo guiados por estados mentais não intencionais como acontece com os comportamentos automáticos dirigidos a um objecto;
- o tipo de comportamento que evidencia a intencionalidade e que deverá integrar comportamentos emocionais e cognitivos, interpessoais e individuais abarcando, não só os comportamentos de antecipação, de selecção apropriada de acções, de cessação dos comportamentos e de persistência que geram o consenso, mas, também, as expressões faciais, as vocalizações precoces, o ritmo e a combinação de comportamentos na interacção e a sincronia dos comportamentos que, contudo, não são, ainda, considerados por todos como comportamentos intencionais.
- finalmente a integração deve ainda existir ao nível do modo como se sucedem as várias etapas do desenvolvimento da intencionalidade, sobretudo sobre o significado que tem cada uma dessas etapas e sobre o tipo de comportamentos característicos de cada uma delas.

3. A Originalidade do Modelo de Maria Rita MENDES LEAL

Maria Rita Mendes Leal, considerando que, desde o início da vida extra-uterina, o bebé tem um aparelho integrador de ressonâncias emocionais, vai estudar a comunicação que o bebé estabelece, com o seu meio envolvente, integrando-a na comunicação não verbal que ela caracteriza como sendo uma ressonância emocional vivida na simultaneidade e na sincronia e que permite sinalizar significados, através de uma sinalética proto-mental.

O seu significado, vivido no intercâmbio emocional, o bebé vai captá-lo através do seu aparelho integrador das ressonâncias emocionais, aparelho que funciona graças a um padrão inato de relação que é capaz de metabolizar os elementos da experiência permitindo que o bebé construa uma capacidade para a relação com o objecto.

Esta capacidade para a relação com o objecto está consubstanciada na percepção que o bebé tem de contingências recíprocas e alternantes que existem nos intercâmbios que o bebé tem com as pessoas devido à existência de mediadores mentais estruturantes, os metabólos, que têm uma função de moduladores da comunicação e de diferenciação com o Outro. Por definição, os metabólos são configurações mentais pré-simbólicas, padrões inatos assentes no património biológico individual, que funcionam como padrões de “vai e vem” que se vão tornar em organizadores internos geradores do processo primário de atribuir significação ao mundo exterior, constituindo, deste modo, num padrão de ordenação simbólica.

Esta capacidade para integrar relações emocionais move-se no território dá intersubjectivo que tem os seus alicerces no desejo e na internacionalidade e se consubstancia na empatia que envolve os parceiros de interacção. A intencionalidade torna-se, assim, numa peça fundamental do desenvolvimento do pensamento simbólico sendo através dela que, considera MRML, se irá fazer o processo da hominização ou de humanização no bebé e que exige a existência de um adulto cuidador que cuide mas, que, também, permita a individuação.

A compreensão do funcionamento do pensamento antes da linguagem e da génese do simbólico feita por MRML segue o modelo de Bion, sendo o metabolo, o correspondente à função e a formação do conceito também feita no território da capacidade negativa.

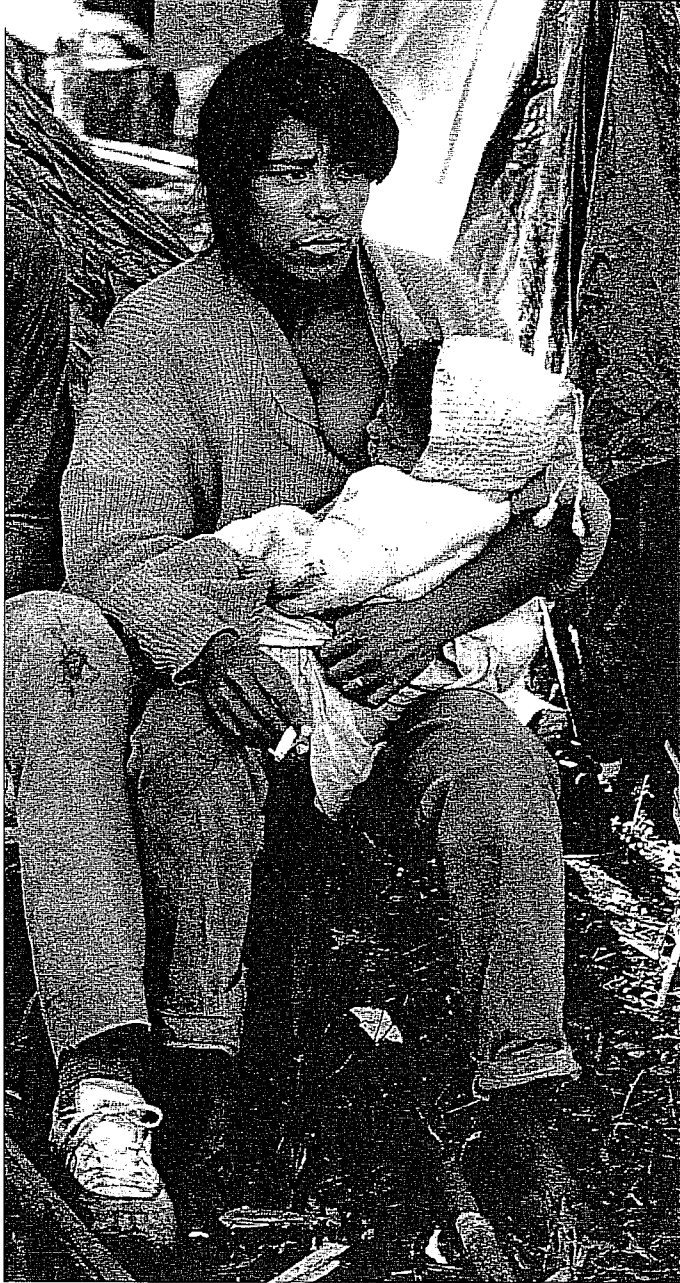
Tendo o bebé, desde muito cedo, uma capacidade de imitação imediata, será o intercâmbio da imitação recíproca e alternante que constituirá o alicerce da organização da vida mental do bebé, consubstanciado nos actos de vai e vem. Este intercâmbio vai permitir que o bebé construa os primeiros padrões do intercâmbio, primeiro alicerce para o simbólico, num processo que respeita o modelo do aparelho pré-conceptual de Bion e que funda a humanização do bebé humano. Este padrões têm as suas raízes na matriz bio-psicológica do bebé bem como na capacidade inata de orientação que o bebé já traz dentro de si, quando nasce e, neles, a atenção e a intenção vão-se intrincando, permanentemente, uma na outra, permitindo que o bebé passa ir enquadrando as suas vivências primárias com o

Outro em imagens protopáticas. Deste modo, estes padrões tornam-se para o bebé, num modo de busca da compreensibilidade do seu lugar no mundo implicando a existência de uma relação objectal internalizada que funciona como uma matriz reguladora que mantém essa busca de compreensibilidade. Assente no modelo primário da organização pré-simbólica descrito por Bion, esta busca de compreensibilidade vai existir, também no território do negativo, tornando-se num dos fundadores da actividade do pensamento.

Por outro lado, a intersubjectividade nas interrelações, fomentando a sincronia e a sensibilidade à presença do outro vão dar às relações precoces mãe/bebé, a característica da mutualidade que para MRML é indispensável à elaboração simbólica, sendo ela que vai possibilitar que a ligação do emocional e do interpessoal que a actividade do transformacional dos metabólos leva a cabo, se possa construir em redes de intercâmbio relacional de entendimento partilhado. Estas redes vão, por sua vez construir matrizes de significado que sempre pela permanente elaboração interna da mutualidade vão possibilitar a elaboração simbólica necessária à linguagem falada que, pela sua génese, tem sempre implícita a intencionalidade que possibilita a diferenciação entre veículo significativo – a representação da coisa, do objecto da intenção – e o significado veiculado – a avaliação emocional da representação da coisa, a intenção propriamente dita.

A internalização permanente das matrizes coerentes de significado das relações interpessoais vai, por sua vez, permitir a instalação do sentido de pertença, consubstanciado no Eu. O Eu estrutura-se, segundo o modelo de MRML, à semelhança de um metabolo, pelo que pode ser considerado, na sua origem, como um continente de experiências que, partindo de uma etapa pré-simbólica, e pela intencionalidade, se vai constituir num continente das configurações mentais dos movimentos internos e das emoções despertadas pelos objectos de manipulações externos que terão valor de conteúdos.

Considerando, assim, a dialéctica entre continentes e conteúdos pela qual o Eu se diferencia do não Eu, MRML salienta a importância do gesto do bebé de apontar algo em conjunto e em simultâneo com a sua mãe como paradigma das situações de consenso que vão possibilitar que o bebé partilhe, com o seu parceiro inter-relacional, um espaço pré-simbólico e que são necessárias ao bebé para que possa ir assumindo o seu Eu, na sua narrativa pessoal e com a distância exigida para que o Eu possa vir a encontrar o sentido da autoria e do projecto.



III / OS MODELOS DA PRÁTICA

1. Identificação do Objecto a Estudar

No território do nada e do sem sentido que emerge da explosão do nascimento, o bebé vai sentir a angústia do desamparo inicial e, em simultâneo, vai criar um vínculo com o objecto que o ampara e o apazigua, vínculo que é da ordem de um sentimento de apego e que lhe vai passar a senha para que, do território do nada, sem sentido, possa alcançar o universo em expansão que tem à sua frente.

Pelo apaziguamento, e pela transmissão da senha, o outro, que cuida que o bebé não caia, não se desintegre, no território do nada sem sentido, que também tem porta aberta para o território do Buraco Negro, espera que o bebé memorize a senha, como ele já a memorizou quando os seus pais lha transmitiram.

O bebé, por seu lado, sabe que essa memória é a sua sobrevivência e a sua riqueza e, por isso, cuida dela para que possa entrar num território mais acolhedor e mais rico e afastar-se, cada vez mais do território das grandes catástrofes, sem retorno, que é o território do Buraco Negro. Território que o bebé pressentiu, quando estava em terras de desamparo onde se fala a língua de Thanatos mas onde, também se fala a linguagem do apego, que é a que o objecto primário fala com ele.

A pouco e pouco, o bebé foi aprendendo as duas línguas que se foram, também pouco a pouco, fundindo num “esperanto” com raízes etimológicas num território do íntimo onde habitam as pulsões do prazer e da agressividade e num território da relação onde se forja um ambiente apaziguador.

Este esperanto, o bebé, vai também, cuidar dele porque, sabe, que ele o acompanhará toda a vida, permitindo-lhe comunicar com os outros e com ele próprio. Sabe, também, que é pelo “esperanto” que, inexoravelmente, ele se liga ao que vem de um território habitado por uma “Memória do Futuro”.

É também o esperanto que lhe vai permitir que, traduzindo o que se diz no território da simbiose e o que nele fala, vindo do território de Narciso, ele possa encontrar-se no simbólico e, nele, construir as suas representações simbólicas e ter os seus objectos privados da fantasia.

1.1 Características do Objecto a Estudar

- O bebé do limbo é um bebé da psicologia e não da psicopatologia.
- Que vai num processo que o leva ao “eu não sou tu e tu não és eu”.
- Que se deixa apaziguar pelo outro e por ele consolar porque, sendo do limbo, clama por braços que o embalem.
- Antes de nascer, estava em conexão siamesa com a sua mãe, depois, acabado de nascer, ficou a mercê de uma desorganização interna porque estava habituado a viver em terras do “at-one-ment”.
- Vive na dialéctica entre as forças do destino e as suas pré-concepções inatas.
- Constrói, desde que nasceu, a sua própria história com reminiscências pessoais e ancestrais de uma memória do futuro. Mais, tarde, muito mais tarde e já fora da terra do limbo, vai ser o narrador dessa sua história e contar: “Era uma vez um bebé do limbo...”
- É um bebé com especificidade, apesar de muitos não lha reconhecem por estar nesse território que é o do limbo. E essa sua especificidade está no território da significação, que os outros lha dão e que, ele próprio, cria.
- E cria porque já tem capacidade para sonhar apesar de, dos sonhos nada poder, ainda, dizer.
- É um bebé que teve como padrinhos, Melanie KLEIN e Wilfred BION, por isso, não é an-objectal, nasceu com emoções próprias e meios para receber, desde logo a seguir à cesura do parto, as experiências emocionais que tem, como parceiro, com os objectos de relação que, com ele, interagem. Por isso, não está condenado às garras da sobrevivência: não é um bebé para a sobrevivência, é um bebé para se dar numa relação.
- Porque é um bebé que nasce para a intersubjectividade porque, desde o nascimento, ou quase logo, é intencional.
- Intencionalidade que o acompanha na sua natureza de um ser de prazer e de um ser de relação.

- Bebé que pensa, também, com o corpo, não o relega porque sabe que a sua verdade, que o vai levar para o território do simbólico, toma raízes no seu corpo e não só na sua alma.
- Bebé que, se no limbo está sozinho, perto dele estão os seus anjos ancestrais.
- Bebé que espera que alguém, como aconteceu outrora com uma senhora que acreditava que o principal é a bondade e o afecto, venha saber novas dele.
- Bebé que, apesar de tudo, o que se disser dele, irá, sempre, mais longe...

1.2 O Habitat do Objecto a Estudar

Este bebé vive no limbo, porque está num território que é o da ausência, entre a demasiada ordem, o paraíso, e o demasiado caos, o inferno.

Limbo que é:

- Uma terra que pertence ao universo da Memória do Futuro.
- Qual fronteira da Realidade Última, de onde, nos inícios se vem e para onde se vai, no final de tudo, nascente e lugar da ausência, do silêncio e do esquecimento.
- Limbo como campo magnético, no dizer de Pontalis.
- Limbo, território antes do nada e do sem sentido que estão na contingência do Buraco Negro.
- Limbo no caminho de uma Jerusalém Celeste de Lanteri – Laura onde, acabado o apocalipse, pode haver um saber acabado.
- Limbo como terra da sombra que está no centro de tudo, como está, também, o território do negativo.
- Limbo que, qual matema, é um território que não pode ser dito mas pode ser transmitido, aos outros.
- Limbo como a terra onde a compreensão poderá habitar como ela é, na sua essência e sempre, como um mal entendido, como disse Matte Blanco.
- Limbo que, finalmente, é um território que permite ir mais longe...

2. Os Modelos Teóricos Subjacentes

2.1 A Especificidade da Psiquiatria da Primeira Infância

Este trabalho insere-se no âmbito da psiquiatria da primeira infância considerada não como uma extensão da psiquiatria mas como uma entidade epistemológica com uma identidade própria que se alicerça em dois eixos centrais de reflexão:

- o estudo dos processos de subjectivização e de semiotização na espécie humana, a partir do estudo das interacções precoces, segundo uma abordagem teórica dinâmica e intersubjectiva e dando lugar central ao corpo;
- o aparecimento e o aperfeiçoamento de novos fundamentos da semiologia inseridos na sua dimensão interactiva, o que implica que esses fundamentos sejam estudados, também, em relação ao psiquismo dos pais, do observador e/ou do terapeuta.

Este segundo eixo da psiquiatria do recém-nascido e do bebé implica assim, que a par da semiologia da perspectiva clássica, se tenha em conta uma semiologia interactiva, ambas exigindo ao observador, que constrói as hipóteses sobre o mundo psíquico do bebé, que tenha uma “atenção psíquica”¹ para que possa ir para além de uma observação de superfície e das interacções comportamentais.

Por outro lado, ter como abordagem científica da psiquiatria da primeira infância psicanálise, e portanto uma compreensão metapsicológica dos dados da observação, é considerar que este constructo teórico é o melhor garante para se ter uma postura de respeito e de dignidade que são devidas ao bebé e à sua unidade como sujeito que é, (sujeito do consciente e sujeito do inconsciente) e que a Psicanálise é o melhor contributo para uma teoria do desenvolvimento do pensamento, vindo completar os novos conhecimentos neurobiológicos e cognitivos porque capta a dimensão interactiva, relacional e intencional desses processos através dos seus três registos, dinâmico, tónico e económico, que permitem inserir, permanentemente, o estudo do

¹ Termo utilizado por Golse para caracterizar uma atenção que abrange os fenómenos interpsíquicos entre o observador e o observado e próprio da observação de bebés pelo método Bick.

desenvolvimento psíquico do bebé na dupla inscrição corporal e das interacções afectivas.

Utilizar as teorias psicanalíticas sobre a via fantasmática e simbólica do bebé exige, contudo, ter sempre presente que, nesta área do fantasma, da fantasia e do simbólico em relação a um ser que, ainda, não tem linguagem, só podemos conhecer dela o que observamos a partir do que o bebé nos mostra indirectamente, bem como que todas as hipóteses que formulamos são hipóteses, por nós, reconstruídas e, inevitavelmente filtradas pelo “a posterior” dos nossos próprios recalcamientos de adultos, o que significa que a teoria psicanalítica deverá ser uma ferramenta, não só para estudar o objecto mas, também, o observador do objecto.

Utilizar a psicanálise deste modo, é dar coerência ao processo científico na medida em que se vai ter em conta o papel que a contratransferência do observador tem no acesso ao mundo representacional do bebé que ainda não é verbal, contratransferência que, pela compreensão psicanalítica, longe de ser um obstáculo, se torna, pelo contrário, numa das ferramentas do estudo do psiquismo do bebé, já que, sendo a interpretação o instrumento de trabalho utilizado pelo observador, ela própria, interpretação, é compreendida à luz de uma “teoria do espírito”, o que a torna numa mais valia cientificamente integrada e não num artefacto ou num estorvo do método científico utilizado.

Ainda, utilizar os modelos da ontogénese psicanalítica é poder dispor de modelos com a característica de “objectos maleáveis” o que permite utilizá-los como quadros de referência no seio dos quais o bebé, mantendo a sua individualidade própria, vai poder deixar a sua marca, o seu estilo. Mas, também, o observador ao utilizá-los, e graças a essa maleabilidade, vai ficar disponível para o imprevisto, funcionando com a parte insaturada da sua mente, o que lhe vai permitir escapar ao que Bion denominou de arrogância do investigador, deixando-o livre para observar, com uma atenção psíquica, o que é singular e específico a cada bebé, numa postura de respeito pelo futuro narrador que, ele bebé, vai ser, mais tarde, da sua própria história pessoal. Deste modo, o quadro psicanalítico permitirá trabalhar num modelo que Bion denominou de hipérbole helicoidal. Finalmente, é preciso, também, não

esquecer as possíveis armadilhas do método psicanalítico e, porque se está numa procura das origens que pode levar à vertigem de nos deixarmos ir pelo fascínio que todos os começos exercem, não perder a noção do valor mítico dos modelos psicanalíticos sobre o desenvolvimento do bebé, ou seja, é preciso não esquecer a oposição que Levi Strauss estabeleceu entre os mitos com uma valência metafórica e as teorias científicas com uma relevância metonímica, bem como, que um modelo é sempre uma reconstrução mítica elaborada no “a posteriori”.

Defender, igualmente, a identidade própria da psiquiatria da primeira infância não impede que se reconheça que ela implica abordar questões difíceis, já que se está num território do infra-verbal da comunicação que, paradoxalmente, é, também, o território da intersubjectividade.

Entre estas questões difíceis e no âmbito deste trabalho são de destacar:

- a ontogénese da pessoa e do sentimento de si;
- a formação do aparelho psíquico;
- a emergência do pensamento e das primeiras representações mentais;
- a instauração dos processos precoces de simbolização.

Todas estas questões pressupõem, a partir do modo como são compreendidas pelo psiquiatra do recém-nascido e do bebé, a dupla inscrição corporal e interactiva dos processos de simbolização, donde vão emergir as primeiras significações primordiais, dado ser ponto assente que o corpo está incluído na actividade do pensamento do bebé, não só como fonte profunda dessa actividade, mas também como lugar da sua exteriorização, o que é um argumento para viabilizar as observações directas do bebé e para reforçar a necessidade do diálogo da psiquiatria do recém-nascido e do bebé com outras abordagens transdisciplinares, nomeadamente as que se debruçam sobre as competências precoces do bebé, sobre a análise dos sistemas interactivos e sobre o estudo das psicopatologias arcaicas. Todas estas abordagens são concludentes quanto ao corpo estar no âmago da constituição do psiquismo do bebé, pois, é nele que se inscrevem as sensações e as percepções sob a forma de inscrições corporais que, quando integradas na interrelação se podem transformar em representações mentais pela via da inscrição interactiva.

Será nesta dupla inscrição corporal e interactiva que se poderão abordar os processos envolvidos na evolução do psiquismo do bebé, estando, neste trabalho, a inscrição interactiva integrada no modelo de Bion das relações dialécticas continente/conteúdo (♀♂) que, ultrapassando as teorias psicanalíticas fixadas, privilegiadamente, nos conteúdos (percepções, afectos, fantasmas, ideias) e, mudando o vértice das teorizações metapsicológicas, se vai inserir numa psicanálise dos continentes (eu-pele, “holding”, envelopes psíquicos, ambiente sustentador).

Esta mudança de vértice é, a nosso ver, fundamental na psiquiatria da primeira infância, para compreender, após a cesura do nascimento, e como nota Houzel (1989), o processo de estabilização estrutural no sistema dinâmico que se cria entre a mãe e o bebé e que, nos nossos dias, já é obrigatório estender aos aspectos paternos, dado o estudo da dialéctica profunda entre continentes e conteúdos englobar, não só os aspectos maternos do objecto continente mas, também, os aspectos paternos desse objecto continente.

Os aspectos maternos terão um papel de polo atractivo, enquanto os aspectos paternos vão permitir a organização dos padrões de estabilidade, formas estáveis do gradiente de energia que se vão criar entre o bebé e o objecto continente e que se vão imprimindo no psiquismo do bebé e, paulatinamente, pela marca que deixam, vão construir o seu mundo interno.

Compreender, deste modo, a inscrição interactiva é ter implícito que ela não é uma simples relação de encaixe ou de inclusão estática, mas que é inerente ao efeito de contextualização, ela é um processo dinâmico e dialéctico que deverá ser abordado, porque se refere a um psiquismo que está a dar os seus primeiros passos, através de três elementos cruciais: a ausência, as pulsões ou instintos e o “a posterior”: a ausência, porque apela à auto-contenção e aos envelopes que consideram as ligações objectais afectivas através do investimento pulsional do objecto de relação e o “a posterior” porque dá ao suporte dos envelopes psíquicos, (envelopes narrativos) uma visão, quer de diferenciação quer de condensação, essencial a uma observação feita com uma atenção psíquica.

Ainda como condição para uma maleabilização do quadro teórico, está a necessidade da psiquiatria da primeira infância ter uma abertura à transdisciplinaridade que lhe permite manter as várias modalidades dos primórdios

do desenvolvimento psíquico e da sua dinâmica específica na primeira infância na interface de várias disciplinas como a psiquiatria, a pediatria, a psicanálise, a etologia, a sociologia, a neurologia, o cognitivismo, a pedagogia, permitindo que haja uma fecundação mútua dos diferentes campos de estudo e de pesquisa actuais e, não apenas, uma justaposição de mosaicos.

Mas, para que esta fecundação seja coerente e eficaz, e sendo o ponto de partida a compreensão psicanalítica, é sempre imprescindível haver a máxima clareza quanto ao bebé de que cada abordagem, fala, bem como o lugar que cada uma dá ao “posterior”, ou seja, é necessário ficar claro que a compreensão que se quer, exige que se veja o processo de desenvolvimento psíquico não como uma subida de degraus que, de degrau a degrau, atinge o ponto terminal, mas como um movimento ascendente que, de complexidade em complexidade, vai integrando movimentos que dão espaço à regressão e à fixação.

Fundamental é também que nesta postura transdisciplinar se tenham em conta, permanentemente, as contra-transferências activas inerentes à colaboração interdisciplinar, o que será mais uma garantia da maleabilidade na visão compreensiva e diferenciada implícita à transdisciplinaridade.

2.2 Referentes e Afirmações Teóricas

Tendo, este trabalho como um dos objectivos principais defender a observação directa (OD) de bebés como um método legítimo no estudo de questões postas pela psiquiatria da primeira infância no estudo dos primeiros níveis do funcionamento psíquico, são considerados como referentes essenciais a ter em conta numa perspectiva pós-Kleiniana, que é a que pretende ter este trabalho, os seguintes:

1. O papel dos envelopes psíquico considerando que, no início da vida psíquica, se devem privilegiar os continentes (♀) em relação aos conteúdos (♂);
2. O papel do negativo consubstanciado no papel do ausente e do que falta, em vez de dar a primazia ao papel do excesso, do que transborda;
3. O papel do imago materno enquanto objecto de relação que gratifica, que preenche, que envolve e que contém.

Aceites estes três referentes, é possível enquadrar o estudo do nascimento e do desenvolvimento do psiquismo do bebé nas seguintes afirmações:

- a) Os envelopes são percursores indispensáveis das ligações vinculativas que o bebé vai criar com os objectos de relação, incluindo as relações de apego descritas por Bowlby, referenciando estas tanto à função materna como à função paterna, inseridas na Unidade Originária;
- b) As interações são da ordem do fantasma, devendo estas interações fantasmáticas serem inseridas num contexto de assimetria inevitável e estruturante entre os processos psíquicos do adulto e do recém-nascido/bebé;
- c) O bebé só se pode constituir psiquicamente como sujeito, no contexto de uma situação relacional, porque só passando pelo aparelho psíquico do outro (adulto cuidador/mãe com capacidade de rêverie) o bebé poderá pôr em andamento, paulatinamente, o seu próprio aparelho para pensar pensamentos e os seus movimentos pulsionais.

Na origem desta passagem pelo psiquismo da mãe estarão os significantes primários, germes originários de implantação dos objectos no psiquismo do bebé e fontes de pulsão, na medida em que se considera que a inter-relação tem um papel imprescindível na dinâmica das pulsões e, pressupondo que existe um recalamento originário no seio das interações precoces o que tem implícito que se considera que a génese do programa pulsional não é, exclusivamente, biológica porque tem, também um comportamento interactivo.

- d) Os significantes originários ou enigmáticos são os primeiros testemunhos da emergência da vida psíquica e das primeiras representações mentais, estando aquém dos processos de simbolização clássicos e estando na origem da configuração dos vários modelos para os significantes primários ou pré-linguísticos.
- e) O bebé, aquém das identificações primárias e secundárias clássicas, faz identificações precoces que Geneviève HAAG denominou de identificações intra-corporais.

G. Haag considera que no psiquismo do bebé, na passagem do objecto materno continente a conteúdo, estas identificações intra-corporais irão permitir que o

bebé refaça, recrie, no seu corpo e com a sua gestualidade, algo que a mãe fez, no exercício da sua função materna, e que o bebé faz, aquando dos momentos de vazio interactivo, quando a mãe está presente fisicamente mas distante psiquicamente, e porque, pelas identificações intra-corporais, vão ser activadas as marcas das inscrições interactivas que o bebé já possui, na qualidade de conteúdos, no seu espaço psíquico nascente.

f) A inserção dos traumatismos precoces e dos lutos primários no quadro teórico do “a posteriori” recusa a hipótese dos traumatismos terem, apenas um papel puramente económico por efeito de transbordamento por excesso, em situações extremas, o que tem implícito considerar que, no seio das interacções precoces, em consonância com o estilo interactivo materno (parental) e com o qual o bebé, desde muito cedo, se vai referenciando, o bebé se encontra confrontado com os efeitos do “a posteriori” dessas interacções precoces.

g) Aceitar o “a posteriori” desde muito cedo na vida psíquica do bebé implica, também, aceitar um “a posteriori transgeracional” e, deste modo, equacionar o papel dos traumatismos precoces segundo uma dupla perspectiva, interactiva e transgeracional, que se complementam entre si.

Esta dupla perspectiva vai alterar a distância do tempo maturativo que Freud considerou como fundamental entre os dois tempos do traumatismo, pois, quando se considera o traumatismo no seio da interacção, este tempo intercalar maturativo ficará mas encurtado, actuando sempre que houver interacções que, pela sua descontinuidade, pode igualmente tornar-se traumática, enquanto na perspectiva transgeracional este tempo estará mais alargado dado haver um efeito “a posteriori”, à distância.

Subjacente a estes referentes e a estas afirmações que constituem a coluna vertebral da segunda parte deste trabalho estão algumas questões de fundo da Psicanálise que merecem ser explicitadas.

A primeira que se impõe diz respeito ao enquadramento a fazer da teoria das pulsões e das relações objectais que vai para além da habitual oposição das exposições sobre o desenvolvimento afectivo do bebé e do recém nascido, oposição que, actualmente, deverá ser ultrapassada e inserida no contexto do movimento

característico da história das ideias sobre o desenvolvimento psíquico que ganha a sua dinâmica numa constante dialéctica entre pares, dialéctica que se joga no “ou” mas, também, no “e” introduzindo o papel do ausente e a capacidade negativa, ou seja, na disjunção mas, também, na junção, de pares como ligação/separação, dependência/independência, vinculação(apego)/ /desvinculação, continuidade/descontinuidade.

Actualmente, já não se pode estudar o nascimento e o desenvolvimento do pensamento, no bebé humano sem o enquadrar, tanto no estudo das interrelações precoces que ligam o bebé ao adulto cuidador e que, classicamente, pressupõem a primazia das relações objectais precoces, como na teoria das pulsões onde Freud deu a primazia aos instintos pulsionais, pois se as teorias pós-klienianas apontam para a importância da imagem parental, enquanto objecto de relação privilegiado no nascimento do pensamento, é a teoria das pulsões que, com um incontestado valor heurístico, vai permitir que se respeitem os movimentos de fixação e de regressão, ao longo do desenvolvimento, que se valorize o princípio da realidade em detrimento do princípio do prazer e que não se escamoteie a sexualidade infantil em proveito da economia do autocontrole e da auto-estima.

Uma segunda questão respeita o papel que tem o narcisismo primário no desenvolvimento psíquico do recém-nascido e do bebé e que impõe que se clarifique a sua relação com polo interactivo desse desenvolvimento para o que é essencial, primeiro que tudo, distinguir o narcisismo primário tanto do narcisismo originário, mito reconstruído no “a posteriori”, como do narcisismo secundário. Em seguida, o narcisismo primário deverá ser referenciado ao corpo mas, igualmente, às interacções afectivas precoces onde se vai estabelecer a auto-percepção unificada que inaugura o narcisismo secundário. O caminho a percorrer para compreender esta fase de instauração do narcisismo primário deverá seguir a posição acima referida de intersecção da teoria objectal com a teoria pulsional, pondo de lado uma hierarquia entre as duas e considerar que ela se instaura pelo investimento libidinal feito por um eu, ainda não unificado, mas que vai buscando a sua coerência progressiva através de um movimento duplo e simultâneo de investimento pulsional e de ligação objectal que vai permitir a personalização do bebé.

São exemplos deste trabalho, a um tempo, relacional e libidinal, os “envelopes sonoros de self”, descritos por Anzieu, a “função especular” teorizada por Lacan e continuada pelos trabalhos sobre a “função espelho” do rosto materno de Winnicott, os processos de “sintonização afectiva” observados por Daniel Stern, a “presença de fundo da identificação primária” concebida por Groststein, concepções onde, em todas elas, o narcisismo primário aparece com um processo de ligação fundamental e fundador do sentimento que, progressivamente, o bebé vai adquirindo, de se sentir existir de um modo contínuo e unificado, o que, por sua vez, lhe vai permitir poder representar, mais não seja a um nível inconsciente, o seu próprio estado psíquico e o seu pensar.

As observações directas do bebé mostram que esta tomada de consciência, por parte do bebé, do seu próprio psiquismo, se faz no seio do sistema interactivo, englobando, imprescindivelmente, a mãe (com a sua capacidade de rêverie), num momento em que a percepção e o afecto ainda estão, em grande parte, confundidos. Daniel Stern (1989) coloca esta mudança na viragem dos nove meses, numa altura em que as acções, as reacções e as identificações bi-dimensionais dos meses precedentes vão ser substituídas por verdadeiras partilhas de afectos, considerando Stern que, a partir dessa viragem, o bebé começa a sentir que tem um espírito, bem como a imputar, aos outros, um estado mental. Implícito a estas considerações de Stern está a noção de que as bases narcísicas se inscrevem no cruzamento do corpo e das ligações afectivas e que será pelo reforço narcísico que o bebé se poderá lançar á descoberta dos objectos já com uma motricidade “solta”, qual um guitarrista que dedilha bem porque tem os dedos desligados e ágeis.

Daniel Stern (1983) considera, ainda, que este trabalho de integração e de interiorização entre o corpo e as ligações afectivos se faz a partir do desenvolvimento progressivo dos diferentes sentidos. No mesmo sentido vão os trabalhos de Geneviève Haag (1991), que estudou a importância da unificação narcísica do corpo a partir do interesse que o bebé revela pelas suas várias partes do corpo.

Uma terceira questão prende-se com ao papel da capacidade negativa, inerente ao enquadramento psicanalítico que este trabalho pretende ter, pois como afirmou André GREEN (1992), a psicanálise freudiana reenvia a uma metapsicologia da

ausência e não da presença. Contudo, se a ausência, a perda e a falta são cruciais para a instauração do psiquismo, elas são, em relação ao psiquismo do bebé, muito difíceis de objectivar experimentalmente, o que leva muitos psicanalistas, incluindo Green, a criticarem os estudos sobre os sistemas interactivos precoces, a partir da observação experimental directa que, por inerência, se focalizam, privilegiadamente, nas ligações afectivas presentes na realidade externa, relegando para segundo plano, na crítica de Green, as representações mentais do objecto, no seio da realidade psíquica interna.

Atendendo a estas críticas e considerando que a dialéctica ausência/presença é a charneira do modelo psicanalítico a respeitar neste trabalho, e no intuito de manter o papel primordial das representações mentais do objecto na realidade psíquica interna, é importante situar as representações mentais face á vida fantasmática e simbólica, o que implica explicitar o que é o mundo interno onde se jogam a vida fantasmática e simbólica nestes primórdios do seu acontecer. Em termos sintéticos, pode-se considerar que o mundo interno é constituído por representações mentais que se elaboram a partir de sensações e de percepções e que podem ser reevocadas, de modo mais ou menos diferido, ao longo do desenvolvimento psíquico do bebé e depois da criança, de acordo com as intervenções dos agentes estimulantes. Caracterizado, deste modo, o mundo interno, fica implícito que, do mundo representacional do bebé, só se pode conhecer o que o bebé mostra ao observador, donde a importância de ter em conta, quando se pretende aceder ao mundo das representações do bebé, a análise da contra-transferência do observador, análise que, longe de ser um obstáculo ao estudo da vida fantasmática e simbólica do bebé é, actualmente, uma das ferramentas centrais para o estudo do mundo interna do bebé que pode atenuar alguns dos inconvenientes que as críticas da observação directa apontam.

Quando à vida fantasmática e simbólica do bebé e no contexto teórica deste trabalho, pode-se considerar que ela assenta num tripé formado por:

1- A dupla inscrição corporal e interactiva dos processos de simbolização precoces: a inscrição corporal que dá a primazia ás sensações e a um eu corporal, obviamente ainda rudimentar, e a inscrição interactiva que sublinha a necessidade da

participação do outro (mãe) para dar forma e sentido às sensações do bebé de modo a elas poderem tornar-se em percepções e em representações mentais.

2- A existência de traduções mentais sucessivas e estratificadas emergentes aos três tipos de processos de funcionamento psíquico que Pierra AULAGNIER (1986) denominou de originários, primários e secundários e que funcionam, conjuntamente, ao longo de toda a vida psíquica com os seus respectivos modos de figurar, de encenar e dar significado. Os processos originários serão os alicerces e as fundações dos outros dois processos, estando na base do registo fantasmático dos processos primários e do registo das ideias dos processos secundários e mantendo-se activos durante toda a vida. Estes alicerces e fundações próprios dos processos originários consubstanciam-se nos significantes arcaicos que Aulagnier denominou de “pictograma” e que constituiria o elemento constitutivo das futuras representações mentais que se formariam, por sua vez, por combinações e complexificações graduais.

3- A dupla dinâmica de descentralização e de inclusão em relação ao continente primordial que está implicada no movimento maturativo dos processos de simbolização.

No início deste movimento, o psiquismo está contido pelo objecto primário que vai ajudar o bebé a construir os primeiros significantes elementares, a partir de um fundo de presença materna para, no final do movimento, a criança já ser capaz de evocar, simbolicamente, a mãe ausente que passou, do estatuto de continente (♀), ao de objecto contido (♂), passagem que pressupõe que a criança já interiorizou a função continente do objecto primário. A constituição do objecto interno vai fazer-se a partir das ligações afectivas que o bebé estabelece com o objecto primário, ligações que vão, igualmente, permitir a diferenciação entre si e o objecto e a individualização do si¹, momentos essenciais para o nascimento da vida psíquica.

É pelo jogos dos afectos que o objecto primário se vai sinalizar ao bebé o que levou Serge LEBOVICI (1960) a afirmar que o objecto pode ser investido antes de se ser percebido como objecto. Hoje esta afirmação, contudo, já não se confirma, nem pelo atraso das competências percebidas nem pela desintração entre afecto e

¹ O termo “self” foi, neste trabalho e seguindo a opção feita por António DAMÁSIO no seu último livro, “O Sentimento de Si”, em certos contextos traduzida pela palavra “si”.

percepção já que a actividade é, no recém-nascido um engajamento global, moção afectiva, apontando os resultados de muitas investigações sobre os fenómenos mentais status nascendi do recém-nascido e do bebé, nos primeiros meses, que é o papel da assimetria da relação entre o bebé e os pais que terá uma função vital no investimento do objecto primário, no início da vida. Nesta etapa inicial das ligações afectivas do bebé ao objecto cuidador, o investimento e a identificação ao objecto são as duas faces de um único e mesmo movimento que, posteriormente, vai permitir, que as identificações primárias se diferenciem das secundárias.

3. Os Modelos da Teoria da Prática

3.1 Os Envelopes psíquicos

Contrariando a abordagem epistemológica habitual na psiquiatria e na psicanálise que se centra, primeiro, nas características do objecto antes de se consagrar ao estudo dos pré-requisitos e dos precursores ao objecto, cada vez mais autores consideram, no âmbito da psiquiatria da primeira infância que o estudo dos continentes deve tomar a primazia em relação aos conteúdos na medida em que, na vida psíquica do recém-nascido, é o aparecimento e o funcionamento dos continentes que precedem e condicionam a chegada dos conteúdos.

Esta hipótese de os continentes ocuparem um lugar primordial e inaugural na emergência do psiquismo que caminha do corpo ao pensamento, se contraria a hipótese de Freud de serem as pulsões, os indutores dos processos do pensamento, contudo aproxima-se da concepção freudiana, revista por Green (1992), de que a representação do objecto, como a do afecto, nasce do investimento dos traços mnésicos inactivos, investimento que é feito pelo representante psíquico da pulsão.

Este investimento poderá ser considerado, actualmente, como um continente, se nos basearmos em estudos que revelam a importância da representação dos ritmos e dos contornos (limites) interactivos, bem como dos envelopes das dinâmicas inter-relacionais, como um continente, na medida em que ele precede a diferenciação do

objecto enquanto objecto distinto e separado, o que permite dizer que há uma representação dos continentes antes da representação dos conteúdos.

Esta precessão dos continentes, no nascimento e na maturação psíquica do bebé e patente nos conceitos de envelopes psíquicos tais como o de pele psíquica (E.Bick), o “eu-pele” (Anzien), os “envelopes proto-narrativos” (D.Stern), emerge da noção de que a interiorização do “holding”, do “handling”, ou, se se quiser, do ambiente sustentador, da voz e dos ritmos da mãe, se faz antes da instauração do objecto, como tal. Como disse Anzieu (1976), a palavra da mãe é, para o bebé, um banho sonoro que o envolve.

Este processo de interiorização de elementos com funções de continente iniciar-se-á, muito provavelmente, ainda em útero, no momento em que o feto percepção e, talvez mesmo, integre um certo número de ruídos no interior do corpo materno como são os batimentos cardíacos ou aórticos, os borborigmos digestivos ou os fenómenos rítmicos como as contracções da parede do útero, as pressões parietais ou, ainda, um certo número de fenómenos que emanam do meio externo, próximo da mãe. Estas interações feto-maternas virão, muito provavelmente, constituir as fundações do futuro sistema interactivo que se instaura, logo após o nascimento e que, igualmente, está centrado nos continentes.

Geneviève HAAG (1985), a partir da observação de bebés pelo método Bick, constatou que o bebé de duas ou três semanas explora, pelo olhar, o rosto da mãe, a sua primeira paisagem, de um modo diferente do que fará, algumas semanas depois, começando por ter um olhar que parece “colado”, suspenso como se o bebé explorasse os contornos do rosto da mãe, numa atitude de demarcação da figura em relação ao fundo para, algumas semanas depois, parecer examinar já os elementos inclusos, contidos nesse contorno, como os olhos, a boca, o nariz, com um “olhar penetrante” que, contudo, não exclui o precedente. Acrescente-se que é, pela interpenetração do olhar, quando o bebé olha para o rosto da sua mãe e para os seus olhos, que ele vai sentir que a mãe tem um espaço interno e, desse modo e pela qualidade activa do olhar que ela lhe envia, ele vai descobrir o espaço psíquico do outro, bem como construir o seu próprio espaço psíquico, abrindo-se à tridimensionalidade.

A capacidade de rêverie, como ela foi concebida por Bion, com a sua função de continente e de transformação das produções psíquicas iniciais do bebé de modo a que elas se possam tornar em conteúdos pensáveis e sonháveis pelo pensamento porque já são assimiláveis pelo psiquismo do bebé é, também, um elemento que se insere nesta hipótese da precessão dos continentes em relação aos conteúdos no desenvolvimento inicial da psique do bebé.

Também Daniel STERN (1989) faz referências aos continentes através dos conceitos de “feeling shapes”, de representações de interações generalizadas, de sintonização dos afectos e de envelopes proto-narrativos, conceitos que permitem compreender como o bebé vai, rapidamente, a partir do nascimento, sinalizar o estilo interactivo do adulto cuidador, extraindo-o do ruído de fundo das suas múltiplas estimulações sensitivo-sensoriais, estilo que evoca mais um contorno de conjunto do parceiro relacional do que uma imagem pontual estática. Este modelo compreensivo de Stern, baseado na extracção bem como o seu modelo dos envelopes proto-narrativos, para os quais o contexto afectivo e emocional é fundamental, vão lançar a ponte com os trabalhos de Bowlby sobre a representação do apego (vínculos), concepção que não pode ser compreendida, apenas, à luz do registo puramente cognitivo como testemunham vários trabalhos actuais sobre o apego.

Stern (1985) vai, neste sentido, considerar que o equipamento em pró-formas pulsionais de apego (“feeling shapes”) necessita, para que se possa manter e desenvolver, no bebé, do encontro com uma moção recíproca de investimento materno que as promova a formas de vitalidade. A reciprocidade é feita pela via da “sintonização afectiva” (Stern, 1984) e pelas confirmações maternas da verdade das percepções do bebé.

Estes trabalhos de Daniel STERN são, actualmente, considerados como dos mais importantes estudos sobre as interações precoces e sobre o nascimento do pensamento, no bebé, nomeadamente os conceitos de “sintonização afectiva” entre a mãe e o bebé e de “envelopes proto-narrativos”. A “sintonização dos afectos” é um conceito extremamente heurístico para dar conta de transmissão inicial dos afectos entre a mãe e o bebé bem como para compreender como os microcomportamentos, na díada, podem servir de alicerces à interacção fantasmática, interacção que, por

sua vez, é o ponto de partida para os futuros movimentos identificatórios que o bebê e, depois, a criança, irá fazer em relação ao adulto.

A partir da observação de bebês, Stern considera que, quando o bebê está numa sequência de jogo com a sua mãe e estando num estado de vigiância suficiente, quando a mãe parece retomar, em espelho, os movimentos do bebê bem como as suas experiências faciais, mas acentuando-as, acompanhando-as de sons, ou seja, introduzindo modalidades sensoriais suplementares, vai existir, entre ela e o seu bebê, uma situação de sintonização afectiva ("accordage affectif"). Esta sintonização onde há imitação e adjunção de materiais comunicativos situados noutra canal sensorial, vai introduzir, não apenas estados visíveis exteriormente mas, também, afectos internos, de cada um dos parceiros, num momento de partilha dos afectos. A sintonização afectiva representa, segundo Stern, uma tentativa para reduzir a distância entre o estado, aparentemente externo e o afecto interno que não pode ser, totalmente traduzido, mas que serviria para estabelecer uma real comunicação entre a mãe e o seu bebê, comunicação que implica haver prazer partilhado pela mãe e pelo bebê e que vai despertar o bebê para a comunicação com o outro, fazendo-lhe sentir que ele pode partilhar, em parte, o que ele sente.

As respostas em eco, isomorfas da mãe, vão imitar os comportamentos do bebê, adicionando-lhe uma ou outra modalidade sensorial (voz, por exemplo) mas mantendo-se no mesmo ritmo, o que implica que a sintonização afectiva se situa, ao mesmo tempo, no mesmo modo de comunicação (sintonia unimodal) e num modo novo (sintonia transmodal).

Quanto à sua noção de "envelope protonarrativo", Stern considera-a como uma unidade funcional primordial para o nascimento do pensamento e que será a forma mais primitiva da expressão dos processos do pensamento, pensamento que será constituído por um conjunto de experiências representadas psiquicamente, desenvolvendo-se no tempo e que vão dando sentido ao pensamento, tornando-o coerente e subjectivo. Esta coerência e subjectividade do pensamento advém dele estar ligado às experiências interactivas que incluem a frustração, frustração que é, também, um elemento que Stern considera ser constitutivo na formação do pensamento, no bebê.

Este pensamento primitivo é, para Stern, independente da pulsão já que, neste seu modelo, o bebé está sempre a pensar, independentemente dos estados de satisfação ou de não satisfação. Seguindo o mesmo modelo para o pensamento, ao longo de toda a vida, Stern considera que a pessoa está sempre a pensar, mesmo durante o sono, principalmente nos momentos do sonho que teriam um papel fundamental na organização do material psíquico vivido no dia anterior. Pondo o início do pensamento no momento em que o sistema nervoso central começa a funcionar, Stern põe a hipótese do feto já ter, também, um pensamento rudimentar. A pulsão, considera Stern, só intervirá neste seu modelo, num segundo tempo, como um motor para o pensamento mas não como um seu desencadeador.

Os envelopes proto-narrativos vão, posteriormente, constituir-se em envelopes narrativos que se coordenam entre si, permitindo que a pessoa pense, em simultâneo, várias coisas, considerando Stern que eles têm duas origens: uns serão inatos, advindo dos padrões biológicos repetitivos do bebé (fome, sono) e, sobretudo, com uma origem genética já que, diz Stern, o humano está construído para pensar; outros envelopes serão adquiridos pela natureza das interacções que o bebé tem com a seu meio.

Apoiando-se na observação directa de bebés, Stern considera que, desde os primeiros dias de vida, o bebé já é capaz de diferenciar elementos invariantes no seio de vários elementos, como a voz da mãe, o odor materno, ou seja, ele já é capaz de reparar em certas unidades inseridas em imagens diferentes, muito antes de ter linguagem para o dizer.

Estas unidades invariantes ou “ invariantes de comportamento” que existem nas sequências em que o adulto cuidador (mãe/pai) cuida do bebé, vão constituir o que Stern denomina o “ Score Self” (núcleo do si) que emerge do seio das interacções recíprocas e assimétricas fiáveis entre o bebé e o adulto e que, desde o início de vida do bebé, se irá constituir a partir dos traços mnésicos das experiências indissociavelmente afectivas, perceptivas e motoras que são as próprias do recém-nascido e do bebé nos primeiros meses. Constituindo-se numa memória de reconhecimento, será através dela que o bebé vai ter acesso as experiências de continuidade e de permanência de si.

Finalmente nestes envelopes pré-narrativos onde vários factores se ligam em simultâneo e vindos das sensações físicas, das percepções, dos afectos e das acções, Stern considera que vai haver uma condensação num primeiro sentir que o bebé vai integrar, estando este pensamento primitivo ainda em íntima ligação com o corpo.

Unificando todos estes constructos de Stern, pode-se considerar que, durante os cuidados que presta ao seu bebé, a mãe que também negocea com o seu bebé imaginado, ou seja, com a criança do seu desejo de gravidez que está imbuída do mandato transgeracional e com a criança do seu desejo de maternidade que é o objecto da história do seu édipo, vai pela sua interacção com o bebé permitir que este venha a aperceber-se da contingência da presença dela através do jogo de incitações e de respostas que ela, harmoniosamente lhe dirige num contexto de sintonização afectiva. Esta percepção da contingência materna vai permitir que o bebé possa ir construindo uma representação dos cuidados maternos. Esta representação está mais fundada no que o bebé sente do que compreende e é resultante do bebé já associar a sensorealidade aos seus “afectos de vida” criando, assim, protorepresentação dos cuidados maternos, fantasmas que, mais tarde, vão permitir reconstituir esse cenários primeiros que, circunstancias contextuais, permitiram que se introduzissem na “monotonia” das trocas interactivas. Estes fantasmas constituiriam os envelopes proto-narrativos, instantes que são vividos como um momento “de ter estado com”.

Brazelton(1997) para expressar estes momentos em que o adulto, que cuida do bebé, compreende o desejo de comunicação chamou-lhe de “pontos de toque”(Touch points”).

No mesmo sentido da “narratibilidade” implícita aos envelopes proto-narrativos de Stern, estão as noções de Aulagnier de traduções e transcrições sucessivas dos processos originários em processos primários e secundários que, na mesma perspectiva de Stern, relevam a importância que tem, para a pessoa, poder ir escrevendo a sua própria história. Esta história começa a ser escrita, pelo bebé, quando ainda não há linguagem e ela vai permitir-lhe que, através da capacidade de “narratibilidade”, o bebé e depois a criança, possa ir fazendo um caminho para a diferenciação com uma suficiente maleabilidade. Esta maleabilidade, alicerçada na narrativa que o bebé vai construindo vai, por sua vez, possibilitar que, ao longo da

sua vida, ele possa ir narrando a sua história, aos outros e a si próprio, história essencial à identidade de cada um como mostrou Hochmann (1984, 1992, 1996) nos seus vários trabalhos.

É, também, no sentido da primazia dos continentes, no início da vida psíquica, que se insere a propriedade da “maleabilidade” que Marion MILNER (1990) aplicou ao objecto externo (objecto primário) e que permite compreender como o bebé se vai, paulatinamente, separando do objecto primário, indo imprimindo nele a sua marca que, incrustada no objecto (em negativo) vai ser, transitoriamente, contemplada pelo bebé, qual uma imagem especular com uma dupla conotação de traço e vestígio. Para que esta marca possa ficar, transitoriamente, impressa no objecto, este terá, então, que ser um “objecto maleável”, que se deixa tocar e marcar, aceitando a inscrição que o bebé marca nele pois, caso contrário, o objecto tornar-se-á, para o bebé, num objecto enigmático, assim chamados por Lacan, e que nasceria do narcisismo dos pais que, investindo narcisicamente o seu bebé, enviam mensagens que o bebé, ainda sem capacidade para as compreender, já pode receber e integrar nos momentos de “sintonização afectiva”.

Com esta propriedade da maleabilidade, Milner pretende salientar o modo como o objecto de relação sendo maleável, vai permitir que, no trabalho de diferenciação do bebé em relação ao objecto primário (mãe), uma parte desse trabalho seja atribuído ao bebé, mas uma outra parte seja da atribuição do objecto, na medida em que ele deve permitir ao bebé, através do modo como ele, bebé, se afirma ao objecto, que o bebé possa viver alternâncias satisfatórias de aproximação e de distanciamento que serão para o bebé como experiências de fusão/des-fusão/re-fusão.

Deste modo, o objecto primeiro da relação, vai, pela sua maleabilidade, participar no estabelecimento de gradientes de diferenciação, permitindo que o bebé possa deixar, nele, as suas marcas em negativo, marcas que lhe vão dar a ilusão, antes de deixar o objecto, de uma fusão total com ele, o que, por sua vez, torna o objecto, enquanto substância de interposição, num elemento do sistema de para-excitação do bebé.

Uma mãe “suficientemente boa” será o exemplo de um objecto maleável porque sabe oferecer-se ao bebé como maleável mas, também, separável, permitindo que o bebé, nas suas experiências repetidas de fusão e desfusão, vá estabelecendo a

distância progressiva interpessoal e intersubjectiva, necessária para a sua diferenciação.

Esta concepção de que a génese do aparelho para pensar pensamentos se inicia pela constituição dos continentes, antes de se construírem os conteúdos, que se integra no modelo da complexificação estrutural progressiva e que compreende a diferenciação entre extra e intra-psíquico, está alicerçada num tripé formado pela temática das angústias primitivas, pela temática da fusão/desfusão e pela temática da ausência consubstanciada na faltou ou na perda.

Neste tripé, as angústias primitivas arcaicas, todas elas pressupondo o referencial dos envelopes psíquicos, são compreendidas a partir de angústias de intrusão, de liquefacção, de explosão e de esvaziamento semelhantes às que se observam nas crianças com autismo precoce ou com psicoses precoces, a partir de angústias emergentes da economia fusão/desfusão vividas a um nível binário das ligações de vinculação ou, já a um nível ternário, de angústias de separação geradas por estados de falta ou perda num registo de relações que têm implícito um terceiro, externo ou já interiorizado, real ou fantasmático.

3.1.1 Pele Psíquica

Esther Bick (1962,1964,1968), através da sua longa e rica experiência de observação de bebés considerou que , nos primeiros anos de vida quando o bebé chora, num estado de grande aflição e desorganização ou quando mama sofregamente, após um momento de choro intenso, agarrando com os lábios, violentamente o mamilo, a tetina ou a chucha, nestes primórdios da vida psíquica, quando as partes constitutivas do psiquismo não estão, ainda, diferenciadas das partes do corpo, elas são sentidas, pelo bebé, como se não tivessem uma força de coesão (“binding force”) susceptível de assegurar uma ligação entre elas que as mantenha unidas ,vindo a ser a pele que vai funcionar como um limite periférico, uma fronteira que cumprirá a função , segundo um modo, passivo, de manter essas

partes do psiquismo (self)¹ em coesão. Esta função interna de conter as partes do self será, para Bick, o resultado da introjecção que o bebé faz do objecto externo, objecto continente que, através dos processos de “holding” e de “handling” sentidos pelo bebé, principalmente na pele, vai ser capaz de conter as partes do corpo que o bebé sente como desligadas, separadas entre si e, desse modo, pondo fim, repetidamente, aos estados de não integração do bebé e permitindo que ele vá constituindo a fantasia de espaços interno e externo através de uma identificação a esta função continente do objecto. Este objecto continente constitui-se, em geral, durante a mamada através da dupla experiência, vivenciada em simultâneo pela mãe e pelo bebé, do bebé conter o mamilo na sua boca e da sua pele estar contido pela pele da mãe que contem o corpo do bebé, envolvendo-o com o seu corpo, com o seu calor, a sua voz, o seu odor, envolvimento que é vivenciado, pelo bebé, como uma pele continente. À medida que o bebé vai introjectando este objecto continente e que se vai identificando à função continente, ele vai adquirindo o sentimento de ter um interior do self e, desse modo, vai poder aceder à clivagem, tanto do objecto como do seu self, constituindo-se a pele psíquica.

Quando o bebé está num estado de não integração, quer porque a função contentora ainda não foi introjectada de modo a permitir uma identificação a ela quer porque não foi introjectada correctamente, vão aparecer os estados de não integração em que o bebé, sentindo-se perder bruscamente a sua unidade, vai ser dominado por um estado de grande angústia, de uma angústia primitiva. Para fazer frente a esta terrível angústias de se sentir uma massa permanentemente ameaçada de se espalhar, de se desintegrara num vasto espaço infinito, o bebé vai procurar freneticamente um objecto que o mantenha unificado. Este objecto unificador será a mãe que lhe dispensa uma atenção unificante, permitindo-lhe que volte a ter a experiência, pelo menos momentaneamente, da coesão das partes do seu corpo e do Self. Se o bebé não encontra este objecto unificador materno ele pode, ainda para tentar sentir-se contido quando invadido por momento de terror, fixar-se num estímulo sensorial

¹ Bick utiliza o termo de Self no sentido que os ingleses lhe atribuem e que no “Dicionário da Psicanálise”, Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, caracteriza como uma instância da personalidade constituída posteriormente ao Eu, numa relação com a mãe, e com o seu semelhante e servindo, para limitar a dimensão narcísica do sujeito, será neste sentido que neste trabalho ele será utilizado.

específico, luz, odor, voz, qual um pseudópodo de uma ameba ou um tentáculo de um polvo, considera Bick metaforicamente. Se este investimento no estímulo sensorial não é possível, o bebé irá fazer um investimento pulsional no aparelho muscular, contraindo os músculos e fazendo movimentos frenéticos constituindo o que Bick denomina de “Segunda pele”, uma pele muscular que vai constituir uma carapaça rígida para o corpo. Esta pressão, quer da carapaça muscular quer da ventosa-tentáculo do estímulo sensorial vai manter o Eu rudimentar do bebé unificado por um poderoso sentimento de adesão e pela concentração da atenção num ponto. Esta etapa da ventosa-tentáculo traduz, para Bick, um momento do desenvolvimento que precederia a etapa em que o bebé já começa a sentir-se, mentalmente, suficientemente contido e mantido por uma mãe que compreende e gera a sua aflição, etapa que já traduz o nascimento de um espaço mental no bebé.

A pele psíquica vai, assim, ter o seu desenvolvimento através da interiorização da função α da mãe que ajuda o bebé a pensar os seus sentimentos, dando-lhes sentido que os tornam suportáveis para o bebé.

A carapaça motora ou segunda pele será, já, uma etapa de maior sofrimento que a da ventosa/tentáculo aparecendo quando a mãe não integra nela as angústias primitivas que o bebé tenta comunicar-lhe havendo como um reforço da ventosa/ tentáculo numa carapaça rígida que faz de carapaça protectora, de segunda pele. Esther Bick considerou esta segunda pele já na vertente patológica, interpondo-se nos contactos emocionais e tendo um papel de travão aos contactos emocionais e, conseqüentemente, travando a evolução mental do bebé.

A pele psíquica pode, em síntese ser considerada como a experiência precoce do bebé na contenção das partes do self graças à introjecção de um objecto externo(mãe) que é capaz de o conter e que põe termo ao estado de não integração.

O conceito de pele psíquica insere-se na conceptualização de interpenetração de sistemas psíquicos em que, dois sistemas se interpenetram, e em que se emprestam, mutuamente, parte de sua complexidade com fins produtivos e reprodutivos mantendo a sua autonomia funcional. Segundo esta conceptualização, o interjogo da função continente(♀) da mãe e a experiência de ser contido do recém-nascido(♂) activam-se entre si, sendo o exercício desta experiência que constitui a base para a estrutura da pele psíquica do bebé.

A mãe, como continente das evacuações do bebé, vai oferecendo alternativas de satisfação para amortizar a tensão, para metabolizar o desprazer, o que a leva a ir observando como o seu bebé reage até as manifestações de desprazer desaparecerem. Deste modo, a mãe vai adquirindo um comportamento com um valor compreensivo das evacuações do bebé através do significado que ela, lhes vai atribuindo, aumentando a sua capacidade de contenção, de continente, (♀) e de comunicação com o bebé, o que lhe é possível através da função de rêverie que, não só ordena a desordem das projecções do bebé mas, também, as torna significativas, havendo, assim, benefício para ambos com este pôr ordem na desordem. Pela repetição do seu comportamento redundante, a mãe vai permitir que o bebé, por sua vez, possa ir registando as experiências de ser contido.

Actualmente, integrando o conceito de Wallon (1975) que punha a pele como um dos órgãos reguladores do tónus, pode-se considerar que este conceito de Segunda pele poderá ser normal quando transitória.

A partir dos trabalhos de Bowlby (1984), pode-se, igualmente, considerar que esta pele psíquica com função de um eu-pele táctil e primário será investida pelo que Bowlby denominou de pulsão de apego e pela qual o bebé se agarra, colando-se ao objecto, tendo, assim, funções de auto-conservação.

Eduardo SÁ (1996), relevando o conceito de pele psíquica pergunta-se se ele não deveria ser considerado como uma realidade de facto e não, apenas, como uma analogia metafórica na medida em que se pode conceber que a pele psíquica organiza o corpo como um espaço do self entre o mundo interno e o pensamento.

3.1.2 A Identificação Adesiva

Esther BICK interessou-se pela experiência do corpo, no início da actividade psíquica, por um vértice diferente do de Bion que compreendera as experiências psicossomáticas enquanto insucessos do pensar. Bick, vendo a experiência que o bebé tem com o seu corpo como um elemento formador da personalidade, elaborou

uma teoria da continuidade corpo/espírito, considerando o estado mental e corporal do bebé como um contínuum e seguindo o pensamento de Freud de que, o que se sente emocionalmente, primeiro foi sentido pelo corpo e, só depois, elaborado psiquicamente.

Retomando a concepção de Bion de que o nascimento provoca uma mudança catastrófica pela ruptura da continuidade existente in útero, Bick considera que o bebé, desde que nasce e porque já tem um mundo sensorial activo, que, aliás, já tinha in útero, vai-se confrontar com as sensações de perda de continente em conjunto com a descoberta do seu peso, que são sentidas como uma sensação de queda ou de desmoronamento por perda dos limites contentores, quando a separação com a mãe acontece provocando, no bebé, uma experiência de liquefacção ou de arrancamento.

Para lutar contra estas angústias primitivas de queda, que Bion considerou catastróficas, o bebé vai sentir a necessidade de ser pegado, de se sentir pegado, pondo em acção, considera Bick, modos de se “agarrar avidamente”, de se agarrar colando-se (“agrippements”), mecanismos que advêm do traumatismo do parto ter originado, no bebé, sensações similares às de claustrofobia e de agorafobia e que Bick considera serem próprios a uma “identificação adesiva”.

Esta necessidade do bebé de se agarrar, colando-se a um objecto, vai ser regulada pelas respostas de suporte (“holding”) que a mãe lhe dá e que lhe vão permitir restabelecer o equilíbrio inicial, suprimindo a tensão e transformando as manifestações sensoriais em expressões, ou seja, dando-lhe intencionalidade. Estas respostas intencionais da mãe, fruto da sua capacidade de rêverie, são veiculadas pelo mecanismo, considerados por Bick, como os próprios da identificação projectiva, identificação que por veicular intuição e sensibilidade, toma o valor de uma comunicação infra-verbal e de uma transmissão afectiva.

Este mecanismo transformativo da identificação projectiva que se torna, assim, num veículo de intencionalidade, vai, a pouco e pouco, ser utilizado pelo bebé, como ser intencional que é, independentemente de se considerar, como já se referiu neste trabalho, em que momento a intencionalidade se inicia. Deste modo, a identificação projectiva vai tomar o lugar da descarga motora e dos mecanismos de evacuação que constituem um dos primeiros veículos de comunicação do bebé, ou o primeiro, se,

como certos autores o fazem, se considerar que o recém-nascido se manifesta sem sensibilidade.

Foi no seu artigo “A experiência da pele nas relações dos objectos arcaicos” (1968), que Esther BICK considerou que a pele, como os objectos primários, têm uma função primária na união mais primitiva de partes da personalidade, ainda não diferenciadas de partes do corpo, partes da personalidade que, na sua forma mais primitiva são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si, mantendo-se unidas de um modo que é vivenciado como passivo e onde é a pele que faz de limite, na sua função de pele psíquica. Para que haja esta função interna que contem as partes da personalidade ou do self é necessário que, inicialmente, o bebé introjecte um objecto externo que seja sentido como capaz de cumprir essa função, sendo, mais tarde, a identificação a essa função do objecto externo, interiorizada pelo bebé, que irá substituir o anterior estado não integrado, dando origem à fantasia de espaços interno e externo necessários para que o bebé possa fazer a separação ou a cisão primária e a idealização do self e do objecto. Mas, para sejam possíveis a cisão primária e a idealização do self e do objecto, é necessário, reforça Bick, que antes tenha havido uma contenção do self e dos objectos pelas suas respectivas peles. No início, quando o bebé está no estado primordial, considera Bick, ele vai estar à mercê de uma flutuação entre duas situações: a da “não integração”, experiência passiva de total desamparo e a da “desintegração”, que se dá já por processos de cisão, enquanto mecanismo defensivo activo ao serviço do desenvolvimento. Será no estado de não integração que a necessidade de um objecto continente vai gerar, no bebé, a frenética busca de um objecto sobre o qual ele possa fixar a sua atenção e que possa ser vivenciado, no mesmo instante, pelo bebé como um objecto que lhe mantém unidas as partes da personalidade porque o bebé se sente agarrado, colado a ele, num processo de identificação adesiva. Caso isso não aconteça, se o objecto não vem cumprir esta função, o bebé ficará num estado de desintegração. O objecto óptimo para esta função de unificação das partes que o bebé sente desligadas é, diz Bick, o mamilo na boca do bebé, juntamente com a mãe que o aninha e aconchega no seu colo, fala com ele e é portadora de um cheiro que lhe é familiar. Será através desta flutuação entre estados de não integração e de desintegração e dos momentos de encontro com um objecto envolvente que o bebé irá construindo uma primeira

pele psíquica que lhe vai permitir ir adquirindo uma crescente solidez na integração dos estados do seu corpo, como, também, da postura, da motilidade e das correspondentes funções mentais, e em particular, da comunicação. Mas será, igualmente, a flutuação dos estados de não integração e de desintegração da experiência primária que vai originar, no bebé, um estado temido de catástrofe, aspecto básico e contínuo da experiência que, considera Bick, se mantém durante toda a vida, constituindo o foco da existência do qual se procura fugir através do pensamento e do pensar. Nesta concepção, Bick aproxima-se da noção de “capacidade negativa” e de “aproximação a O”, no caminho para a verdade e enfatizando-a como sendo uma experiência básica infantil.

Na etapa primitiva desta posição adesiva em que ela é o meio mais primitivo de defesa contra as angústias de desmoronamento e de queda que o bebé recém-nascido vai utilizar com o seu sistema nervoso central no estado neo-natal, o recém-nascido, quando está acordado e quando não está a utilizar a mãe como unificadora do seu corpo, vai agarrar-se, assim, às modalidades sensoriais, como a visão, a audição, ou a tacto, para se sentir unificado. Por isso, nesta fase, Bick compara metaforicamente o recém-nascido a um cosmonauta deixado à deriva no espaço cósmico, sem fato espacial e cujos órgãos sensoriais seriam análogos a ventosas ou tentáculos, como a boca, quando, avidamente, capta o mamilo. Deste modo, Bick pretende realçar o facto do recém-nascido não ter, ainda, capacidade de discriminação entre as suas diferentes funções sensoriais, parecendo, ao bebé, as várias sensações oriundas dos seus órgãos dos sentidos, como ventosas ou tentáculos que lhe permitem aderir ao objecto e sentir essas sensações todas unidas.

Frequentemente os bebés, nos primeiros quatro meses de vida, levam à boca os dois dedos do meio de uma das mãos, o que, nesta perspectiva de Bick, poderia ser visto como um substituto do mamilo, que o bebé usa para se sentir todo junto.

Em síntese, o modelo da identificação adesiva construído por Bick será como um mecanismo defensivo intrapsíquico, anterior à identificação projectiva, e pelo qual, e porque o bebé “se cola ao objecto”, a significação do objecto é experimentada como inseparável das qualidades sensoriais que o bebé pode perceber à superfície dele, como explicita Bick e que vai permitir que o bebé vá constituindo um limite

contentor, continente, desde que a mãe lhe ofereça um espaço psíquico tridimensional.

Donald MELTZER (1980), retomando este conceito de identificação adesiva e considerando que ele se sucede a um primeiro estadio do espaço psíquico amorfo, põe a hipótese da relação de objecto assentar numa identificação ao objecto feita por um Self que, por estar, ainda, mal diferenciado do eu, é sentido como uma superfície sensível. Por sua vez, esta identificação vai permitir que se constitua um espaço psíquico interno, distinto do externo mas que, neste estadio da adesividade é, ainda, construído em bidimensionalidade, o que implica que a significação dos objectos seja sentida como inseparável das qualidades sensoriais que se podem perceber à superfície. No estadio seguinte, da identificação projectiva e onde já foi alcançada a tridimensionalidade, os objectos já são dotados de espaço interno, espaço onde os pensamentos podem ser projectados e reintrojectados. Meltzer considera, também, que a força de ligação que permite, ao bebé, organizar as suas primeiras percepções em simultâneo com as suas primeiras emoções, será a função de atenção materna, suportada pela sua capacidade de rêverie e pela sua função α .

No mesmo sentido da identificação adesiva ser uma formação psíquica que traduz uma comunhão com a mãe, através da pele, Piera AULAGNIER (1986) propôs o pictograma como uma função de pré-identificação para o bebé e Didier ANZIEU (1987) considerou os significantes de demarcação, todos conceitos que constituem os primeiros referenciais do funcionamento infantil na relação primitiva com a mãe.

3.1.3 O Eu-Pele

A noção do eu inicial do bebé ser, metaforicamente, descrito como uma superfície, foi iniciada por Freud, na sua obra “O Eu e o Id” (1923), quando considerou o eu como a projecção de uma superfície com função de barreira ao descrevê-lo como uma interface

que separa e põe em contacto o mundo exterior e a realidade interna, interface constituída por uma corrente de barreiras de contacto que se constituiriam como uma peneira.

Mais tarde, Bowlby e Harlow, numa perspectiva etológica, ao considerarem a pulsão primária não sexual do apego, resultante da dependência do bebé à mãe, deram, igualmente à pele um papel idêntico ao atribuído ao reflexo de sucção, dotando-a de uma qualidade emocional e de um efeito de estimulação do prazer e do pensamento.

Os modelos de Bion, inaugurando o modo de pensar o início do desenvolvimento psíquico a partir dos continentes e através da ideia que o bebé, pela introjecção da relação mãe/bebé (♀♂), vai construir um espaço emocional e um espaço para o pensamento, inspiraram o modelo de Bick de pele psíquico que, por sua vez, foi o ponto de partida dos trabalhos de Anzieu (1987;1994) sobre o papel de um possível eu-pele como precursor do eu.

Considerando que a sensação táctil é a primeira a aparecer, no bebé e mesmo, ainda, enquanto feto, consequência do desenvolvimento da ectoderme, Anzieu partiu da constatação feita pela neurologia do desenvolvimento emocional de que as emoções cutâneas introduzem o bebé e ainda antes do nascimento, num universo de grande riqueza e complexidade que vai despertar o sistema percepção-consciência do bebé.

Anzieu, considerando este universo como um espaço psíquico originário e salientando a qualidade específica reflexiva do tacto, na medida em que é o único dos cinco sentidos com uma estrutura reflexiva, pois a pele toca e, simultaneamente é tocada, constrói o seu modelo do eu-pele a partir da ideia do que o bebé, quando das primeiras experiências de contacto com o corpo da mãe e com o seu próprio corpo e, no âmbito de uma relação de apego securizante à mãe, vai adquirir a percepção da pele como uma superfície. À medida que vai sendo capaz de ir diferenciando as percepções, ou seja, que vai ultrapassando a característica da globalidade da sensibilidade para os estímulos, própria do recém-nascido, o bebé vai aumentar o seu poder de diferenciação perceptiva e, desse modo, estabelecer uma troca, com a mãe, através da pele, o que lhe vai permitir receber os gestos que ela lhe dirige, com prazer (excitabilidade) mas, igualmente, como mensagens o que significa que, a par da oralidade veiculada pelo reflexo da sucção, a pele cumpre uma função de prazer onde se funda o nascimento do pensamento.

Deste modo, Anzieu inscreve o seu constructo na continuidade dos trabalhos de Bowlby, mas reafirmando a existência da libido na medida em que considera que o prazer funda a

possibilidade do pensamento, o que subentende que a finalidade do aparelho psíquico é a procura do prazer e o evitamento do sofrimento.

Anzieu coloca no toque inicial do corpo contra corpo do bebé com a mãe, a base sensorial do fantasma de uma pele comum que o bebé sentirá, entre ele e a mãe, fantasma que o aparelho psíquico debutante do bebé vai utilizar para se representar o seu eu principiante como um eu pele.

Neste contacto corporal estreito está, para Anzieu, subentendida a identificação primária a um objecto tangível ao qual o bebé se aconchega, se aninha e que, em simultâneo, lhe pega, o contem, o aconchega. Diferente da incorporação fantasmática do seio alimentador e da pulsão do “colar-se ao corpo da mãe” (“agrippement”) ou do apego, este contacto corporal íntimo, que origina a identificação primária, funda o sentimento primário de segurança do self.

Deste modo o eu-pele será uma realidade fantasmática, primeira diferenciação do eu no seio do aparelho psíquico, que se instala sobre as sensações da pele, consistindo-se numa figuração simbólica deste e que, pelas suas origens epidérmicas, tem a dupla função de estabelecer barreiras que se transformam nos mecanismos de defesa psíquica, e de filtrar as trocas entre o exterior e o interior.

O eu pele, considera Anzieu, será uma figuração que, nas fases precoces do desenvolvimento do eu, o bebé utiliza para se representar a si próprio como um eu continente dos conteúdos psíquicos e que se constitui a partir da experiência que o bebé tem da superfície do seu corpo, num momento em que o eu psíquico se diferencia do eu corporal, no plano operativo mas permanecendo confundido, com ele, no plano figurativo.

Como actividade psíquica, Anzieu alicerça o eu-pele em três funções da pele:

- pele enquanto invólucro, saco que contém e retém o interior;
- pele enquanto superfície que marca o limite com o exterior e que mantém o exterior, no exterior, como uma barreira que protege o bebé do que vem do exterior;
- pele enquanto lugar privilegiado de troca com a mãe a par da boca, lugar e meio primeiro da comunicação.

O eu-pele será, deste modo, uma superfície psíquica que liga, entre elas, sensações de vária natureza na medida em que as comunicações primárias tácteis vão ser registadas como pano de fundo onde se vão inscrever sistemas de correspondências intersensoriais

que vão constituir um primeiro espaço psíquico no qual se vão encaixar outros espaços sensoriais e motores. O eu-pele funcionará, assim, como um envelope táctil forrado por um envelope sonoro e por um envelope gustativo, sendo por esta função de intersensorialidade que o eu pele que irá estar na base da constituição de um sentido de senso comum cuja referência se faz ao tacto.

Por outro prisma, pode-se dizer que o eu-pele tem a função de inscrição de traços sensoriais tácteis reforçados pelo envolvimento materno com a sua função de ligação, de dar nome, e significação às sensações do bebé, o que leva Anzieu a comparar o eu-pele, a um pergaminho originário que conserva os rascunhos de uma escrita original pré-verbal e feita de “traços cutâneos”. Estes traços cutâneos seriam as inscrições das relações primárias significativas que o bebé vai ter com o seu meio envolvente, relações que são possíveis graças à função de barreira que a pele tem, enquanto interface que marca o limite com o exterior e mantém o interior, e que permite proteger o bebé da avidez e da agressividade vinda do exterior, deixando-o receptivo para a troca comunicacional.

Sob o fundo de sensibilidade global da pele, globalidade característica do recém-nascido e que engloba o elemento cognitivo e a tonalidade sensual das sensações, irá constituir-se a relação entre o eu-pele e a oralidade, relação que será o protótipo de todas as relações figura-fundo, tornando-se os orifícios em zonas erógenas, figuras ou pontos do prazer interno e rápido que estão sobre o fundo de sensibilidade global da pele.

Sendo a pele uma superfície de estimulação permanente de tónus sensorio-motor pelas excitações externas, o eu-pele, por inerência, terá a tripla função de recarga libidinal do funcionamento psíquico, de manutenção da tensão energética interna e de repartição diferenciada da libido pelos sub-sistemas, o que aproxima a pele deste eu-pele de Anzieu do conceito de Freud de barreira de contacto. Igualmente, o eu-pele funda-se na concepção de Freud de que toda a actividade psíquica se alicerça numa função biológica.

Por outro lado, sendo a pele do bebé um objecto de investimento libidinal não só do bebé mas, igualmente, da mãe e captando o eu-pele sobre toda a superfície da pele, este investimento libidinal, será, no início da vida do bebé, um envelope de excitação sexual global. Mais tarde e quando o bebé já compreende o interdito de tocar, a compreensão deste “não” vai ter um papel decisivo na passagem do envelope táctil

continente para o espaço intersensorial que prepara a simbolização, consubstanciada na transformação do eu-pele num eu pensante.

Será pela característica da flexibilidade do tacto que Anzieu considera que o bebé vai poder desenvolver a flexibilidade do pensamento que, por sua vez, vai possibilitar a representação mental, a simbolização e o pensamento, do mais primitivo até à abstracção formal.

Para Anzieu, a primeira defesa usada pelo bebé e usando a via afectiva, será o que ele denomina de “envelope de angústia” que terá a função de preparar a película do sonho que Anzieu considera ser uma segunda defesa porque já utiliza a via da representação mental e que teria, por função, enquanto “película do sonho”, tentar substituir o envelope táctil que falhou, como assinala a presença do envelope visual mais fino, mais frágil mas, também, mais sensível, mais diferenciador. Deste modo, Anzieu, concebe o aparelho psíquico constituindo por encaixes sucessivos, na medida em que, um continente (♀) tem um conteúdo (♂) que é, por sua vez, continente de um outro conteúdo e onde o conteúdo manifesto é um continente visual de um conteúdo latente, conteúdo manifesto que se consubstancia na narrativa do sonho que, com o acordar, se torna num continente verbal de um conteúdo manifesto oriundo da película visual, evocada a partir da memória do sonho.

Anzieu considera que o sonho tem, ao longo de toda a vida, um papel fundamental de função vital na reconstituição do quotidiano do envelope psíquico, considerando que será o envelope de angústia que vai dar origem à película do sonho que, por sua vez, vai colmatar as lacunas do eu-pele, através das imagens visuais e numa tentativa de substituir o envelope táctil.

Numa preocupação que é a deste trabalho de colocar o vértice dos inícios o mais perto que for possível da sua verdadeira origem, não esquecendo que, todavia, ela é inatingível porque está no território de O para o qual só se pode tender, e recorrendo à noção de identidade adesiva concebida por Bick e retomada por Meltzer (1977-1980), poder-se-á considerar, como sugere Golse (1999) que o eu-pele, inexistente quando do nascimento, vai emergir a partir da relação que o recém-nascido vai estabelecer com o objecto tangível, a partir da experiência de uma identificação ao objecto de base semelhante a uma identificação adesiva e cuja representação é a de uma pele comum ao corpo do bebé, que acaba de nascer, e ao corpo do objecto de suporte (mãe).

A interface que liga de cada lado, o corpo do bebé ao da mãe e vice-versa, com a sua função de objecto de suporte vai fornecer a infra-estrutura necessária ao eu do bebé para se constituir em interface entre o mundo exterior e a realidade psíquica. Para que o eu prossiga a sua estruturação, ele vai ter de romper com este primado da experiência táctil e constituir-se como um espaço de inscrição intersensorial em “sensorium comum”, ou seja, o caminho será feito da pele ao eu pele e do eu pele ao pensamento.

Tendo feito, neste trabalho, uma aproximação aos trabalhos de Meltzer é, igualmente, de referir que a sua noção sobre os três espaços psíquicos se insere no âmbito dos envelopes psíquicos e do eu-pele continente na medida que ela descreve um espaço interno do objecto externo, um espaço interno dos objectos externos e o espaço do mundo externo, com as suas respectivas fronteiras.

Igualmente a descrição de espaço imaginário de Sami-Ali vai no mesmo sentido na medida em que considera que este espaço se constituirá a partir da relação de inclusão mútua dos corpos da mãe e do bebé, por meio de uma projecção sensorial e de um processo fantasmático.

3.1.4 O Apego

Considerar os envelopes psíquicos como elementos primeiros no nascimento do pensamento implica relançar a importância das ligações de apego estudadas por Bowlby fazendo uma revisão sobre a teoria do apego (“attachement”) à luz das actuais perspectivas pós-kleinianas sobre o desenvolvimento psíquico, no bebé, que não a relegam, exclusivamente para o território das teorias cognitivas e comportamentais nem consideram, fazendo uma aproximação à teoria das relações objectais precoces (interacções afectivas precoces), que as ligações de apego excluem a teoria das pulsões, o conceito de “a posteriori” ou o papel do ausente.

Esta aproximação fundamenta-se na ideia de que o apego, quer ele seja compreendido como Bowlby o considerou, como um comportamento instintivo, quer, mais recentemente, completado pela perspectiva de Anzieu (1990), como uma pulsão de apego susceptível de investir os significantes formais, não pode escapar à sua progressiva inscrição na dinâmica psico-afectiva do bebé nem à sua

conflitualização no seio das sucessivas temáticas pré-genitais, o que, por sua vez, implica ultrapassar o antagonismo posto entre teoria das pulsões e teoria do apego baseado na noção de que esta escamoteia o papel do inconsciente porque considera o desenvolvimento psico-afectivo como um contínuo do desenvolvimento da vida mental, sem pontos de fixação nem de regressão.

O que diz Bowlby

Bowlby (1979, 1980), estudando as carências maternas, nos bebés, constrói uma teoria sobre a natureza das relações afectivas entre o bebé e a mãe, segundo uma perspectiva genética, apoiando-se em referências etológicas mas, igualmente, baseando-se na noção de Balint (1950) de “amor primário ao objecto”. Na sua teoria, Bowlby, estudando as ligações de apego, considerou que poderia haver uma terceira pulsão, a pulsão de apego, distinta da pulsão oral, que caracterizou como uma pulsão primária não sexual.

Para Bowlby, o apego seria uma espécie de “homeostasia” assente na necessidade que o bebé tem de estar próximo da sua mãe, numa comunicação baseada em comportamentos interactivos que são compreendidos, por Bowlby, à luz das experiências de condutas de privação estudadas por Harlow e não da metapsicologia freudiana pelo que não exigem que haja, sempre, satisfação das necessidades do organismo, como Freud advogava na sua teoria das pulsões.

Se Bowlby construiu a sua teoria do apego, pondo de parte a necessidade de, nela, enquadrar a dimensão do prazer aliado ao afecto, o que levou posteriormente a considerá-lo como tendo uma perspectiva puramente cognitiva e comportamental, contudo, ele foi dos primeiros a salientar a orientação social primária do bebé recém-nascido que, nos nossos dias, as observações directas vieram confirmar ao mostrar como o recém-nascido, logo que nasce, se orienta para o mundo que o rodeia e o envolve e, mais concretamente, para o mundo social.

Apoiando-se nos trabalhos de Balint sobre o “amor primário” do bebé dirigido ao objecto primário, Bowlby veio, assim, ser pioneiro da noção, hoje consensual, em muitas perspectivas pos-kleinianas e, sobretudo, bionianas, de que o bebé, desde que nasce, tem uma capacidade para participar, activamente, na interacção com o seu meio social envolvente (adulto com função materna), não sendo apenas um

receptáculo passivo das influências maternas, mas tendo um protagonismo activo nas trocas entre ele e a mãe.

O que se diz, hoje, sobre a teoria do apego.

Bernard GOLSE (1999) propõe que se insira na noção de apego, os alicerces narcísicos com a sua libidinização secundária na medida em que, se o apego comporta o valor de uma necessidade primária, também não exclui que, o bebé, pelos mecanismos inerentes ao apego (pulsão de apego), como são o grito, a sucção, a apreensão, o acto de se agarrar/colar ao objecto, a orientação facial, não possa descobrir o prazer ou os prazeres suplementares, ligados à reacção e à resposta do parceiro da interacção, nas diferentes sequências interrelacionais onde se inserem esses mecanismos.

Lebovici considerou, neste sentido, que o comportamento do apego, embora sendo primário, também comportaria uma ligação à sexualidade, ao enquadrá-la à luz da concepção de Freud de que a relação com o objecto se vem a inserir, secundariamente, na satisfação das grandes necessidades do organismo, o que implica inscrever a sexualidade na auto-conservação e, no mesmo sentido, em relação ao apego, considerar que esta dinâmica da sexualização (enquanto erotização) secundária se pode estender aos mecanismos íntimos do apego.

Por outro lado, estando o apego numa relação íntima com os mecanismos de auto-conservação que, necessariamente exigem a presença do outro para a sua satisfação, dado a neotenia humana, fica implícito que, se o bebé dispõe, no seu próprio equipamento biopsicológico, de um certo número de potencialidades e de programas internos de apego, ele necessita, contudo, de se entregar à existência e à presença do outro para poder activar essas potencialidades e esse programas e deles tirar proveito. Para além de o apego se inserir neste registo da auto-conservação, nele também se englobam, considera Golse, comportamentos de auto-apego que o bebé executa, desde muito cedo, com o seu próprio corpo, através de gestos de auto-contenção e de auto-agarrar-se e que podem ter, inicialmente, um estatuto mais próximo do estatuto de equação simbólica do que de uma alucinação primitiva, com uma dimensão auto-erótica mas que não deixam, também, de se perfilhar no registo da relação e do sexual, no sentido lacto do conceito. Foi, aliás, neste sentido que

Geneviève HAAG (1991), desenvolveu o seu conceito de identificações intra-corporais.

Outra mudança de vértice no conceito do apego, e no intuito de uma expansão do conceito teórico, respeita o modo como Bowlby colocou o apego em íntima relação com a noção de “base de segurança”, considerando que a capacidade do bebé de se afastar do objecto de apego para explorar o mundo depende do seu sentimento de segurança, o que significa uma aproximação ao eixo narcísico.

Grotstein (1999) expande este conceito de base de segurança através dos conceitos de ambiente sustentador e de presença de fundo da identificação primária, esta última com uma função de dar segurança em relação ao que está atrás, para que o bebé possa fazer movimentos de ir para a frente, num movimento dialéctico permanente entre a fiabilidade dos mecanismos de apego, que permite a construção das bases narcísicas, e a exploração do objecto, conseqüente, igualmente, a essas bases narcísicas, dialéctica que está ligada a uma dimensão económica pulsional, ou seja, sexual.

Estes novos contributos em relação às ligações de apego, descritas por Bowlby, levam Golse (1999) a construir a hipótese de que o apego poderá representar o extraordinário impulso que o bebé faz em direcção ao outro, impulso que vai, rapidamente, ser libidinizado, entendendo-se esta conotação, como também deverá ser entendida a anterior dimensão económica pulsional, inserida no contexto do sexual num sentido lato e não apenas, restrito ao genital.

Finalmente, abrir o apego à relação objectal significa, também, que ele poderá ser entendida como um dos níveis da transmissão transgeracional, considerando-o, no sentido psicanalítico, como uma transmissão transgeracional de representações de conflitos e de fantasmas, o que leva, implicitamente, a considerar o papel que a representação mental tem no apego. Este questionamento é tanto mais pertinente, quanto se considera, neste trabalho, que as representações dos conteúdos precedem as representações dos conteúdos e que os envelopes psíquicos, como são os envelopes proto-narrativos com o seu contexto afectivo e emocional, fazem a ponte com os trabalhos de Bowlby sobre a representação do apego, ponte que implica que as representações do apego não podem ser compreendidas, apenas, à luz do registo

puramente cognitivo, como mostram os trabalhos de Mary AINSWORTH (1978, 1982) sobre o apego.

Partindo, nos seus estudos de observação directa do bebé, do paradigma experimental da “situação do estranho” que estuda a capacidade que o bebé tem para utilizar uma figura de apego como base securizante, Ainsworth mostrou como o afecto e as suas modalidades representativas têm um papel fundamental nas estratégias do apego, o que leva Golse (1999) a concluir que a representação do apego tem uma representação mista, cognitiva e afectiva, conclusão que se aproxima das teses de Stern sobre as “representações de interacções generalizadas” que postulam uma espécie de trabalho de abstracção que o bebé faz a partir de sequências interactivas onde está envolvido.

A estas reflexões sobre as características das representações do apego, e na sua inerência, vêm-se juntar outras hipóteses sobre a representação dos modelos internos operantes do apego que reafirmam a pertença do apego ao território dos afectos.

Uma destas hipóteses considera que estes modelos internos não são simples determinismo genético, apoiando-se em trabalhos experimentais que mostram a existência de uma relação estreita entre a tipologia dos esquemas das relações de apego do bebé e a representação que o adulto, no “a posteriori” longínquo, se faz das suas próprias ligações precoces de apego.

Em relação com a hipótese que relaciona o apego com a transmissão transgeracional, outros trabalhos consideram que os modelos internos operantes que suportam os esquemas de apego, reconhecem, como qualquer outra representação mental , a dupla inscrição corporal e interactiva, incluindo a inscrição interactiva, a história e a árvore de vida do adulto cuidador, ou seja, a história e a árvore de vida que veiculam os mandatos transgeracionais endereçados ao bebé.

Partindo da evidência da impossibilidade de repetição idêntica de duas sequências interactivas entre o bebé e a sua mãe e onde estão implicados os modelos internos operantes do apego do bebé, esta impossibilidade vai introduzir uma diferença que o bebé terá de integrar, nas suas representações das interacções, através de um trabalho de extracção e da abstracção que, se assenta num denominador comum existente entre as repetições interactivas e devido às semelhanças dessas sequências interactivas, também tem de integrar os aspectos em que elas se diferenciam, se

distinguem entre si, o que remete para o papel da descontinuidade e da ausência de um elemento que se modificou e, implicitamente, insere os modelos internos do apego no trabalho do negativo levado a cabo pela capacidade negativa do bebé.

Todos estes contributos à teoria do apego vêm reforçar a ideia de que as representações mentais do apego serão um misto de elementos cognitivos e afectivos que se estruturam sobre um fundo de presença interactiva e a partir da diferença e da distância, o que leva a inferir que conceptualmente, como refere Golse (1999), estas representações não estão longe das representações da teoria psicanalítica já que, se a representação que o bebé constrói do seio nasce da ausência do seio, também se pode considerar que as representações das relações de apego nascem das pequenas diferenças que surgem entre sequências interactivas comparáveis. Esta inferência leva, por sua vez, a equacionar que, em relação ao apego, o que é, finalmente, simbolizado é um esquema geral abstracto resultante das interações concretas vividas a partir de semelhanças e de diferenças, diferenças que remetem, inexoravelmente, para o ausente, para o que “dantes estava lá e agora já lá não está”. Formular, deste modo, a teoria do apego implica deixar de considerar que existe uma oposição entre a teoria das interações precoces e das ligações afectivas e a teoria do apego, oposição que foi feita alicerçada na ideia de que a primeira reenvia para uma metapsicologia da ausência, enquanto a segundo só reenvia para uma metapsicologia da presença, menos elaborada, o que não tem fundamento na medida em que os trabalhos que se alicerçam na presença do objecto de relação como os já referidos levados a cabo por Ainsworth sobre a análise dos reencontros do bebé com a sua mãe perante uma “situação estranha”, remetem, claramente, para o fenómeno da ausência transitória da mãe.

Por tudo o que se referiu, pode-se, então, afirmar que, se divergência existe entre a teoria do apego e a teoria das interações precoces afectivas, ela poderá ser posta a nível da abordagem e nomeadamente, a nível do valor da continuidade que a teoria do apego reforça ao pôr de parte movimentos de regressão e de fixação, e não tanto pela existência de uma divergência absoluta. Golse (1999) formula como proposta de ligação entre as duas teorias, a hipótese de que os modelos internos operantes do apego se constroem na interface do pictograma interno do bebé e dos encontros que ele faz com o adulto cuidador que é depositário de uma história pessoal mas,

também, transgeracional, encontros que estão integrados numa teoria do apego que não se restringe a uma teoria psicológica endógena do desenvolvimento, implicando a continuidade, mas que, à semelhança do modelo psicanalítico, ela é, igualmente, fruto da génese de um encontro e, portanto, conclui Golse, uma teoria a colocar na interface da psicologia cognitiva e da psicanálise precoce.

Em síntese, a teoria do apego poderá ser considerada como uma pulsão de apego, sexualizada no “a posteriori” e alicerçada na necessidade primária que o bebé humano tem de contacto e de aproximação ao objecto cuidador.

3.1.5. A Unidade Originária

Numa expansão aos trabalhos de Esther Bick, Manuel PÉREZ-SANCHEZ e N. ABELLO(1981) descreveram o conceito de “Unidade Originária” (UO), estado relacional primitivo de unidade entre as figuras do pai, da mãe e do bebé. É uma unidade em que todos os elementos são importantes, dizendo dela, Perèz-Sanchès, que é o jogo dinâmico dos três elementos que a constituem que testemunha a verdade dos afectos de cada um dos três parceiros.

A UO vai ser construída a partir do momento em que, após o parto, a maternidade, a paternidade e uma nova vida se vão organizar, através do cuidado e da capacidade que tem, cada um, dos três elementos para conter o outro, ou seja, será da introjecção recíproca que advém da capacidade que, cada um, tem para introjectar o bom, que se irá construir a UO que, por sua vez, constrói a unidade de cada um e a pele psíquica do bebé.

A UO é a resultante do modo como duas ou três subjectividades entram em acção para se transformarem, processo que está na base dos mecanismos de transferência e que releva a importância de ter em conta a comunicação entre as subjectividades (comunicação intersubjectiva) como meio de entrar no mundo das emoções e da valiosa investigação do seu papel na organização da mente, na criatividade e na vida. Será no seio da UO que o objecto primário, que é capaz de receber as comunicações primitivas que o bebé envia, primeiro pela identificação adesiva e, depois já pela identificação projectiva, vai transformar essas comunicações e reenviá-las para o

bebé permitindo que ele crie fantasias num espaço interno, o que significa que é a UO que gera, no bebé, o nascimento do pensamento.

Contudo, a fragilidade psíquica do bebé, apesar da sua força vital, e a fragilidade emocional da mãe, neste papel maternal, vão, em certos momentos, dificultar, aos dois, a sua tarefa de objectos primários, sendo o papel do pai, com a sua integridade corporal que vai permitir que seja reposta a dinâmica, dos três, como objectos primários.

Entendido a UO nesta dinâmica, pode-se dizer que o bebé não pode ser objecto primário sem a mãe, a rêverie materna necessita do pai e ambos, pai e mãe, têm de aceitar a autonomia do bebé, aceitando, implicitamente, o funcionamento psíquico que começa a desenvolver-se no bebé, ou seja, a sua rêverie. A rêverie, na UO não é, assim, atribuída só a mãe, mas ela deriva do funcionamento, na UO, de cada um dos três elementos desta unidade pois cada um sonha com o outro.

Será pelo vínculo dinâmico que vai existir entre os três que o aparelho para pensar pensamentos do bebé se irá construindo graças ao funcionamento da função α dos três elementos, função α que vai permitir a interiorização dos dados sensoriais e a sua tradução em emoções, o que implica que, na UO, a função α seja tridimensional e a própria UO seja pluridimensional e precursora dos elementos α .

É este movimento dinâmico pai-mãe-bebé que cria, nos três, um estado interno disponível para as emoções, ou seja, um estado de pensamento.

A UO existe, assim, no respeito pela individualidade dos processos psíquicos de cada um dos elementos já que o continente que a mãe necessita não é o mesmo de que necessita o pai e o continente do pai não é o mesmo de que necessita o bebé.

A UO permite que o interno domestique o externo: pai e mãe vivenciam a mesma realidade externa, mas interiorizam-na de modo diferente.

A UO significa o reconhecimento do terceiro elemento, quer ele seja o pai em relação à díada mãe-bebé, quer seja o bebé em relação a díada casal, permitindo a valorização do sexo de cada um dos pais o que, salienta Pèrez-Sanchès significa que ela, ainda, não está no território da situação edipiana mas que é a base para que o bebé possa elaborar os estadios edipianos precoces da posição esquizo-paranoide, assim como se torne numa preparação para o confronto com o Édipo, na posição depressiva.

A UO considera que um eu primitivo já existe com certa diferenciação e, portanto que a autonomia do bebé está directamente vinculada ao aparelho pré-conceptual do bebé, no sentido do modelo de Bion, o que implica que o bebé, que procura a UO, a provoca, e dela precisa, tenha, dela, uma pré-concepção com a respectiva intuição.

Compreendendo o funcionamento do UO através dos modelos de Bion e de Bick, modelos seus fundadores, e em relação aos momentos de fragilidade da mãe pode-se considerar que, quando, na mãe, aparece uma alteração do seu funcionamento psicológico, esta alteração pode ser equacionada à dinâmica de uma mudança catastrófica devido a um pensamento novo, o que numa mãe, em estado de função materna, é frequente dado a necessidade dela acolher os estados psíquicos originários do bebé nos seus processos primário e secundário. Esta mudança catastrófica vai originar, no seu funcionamento psíquico, um estado de turbulência que se pode transformar num estado de angústia, se ela não conseguir tolerar a incerteza e levando-a a ter, momentaneamente, um funcionamento de tipo protomental que rompe a sua capacidade contentora (♀) de receber os conteúdos (♂) da identificação adesiva e, depois, projectiva do bebé. Este funcionamento será do mesmo nível da actividade mental originária do bebé que tem, igualmente, as características do nível protomental que caracteriza a vida mental primitiva e que se exprime através de processos corporais porque não há, ainda, diferenciação entre o físico e o psíquico. Estas partes primitivas protometais que mantêm a sua existência ao longo de toda a vida a par das dominantes partes em funcionalmente primário, e, sobretudo, secundário, pensam com o corpo e mais em obediência às leis da neurofisiologia do que da psicologia porque, a este nível, ainda não há função continente/conteúdo (♀♂) a funcionar.

Assim, a função ♀♂ materna pode falhar, fragmentando-se momentaneamente, levando a que mãe e bebé apelem por uma pele contentora, continente e por uma operação funcionante que os reuna e os configure, novamente, numa função ♀♂ que esteja, de novo, sobre o primado da função α , que Hilda Botero (1998) adjectiva de “defensora dos direitos da vida” quando fala dela em relação aos bebés prematuros (bebés canguru). A função paterna do pai, no contexto da UO vai ter,

então um papel fundamental, tanto para que a função $\text{♀}^{\text{♂}}$ materna se possa, de novo, configurar num universo ordenado para a vida e para o crescimento, qual um universo em expansão $[(\text{♀}^{\text{♂}})^{\text{a}}_{\text{k}} ; \text{Ps} \longleftrightarrow \text{D}]$, como para que os “limbos de sentires” físicos e psíquicos, que a mãe experimenta nessas situações de mudança catastrófica e que se vão inscrever, privilegiadamente, no somatopsíquico porque o funcionamento da mãe está muito próximo do território protomental, não invadam a sua função $\text{♀}^{\text{♂}}$ de um vínculo parasitário, venenoso, que destrua o vínculo K, expondo a díada $\text{♀}^{\text{♂}}$ a uma frustração, à dor, à desorganização.

À mercê, assim, da violência, da invariância e do subversão inerentes a um sistema exposto a uma mudança catastrófica, vai ser essencial, para a função materna $\text{♀}^{\text{♂}}$ que está ameaçada de fragmentação, que a função paterna $\text{♀}^{\text{♂}}$ a venha resgatar, função paterna que, estando a operar num universo em expansão ($\text{Ps} \longleftrightarrow \text{D}$) vai conter a função materna em perigo, substituindo-a até que o seu funcionamento seja, de novo, repostado. Esta reparação vai ser feita pela reposição de uma nova estrutura onde os elementos invariantes voltam a ter o papel de cimento e o vínculo K pode, de novo, actuar pondo a relação mãe/ bebé ($\text{♀}^{\text{♂}}$) a funcionar como uma relação simbiótica em que a mãe contem os elementos β que o bebé lhe envia, transforma-os em elementos α ao compreendê-los e ao nomeá-los e os reenvia para o bebé que, contido pela função $\text{♀}^{\text{♂}}$ materna, os vai receber e integrar.

Deste modo, a função paterna $\text{♀}^{\text{♂}}$ e no seguimento do que Tustin considerou ao pô-la como o que o pai constrói, dentro de si próprio, para a díada mãe/ bebé, terá um papel de reforçar, por vezes, mesmo, resgatar, salvar, um continente materno em risco de perder a sua função $\text{♀}^{\text{♂}}$, dando-lhe a maleabilidade que Milner preconiza para o objecto externo primário.

Para que esta ajuda interpéssica seja possível, Pérez-Sanchès (1994) salienta, por um lado, o sentimento de confiança que deve existir dentro da UO, sentimento que se estende aos três parceiros e, por outro, que não chega o pai e a mãe estarem numa função paterna e materna, é necessário estarem num estado paterno e materno.

Em síntese, pode-se concluir que o desenvolvimento da UO permite que a dor própria da bidimensionalidade do espaço narcísico possa ser tolerada, contida, integrada num espaço tridimensional que é a matriz que fará funcionar o pensamento, permitindo que a projecção e a introjecção, responsáveis da transformação e do crescimento mental se possam efectivar. Este desenvolvimento da capacidade de contenção, de ser continente, e da capacidade para pensar, unidas com a confiança e o gratidão, irão proporcionar as bases da actividade criativa e da maturidade psíquica.

O que começou como uma dor indescritível que Klein considerou ser a do medo de ser aniquilado, de se deixar de ser, que é a angústia nuclear do humano, que Segal disse ser a dor dos tormentos da vida e que Bion, dela disse, ser indizível, um terror sem nome, acaba sendo, graças ao bom funcionamento da UO, um afecto capaz de ser sofrido, integrado, e, como diz Pèrez-Sanchèz (1998), fonte de pensamento de vida, de prazer, de mudança, de criatividade e de crescimento.

3.1.6 A Pulsão de Pertença

Numa expansão ao conceito de apego, Didier DUMAS, considera que poderá haver uma pulsão que tem, no âmago o ser social do Homem.

No início da díada mãe/bebé, o bebé pela sua actividade mental originária e porque vive, ainda, na psique do outro, outro que engloba a família, como entidade comunitária, vai ser, sucessivamente, um “eu- mãe”, um “eu- pai”, um “eu- irmão mais velho”, como diz Dumas (2000), ou seja, o bebé vai ser ele próprio e todos os que cuidam dele, através de uma relação que não será, ainda, uma relação sexual mas uma relação de pertença, que Dumas chama de “pulsão de pertença” pondo-a a par da pulsão sexual e da pulsão de apego de Bowlby.

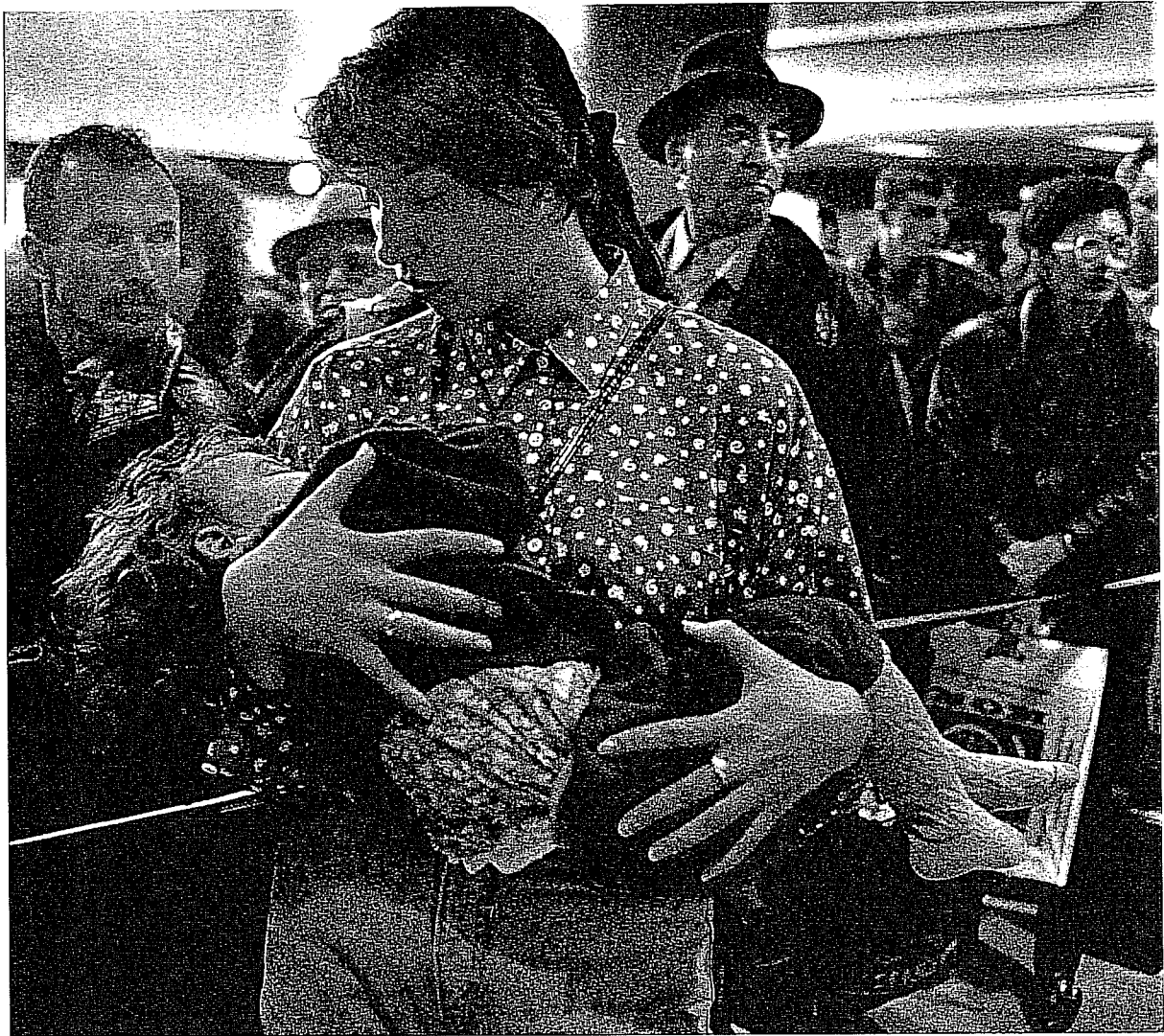
Por esta pulsão de pertença, o bebé vai poder adquirir a consciência da sua própria existência, o “sentimento de si” como disse Françoise DOLTO (1990) ou o “sentimento de existir” nas palavras de Winnicott, pulsão que o bebé constrói na sua relação á mãe mas, também, na relação ao outro e a partir da qual, como considerou Winnicott, a vida pulsional se vai poder estruturar. Esta pulsão de

pertença poderá ser considerada, precisa Dumas, como a fundação onde a construção psíquica do bebé se vai enraizar e donde vai emergir o “eu”. Constituída, assim, no início da vida psíquica ou seja, durante a actividade mental que Aulagnier chamou de originária, esta pulsão/relação de pertença é, para Dumas, uma actividade que vai permitir que o bebé se auto-construa na sua relação com os outros, num momento em que o bebé ainda não diferencia o seu corpo do dos que dele cuidam nem tem, ainda, uma dimensão libidinal já que o que liga o bebé ao outro é uma relação de pertença na qual ele se sente existir, com a sua mãe, num único e mesmo espaço afectivo.

Conceptualizada deste modo, a relação de pertença vai permitir que o bebé já possa tomar consciência da sua existência psíquica, num momento em que ele, ainda, não tem percepção, nem da sua vida psíquica, como separada da dos outros, nem do seu corpo como sendo sua propriedade já que ele se percebe como pertencente à sua mãe. O recém-nascido e o bebé nos primeiros dias situa assim, a sua existência a um território que é, ao mesmo tempo, ele e ela, ela, mãe que contém o pai porque as estruturas psíquicas do bebé não estão separadas das dos pais, o que leva Dumas a construir a hipótese de que a raiz do desejo de vida do bebé poderá não estar, no início, na sexualidade oral mas nesta relação de pertença pela qual o bebé se enraiza nas estruturas mentais dos que dele se ocupam.

Esta hipótese que se, por um lado, vem contrariar o modelo de Bion de pré-concepções inatas alicerçadas em reflexos automáticos (sucção) vai, contudo, ao encontro da noção de Bion de que o homem é um “ser gregário” o que aliás o próprio Dumas considera ao fazer da pulsão de pertença o germe que, a partir da adolescência, vai originar as pulsões gregárias que, como as pulsões de pertença, têm um trabalho de duplicação, agora, da língua, dos costumes, da cultura. Dumas aproxima-se, também, das teorias que põem as pulsões libidinais dependentes da relação de objecto, na medida em que elas estariam dependentes da pulsão de pertença que associam mãe e bebé na mesma actividade mental.

A noção de auto-construção, Dumas integra-a na actividade mental originária do constructo de Aulagnier que este considerou persistir toda a vida, o que implica que, também esta actividade de auto-produção se vai manter ao longo da vida. Igualmente, considera Dumas, ela existe já no feto que se auto-produz, tanto nas



estruturas mentais da mãe como no seu próprio corpo e que tem como objectivo principal a construção do seu próprio corpo. Com o nascimento, esta auto-produção vai começar a ter uma actividade de duplicação do sistema representacional que emerge do meio envolvente do bebé e que é formado na família e na intimidade dos pais. Esta actividade mental de duplicação da actividade mental originária que vai estar na base da identificação do bebé às figuras parentais, subentende a reprodução inversa feita pelo bebé e devido à sua capacidade de mimetismo, das relações parentais e pela qual o bebé imita, duplica, reproduz o que o pai e a mãe fazem. Será por este trabalho subterrânea de auto-produção no outro que o bebé se vai identificar ao outro, com a sua intencionalidade própria do humano e que, mais tarde, a criança se irá identificar ao Nome do pai, para, depois, já adolescente, se ir identificar ao grupo de jovens e, na idade adulta, se ir identificar aos seus parceiros culturais.

3.2. Narcisismo Primário e Narcisismo Secundário: uma Transição a Integrar na Relação Objectal.

O conceito metafísico de narcisismo, considerando por Freud em 1914 tem, ao longo dos anos, sofrido várias metamorfoses. Considerado por uns, como sendo o fundador do psiquismo, consubstanciado no amor por si próprio, como considera Grumberg (1975), relegado para segundo plano, por outros, que põem, no amor pelo objecto a fundação da vida psíquica, como Michael BALINT (1949)¹, visto pelas teses desenvolvimentalistas como uma linha unitária em evolução continua durante o processo do desenvolvimento e da maturação mentais, será útil para a clareza do exposto neste trabalho e tentando evitar o menos de falácias possíveis, retomar a distinção entre narcisismo primário e narcisismo secundário para, a partir dela, se poder fundamentar a posição tomada, neste trabalho, de que o narcisismo primário (NP) e o narcisismo secundário (NS) podem ser considerados como as duas fases de um único processo de desenvolvimento, o que não tira nenhuma especificidade ao conceito de NP, apenas o insere numa linha de continuidade com a experiência da continuidade de si.

¹ Dado este artigo ser fundador da temática deste trabalho, um resumo está em anexo.

Seguindo Hossein Etezady (1997), o Narcisismo primário (NP) referencia-se ao investimento libidinal que é o si corporal (York, 1991), nos seus elementos constitutivos internos e nos seus estados. Existente numa fase neonatal onde o si e o objecto estão indiferenciados porque as percepções ainda são globais e os afectos, provocados pelo exterior, não se distinguem dos que têm origem interna, o NP coincide com um momento em que o bebé se vive, a ele próprio como fonte de todo o prazer. As interações gratificantes com o adulto cuidador (mãe) estimulam e integram pouco a pouco a sensação de superfície. O investimento libidinal é tirado de centro para a periferia, do corpo dele próprio para a mãe, sendo a mãe que vai atrair, activamente, esse movimento, deslocando-o do centro (bebé) para a superfície (objecto).

Apoiado na capacidade maternal nascente da mãe, o bebé começa a procurá-la com uma intenção dirigido a um reconhecimento específico no enquadramento alargado de uma experiência subjectiva que participa na onnipotência materna pela ilusão de uma unidade dupla simbiótica.

Esta capacidade maternal nascente advém da identificação narcísica que a mãe, mas igualmente o pai, fizeram, durante o tempo de gravidez, ao bebé que ia nascer, crise identificatória necessária para que se possa construir o processo de parentalidade, materna e paterna, que lhes vai possibilitar identificarem-se, simultaneamente ao bebé e à sua própria imagem maternal e paternal. Deste narcisismo da mãe e do pai, o bebé, que em relação aos seus pais se situa, sempre, entre o mesmo e o outro (Levinas), vai ter, para se poder tornar em sujeito de si próprio, de, dele, deixar de ser refém, o que irá acontecer com o desenvolvimento progressivo do seu eu, com o aumento de doses crescentes de frustração toleráveis e com a ilusão de unidade com a mãe. Deste modo, o bebé irá fazendo um processo de diferenciação que, o aparecimento da angústia do estranho, vem testemunhar que ele já se tornou consciente da sua individualidade e da vulnerabilidade de sua onnipotência infantil devido ao estabelecimento da constância do sentimento de si e da permanência do objecto, apesar das representações mentais de si ainda se encontrarem, mais ou menos, confundidas com as do objecto.

Num clima de completa dependência, durante a fase simbiótica e as primeiras experiências entre o si (self) e o objecto (Kohut, 1978), a homeostasia e um fundo

de segurança (Sandler, 1967) vão ser, no início, realizados à medida que se vão dando as interacções da mãe com o bebé, levando, a interiorização destas experiências, a uma crescente autonomia e a uma relação de independência. Será por estas autonomia crescente e independência a consolidar-se que o Narcisismo Secundário (NS) virá a suceder-se, em consequência, igualmente, da instalação da constância da representação de si e do objecto, da consolidação do eu ideal e do supereu e da permanência de um sentido de si, afectivamente positivo, movimentos evolutivos que desfazem a ilusão narcísica primária da união simbiótica com o objecto. O NS irá consolidar-se, deste modo, no investimento libidinal da representação de si que é consecutivo à formação dos limites do eu quando as representações de si e do objecto são, já, suficientemente diferenciadas e mais ou menos estáveis. Será durante o período de separação-individuação que esta transição do modo primário a um modo secundário do narcisismo se vai prosseguindo, continuamente, na direcção da constância de si e do objecto, sendo o segundo ano de vida, o período crucial do desenvolvimento desta transição.

Em síntese, o NP é um processo de regulação que serve para manter um sentimento de si afectivamente positivo e que pertence ao primeiro período do desenvolvimento psíquico, precedendo a diferenciação do eu e do objecto e a formação dos limites do eu, estando, no início, dependente, essencialmente, da função auxiliar do eu do adulto cuidador. A identificação ao objecto primário e a interiorização dos seus atributos contribuem, pouco a pouco, para a formação da estrutura necessária à auto-regulação interna. O NS vai-se, por sua vez, distinguir do NP porque ele já é o investimento libidinal da representação de si, consecutivo à formação dos limites do eu, quando as representações do eu e do objecto já são diferenciadas e mais ou menos estáveis.

A distinção entre o NP e o NS é semelhante à que existe entre processo primário e processo secundário do pensamento, ou seja, o NS, sendo já diferente qualitativamente do NP, está, contudo, na mesma linha do desenvolvimento, em continuidade com o NP, podendo considerar-se que NP e NS são fases sequenciais do mesmo e único processo do desenvolvimento.

Comparar o NP ao processo primário do pensamento baseia-se na noção de que o processo primário, como o NP, é o modo primitivo que opera antes do

estabelecimento dos limites do Eu, da instalação do princípio da realidade e das diferenciações entre o interior e o exterior, entre o si e o objecto, entre o desejo e o fantasma e que, como o processo primário, não se deixa influenciar por pressões do tempo, do lugar, do outro. Já o processo secundário do pensamento, á semelhança do NS, evolui como um subproduto do desenvolvimento psíquico através dos processos de diferenciação do si e do objecto, da consolidação dos limites do eu, do estabelecimento do princípio de realidade e da formação de compromissos que acompanham o abandono do pensamento mágico e da onnipotência infantil.

Considerar o NP e o NS como fases sequenciais do mesmo e único processo do desenvolvimento que evolui progressivamente, alicerça-se na concepção de que o NP é operacional, de modo predominante, durante a fase pré-objectal e antes que a representação de si e do objecto estejam suficientemente diferenciadas num momento em que, também e em concomitância, o objecto primário vai ser investido de modo libidinal e os seus atributos interiorizados pela via da identificação e da interiorização, levando ao NS com o abandono do objecto primário e o consequente investimento da libido do objecto nas representações psíquicas.

É este processo de interiorização que, acompanhando uma formação progressiva estrutural que implica o desenvolvimento do NS, vai permitir que um sentimento de bem estar, de coesão e de auto-estima possa ser preservado durante o resto do processo de desenvolvimento. Para que o narcisismo, já na qualidade de NS, possa cumprir esta função, é necessário que haja um equilíbrio optimal entre as pulsões, com uma relativa preponderância da libido em relação à agressividade para que seja mantida a constância da permanência do si e do objecto.

Em termos já de NS, a noção de um narcisismo “são” implica a capacidade para manter um sentimento do bem estar e um olhar positivo sobre si próprio de modo a que seja mantida a constância de si e do objecto e que seja preservado um clima de segurança e uma espera confiante. Esta capacidade complexa que implica, tanto elementos constitucionais como estruturais e do meio está, assim, enraizada na qualidade das primeiras relações do objecto.

Neste sentido da emergência de um narcisismo saudável que possibilite a capacidade do bebé poder manter um sentimento de si afectivamente positivo, é essencial, durante toda a formação do narcisismo e, por consequência, desde o NP, que a mãe

mantenha uma disponibilidade libidinal que lhe permita uma libidinização da experiência com o seu bebé, uma modulação da agressividade para com ele e uma capacidade dialéctica entre a fusão com o bebé e a separação e individuação, em relação a ele.

Apesar de não ser a posição tomada neste trabalho, será importante referir as posições que, actualmente continuam a defender o narcisismo primário na sequência de como ele foi teorizado por Freud.

Assim, André Green (1992) defende o narcisismo primário como sendo anterior à “relação de amor primário” e como sendo, através dele, que as relações objectais se podem estabelecer, ou seja, será a organização narcísica, a tonalidade fundamental da vida psíquica do bebé quando ele está sozinho sem a mãe, pois será essa tonalidade que lhe vai permitir a relação na organização narcísica da solidão.

Green., distinguindo instinto e pulsão, mas não opondo pulsão e vinculação (apego) na medida em que a vinculação será a manifestação da pulsão, considera que, nesta fase precoce da vida psíquica, e pondo a tónica na relação e não no objecto, a pulsão é a base da subjectividade porque ela é indispensável ao trabalho psíquico interno que não se pode observar, a não ser no “a posteriori” o que o leva, como se verá mais á frente, a pôr em dúvida a viabilidade das observações directas, na psicanálise. Quanto aos fantasmas originários, Green considera que o estatuto do “a anteriori” é muito complexo e difícil de compreender já que sendo inerente, ao fantasma originário, o pôr em reserva, é difícil entender se este “pôr em reserva” está carregado de uma intencionalidade previsível, ou seja, se pode ser posto em reserva porque está destinado a, mais tarde, fazer sentido ou se é posto em reserva porque, no momento, não é aceitável.

Serge LÉBOVICI (1991-1992), numa posição consensual não vê contradição entre estas teses que dão o primado ao narcisismo primário consubstanciando-se na tese de que o objecto é alucinado antes de ser percebido e nas teses desenvolvimentalistas contemporâneos que vêem o estabelecimento dum narcisismo primário sólido como modo de compensar a perda do objecto real. Para defender esta posição Lebovici, apoia-se nas teses de M. PINOL- DOURIEZ (1989) de que o bebé tem protopensamentos dos cuidados maternos, protopensamentos que têm a sua origem em representações mentais desses cuidados maternos. Estas

representações constituem-se a partir de associações que o bebé estabelece entre a sensorialidade e os afectos que a acompanham, indo os protopensamentos, delas derivados, construir os envelopes psíquicos concebidos por Daniel STERN.

Mantendo, assim, o paradigma de Freud sobre a alucinação do objecto por via destes protorepresentações, Lebovici defende que, em simultâneo com a teoria pulsional e a teoria das relações afectivas precoces, se mantenha a teoria do apego de Bowlby, numa conjugação que pressupõe que o sistema interactivo está apoiado numa rede narcísica que permite que o bebé possa compreender as interacções afectivas com o objecto e as suas, consequentes, fantasmatisações.

Deste modo, a teoria do narcisismo primário que se continua, considera Lebovici, pela experiência da continuidade de si, vai conduzir à coincidência da intrasubjectividade com a intersubjectividade, na medida em que é indispensável que o sistema interactivo se apoie numa rede narcísica que dê significação ao papel das interacções afectivas e fantasmáticas.

3.3 Os Traumatismos Hiperprecoces

Vários estudos recentes sobre o impacto dos traumatismos psíquicos precoces apontam para a necessidade do traumatismo não dever ser considerado, apenas, pelo seu carácter perturbador e nefasto mas, igualmente, que ele deverá ser integrado no conflito ambivalente primário das pulsões de vida e das pulsões de morte.

Golse (1999), neste sentido, considera que, assim como André GREEN falou de narcisismo de vida e de narcisismo de morte e Paul DENIS de uma sedução traumática e de uma sedução iniciática ou, ainda, pensando que há identificações alienantes e identificações construtivas, ou que há uma transgeracionalidade paralisante e uma transgeracionalidade estruturante, também se poderá considerar um registo positivo e maturativo do traumatismo psíquico, sobretudo se se tiver em consideração que existem catástrofes naturais inevitáveis ao longo do crescimento psíquico que vão pôr em jogo todas as capacidades de auto-organização e de auto-reorganização do psiquismo.

Tomando em consideração, apenas, os traumatismos hiperprecoces e excluindo os que são portadores de uma inegável valência desorganizadora, pode-se considerar que há traumatismos que podem ter uma função organizadora como Meltzer (1988) aponta na sua teoria sobre o “conflito estético” que põe em jogo um encontro originário traumático e, todavia, necessário entre o bebê e o objecto materno. Esta teoria de Meltzer, que foi a primeira a pôr a hipótese de que a cronologia do esquema de Melanie Klein das posições esquizo-paranóide e depressiva deveria ser inversa, hipótese que também foi considerada por Groststein e já foi referido neste trabalho, poderá, também, ser um exemplo de um modelo paradigmático de um traumatismo hiper precoce e, de certo modo, fisiológico na medida em que, como nota Golse (1999), é preciso “encaixar” e desde muito cedo, para existir.

Rosella SANDRI (1998) neste contexto de estudar os traumatismos hiperprecoces, interessou-se pelo que se passa no nascimento do pensamento, aquém da capacidade negativa, considerando que é essencial que haja experiências suficientemente boas de presença e de encontro emocional com o objecto primário para que o momento da ausência do objecto e o papel do negativo, nas experiências de separação do objecto possam ter o papel constitutivo no nascimento do pensamento.

Na base destas experiências está a experiência estética do bebê que Meltzer (1984) considerou ser a que terá o bebê, desde o nascimento, quando olha para a sua mãe, experiência primitiva intimamente ligada à sensorealidade através de estímulos como a luz ou o som, e pela qual o bebê estabelece um “pacto estético com o objecto que possui todas as qualidades sensoriais (cor, forma, movimento) aptas a despertar a vida psíquica do bebê. Esta experiência estética, está inevitavelmente ligada à dor dado que, sempre que o bebê vivência uma experiência de beleza, vai, igualmente, vivenciar a experiência da perda, da separação e de dúvida quanto ao interior do objecto. A esta dupla vivência, Meltzer chamou-a de conflito estética, na medida em que é um conflito que opõe a beleza do exterior à procura de um significado no interior, procura que vai levar o bebê a desenvolver o vínculo do conhecimento (K) e, através dele, construir no seu mundo interno e com os seus objectos internos, a relação dinâmica que teve com o objecto seio que possui “beleza e verdade”. Pelo vínculo K, fundador da criatividade, o bebê vai tentar conhecer,

saber sobre o objecto e, indo para além da experiência sensível do impacto estético com o objecto, ele vai, pouco a pouco descobrir, pela experiência depressiva, que o objecto tem uma liberdade própria e não está sujeito à sua onnipotência infantil, descoberta que lhe vai permitir poder guardar, dentro de si, o objecto e construí-lo no espaço que é o seu mundo interno.

René Diatkine (1979,1994)construiu uma teoria sobre os traumatismos precoces que, articulando-a com o salto qualitativo que se observa no psiquismo do bebé, a partir do segundo semestre, permite enquadrar os traumatismos psicológicos precoces num movimento de desenvolvimento positivo que respeita a capacidade negativa do aparelho psíquico.

Durante o primeiro semestre de vida, os estudos sobre bebés mostram que a sucessão de experiências vai criar situações novas para o bebé, às quais ele reage através de diferenças no seu comportamento que são de ordem quantitativas e que traduzem uma vida psíquica intensa. Assim, numa sequência interactiva, quando se deixa de excitar o bebé, ele acalma-se, podendo adormecer; e se se recomeça, o bebé volta a responder, mais ou menos intensamente mas as diferenças que se observam no seu comportamento são, sempre, de ordem quantitativo como mostram os estudos feitos por Jacques Mehler (1990) com recém-nascidos e bebés de poucos meses. A partir do segundo semestre de vida, vai aparecer uma diferença fundamental que atesta um salto qualitativo na medida em que, perante a não excitação, o bebé não fica, apenas, “não excitado”, mas já manifesta desagrado à ausência da mãe bem como desagrado á presença de outro que não a mãe, mesmo se esse desagrado é de pouca duração, donde se pode concluir que o bebé já é capaz de estabelecer ligações entre o que se passa no “aqui e agora” e os traços mnésicos de experiências anteriores, o que indica que o psiquismo do bebé se está a organizar de um modo, qualitativamente, diferente. Este modo diferente é, igualmente, testemunhado pela importância que o bebé começa a dar às suas próprias representações mentais, tornando-se capaz de se interessar, também, por representações de representações (imagens, fotografias).

Diatkine interpreta este salto qualitativo no bebé como ele já sendo capaz de organizar a dramatização necessária para elaborar a ausência da mãe de modo a poder “pensar” que, quando ela não está (no seu campo visual), ela está noutra sítio,

ou seja, o bebé já sente, dramatizando, as situações que lhe são dolorosas sem se desorganizar com elas, dramatização que lhe possibilita construir, pelo pensamento, a hipótese auto-tranquilizadora, que “a mãe está noutra sítio”, porque já tem representações de representações: Fazendo uma aproximação ao pensamento de Amaral Dias, o bebé já pode iniciar o caminho para a elaboração, não só da ausência da mãe mas, igualmente, para a elaboração de pensar a falta da mãe, na sua ausência. Compreender, deste modo, esta diferença qualitativa do pensamento do bebé, patente no seu comportamento, permite, também, considerar que poderá ser a falta desta capacidade de dramatização que originará o primeiro tempo de situação traumatizante. Ou seja, o traumatismo, segundo a compreensão de Diatkine, não deverá ser posto no tempo elementar, originário de uma organização patogénica, mas, antes, ele deverá ser colocado num segundo tempo que se tornará traumático porque se vai inscrever num tempo anterior que foi marcado pela impossibilidade do bebé organizar a dramatização necessária para elaborar, pelo pensamento, hipóteses tranquilizadoras.

Deste modo, Diatkine, mantendo o fundo do “a posteriori”, vai inverter os dois tempos do traumatismo, considerando que, não é o primeiro tempo que é potencialmente traumático mas que será o segundo tempo que se vai tornar directamente traumático devido á ausência ou ao afastamento do objecto primário se terem tornado não integráveis no psiquismo do bebé, quando do primeiro tempo deste modelo, não permitindo o aparecimento, no aparelho psíquico do bebé, das condições de ligação, de elaboração e de simbolização que permitem elaborar o traumatismo do segundo tempo. Este modelo de Diatkine mostra, igualmente, que o primeiro tempo, que é muitas vezes silencioso, é de extrema importância porque é nele que tudo começa, é ele que vai fazer de charneira entre o bebé que, a partir do fim do segundo semestre, sente dolorosamente as situações dolorosas mas já não se desorganiza psiquicamente e o bebé que vai hipertraumatizável para essa segundo semestre porque não consegue elaborar a ausência, nem construir, para ela, hipóteses tranquilizadoras, apaziguadoras.

Compreender, deste modo os traumatismos precoces permite integrá-los no modelo da capacidade negativa, na medida em que permite uma compreensão que vai para

além do ponto de vista económico e quantitativo do traumatismo, integrando a teoria do “a posteriori” nas patologias arcaicas.

3.4 A Inscrição do Pai na Díada

O pai a que me refiro é o pai que Freud (1923) considerou ser o da pré-história pessoal do bebé que é o pai que existe, para o bebé, numa etapa da sua vida que precede o acesso á diferenciação de sexos, o pai originário que, para o bebé, é ainda um misto de maternal e paternal, de masculino e de feminino, num momento em que, se o polo maternal primário é um continente que contém um germe do terceiro em vistas á des-fusão, o polo paternal também implica, nele próprio, uma dimensão de continente que é um elemento prévio necessário a qualquer separação bem como um testemunho e uma fonte de bissexualidade.

Este pai a que me refiro é o pai que Tustin considerou pertencer á “presença de fundo da identificação primária” e que constrói o sentido, dentro de si, para a díada mãe/bebé.

Este pai de que falo é o pai que faz parte da Unidade Originária, descrita por Manuel PÉRES SANCHÉS e N.ABELLO (1983), do espaço triangular de Hanna SEGAL (1988), o pai que dá especificidade ao espaço paterno, espaço que tem, incontestavelmente, uma existência própria desde o início da vida do bebé.

É o pai que a teoria freudiana deu, como função, a de intervir, simultaneamente, como separador, como agente e como incitador da interacção, a quem, Rosolato (1992) atribuiu três figuras paternas ao longo do desenvolvimento infantil: o pai real, o único, o que existe em carne e osso que, no início, o bebé confunde com o pai idealizado; o pai idealizado, ser onipotente cuja autoridade se confunde com a lei, lei que é pressuposto, pelo bebé, ter sido por ele criada e o pai simbólico, significante porque veículo para o simbólico da lei, lei que já é um facto social do qual o pai já não é nem criador nem representante, mas quem põe em relação com o social e que representa a memória através das gerações.

O pai a que me refiro, com estas três figuras parentais dentro dele, está na origem do território “não mãe”, é o polo separador e anunciador da referência paterna futura e iniciador da temática edipiana clássica que, neste momento da vida do bebé, se

anuncia através de precursores pré-edípianos da função paterna que relativizam a clássica passagem da díada à tríada e relevam o conceito de “Unidade Originária” na medida em que e como já foi referido neste trabalho, ela se refere a um estado relacional primitivo de unidade entre as figuras do pai, da mãe e do bebé e onde todos os elementos são importantes : a mãe, contida pelo pai, pode captar, com a sua capacidade de rêverie, as necessidades e as ansiedades do seu bebé e o bebé, com a sua incipiente capacidade perceptiva e com as suas necessidades e ansiedades, pode participar através da sua relação precoce objectal. Assim constituída, a Unidade Originária será a base a partir da qual o bebé irá elaborar as etapas pré-edípianas da posição esquizo-paranoide, bem como a fase edípiana, na posição depressiva, na dialéctica já instaurada $Ps \longleftrightarrow D$.

Não podendo já conceber, nos nossos dias, a construção psíquica do recém-nascido e do bebé como dependendo só da mãe, impõe-se que ela seja inscrita numa dialéctica entre os dois pais que releve, principalmente, as relações complementares que se estabelecem entre os dois e que são fundamentais para que o bebé possa vir a integrar as noções de espaço e de tempo. O território do espaço, para que possa, em primeiro lugar, integrar o espaço do seu corpo, com o seu funcionamento, as suas necessidades, as suas dores e alegrias e que vai ter um papel central na construção da sexualidade do bebé e o território do tempo que se exprime pelos desejos e pelas ideias que constróem o futuro, a sucessão de gerações e o prazer de transmitir a vida. E, como lembra Dumas (2000), se a mãe é a responsável pelo nascimento corporal do bebé, o pai é o responsável pelo nascimento social, é por ele que advém, ao bebé, o seu futuro estatuto de homem ou mulher, o que significa que, se a compreensão e a integração do que é o espaço depende da mãe com quem o bebé vai apoderar-se do seu corpo, descobrir os prazeres erógenos e iniciar-se na autonomia, já a integração do tempo vai depender do pai quando ele declara o bebé inscrito na sucessão de gerações e assume ser o referente de sua evolução.

Pelo pai, como diz Dumas, o bebé vai saber viver para além do presente, porque, se a mãe se constitui como memória do presente e, dessa forma, vai acompanhar o bebé, ao longo de toda sua vida, dando-lhe a senha para abrir a porta do “já e agora mesmo, neste espaço”, o pai vai constituir-se como memória do futuro, como “o amanhã ou o “mais tarde”. A mãe ensina como se vive no corpo, tornando-se na

memória do bem-estar, da satisfação, do contentamento e do prazer, enquanto o pai ensina a conhecer o tempo enquanto dimensão do futuro, do projecto, como uma memória da sucessão de gerações que permite representar o amanhã. É por este papel do pai que o bebé se vai poder identificar a ele, enquanto pessoa holística e não, apenas, como referente sexual e que vai permitir que o bebé se sinta existir independente da sua mãe e com uma existência inscrita no tempo.

Neste percurso são fundamentais os precursores pré-edipianas que vários autores têm salientado, tendo sido Klein e Bion, através da dicotomia bom seio/mau seio para Klein e bom seio gratificante/ mau seio frustrante, por Bion, os pioneiros a considerar que são as triangulações precoces que introduzem o bebé na ordem da conflitualidade edipiana.

Roiphe e Galenson (1981) descreveram, a partir da observação de bebés do sexo feminino, uma “fase genital precoce” que já implicará uma dinâmica de triangulação pré-edipiana como testemunham os comportamentos sedutores que, por exemplo, a bebé mostra para com o pai sem haver, ainda, temática da rivalidade com a mãe.

Muitos outros trabalhos se debruçam sobre este tema mas, em todos é consenso que nesta etapa da vida psíquica que está, ainda, a um nível aquém do registo interpessoal, aquém do acesso á diferenciação de sexos e onde estão em jogo objectos, funções e interrelações primitivas vividas pelo bebé segundo um modo, ainda, extremamente parcial e fragmentário, é a função paternal que vai permitir que o bebé estabeleça verdadeiras relações que apelam ao ternário e não, apenas, ligações que são da ordem de binária.

Para que esta função paternal possa existir, para o bebé, é indispensável que, tanto a mãe tenha o pai “na cabeça”, ou seja, integrado na sua vida psíquica, como o pai tenha a mãe na cabeça para que, desse modo, o bebé possa ascender ao território da triangulação. O bebé, ao relacionar-se com o pai e a mãe que têm o outro, mãe e pai, na cabeça, vai poder fazer todo um percurso para que, de um duplo objecto ou da duplicidade do objecto, ele venha a inscrever dois polos objectais distintos no seu funcionamento psíquico. A função do terceiro é fundamental para que o bebé se possa diferenciar da sua mãe pois como Michel FAIN e D.BRAUNSSHWEIG salientam, através do conceito de “censura do amante”, há a necessidade de uma

presença precoce do pai, na cabeça da mãe para evitar uma fusão extravagante entre ela e o bebé..

Stern, com a sua teoria da sintonização afectiva considera, também, que é a imagem do pai que vai influenciar o estilo interactivo inconsciente da mãe e levar o bebé a se identificar ou a se contra identificar à imagem que a mãe faz do pai.

Rosenfeld (1992) considera a função do pai com a de um descodificador das mensagens paradoxais da mãe e Macias (1990) insiste na mediatização, introduzida pelo terceiro, no relançamento dos processos de ligações de apelo (vinculativas) quando da elaboração dos conflitos inerentes ao processo de crescimento e para ultrapassar as fixações sintomáticas.

Quinodoz (1991) dá ao pai, enquanto terceira pessoa, o papel de agente diferenciador, considerando que a relação dual não existe como tal, já que a terceira pessoa (pai) está presente desde a origem, mesmo que seja, apenas, no fantasma da mãe, o que o leva a afirmar que a relação dual perfila-se, desde o início, no seio da ligação de apego, pela mão do pai já que a relação faz-se no território ternário enquanto a ligação de apego, vinculativa, é feita em terras do binário.

Didier DUMAS (2000) faz da identificação primária ao pai, a charneira que vai permitir ao bebé, no futuro, elaborar a rivalidade edipiana, rivalidade que Dumas coloca no território de uma relação de amor e não num mero lugar de desejo a eliminar o pai para se apropriar da mãe, território onde o bebé, identificando-se ao pai, duplica o seu funcionamento mental a fim de construir a imagem da sua própria pertença de género.

Colocando a caminhada de Édipo também em território de Thanatos, Dumas considera o Édipo como um longo processo de integração pelo qual a criança vai compreender que as relações de afecto e a sexualidade são as suas primeiras ferramentas para lutar contra a morte e se perpetuar, apesar dela, morte que, para a criança que caminha para o território do Édipo, é sempre uma viagem para o lugar donde se veio e não, como para o adulto, o lugar para onde, inexoravelmente, se vai. Esta caminhada para o Édipo que Dumas coloca como um longo processo de integração, ele põe-na, também, a começar muito cedo, ainda no estado fetal quando o pai desperta o envelope de sensações do seu bebé ao acariciar o ventre da mulher ou ao falar-lhe, originando, pelas carícias ou pela voz, vibrações na parede uterina.

O papel do pai será, ainda, como o de uma terceira língua que vai permitir pôr em relação diferenciada a língua da mãe e a língua do bebé e que, permitindo ao bebé ter uma triangulação linguística pré-edipiana, lhe vai indicar que uma parte do discurso materno e, conseqüentemente, do seu desejo, se destina a um outro e não a ele, bebé, mesmo se este outro ainda está, para ele bebé, mal diferenciado.

Como Golse (1999) afirma, só se pode compreender, com profundidade, as especificidades dos processos identificatórios precoces e dos funcionamentos psicológicos do bebé, na família, se se tiver uma perspectiva, simultaneamente, funcional e estrutural a pais compostos, misto de paterno e de materno, de masculino e de feminino e inserida numa bissexualidade psíquica universal.

Em referência ao caminho para a identidade própria, poder-se-á dizer que o bebé que, quando nasce não se compreende como separado da mãe, vai começar a fazer caminho porque pode identificar-se a outro que não ela e porque o pai permite deixar-se identificar. Deste modo, o bebé vai identificar-se, ora a um ora ao outro, e poder construir a sua identidade própria porque compreende as diferenças que há entre os dois.

Para que esta profundidade se cumpra será, igualmente, indispensável reenviar o papel de terceiro do papel paternal, como salienta Green (1990), à metapsicologia da ausência e do desconhecido e não a uma metapsicologia da presença que pode levar a correr o risco de se fazer a economia do terceiro excluído, enquanto a metapsicologia da ausência que vai dar voz à emergente transmissão transgeracional, território do terceiro onde o lugar do pai toma a sua especificidade .

3.5 A Transmissão Transgeracional

Quando uma mulher decide fazer um filho ou um homem decide ter um filho, este desejo de dar a vida emerge, de uma identificação à função parental dos seus próprios pais, ou seja, quando um bebé nasce, as instâncias mentais inconscientes da transmissão transgeracional como a psicanálise a considera vão entrar em jogo na vida psíquica dos pais e consubstanciar-se numa identificação à “mãe que tiveram” e ao “pai que tiveram”, identificação que se constitui a partir do que foram

os pais e as mães reais das duas linhas geracionais e que vão determinar o que ambos, mãe e pai do bebê que acaba de nascer, pensam que deve ser uma mãe e um pai. Assim, a identificação feita a esses “pais anteriores”, que vão, agora, tornar-se avós e ser a chave para o novo estatuto da mulher e do homem que, o nascimento do bebê, os tornou em mãe e pai, chave que vai legitimar os seus pontos de vista no novo papel parental.

A psicanálise mostrou, através dos relatos feitos nas sessões de psicoterapia e de psicanálise, que o inconsciente não é individual, ele é transgeracional, manifestando-se nos “fantasmas” dos avós e dos ancestrais “anjos” como Dumas (2000) lhes chama e que, também, habitam os relatos, os desenhos e as actividades lúdicas das crianças, nas sessões de psicoterapia ou de psicanálise.

É pela via do transgeracional que se integra a dimensão do tempo e, simultaneamente, se admite a existência da morte, que se compreende que o tempo de vida é limitado e que está, inexoravelmente, ligado à sucessão das gerações e que as relações de afecto e a sexualidade são as únicas ferramentas que o humano tem para se opor à morte.

A criança, ao descobrir que a sua existência corporal não é, senão, o resultado de uma existência anterior que, pelo seu desejo, a engendrou, vai, também, descobrir que pode existir no desejo sem que seja preciso existir num corpo, descoberta que ela faz porque compreendeu, deram-lhe a compreender, que antes de existir, no seu corpo, ela já existia no desejo e nos pensamentos dos seus pais, num território para onde, ela criança, que considera a morte como uma realidade passada, também envia, de forma paradoxal, as pessoas que morrem para, nele, continuarem a sua existência. Deste modo, a criança acede ao pensamento de que a sua própria vida também está sujeita a sucessão de gerações, acedendo, também à compreensão de que existir num corpo é a consequência do que existe, igualmente, no pensamento que não está, apenas, ao serviço do desejo, compreensão que advém de ter nascido, dentro dela, a vontade de indagar sobre esse pensamento.

Serge LÉBOVICI fez do mandato transgeracional, um dos pontos fulcrais da sua reflexão sobre a psicologia e a psiquiatria do bebê, alicerçando-a na ideia de que a árvore de vida de um indivíduo, o seu genograma psíquico reenvia a “quatro bebês” que a mãe tem na sua mente e que intervêm na transmissão do mandato

transgeracional que se alicerça no narcisismo parental e na construção do self do bebé:

- o bebé imaginado, pré-consciente, elaborado durante a gravidez;
- o bebé do fantasma, essencialmente, inconsciente que reenvia para as raízes infantis do desejo de ter um filho;
- o bebé mítico, portador da áurea cultural, do passado da mãe e do seu sistema egóico;
- o bebé narcísico, “sua majestade, o bebé”, como o designou Freud.

A transmissão transgeracional (TTG) faz-se, tanto a nível das relações objectais como a nível do apego, intervindo nas interacções precoces, também tanto no registo binário da simbiose versus angústia de arrancamento ou desmoronamento, integrando-se nas interacções afectivas e fantasmáticas e onde a sintonização afectiva (Stern) tem um papel muito importante como mecanismo íntimo deste nível da TTG, como a nível das relações ternárias, incluindo, sempre, um terceiro, parcial ou global, real ou fantasmático e que se acompanham de angústias de perda do objecto, no contexto da triangulação e das questões de identificação.

O papel do terceiro, de pai mas, também, de parceiro conjugal da mãe, é um papel fundamental, na possível conflitualização das TTG, como contextualizador da diada pois, com a sua árvore de vida própria, vai-se inscrever como terceiro elemento da diada, nas conflictualidades próprias a cada um dos outros dois polos (mãe e bebé), sobretudo nas TTG das relações binárias e exercendo o seu papel nas sintonizações afectivas, com incidência particular nos conflitos intrapsíquicos da mãe que são, neste nível das relações binárias, à volta dos quais se organizam as interacções fantasmáticas entre a mãe e o bebé.

A introdução do papel do pai nas TTG levanta a questão de saber se há uma TTG materna e uma TTG paterna, questão para a qual Golse (1999) dá uma resposta negativa considerando que o mandato é uma resultante das filiações transgeracionais materna e paterna, mas filiações que não excluem a conflitualidade.

Pode-se considerar que existe uma TTG positiva e uma TTG negativa, sendo a primeira existente, como é evidente, a nível biológico e corporal mas que pode existir, igualmente, a nível das relações afectivas binárias e das relações triangulares, por exemplo, a nível da sintonização afectiva quando o estilo interactivo da mãe

pode induzir, no bebé e a nível das interacções fantasmáticas, determinadas identificações com o objectivo de evitar outras que são para ela, a nível inconsciente, mais ameaçadoras. O negativo na TTG está no nível de mecanismos de negação, de recalçamento, de denegação, de clivagem.

Como nota Kaes (1993), a transmissão não se faz, apenas, a partir do que falha e do que falta mas, também, a partir do que não adveio, do que está ausente da inscrição e da representação ou do que, segundo a forma da inscrição, está em estase, sem estar inscrito.

Kaes, a partir de uma análise do funcionamento dos grupos, releva que é, também, a ausência do interdito que torna possível a representação, o jogo do fantasma, o prazer e o trabalho do pensamento, o que o leva a salientar o papel do “pacto negativo” que ele enquadra a par da renúncia pulsional e do contrato narcísico e que insere nas TTG, reforçando o papel organizador da ausência do terceiro excluído e em oposição à metapsicologia da presença, ausente numa psicologia do desenvolvimento.

Norberto ELIAS (1990), sociólogo que se interessou pelo papel dos afectos e do controlo das pulsões e das emoções nos processos civilizacionais, através de uma abordagem em que tentou abolir a separação entre sociologia e psicologia, afirmando que “fazemos parte uns dos outros”, considera, à luz da teoria das estruturas transgeracionais do inconsciente, que as instâncias do id, do eu e do supereu também têm uma evolução histórica, ao longo dos processos civilizacionais, e que a plasticidade das instâncias de controlo do self lhe advém da sua capacidade de aprendizagem, igualmente ao longo dos mesmos processos da civilização, concepção que o aproxima do conceito de Bion de aprender com a experiência e do conhecimento ser um vínculo emocional(K).

Golse (1999) propõe que se distinga uma TTG observada e uma TTG reconstruída, sendo a primeira observada na interacção entre pais e filhos e a segunda descrita nos saltos transgeracionais, invocada no quadro de certas hipóteses reconstruídas, elaboradas a posteriori, considerando ainda Golse que a distância dialéctica que existe entre estes dois tipos de TTG será, provavelmente, a mesma que existe entre o bebé observado e o bebé reconstruído pela psicanálise.

Finalmente, fazendo a analogia entre a TTG e a teoria do narcisismo de Green (1983), “narcisismo de vida, narcisismo de morte”, Golse (1999)) propõe que se pense numa TTG de vida que favorece, no bebé e na criança, identificações construtivas e uma TTG de morte que suscitaria identificações alienantes, enquadradas na teoria da sedução iniciática e da sedução traumática, à semelhança do que acontece na transmissão das “significações enigmáticas” que a mãe passa para o bebé, no quadro da teoria de Laplanche (1986), através de uma sedução generalizada.

Em conclusão, pode-se dizer que a transmissão do mandato transgeracional se faz pela via das projecções parentais que advêm das suas próprias árvores da vida psíquica e fantasmática. O facto de certos bebés serem mais receptivos do que outros à TTG leva a equacionar a natureza qualitativa das projecções parentais que podem ter um papel de restrição ou, ao contrário, de anexação, segundo a formulação de Cramer e Palacio-Espasa (1993) e que, em consequência dão menos ou mais liberdade ao bebé para se movimentar face aos seus próprios conflitos infantis.

3.6 As Representações Mentais

Estando no centro deste trabalho o modo como o simbólico vem à mente do bebé humano, parece-me essencial reflectir sobre a génese das representações mentais na mediada em que não se pode estudar os inícios do processo de simbolização sem se conhecer o desenvolvimento das representações mentais, no bebé, já que o nascimento da vida psíquica advém, na perspectiva psicodinâmica que é a deste trabalho, do aparecimento dos processos de simbolização que se consubstanciam pela instauração das capacidades de representação do mundo, de si próprio e das relações entre si e o mundo, incluindo a auto-representação, ou seja, a representação que o aparelho psíquico tem de si mesmo e da sua actividade.

Do ponto de vista psicanalítico, o objecto da representação, é sempre uma transformação do objecto em si, quer se trate de um objecto da percepção ou de uma percepção sem objecto, concepção psicanalítica que também é a das actuais teorias cognitivas que consideram que o nascimento das representações mentais é, sempre, uma função defensiva dos próprios processos de simbolização.

Esta noção de que a representação mental implica, sempre, um processo transformacional foi já pensada por Freud que, a partir do jogo da bobine, considerou que o objecto, na representação mental, nasce na ausência ou no ódio do objecto real, constituindo-se as imagens internas como forma de lutar contra a ausência do objecto ou de dominar as angústias de perda do objecto.

Por seu lado, Klein, ao considerar a posição defensiva como uma etapa que viabiliza o trabalho de luto e os processos de simbolização, colocou estes processos como deslocamentos substitutivos das pulsões libidinais e destrutivas que se destinaram ao objecto primário mas que, tendo o bebé medo da sua própria agressividade para com o objecto primário (boca e seio confundidos) e do risco de uma possível retaliação por parte do objecto, seriam desviadas para os objectos secundários (representações mentais do objecto).

Nos dias de hoje, este aspecto defensivo da simbolização já não levanta discussão, centrando-se, agora, a reflexão nos mecanismos psicodinâmicos intrínsecos à representação mental, reflexão que exige uma clara diferenciação entre o que é do território da representação e o que já é do território da simbolização, estan do nesta diferenciação implícito que os processos da representação fazem parte dos processos mais alargados da simbolização na medida em que o trabalho da função de representação incide a nível dos objectos internos mesmo que sejam, ainda, parciais, já os processos de simbolização incluem os objectos externos através das suas projecções substitutivas.

Os trabalhos de Bion nesta matéria vieram dar um contributo fundamental ao acrescentarem, ao papel defensivo dado à simbolização perante a perda, a ausência ou a falta do objecto primário, o papel que o objecto, pelas suas qualidades, também tem. Segundo Green (1992), Bion veio colocar as representações mentais entre o modelo de Freud que privilegia as representações mentais em relação ao afecto, ao qual dá uma função de coloração emocional adicional das representações emocionais, e o modelo de Klein que põe o afecto em primeiro plano. Bion, ao considerar a passagem do físico ao psíquico como uma passagem dos dados brutos dos sentidos para o território da experiência emocional e que o vínculo do conhecimento (K) é um afecto fundamental a par dos vínculos do amor (L) e do ódio (H), estabelece uma equivalência entre o “eu sinto que” no sentido, também, de

“eu pressinto que” e o “eu penso que”, elevando, deste modo e como nota, ainda Green, o afecto à dignidade de um princípio do conhecimento Golse (1999) alargando o protagonismo que Bion dá ao objecto real no processo de simbolização, avança a hipótese de que a participação do objecto poderá ser feita por via de um confronto decepcionante, tornando-se a actividade de representação e de simbolização como um elemento do sistema de para-excitação, enquanto “filtro desdramatizante”. Esta hipótese de Golse tem duas consequências implícitas que são, ao mesmo tempo, um modo de compreensão para a actividade representacional nascente, no bebé:

1. O bebé começa por representar, primeiro, para ele próprio, sendo esta primeira actividade de representação desprovida de qualquer tipo de perspectiva comunicativa como se houvesse um tempo “auto” da actividade de representação, um tempo só para o bebé;
2. A actividade representativa integra-se no processo de diferenciação entre o objecto e o sujeito, movimento de integração que necessita, tanto de um trabalho de criação simbólica, por parte do sujeito, como e em conjunto, das características particulares do próprio objecto que conferem, ao objecto, a propriedade de ser outro que não o sujeito, ou seja, que pela alteralidade permitem a diferenciação e a individuação do sujeito.

Partindo destes dois corolários subjacentes à hipótese da actividade de representação fazer parte dos sistemas de para-excitação do bebé, Golse considera que será da cooperação entre a criatividade simbólica nascente do bebé e a capacidade de separabilidade do objecto primário (mãe) que poderá emergir, no bebé, a instauração progressiva de um gradiente de diferenciação entre o objecto e o bebé, instauração que é concomitante com a formação do objecto interno. Concebida deste modo, a actividade de simbolização terá, no seu âmago, como missão, a de reparar a descontinuidade em relação ao objecto externo através da continuidade de uma ligação, agora, feita aos objectos internos, ligação que funcionará como uma reparação feita pelo simbólico como, aliás, é também a concepção de Houzel (1989). Retomando o primeiro corolário de que, no início, a actividade representativa do bebé não servirá, já, para comunicar com o outro, ou seja, não terá, ainda, um valor relacional, Golse avança a hipótese que ela será uma figuração comportamental com

uma função tranquilizadora, apaziguadora e narcísica para o bebé, hipótese que se alicerça na observação de recém-nascidos e de bebés com algumas semanas quando, por exemplo, a mãe reaparece por escassos instantes, junto do bebé e interage com ele, deixando-o mais calmo e capaz de brincar com as mãos, com uma gestualidade harmoniosa o que momentos antes, não acontecera apesar das manobras de auto-contenção tentadas pelo bebé, metendo um dedo na boca, agitando o corpo ou tentando unir as mãos na linha média do corpo.

Os recontros visuais e transitórios com a mãe vão dar lugar a uma integração, a uma “teatralização corporal do recontro com a mãe” como diz Golse, que ilustra a passagem progressiva do estatuto do objecto continente ao estatuto do objecto conteúdo.

Assim, o tempo que Golse considera existir de actividade representativa só para o bebé, tempo “auto” da actividade de representação, sendo um tempo “só para ele”, bebé, vai, contudo, jogar-se num fundo necessário de intersubjectividade, o que implica dar, à actividade de representação, um papel na instauração das bases narcísicas do bebé mas, também, e dado a actividade de representação fazer parte integrante do sistema de para-excitação do bebé, ela ter, igualmente um função de filtro protector em relação a um encontro demasiado directo e perigoso com o objecto primário. Nesta perspectiva e mantendo a sua função de protecção narcísica, considerada por Klein, a representação terá também um papel de “gradiente da diferenciação” entre o bebé, futuro sujeito diferenciado do objecto externo, e o objecto externo, como Houzel considera em vários dos seus trabalhos .

Nesta etapa do desenvolvimento das representações mentais, a caminho do seu valor de comunicação que lhes é próprio mas ainda sem dele se terem apropriado, e considerando os dados da observação de bebés que corroboram estas hipóteses, não é demais reforçar a noção de que tudo o que o bebé nos mostra da sua actividade representativa tem, apenas, um valor de índice e não de sinal, índice que não tem, ainda, destinatário e que só tem eventuais e contingentes observadores e decodificadores. Para que o índice se transforme em sinal, vai ser necessário que o sistema interactivo da díada entre em funcionamento e que os factos e os gestos emergentes da díada sejam, indefinidamente, retomados, por ela, em “a posteriori” sucessivos.

Quanto ao processo de diferenciação entre o bebé e o objecto externo, processo que está subjacente à actividade de representação, pode-se considerar que ele começa no momento em que, existindo ainda só proto-representações, se vai iniciar a passagem do corpo ao psiquismo que, no modelo de Bion, se faz através de um percurso que, imprescindivelmente, engloba a mãe com a sua capacidade de rêverie, capacidade alimentada e alicerçada na função α materna que vai digerir os elementos β do bebé, impressões sensoriais experimentadas, pelo bebé, a nível do seu corpo, tornando-os em elementos α que vão já ser, para o psiquismo do bebé, significantes arcaicos, ancestrais epistemológicos que vão perdurar toda a vida.

Este processo está inserido numa “passagem de inconsciente a inconsciente” que, nos nossos dias, é motivo de vários estudos que permitem saber um pouco mais sobre os segredos destas passagens representacionais de uma mente para outra mente, tendo como denominador comum o englobarem a mãe na indução dos fenómenos de mentalização do bebé. Podem-se citar, a título de exemplo, os estudos que focalizando-se em conceitos como a interpretação parental ou a perplexidade materna perante determinados sinais do bebé, tentam explicitar o modo como o bebé, progressivamente, vai elaborar a sua saída da simbiose e se vai confrontar com a perda, utilizando processos de auto-activação dos seus traços mnésicos e processos de simbolização. No mesmo sentido estão os trabalhos de Daniel STERN (1989 ; 1993) explicitando como os componentes do estilo interactivo materno induzem, no bebé, identificações particulares bem como as terapias conjuntas mãe/bebé feitas por B. CRAMER e F. PALÁCIO (1993) que mostraram como o sistema projectivo da mãe pode organizar, no bebé, quer por defeito, quer por anexação, temáticas ou problemáticas, no campo da psicopatologia, que são susceptíveis de serem encontrados, à distância, no mundo representacional da criança.

A própria teoria do apego, de Bowlby, dá, também, conta de um certo número de transmissões, cuja regularidade e linearidade não deixam de surpreender, mas será, ainda, o modelo de Bion da função α da rêverie materna, transformando os elementos β do bebé, o que melhor traduz estas “passagens de inconsciente a inconsciente”, através das passagens das projecções do bebé para o aparelho psíquico da mãe (e do pai) de elementos não pensáveis que vão reactivar, no psiquismo materno (e paterno), antigas inscrições mnésicas que vão ser revividas

pela mãe mas, também, ser reorganizadas em novas representações em função do contexto emocional do momento e da estrutura das próprias “imagens motoras” do bebé.

Outro elemento importante na génese das representações mentais é o papel do negativo que Freud considerou ao pôr a representação do objecto a nascer da ausência ou, mesmo, do ódio. Estudos com bebés que são confrontados com uma “situação estranha” (estudos de Sandler e Foraggy, citados por Golse) e que já estão no segundo ano de vida, fazem pensar que, quando o bebé não olha directamente para a mãe mas, parece dirigir repetidamente o olhar para um ponto mesmo ao lado da mãe, num movimento do olhar que parece ter a intencionalidade de se dirigir precisamente para um ponto onde ela não está, estando mesmo ao lado, se estaria perante um fenómeno da ordem do negativo como se o bebé introduzisse uma distância, um gradiente de perspectivas que, anulando a presença visual do objecto (mãe), não apagassem, contudo, a existência sobre a qual esse olhar se baseia.

Aliás, já Bion falava do “lugar do vazio, do lugar onde o seio habilmente estava”. Golse sugere, como modelo compreensivo para este “visar ao lado” do bebé, que o bebé não estaria apenas esquivando-se ao encontro com o objecto real (mãe) mas, num movimento para além de uma esquivada, ele estaria tentando já assegurar-se do controlo da não representação da mãe como conteúdo (♂) mas continuando a ter em conta o lugar onde ela poderá estar, como continente (♀).

Procurar o objecto, lá mesmo onde ele não está, vai permitir ao bebé, representar, psiquicamente, o objecto através da configuração de uma separação controlada (está mesmo ao lado) que evita, ao bebé, ser invadido por uma excitação desorganizadora devido a uma aflição causada pelo impulso de procura de objecto.

Deste modo, pode-se conceber que o caminho do desenvolvimento das representações mentais começa num território da não-representação, onde prevalece o continente sobre o conteúdo e se dirige para o território da representação onde há activação do conteúdo através da distância que afasta do continente, caminho que elege a ausência e o ódio na dinâmica da actividade representacional.

Este caminho é, também, o que vai do corpo ao psiquismo que começa num “fundo proto-representativo” que, como diz M. PINOL-DOURIEZ (1984 ; 1989), se comporta como uma matriz construtiva no seio de uma epigénese interactiva e

donde vão emergir as representações com a tripla inscrição, corporal, interactiva e das identificações intra-corporais que vão levar à capacidade para simbolizar o objecto primário ausente e, sobretudo, a ausência do objecto primário.

Na inscrição corporal estão todas as concepções teóricas sobre o eu corporal (Freud), o eu-pele (Anzien) e sobre os envelopes psíquicos (Bick, Anzien, Stern, Houzel) que consideram que o pensamento se organiza primeiro e antes de tudo, a partir das sensações que vão ter de, progressivamente, aceder ao estatuto de percepção.

A inscrição interactiva sublinha também a necessidade das sensações passarem pelo outro para, progressivamente, poderem ganhar forma e sentido e se tonarem em percepções, sendo exemplos, a capacidade de rêverie materna com a função α , ou tudo o que subentende a frase de Winnicott “um bebé sozinho, não existe” ou, ainda, tudo o que implica a ideia de Green de que um psiquismo só se instaura e se sente como tal, depois de se dar a pensar a um outro psiquismo. Igualmente e apesar das críticas, feitas por muitos, à teoria do apego de Bowlby por ela curto-circuitar as representações mentais numa posição oposta à teoria psicanalítica das ligações afectivas precoces, ela, também exemplifica esta inscrição interactiva dos processos representativos ao salientar o extraordinário impulso imediato que o bebé tem em relação ao outro, que dele se acerca, impulso que é pertença do bebé, emerge dele desde as primeiras semanas, no instante em que a mãe se aproxima, fisicamente dele.

Esta dupla inscrição, corporal e interactiva, não significa que o bebé esteja entalado entre o seu corpo e o outro já que existem, também, os processos de subjectivação que são dotados de “endogeneidade” na medida em que, consideram R.D. STOLOROW e I.FRIEDMMAN, citados por Golse (1999) retomando a teoria das pulsões, o psiquismo pode ser compreendido como um conjunto de múltiplas representações, relativamente independentes e com dupla conotação afectiva e cognitiva e uma energia própria que permite a sua actualização, tanto no pensamento como na acção.

Desta dupla inscrição corporal e interactiva dos processos simbólicos precoces emergem três questões: a relação entre narcisismo primário e a unificação do corpo próprio, a ligação com o objecto através da constituição do objecto interno e dos

processos de representação e a constituição da continuidade do temporal, a partir do corpo (“corporização”).

No enquadramento compreensivo deste trabalho, estas três questões estão intimamente relacionadas entre si, atrevendo-me a ligá-las num nó borromeano e alicerçadas nas seguintes afirmações:

- a aptidão para pensar faz parte do sistema de excitação, com um declarado componente corporal;
- o pensar pensamentos estabelece uma continuidade da relação com os objectos internos que compensa a descontinuidade da relação com os objectos externos;
- o exercício do trabalho do pensar pensamentos reforça os alicerces narcísicos porque o “sentir-se” a pensar reforça o sentimento de existir.
- estando numa etapa fundamental da edificação narcísica, o bebé também está numa etapa que exige a passagem pelo psiquismo do outro, o que suscita o crescimento psíquico, com os seus dois componentes, narcísico e relacional, na ordem de um destino e não na ordem de um desenvolvimento no sentido estrito do termo.

Constituído desta forma espacial e temporalmente, o espaço para pensar vai permitir que nele, paulatinamente se instaure a tridimensionalidade e os alicerces de um sentimento contínuo de existência, movimento essencial que funda o desejo de saber e de aprender, como mostrou Gibello no conceito “pulsão de posse” (“emprise”) que visa conquistar, dominar e apoderar-se do interior do objecto. Esta posse do interior do objecto, interior enigmático mas, ao mesmo tempo, fonte e consequência da intersubjectividade, irá fornecer as raízes pré-genitais da ulterior curiosidade sexual donde irá emergir, pela sublimação, a curiosidade intelectual propriamente dita.

Existem vários modelos para compreender o mecanismo que leva à procura do interior do objecto, desde o modelo de Freud da cena originária, passando pela inveja, no sentido kleiniano, pelo conteúdo do corpo materno ou, mais actualmente, pelo conflito estético do Meltzer já referido e que supõe a perplexidade do bebé perante a questão da beleza do que está dentro do objecto primário, ou, ainda pela teoria do espírito de U. FRITH(1992) que permite estudar como o bebé constrói

uma representação mental em relação às representações mentais do outro, quer elas respeitem desejos, intenções ou procedimentos de acção.

Todas estas hipóteses alicerçadas em concepções epistemológica diversas, concordam quanto à existência de um sistema de triangulação precoce pré-genital tendo o interior do objecto já um valor de precursor do outro objecto que sinaliza e pré-figura o lugar do futuro polo paterno.

Meltzer (1977), ao estudar as estruturas sexuais da vida psíquica, funda nestas raízes pré-genitais do pensamento o seu conceito de “sede de conhecimento” que se consubstancia numa curiosidade, no interesse e no entusiasmo pelo interior do objecto, ainda pré-edipiano que se alicerça sobre o movimento de identificações primárias e se joga num registo dual, o que implica, por sua vez, relevar o papel das identificações intra-corporais e inclui-las no processo da génese da actividade representativa. Incluir-las na actividade representativa implica realçar o papel do nível proto-representativo inicial que possibilita a passagem chave do corpo ao psiquismo, indispensável ao nascimento da vida psíquica, para que se estruture um estado mental capaz da actividade representativa, num momento que ainda está muito aquém dos sistemas de simbolização. Serão estas identificações intra-corporais que permitem que o bebé recrie, no seu corpo, com a sua gestualidade e em momentos de vazio interactivo, algo feito pela função materna, fazendo evocar a existência, no psiquismo do bebé, de inscrições interactivas. Compreendidas deste modo, serão estas inscrições que vão permitir que o bebé possa construir as categorizações iniciais quando está na presença da função materna activa, o que implica pensar que elas serão uma peça fundamental na génese dos processos de simbolização quando o bebé recria as suas primeiras experiências de ser pegado ao colo, contido nos braços do adulto, de ser alimentado, ou seja, que são essas inscrições que estão na génese da actividade de mentalização que o bebé começa a fazer entre a coisa a simbolizar e o que ele mostra no seu teatro gestual e comportamental e que se prende com a “alucinação primitiva”.

Estas categorizações alicerçadas nos significantes primordiais implicam considerar a “corporização” do tempo, na medida em que é no corpo que o bebé vai, primeiro, sentir o tempo como espera, tensão, mal estar ou desprazer somático. Este tempo de

espera irá, pouco a pouco, constituir-se como um tempo de adiamento da satisfação e nele irão inscrever-se os processos do pensamento que vão elaborar a alucinação do objecto pulsional, tempo de adiamento ou compasso de espera necessária ao bebé para que ele possa elaborar as suas necessidades em desejos, aspecto crucial da mentalização.

Uma questão relevante inerente a este tempo de espera é a de saber a partir de que momento e de como é que a tensão corporal, suscitada por essa espera, vai poder ser psiquicamente vivida para a qual os trabalhos de Marcelli (1986) podem avançar algumas pistas compreensivas. Nestes trabalhos, Didier MARCELLI, considera que os primeiros pensamentos do bebé poderiam ser pensamentos também sobre o tempo e não apenas sobre a imagem do objecto, num momento em que a alucinação do objecto gratificante não é, ainda, um verdadeiro pensamento porque, sendo da ordem das equações simbólicas (alicerçadas nas significantes primordiais), não traduz um gradiente entre o objecto esperado e a imagem mental que é apenas o seu substituto. Estando, assim, a alucinação do objecto ao nível de uma simples percepção que, se já implica a ausência do objecto, constituindo os primeiros pensamentos do bebé e, portanto, já permitindo a ausência do objecto, ela não deixa de ser, ainda, só uma percepção que, dado o enquadramento de ritmos suficientemente previsíveis, durante o tempo de espera com a regularidade e a continuidade da função materna, poderia não ser, apenas, uma imagem visual mental do objecto esperado mas também algo que Marcelli, integrando a dimensão do tempo, consubstancia num pensamento que poderá ser traduzido, numa perspectiva heurística, pela frase “depois disto, vai haver outra coisa” que permitirá ao bebé poder “adiar”, “suspender” o desejo. Esta capacidade para o “adiamento”, para a espera, toma, assim, os seus fundamentos na capacidade que o bebé tem para aguardar um certo fio de continuidade através de experiências de descontinuidade onde está implicado o elemento tempo e, também, obviamente, a capacidade própria da mãe para elaborar esta problemática da transformação da descontinuidade exterior em continuidade psíquica e para dar ao bebé as suas ausências como retiradas não mortíferas.

Sobre esta capacidade da mãe, Celeste MALPIQUE (1993) considera que a mãe, com a sua capacidade de “rêverie” vai oferecer um continente temporal ao seu bebé

tornando o tempo de espera suportável e ajudando o bebê a adquirir a noção de tempo interno e externo, num momento em que, predominando no bebê a identificação projectiva, ele coloca no objecto primário os seus limites e os seus fantasmas, e em que a ausência desse objecto, vivenciada como “tempo que nunca passa”, vai deixar o bebê perdido, sem limites, só se podendo manifestar por fantasmas persecutórias.

É também neste momento que se inicia a tridimensionalidade do aparelho psíquico, que Meltzer caracteriza pela vivência de um “tempo oscilante” mas que já é reversível, marcado pela repetição com certa capacidade para antever mudanças apesar de ter ainda limites débeis.

A noção de espaço potencial de Winnicott ajuda a compreender este momento evolutivo, catalisador da simbolização, na medida em que, através do objecto transicional, nem totalmente externo nem totalmente interno, o bebê vai poder ir dominando a ausência pela via do tempo de espera, vivenciando a separação do objecto como um espaço de tempo, distância e duração, ao qual o desejo impõe limites que a mãe ajuda a definir se responde a tempo, e ao qual Green denominou de “tempo transicional”. Pela resposta consistente da mãe, o bebê vai poder repetir e evocar memórias de satisfação, território propício para que surja, nele, a confiança e se esboce a esperança, como diz Celeste MALPIQUE. Mais tarde, a tetradimensionalidade do aparelho psíquico vai sinalizar a conquista de um tempo linear, irreversível, causal, fruto do reconhecimento dos próprios limites, da morte, da separação e da renúncia à onnipotência narcísica.

Ligando ao modelo de Bion da função α , será esta função, suportando a capacidade de rêverie materna e, depois, já própria do bebê, apesar de ainda insipiente que, para além de permitir que o bebê consolide a noção fora/dentro, lhe vai possibilitar que defina os limites do seu espaço psíquico (self) em relação ao objecto e que possa ir acumulando, ainda nas palavras de celeste MALPIQUE, um tempo de experiência que permite suportar um “tempo de espera”.

Os significantes primordiais

São considerados como os primeiros elementos de significação, ainda muito parciais e fragmentados, situando-se aquém dos cenários fantasmáticos clássicos dos processos primários e, obviamente, das representações das palavras dos processos secundários.

São o resultado de um trabalho de caracterização, através de pares opostos, da demarcação de figuras que emergem sobre um fundo da delimitação e dos contornos do rosto humano, ordenando-se provavelmente este trabalho de categorização segundo, ainda, o princípio do prazer (par prazer/desprazer)

Inscritos fortemente no corpo e nas sensações, eles foram inaugurados por Bion com os elementos α e por Pierra AULAGNIER através da noção de “pictograma” e têm sido sucessivamente estudadas em vários países e por vários equipas multidisciplinares através da observação directa do bebé pelo método de Esther BICK.

Uma das características da actividade precoce destas representações será a já considerada função “auto”, consubstanciada na existência de um tempo “para si”, ou seja, num tempo em que estes significantes primitivos estariam ainda desprovidos de qualquer intenção comunicativa. Esta função “auto” estará, num primeiro tempo, inserida na presença de fundo materno já que é necessário, neste início, que seja o objecto primário a conter o psiquismo do bebé e, desse modo, a ajudar o bebé na referenciação dos primeiros significantes elementares que o bebé vai receber do meio. Num segundo tempo, já será o bebé a ser capaz de evocar a mãe ausente, primeiro como representação mental, depois já simbolicamente, que irá passar, progressivamente, de objecto continente (♀) ao estatuto de objecto conteúdo (♂) passagem que já pressupõe a interiorização, pelo bebé, da função continente do objecto primário, ou seja, da função α da rêverie materna.

Entre estes dois tempos podem-se colocar as identificações intra-corporais definidas por Geneviève HAAG, o que mais uma vez reforça a ideia de que o corpo é uma passagem obrigatória dos sistemas de significação e de simbolização do bebé que, contudo, só poderão funcionar, afirmar-se, especificar-se, operacionalizar-se, ou seja, semantizar-se e semiotizar-se em função da capacidade interpretativa do adulto cuidador e da sua “empatia metaforizante”, nas palavras de Lebovici.

Falar de significantes precoces, e apesar de não estar no âmbito da temática deste trabalho, implica evocar as raízes da linguagem antes da palavra, que são raízes corporais porque o bebé está numa altura em que a linguagem tem apenas uma função de conexão, estando, ainda, muito antes de ter a função de código linguístico. Esta primeira etapa da linguagem alicerça-se, assim, no corpo, na gestualidade, no jogo gestual partilhado e na partilha emocional e afectiva, sublinhando J. S. BRUNER (1987), a importância do jogo entre a mãe e o bebé como pré-requisitos para a aprendizagem da linguagem e destacando o “objecto da atenção conjunta”. Através deste objecto conjunto, mãe e bebé vão-se des-fusionar, derivando, em conjunto, os seus olhares para um terceiro polo de atenção que é nomeado pela mãe, nomeação que, progressivamente, se vai estabilizando no psiquismo do bebé e, desse modo, vai poder manter o seu valor, fora das condições iniciais da aprendizagem, graças ao que Bruner denomina de “atmosfera de cumplicidade desconceitualizante” que a mãe introduz neste tipo de situação relacional. Deste modo e demarcando-se das teorias inatas da linguagem de Chomsky, Bruner, considera que, para além do inegável pré-programa potencial de aquisição da linguagem, haverá um sistema de indução desse mesmo programa que se alicerça, tanto em protosignificações corporais como em interacções afectivas, o que põe a linguagem, à semelhança dos processos precoces de simbolização, com uma dupla inscrição corporal e interactiva. A comunicação analógica, não articulada e com os seus elementos não codificados que serve de suporte à comunicação digital, feita de débito, de ritmo, de timbre, de prosódia, de entoação, será como a “música da linguagem”, sendo, para ela, crucial as trocas entre a mãe (pai) e o bebé que serão o veículo da dimensão afectiva do discurso verbal.

Como diz Golse (1999), o bebé, antes de ser “locutor da sua língua”, vai, através do seu corpo e do seu comportamento gestual relacional, descobrir o prazer do diálogo com o outro bem como o de dar significação às coisas. Mais tarde, este prazer será substituído pelo prazer da simbolização de fazer advir e de manipular os símbolos libertos do peso do corpo (da corporização) e da concretude dos objectos..

Voltando aos significantes primários, Aulagnier coloca-os a um nível do funcionamento psíquico dominado pelos processos originários, num momento em que as antecipações criativas do adulto cuidador, fundadas na dissimetria maturativa

entre os seus processos psíquicos e os do bebé, vão ajudar à passagem para a primarização progressiva dos processos psíquicos, sob um fundo de intersubjectividade partilhada.

Este papel dado por Aulagnier à dissimetria, insere-se na importância que a teoria psicanalítica dá ao papel da assimetria entre o meio cuidador e o recém-nascido e que estará na base, e pela via do desamparo inicial, da angústia originária e da dependência primária do bebé, dependência à mãe que fará nascer no bebé um imago materno persecutório.

Este papel da assimetria não é, contudo, valorizado por outros autores como Stern ou Brazelton que, perfilhando-se numa abordagem mais próxima da cognitivista concordando com a perspectiva psicanalítica de que, no recém-nascido, já existe um pré-eu corporal que já consegue integrar dados sensoriais e que tem uma apetência para ir ao encontro dos objectos estabelecendo relação objectais, consideram, contudo, que há uma simetria entre o objecto cuidador e o bebé que tende para um sistema homeostático, porque o bebé já tem competências e dinâmicas que o tornam num verdadeiro processo da díada e da interacção. Para estes autores será a pele, enquanto interface, que instaura essa simetria, considerando Stern, que o bebé, desde o início, tem uma organização psíquica muito sofisticada. Contudo, para a maioria dos autores, o consenso estará na assimetria entre as interacções como sendo um elemento estruturante e que encaminhará o bebé para as vias da primarização, tendo um papel de “pré-forma” das futuras ilusões antecipadoras ou das antecipações criativas.

Uma outra divergência entre estas duas abordagens relaciona-se com a qualidade fantasmática das interacções, considerando a abordagem psicanalítica, a partir da correlação que faz entre os fantasmas e os conflitos inconscientes na organização do aparelho psíquico, que o recém-nascido tem já representações mentais, que é, aliás, a abordagem tomada neste trabalho, enquanto outros autores, mais próximos das teorias da cognição, trabalham os comportamentos do recém-nascido segundo um esquema estímulo-resposta e no contexto da realidade psíquica do recém-nascido.

Significantes de demarcação e significantes enigmáticos

O bebê vai-se aperceber, deste muito cedo, considera G. Rosalato (1985), que ele tem de contar com o outro para um certo número de satisfações necessárias para a sua sobrevivência (fome, sede, calor) enquanto para outras, mesmo relacionadas com a necessidade mas, sobretudo, com o desejo, ele pode virar-se para si próprio, encadeando o eixo da posterior auto-estima. Esta “distância diferenciada das satisfações” será, para Rosalato, a primeira sinalização de uma classificação primeira feita pelo bebê e que Rosalato assenta na teoria das pulsões de Freud que distingue a auto-conservação da libido e que inaugura a diferenciação entre um domínio público das necessidades e das satisfações neurofisiológicas e um domínio íntimo, secreto ou privado, o do desejo e do sexual. Será deste fundo de diferenciação das satisfações que vão emergir os significantes primordiais, de demarcação mas, também, os significantes enigmáticos que, segundo Laplanche, veiculam mensagens sexuais, libidinais ou agressivas, oriundas da mãe mas que são desconhecidas para o bebê porque ele está, ainda, num período de desamparo e de desordem interior, que corresponde, essencialmente, a uma impotência em descodificar, transcrever e traduzir as mensagens portadoras de “significantes” enigmáticos para ele. Este primeiro período de impotência ligada à imaturidade inicial do psiquismo do bebê vai, segundo Laplanche, levar a um funcionamento do inconsciente primordial através de um recalçamento originário desses significantes enigmáticos, não metabolizáveis, e de uma passividade que a eles se liga e que vai originar, mais tarde, uma sedução real fantasmática perante situações ou mensagens que a criança não pode descodificar e que a ultrapassam. Os significantes serão, assim, considera Laplanche, portadores de uma carga libidinal e agressiva, e serão veiculados num contexto de sedução sem o conhecimento da própria pessoa que os emite.

Finalmente, é de referir o que Geneviève HAAG denominou de “encaixes semelhante/não semelhante”, retomados por Perron (1994) no contexto da lógica do heterogéneo e da lógica da identidade e que estarão no âmago dos processos originários, primários e secundários, usando a terminologia de Aulagnier para os três registos dos processos psíquicos. Estes encaixes permitem descrever precursores

ontogenéticos aos fantasmas originários que Freud colocou na origem de todos os fantasmas, dando-lhes uma origem filogenética enquanto inconsciente primordial.

Assim, a perspectiva ontogenética permitirá, agora, salientar, em simultâneo, a necessidade da intervenção do outro para que a organização psíquica caminhe dos processos originários aos processos primários, e destes para os processos secundários, e a noção de continuidade estrutural dos diferentes registos do funcionamento psíquico, registos que, finalmente, não são mais do que traduções sucessivas de um mesmo material de base submetido a um processo de complexidade e de genitalização progressivas.

4. A Observação de Bebés pelo Método Esther Bick



4.1 O que é próprio à Observação Directa

A observação directa (OD) de bebés confronta-se com este enigma de como passar do território do visível observável do comportamento que se vê no bebé, do gesto que nos surpreende, do som que nos interpela, para o território do não visível do pensamento, do fantasma e do mundo psíquico interno que se está a construir no bebé. Olhar um bebé é, acima de tudo, entrar em contacto com as emoções que surgem em nós. O bebé é alguém sábio e apaixonado: quando chora, chora, quando ri, ri, quando come, come, quando faz as suas necessidades, fá-lo com todo o seu corpo e todo o seu pensamento, em suma, no bebé, todo o seu ser participa com sabedoria e paixão.

Observar um bebé tem, assim, de ir para além de uma observação experimental e investir-se como uma observação da natureza humana em desenvolvimento e em transformação de modo a que o observador possa aceder à compreensão dos elementos inconscientes da maturação e do crescimento psíquicos, no respeito que a vida psíquica do bebé deve ter no âmbito da ética exigida por qualquer tipo de investigação baseada na observação directa de bebés. Esta compreensão de carácter transformativo implica que o observador vá para além da experiência sensível para que possa ver o que não é visível a olhar nu, e que constituem as emoções internas nas quais um ser, como é um bebé que acaba de chegar ao mundo, se encontra mergulhado, quer elas sejam as ameaçadoras angústias catastróficas de queda sem fim, de desmoronamento em pedaços, do terror sem nome, quer sejam estados de espanto maravilhado no contacto com o mundo, por tudo o que o bebé sente quando abre os olhos e olha para a sua mãe ou para o seu pai, que o olham, também. Sendo as emoções os germes da capacidade do bebé para se constituir, se nomear, se reconhecer, Rosella SANDRI (1998) considera que observar um bebé é, para o observador, acima de tudo e independentemente do método de observação utilizado, entrar em contacto com as emoções que surgem nele, observador, e que o podem deixar disponível para se questionar sobre o que o bebé está vivenciando e sobre como, ele, observador, pode compreender o bebé que tem perante ele..

Para que seja possível o observador poder ir para além do visível, a observação de bebés exige e ensina, porque o bebé é sábio, que, no interior de quem observa, se crie um espaço psíquico que permita que o material do não visível, do sonho, seja tratado, no modelo de Bion, por uma função de rêverie, o mais próxima possível da capacidade de rêverie materna, função de rêverie que exige a qualidade psíquica da paciência, paciência que Bion (1970) caracterizou como um estado mental que impede que a pessoa se fixe ao que já sabe, deixando-a disponível para poder receber e enfrentar o novo, o desconhecido. Será, na situação de observação, o observador deixar livre a parte insaturada da concepção, momento muito semelhante ao da posição esquizo-paranóide (Ps) onde domina a fragmentação do objecto e do Self, ou seja, onde os conteúdos estão dispersos, o que, se por um lado, possibilita o estado de espera, exige, em contrapartida a capacidade para tolerar uma certa dor mental que é consequente ao sentimento de confusão devido à dispersão dos conteúdos. Havendo paciência, porque o observador consegue tolerar essa dor mental, ele vai, num certo momento, poder aperceber-se da elaboração, por emergência, de uma nova configuração nos seus pensamentos que vai dar sentido aos elementos que, momentos antes, pareciam estar desligados entre si e sem significação, como se um facto seleccionado tivesse permitido que o observador pudesse entrar num estado de segurança, por ordenação dos pensamentos, análogo ao da posição depressiva (D).

Usar a paciência num movimento de oscilação com a segurança, considera Bion, é o melhor índice de que um trabalho preciso (“precious”) se cumpriu.

Continuando nos modelos de Bion, e fazendo o paralelo com o mecanismo da identificação projectiva utilizado, pelo bebé, como veículo primeiro de comunicação, o observador necessita de estar disponível, como está uma mãe com capacidade de rêverie, para receber os elementos β que o bebé lhe projecta, com uma capacidade intuitiva que lhe advém dos seus, próprios, movimentos interiores de regressão ao seu próprio estado de bebé, utilizando um registo dos processos primários do pensamento, na nomenclatura de Aulagnier, movimentos que são testemunhados pelos pensamentos “flasch” que assaltam um observador que observa um bebé, de modo semelhante aos flasch que a mãe, também, tem e que são

relatados, pelos observadores nas observações de bebês feitas pelo método de Esther Bick.

Para que a capacidade intuitiva do observador possa emergir e sirva os propósitos da OD é necessário que o observador não esteja só atento ao modo como o bebê se desenvolve mas, igualmente, esteja disponível para aprender, aprender, sempre, a partir da comunicação primitiva do bebê para o que é indispensável manter-se sensível aos pequenos detalhes e sinais corporais do bebê à volta dos quais a vida psíquica e relacional do bebê se vai organizar.

É neste sentido que Martha Harris (1979) afirma que a observação atenta de um bebê com a sua mãe constitui, para o observador, uma experiência emocional que requer um trabalho mental porque ela exige ser pensada e não, apenas, observada, exige que se pense sobre ela e não apenas, que se reaja a essa experiência, exige que o observador contrarie a tendência de projectar os seus próprios desejos e erros infantis inconscientes no território do quadro relacional mãe-bebê que está a observar, tendência que está, sempre, omnipresente sobretudo, como salientava Esther Bick, quando se está perante uma mãe que, por estar no post-partum, está permanentemente ameaçada por movimentos depressivos que projecta, por vezes, com grande intensidade, sobre o observador. Por isso, o observador tem de ter consciência, como nota Regina Pratt (1989) que, ao confrontar-se, permanentemente, com o psiquismo do bebê mas, também com o da mãe do bebê, ele vai receber um impacto violento, desorganizado, que o solicita, o "puxa", para o seu próprio nível de funcionamento psíquico mais arcaico, impacto que é devido, como considerou Bion (1970), por a palavra e a acção estarem muito próximas, podendo ser impossível distingui-las. Esta impossibilidade para as distinguir pode levar o observador a um estado de confusão por as emoções e as acções estarem demasiado próximas, indo o observador, psiquicamente, funcionar segundo o registo dos pressupostos básicos próprio do funcionamento de um grupo de base, em vez de funcionar segundo o registo necessário a um grupo de trabalho que a sua postura de observador requer.

Este trabalho, exigido ao observador, e perante toda a riqueza mímica e gestual do bebê para a qual não é evidente, muitas vezes, qualquer tipo de significação, mas, também, perante o comportamento da mãe, com a sua capacidade de rêverie, o

observador vai fazê-lo utilizando comentários interiores descritivos, sem nenhum procedimento mnemónico específico, mas com os quais ele tenta ligar o seu próprio funcionamento mental às imagens da sua percepção, dando-lhe uma estrutura pela linguagem. Nestes comentários interiores, o observador tem contudo, de estar atento para não utilizar a linguagem como acção em vez de a desenvolver ao serviço do pensamento, de modo a não deslizar, novamente, de um grupo de trabalho para um grupo ao serviço dos pressupostos básicos, como Bion tão bem sinalizou, ao alertar para o facto da palavra ser uma invenção que possibilita pensar e falar de algo sem ainda se saber o que é essa coisa, o que é o paradigma do observador quando está, na OD de bebés, perante fenómenos desprovidos de significação que têm de ser ligados em conjunto para poderem ser pensados.

Será, como é próprio a uma observação que se quer científica, na interacção contínua entre teoria e prática e não, como dois momentos diferentes, que o observador se deverá colocar, para poder alcançar um momento de integração na qual os elementos, que pareçam sem significados e confusos possam começar a adquirir um sentido e uma coerência. Mas para que esse sentido e essa coerência sejam alcançados é preciso, porque o observador está a observar um bebé, que ele aceite ficar durante um certo tempo num lugar mental onde reina a ignorância, o não conhecimento.

Esta postura implica considerar dois elementos distintos e a níveis diferentes: o do lugar da teoria e da teoria da prática na O.D. de bebés e as características que são próprias a um funcionamento psíquico adulto que permita ficar, durante certos momentos, num território do não conhecimento.

4.2 A Teoria da Prática na Observação Directa de Bebés

Tustin, sobre a observação de bebés, salientou que a postura do senso comum é indispensável quando se estuda o mundo psíquico da criança, o que implica que a formação científica subjacente aos estudos não negligencie o evidente.

Será, neste sentido, fundamentar a OD numa reflexão sobre como se processa a articulação entre a teoria e a prática, integrando, nessa reflexão, a postura de bom senso preconizada por Tustin, que, igualmente, por si só, merece reflexão.

4.2.1 A Teoria da Prática

Utilizando o modelo que Lanteri-Laura (1981) construiu para a psiquiatria, na sua generalidade, mas que nos parece também servir como ferramenta de reflexão para a psiquiatria da primeira infância, é essencial quando se trata de analisar uma teoria e uma prática a ela veiculada, quer seja uma prática exercida no acto terapêutico, quer na prática experimental, que se distinga uma teoria da prática, como Bourdieu (1972) preconizou, já que, na Psiquiatria, um fazer prático é sempre um saber fazer, em que a teoria de referencia não regula, na sua globalidade, a prática nem é, em geral, suficiente para explicar o funcionamento dessa prática, o que poderá ser colmatada por uma teoria da prática.

Lanteri-Laura, acrescenta a esta necessidade de haver uma teoria da prática, a de haver, igualmente, um “saber de prestígio” que assegure a aptidão para acompanhar os progressos da disciplina, evitando uma estagnação dos conhecimentos e servindo o modelo de Bion de manter a mente num universo em expansão, porque o pensamento simbólico mantém a parte insaturada da concepção.

Será este saber de prestígio que permite acompanhar os avanços feitos pelos parceiros da transdisciplinaridade e integrá-los nos conhecimentos teóricos da disciplina, fazendo-os avançar e preparando o saber-fazer do futuro. Será, assim, o saber de prestígio que permite que a prática não se cristalize numa repetitiva rotina, impulsionando-a para uma disponibilidade para a mudança e que, muitas vezes, permite o salto para progressos efectivos.

Neste propósito de articulação da teoria com a prática, é fundamental que ela seja alicerçada numa postura de humildade que reconheça que, em certos momentos, o domínio da teoria é extrínseco ao da prática, não se lhe podendo, portanto, pedir, nesse momento, que regule a prática, apesar de se esperar que, posteriormente, tal lhe possa voltar a ser pedido.

Esta postura de humildade implica que a teorização que foi feita, num certo momento, possa diferir da teoria que dá conta da prática, o que reafirma a importância de se ter uma teoria da prática, com valor didáctico próprio e que seja bem conhecida e dominada por quem pratica a prática a ela referente, bem como de ser do conhecimento da comunidade científica, para que a prática possa ser um verdadeiro saber fazer que se transmite e não um mal-estar impregnado, como afirma Lanteri-Laura, de utilitarismo, faltando-lhe legitimidade epistemológica.

Diacronicamente, a teoria da prática, e continuando a referenciar esta prática à observação directa de bebés, é sempre uma prática alicerçada numa teorização das práticas anteriores e, simultaneamente um gerador para teorizações feitas no momento em que elas estão a ser praticadas.

A existência própria da teoria da prática toma a sua existência na intersecção da unidade pontual da prática que advém da individualidade da observação de cada bebé, com a pluralidade de teorizações, mantendo a correcta distância em relação ao saber absoluto.

Em relação à O.D. de bebés, e sendo para muitos psicanalistas, a teoria psicanalítica difícil de se aplicar à observação directa do bebé por ela não ter o mesmo objecto, já que, à psicanálise interessa o bebé reconstruído e não o bebé real, posição que será detalhada mais à frente, neste trabalho, não se poderá pedir um consenso quanto à psicanálise poder integrar, na sua prática, a O.D., mas pode-se esperar que, num momento posterior, isso lhe possa ser pedido, o que implica ter uma postura de grande rigor e honestidade na teoria subjacente à prática da O.D. que se consubstancia numa análise, o mais rigorosa possível e o mais abrangente possível, dos funcionamentos psíquicos do observador e do bebé, como foi exposto.

Deste modo, e voltando às palavras de Lanteri-Laura, poder-se-á caminhar para uma "Jerusalém do saber acabado, já após o apocalipse, quando já soubermos tudo e quando a criança acariciar o olho de serpente e onde teoria e prática se identificarão porque a teoria das práticas já não se distinguirá das teorizações; mas, até lá, uma

teoria das práticas é um conceito operante, merecendo que se tente precisar o seu conteúdo próprio”¹.

4.2.2 Para uma postura de bom senso

Boaventura Sousa Santos (1987) advoga, também, que na Ciência se impõe voltar às coisas simples, à capacidade para formular perguntas simples, daquelas que, dizia Einstein, só uma criança pode fazer mas que, de pois de feitas, são capazes de trazer uma nova luz às perplexidades do momento, o que, na especificidade da O.D. de bebês, e dado ele alicerçar-se na comunicação intersubjectiva onde um dos parceiros debuta no seu funcionamento psíquico, toma todo o sentido no respeito epistemológico que uma observação desta natureza exige.

Mas, nota Boaventura Sousa Santos, para que a pessoa possa questionar o simples e o essencial, é necessário que se diminua o fosso entre o que se é e o que se aparenta ser, entre o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática, que deverá alicerçar-se num “conhecimento prudente” que sirva uma “vida decente”, nas palavras de Boaventura Sousa Santos que explicita que este tipo de conhecimentos tem implícito que se passe do científico-natural para o científico-social, ou seja, que o local e o total possam ser entendidos em simultâneo e que a fragmentação dos saberes passe de uma concepção disciplinar para um equacionamento temático, posição que está próxima, nas suas implicações, à exposta neste trabalho sobre a aproximação da sociologia à psicanálise feita por Norbert ELIAS (1990).

Este conhecimento prudente deverá, continua explicitando Boaventura Sousa Santos, ser também um auto-conhecimento ou um “conhecimento íntimo” e um conhecimento compreensivo e para a compreensão, de modo a que a pessoa não seja separada do seu objecto de estudo mas, antes, esteja unida a ele de modo personalizado, o que é igualmente o tipo de conhecimento que, usando os três

¹Lanteri-Laura G., Del Pkahaia E., Les Principales theories dans la Psychiatrie Contemporaine, encyclo. Med. Chir., Paris, France, 3700^a, 10, 1992, p. 342.

vínculos de Bion, L, H, K, deverá estar subjacente ao vínculo K que liga o observador ao bebé.

Essa aproximação à perspectiva de Boaventura Sousa Santos que, com Lanteri-Laura, poderemos considerar ser a teoria da prática na O.D. de bebés, mais se reafirma quando este conhecimento “prudente”, auto-conhecimento do observador, se inscreve no significado etimológico da palavra “compreender” que tem implícito que, antes de se criarem novas relações entre os elementos, é necessário aprender o sentido desses elementos e dessas relações.

Quanto à noção de “vida decente” ela nasce da necessidade de respeitar as aspirações e os valores próprios de cada um, o que implica, por sua vez, ter sempre presente o respeito da qualidade de vida, no caso deste trabalho, do bebé e da sua família, e que tem subjacente a noção de que as condições objectivas da vida se intrincam com a satisfação subjectiva que as pessoas sentem com a sua própria vida. Respeitar esta postura é particularmente importante na O.D. de bebés pelo método de Bick que implica o observador observar o bebé, semanalmente, no seio da sua família.

Boaventura Sousa Santos considera, ainda, para que o conhecimento científico possa emergir num senso comum, alicerçado realmente nas trajectórias e nas experiências de vida das pessoas envolvidas e para que esse conhecimento seja securizante e fiável, é necessário que ele assente numa nova “racionalidade” que exige uma hermenêutica crítica e permanente da epistemologia tradicional para que a ciência possa ser equacionada com o senso comum.

Para que isto seja possível, preconiza Boaventura Sousa Santos, é necessário que as actuais teorizações e praxis se possam interpenetrar continuamente de modo a que se constitua um conhecimento que seja permanentemente prático não deixando de ser esclarecido e esclarecedor e, como precisa Boaventura Sousa Santos, sendo prático não deixa de ser democraticamente distribuído de modo a que se encontre um novo senso comum, “com maior sentido ainda que possa ser menos comum”, postura que, no âmbito deste trabalho, deverá ser aplicado na prática transdisciplinar.

Estando a O.D. de bebés alicerçado na intersubjectividade será importante reflectir, com Boaventura Sousa Santos e seguindo o seu ponto de vista, sob o peso que a

subjectividade do observado pode ter na credibilidade que deve ter o conhecimento científico.

Kiekgaard, constatando que a maior parte das pessoas são subjectivas quando se analisam a si próprias mas objectivas, por vezes, mesmo, terrivelmente objectivas com o Outro, salientou a importância, para uma postura correcta de estar consigo próprio e com o Outro, de se ser objectivo para consigo próprio e subjectivo para com os outros. Boaventura de Sousa Santos, seguindo a necessidade desta postura, considera vários critérios para que, integrando a subjectividade inerente a qualquer observação feita entre e com parceiros humanos, se possa aplicar, na prática experimental, o saber científico de um modo edificante, entre os quais e pela sua pertinência neste trabalho, são de referir:

- O conhecimento deve ser aplicado em situações concretas, estando, quem aplica, existencial, ético e socialmente comprometido com o impacto da aplicação;
- Os meios (a situação de observação, incluindo o observador) e os fins (a interpretação dos dados da observação) devem estar interligados, devendo o conhecimento incidir sobre os dois, na medida em que só se os meios forem adequados à situação concreta é que os fins são justificáveis e se podem concretizar;
- A aplicação do conhecimento deriva do equilíbrio entre as competências argumentativas dos grupos implicados que, na O.D. de bebés, se consubstancia na preocupação do observador de estar ciente das semelhanças e das diferenças entre o funcionamento dos dois psiquismos envolvidos, o dele próprio e o do bebé;
- O know-how técnico (a situação circunstancial da observação) é imprescindível mas o sentido da sua utilização é conferido pelo know-how ético, imprescindível à postura interpretativa do observador na O.D. de bebés.

Mesmo na perspectiva sociológica, Boaventura Sousa Santos afirma a importância que é, para uma postura ética, o técnico ter sempre consciência da sua vida interior

que é a fonte das suas motivações e da sua própria verdade e a guardiã do seu destino porque não perde de vista a intencionalidade dos actos.

Edgar Morin (1990) sobre a subjectividade inerente a qualquer acto humano considera que todo o ser humano tem, a partir da sua língua natal, duas linguagens: a que se designa, indica, objectiviza assente numa lógica aristotélica e uma outra que fala através de significações contextuais que envolvem cada palavra e cada enunciado e que, jogando com a analogia e a metáfora tentam traduzir emoções e sentimentos que permitem a alma de se expressar. E se este discurso de Edgar Morin está inserido no paradigma das ciências sociais, ela pode, também, aplicar-se na psicologia para expressar o discurso que traduz o que, na adultícia, emerge da actividade mental originária que se expressa por pertenças contextuais.

4.3 O Saber Observar na Observação Directa de Bebés

O observar, na observação directa (OD) de bebés, é um observar que cumpre a sua pertença, etimológica, pois não é, apenas, um olhar com atenção mas, e numa significação mais alargada, um “conservar e guardar simultâneos” o que significa que o observador deverá ser, quando observa um bebé, aquele que guarda e conserva dentro dele, o impacto emocional da situação de observação e o restitui, de modo vivo, tendo implícito que, como Bion considerou, a emoção é núcleo de significações no espírito humano.

O observar, na OD de bebés tem, também, implícito, que o observador é portador de um constructo teórico que está inscrito no valor etimológico da palavra teoria, oriunda de um verbo grego que significa observar ou contemplar, ou seja, é uma teoria que tomou a sua existência nos factos observados, e que, portanto minimiza o fosso entre o bebé observado, em directo, e o bebé reconstruído, pela teoria.

O observar na OD de bebés está, igualmente, englobado nas observações que têm valor de mediação, ou seja, que permitem o encontro e a relação e cujo território possibilita que se inicie e se consuma uma pertença mútua.

O observar na OD de bebés é, ainda, um modelo de procura da compreensão do desenvolvimento humano que, por analogia, poderá ter a mesma importância que

tem a lógica matemática na compreensão do modelo sobre o aparelho para pensar pensamentos.

A observação na OD de bebés permite, finalmente, encontrar um equilíbrio entre teorias e factos, emoções e relações, abrindo-se para uma reflexão e uma prática atenta aos aspectos intra-psíquicos do funcionamento mental bem como às suas expressões externas viabilizando uma interacção.

Melaine KLEIN (1930) foi a primeira a viabilizar as observações psicanalíticas de bebés ao reconhecer a existência da vida emocional dos bebés pela via da introdução da vida fantasmática precoce e das relações do bebé com os objectos parciais, num momento (1930), em que o bebé era, ainda, considerada, pela generalidade da comunidade científica, como um ser vivo, vivendo nos limbos e sem vida psíquica activa. Pela sua prática psicanalítica com crianças, ela inaugurou, assim, a investigação dos níveis mais primitivos do funcionamento psíquico humano.

Bion veio dar, igualmente, um contributo fundamental à observação de bebés pela mudança de vértice que fez com a passagem de um sistema de pensamentos saturados para um outro que contenha novas aberturas que são, sempre, segundo Bion, da ordem das emoções pois, são elas que unem os continentes que albergam os pensamentos.

Esta mudança de vértice na observação exige uma oscilação permanente entre a paciência e a segurança em si próprio, por parte do observador, para que um “trabalho precioso” se possa cumprir e possa permitir que o olhar do observador não se oriente tanto para o passado e para o que é já conhecido, mas se afoite a dirigir-se para um futuro, para o imprevisto, para o desconhecido.

Para Bion, o problema da observação de um bebé em interacção com a sua mãe está na dificuldade em formular, verbalmente, uma imagem visual de uma relação tal como a mãe e o bebé a constróem e que se alicerça na comunicação emocional que utiliza, privilegiadamente, as vias da comunicação corporal e onde os mecanismos da identificação projectiva são proeminentes e se encontram na fronteira frágil entre a acção e o pensamento nascente do bebé, num momento em que a evocação dos pensamentos e dos sentimentos intoleráveis para o psiquismo do bebé tenta tornar-se numa forma de comunicação.

A necessidade do observador estar sensível a esta forma primitiva e muito imediata da comunicação do bebé é, ainda , mais importante na medida em que, a identificação projectiva utilizada pelo bebé não só é um veículo de um vivido emocional muito intenso e que se vai depositar no psiquismo do outro como, também, o psiquismo do outro (observador) se pode tornar num continente pensante que recebe os elementos psíquicos do bebé que necessitam de um aparelho do pensamento que os possa pensar. Neste sentido da interacção e no âmbito da OD de bebés é ainda essencial o modelo de Bion que indica que é pela identificação projectiva que , no bebé, se vai formar o espaço psíquico que, por albergar, nesta fase debutante do psiquismo, conteúdos muito concretos que se constituem a partir das vivências corporais, é um espaço corporal que se vai diferenciar e construir em psíquico a partir das primeiras experiências relacionais. Corolário à ideia deste modelo e, também, fundamental a ter em conta na OD é a noção de que a identificação projectiva é um conceito dinâmico que age no seio de uma relação interpessoal e não, apenas, no psiquismo individual na medida em que ela não é só uma formação fantasmática mas, que ela é, principalmente, uma interacção entre dois ou mais psiquismos, interacção que está alicerçada no modelo de Bion de que os pensamentos precedem o pensador, não são pertença única de um só pensador e que se comunicam pelas vias da comunicação que, privilegiadamente, incluem a comunicação emocional.

4.4 A Postura do Observador na Observação Directa de Bebés

Quando um observador observa um bebé, o seu funcionamento psíquico vai movimentar-se entre dois polos: um polo negativo, testemunhando a desorganização do funcionamento psíquico devida ao impacto violento das projecções (elemento β) do bebé que solicita o observador para o seu próprio nível de funcionamento psíquico mais arcaico e que se expressa por uma vontade ou tendência para fugir, para clivar, para projectar, e um polo positivo de organização, caracterizado pela transformação operada pela função α do observador que actua quando ele, como já foi referido, é confrontado à extraordinária riqueza mímica e gestual do bebé e para

a qual não é evidente qualquer tipo de significado, indo utilizar uma série de comentários interiores descritivos que permitem uma associação indissolúvel, nas palavras de Regina PRATT (1989), entre a imagem percebida, pelo observador e o movimento do seu funcionamento psíquico que fazem entrar essas percepções na sua memória, possibilitando o seu registo.

Estes comentários interiores, são, assim, fruto de um trabalho organizador da mente do observador, que ele vai traduzir através da sua narrativa verbal e que vão constituir o material manifesto da observação, trabalho mental que está alicerçado, tanto no polo positivo como no polo negativo, ou seja, que está inserido no funcionamento mais arcaico da mente do observador, o que impõe que, na OD de bebés, seja tomado em consideração a articulação destes dois funcionamentos, o da linguagem manifesta e o do funcionamento arcaico.

No pensamento adulto e na linguagem, as palavras podem ser consideradas como o envelope mental mais exterior, que metaforicamente, se pode pôr no exterior de cada um e que é, de algum modo, o herdeiro do envelope da língua materna que existiu no início da vida e onde o espírito se encarnou. Mas, também essas palavras do exterior estão, pela via das várias estruturas do cérebro, associadas a toda uma rede de imagens e sensações que lhes vão dar sentido, o que remete para a teoria de Lacan do significado e do significante e para a concepção de Amaral Dias sobre a espessura do símbolo mas, igualmente, para a importância que têm as sensações e as imagens que, não só são indissociáveis dos pensamentos e das palavras com as quais o pensamento se expressa, como estão, e muito mais directamente do que as palavras, conectadas aos aspectos, aos sentimentos e às emoções que caracterizam os pensamentos.

Considerando que o sistema de representações humanas é constituído por estes três registos, as sensações, as imagens e as palavras, cada um com o seu papel específico no pensamento, sendo cronologicamente, o primeiro constituída pelas sensações, será este o mais antigo de todos, o primeiro envelope mental que já se começou a formar na vida fetal, ao qual se vai seguir, com a abertura dos olhos, quando do nascimento, o envelope visual onde as imagens se vão estruturar, construindo-se, assim, estes dois envelopes muito antes de estar constituído o terceiro envelope das palavras.

Deste modo, se as teorias sobre o significado e o significante e sobre a espessura do símbolo ajudam o observador a melhor se referenciar na análise dos seus movimentos psíquicos simbólicos, elas, de algum modo, negligenciam o peso das sensações e das imagens visuais que dão a capacidade de expressividade ao bebê, pela via, sobretudo, corporal, o que leva a uma aproximação ao conceito de imagem inconsciente do corpo que Françoise DOLTO (1986) considerou como o adequado para este “falar do corpo” do bebê.

Quando nasce, o bebê, que não pode, ainda diferenciar o seu corpo do da sua mãe, vai estar ligado a ela, primeiro pelas sensações e depois pelas imagens que lhe vão permitir ir construindo o seu espaço psíquico a duas dimensões, onde não há dimensão temporal, a não ser a dos ritmos da díada mãe-bebê e onde ele vai construir a imagem do seu corpo e uma memória desse “falar” primeiro com a pele e com os músculos, antes de aparecer o babil. O babil, por sua vez remete, também, para as características do que o bebê, nestes primeiros momentos da sua vida, compreende do que o adulto lhe diz quando ele ainda não compreende o significado das palavras que lhe são significativas pelo timbre e pela entoação da voz que lhe fala.

Será a este funcionamento primário que o observador tem de estar atento e com uma capacidade para representar a realidade num espaço e num tempo psíquicos que lhe permita compreender o que observa no “aqui e agora” mas, também, numa reconstrução onde a dimensão temporal se inscreve na sua própria vida psíquica, ou seja, no seu próprio presente, no seu passado e no seu futuro, inscrição que lhe dá sentido à sua própria vida e lhe permite construir a sua narrativa interior, narrativa onde ele vai inscrever os comentários que, interiormente, vai tecendo ao observar o bebê. Conceber a construção da narrativa interior do observador que sustenta o material verbal da sua observação implica considerar que o observador vê a realidade que observa através de um filtro feito do que deseja ver e do que aprendeu sobre o que observa, mas onde, também, estão presentes os envelopes das sensações e das imagens e estas com a sua característica que já Freud notava de onnipresença e onipotência que fazem com que, todos os dias o sol nasce a oriente e se ponha a poente num céu que é, sempre, azul.

Para minimizar o mais possível os efeitos negativos desse filtro é essencial que o observador tenha presente o modo com funciona o psiquismo em status nascendi do bebé. Este funcionamento primário do bebé, que é preciso não esquecer existe, também, no observador, está dominado pelos processos mentais originários descritos por Aulagnier e que são elementos fundamentais a ter em conta na observação de bebés, tanto para compreender o bebé como para que o observador compreenda como, ele próprio, compreende o bebé.

Piera Aulagnier, a partir dos estados psicóticos onde espaço psíquico e espaço corporal se confundem e onde o corpo próprio se confunde com o do outro, considerou-os como o protótipo da actividade mental do recém-nascido e do bebé, actividade que seria, portanto, anterior aos processos mentais primários, descritos por Freud. Aulagnier considerou, assim, e como já se referiu neste trabalho, que antes dos processos primários se instalarem, ou seja, antes de se iniciar o funcionamento mental de construção da vida fantasmática, da imaginação e do pensamento associativo sobre o primado do princípio do prazer e próprio ao processo primário, haveria uma actividade mental originária com um funcionamento próprio.

A seguir a Aulagnier, muitos outros autores se interessaram por este momento da actividade psíquica podendo ser, actualmente, considerado como um funcionamento baseado em significantes arcaicos que vão ser os alicerces dos mecanismos de identificação primários do bebé que, iniciando-se no começo da vida psíquica a acompanham ao longo de toda a vida, a par do processo primário e do processo secundário, este com as suas capacidades de julgamento, de análise e de discernimento, utilizando o pensamento racional no respeito pelo princípio da realidade.

Na vida adulta estes processos próprios da actividade mental originária vão estar, considera Dumas (2000), na génese da actividade identificatória a nível da sua pertença parental, familiar, cultural, religiosa e étnica, o que significa que ela é, tanto o que permite ao recém-nascido e ao bebé, durante as primeiras semanas de vida, considerar o seio com o mamilo na sua boca como fazendo parte do seu próprio corpo, como o que, na vida quotidiana do adulto, permite que ele seja, ao mesmo tempo, ele próprio e a comunidade a que pertence ou, como diz Dumas, ela

é o que permite, no estado fetal, ser-se o próprio e a sua matriz, na infância, ser-se o próprio e a sua família e na idade adulta, ser-se o próprio e a sua pátria.

Esta actividade mental originária vai implicar, na OD de bebés e porque se joga ao nível mais subterrâneo e mais inconsciente da comunicação, que o observador possa reproduzir, sem disso ter consciência, os modelos que foram os dos seus pais e que nele ficaram inscritos, como os modelos que emergem de sua cultura, dos seus costumes e das suas crenças e que o tornam num ser que traz, dentro dele e simultaneamente, a sua própria imagem e a do seu semelhante, semelhante que ele, só pode compreender porque a ele, se identifica, ou seja, e como diria Bion, porque ele é um ser que traz, dentro dele, a sua identidade do ser gregário, que é.

Esta actividade mental originária vai, assim acompanhar o observador a fazer um trabalho de integração dos conteúdos psíquicos que, em grande parte é inconsciente, ou seja, vai originar que o observador acrescente elementos ao que observa sem disso se dar conta e num processo de assimilação continua.

Este processo de assimilação que começa, logo a partir dos primeiros anos, através de um processo de duplicação das estruturas mentais dos pais, durante a infância com a respectiva identificação a essas estruturas e que é, em grande parte, inconsciente implica que o observador saiba, de uma forma consciente, que a tem dentro de si e que, se ela lhe permitiu aceder a um movimento próprio de identificação, também ela, lhe pode, na postura de observador de um bebé, confundir o seu olhar de observador.

Quanto à actividade mental originária do recém-nascido e no bebé, que neste início da vida mental está omnipresente, o observador tem que a ela estar sensível e saber que, sendo ela constituída, neste início da vida psíquica, por significantes primários, ela vai-se manifestar como um “afecto-representação” ou uma “representação-afecto”, na medida em que ela é uma representação mental que, automaticamente, engendra uma mobilidade emocional e afectiva, sem tempo de paragem para o afastamento ou a distanciação sendo, por ela, que o bebé se “auto-produz” no outro, como diz Dumas.

É, portanto, fundamental, que o observador tenha, sempre, presente esta função de auto-construção da actividade originária do bebé para que a ela esteja sensível e a possa compreender, integrando, nessa sua compreensão, a característica fundamental

desta auto-produção que é a de ser em sentido único, deixando o bebé limitado a duas possibilidades: ou se “auto-constroí” nas estruturas mentais do adulto cuidador ou se “auto-destroí”.

Compreender, deste modo, a actividade mental do bebé implica, pois, que o observador se imponha um duplo papel de análise em relação aos processos mentais originários, por um lado, aos seus que o obrigam a uma reflexão perante e sobre as suas “emergências psíquicas” relacionadas com esta actividade subterrânea e não esquecendo, obviamente, os seus mecanismos defensivos que são pertença dos processos primários e secundários e analisáveis pela via da psicanálise, e, por outro, aos do bebé que já são germes de identificações primárias alicerçados numa sensibilidade e em imagens mentais debutantes que, por não usarem o verbo, são, por vezes, difíceis de discernir e que implicam, por parte do observador, a sua capacidade de identificação de bebé.

É pela via desta identificação, alicerçada na comunicação utilizada pelo bebé que utiliza a via comunicacional da identificação, primeiro de uma identificação adesiva e depois de uma identificação projectiva, que o observador poderá melhor aceder à compreensão do que o bebé esta a vivenciar, identificação que é apreendida através das emoções que o bebé provoca no observador e para as quais ele deve estar receptivo. Para que esta receptibilidade seja possível, obviando a que o observador se torne num obediente tradutor de comportamentos, ele terá que estar numa postura de “Tábua rasa”, como Bick preconizou no seu método de observação do bebé, e no seguimento da postura que Bion preconizou para o funcionamento psíquico do analista, que implica que a sua postura técnica e em relação, agora, ao observador de um bebé, não esteja apoiado em constructos teóricos rígidos sobre o desenvolvimento e o funcionamento psíquico infantil que impliquem práticas repetitivas e amorfas e que recusem, ao recém-nascido e ao bebé, o estatuto de um ser de desejos que estão alicerçado na dinâmica das relações afectivas precoces, do apego e na sexualidade infantil.

Será, assim, pela via de uma reciprocidade identificatória, existente porque o processo identificatório, também, é reconhecido ao bebé, que o observador, tendo a sua capacidade de identificação o mais próximo possível do bebé que observa mas,

igualmente, do bebé que ele já foi, poderá fazer uma observação alicerçada nos afectos e não, apenas, no “científico”.

4.5 A Atenção Psíquica

A atenção, na psicanálise foi considerada por Freud como um processo psíquico da realidade perceptiva, iminentemente activo e decisivo para a actividade da percepção que vai ao encontro das impressões perceptivas em vez de esperar, passivamente, a sua aparição, como que emergindo de uma necessidade interior, impossível de adiar.

Em “*Esquisse d'une Psychologie Scientifique*” (1895), Freud considerou a atenção como um investimento dos índices de qualidades vividos no interior do aparelho psíquico, não sendo, portanto, apenas, uma função virada para o exterior e onde o mundo perceptivo faz uma procura antecipada do objecto de satisfação mas, igualmente, como uma função virada para o interior psíquico, para os traços mnésicos que estão ao serviço da exploração do mundo psíquico interno.

Estas duas funções, Freud considerou-as estarem na base da diferenciação entre pensamento observante e pensamento banal, estando este virado para a procura do objecto da satisfação pulsional enquanto no pensamento observante, próprio do cientista, há uma postura de indagação, prefigurada na pergunta: “que significado tem isto?” e onde os índices de qualidade, oriundos da percepção, se associam a traços mnésicos que correspondem à procura do sentido e, não simplesmente, da satisfação.

Bion considera, também, a atenção para além da realidade perceptiva, como uma função do mundo intrapsíquico, com um papel de matriz onde se vêm reunir os elementos do psiquismo, elementos que se podem combinar, entre si, num todo com coerência. É dela, igualmente, a responsabilidade pela sinalização das “conjunções constantes” o que, em consequência, a põe no âmago da capacidade de rêverie materna.

Alicerçada nestas duas concepções de Freud e Bion, a atenção na O.D. necessita de ser compreendida, tanto num sentido centrífugo, quando é posta no bebé, como no

sentido centrípeto, ou seja remetida, de modo reflexivo, sobre os próprios processos psíquicos do observador. Ser observador de um bebé é ser-se um acrobata em cima de uma corda que, por uma das extremidades, está ligada ao bebé de carne e osso ali presente e, pela outra extremidade, está á escuta do bebé que o observador já foi, que está escondido mas com quem o observador tem de reatar a comunicação, através de um movimento de identificação regressiva que vai atravessar todas as camadas do seu próprio psiquismo, movimento que é, tanto mais indispensável quanto os factos da observação não falam por si próprios e não podem ser apreendidos senão através de uma grelha de codificação interna feita através desse movimento.

Na OD, a atenção não pode, assim, ser uma simples espera de um objecto ou de um complemento, como um alvo para o qual as forças e os processos mentais se focalizam dado que ela não tem, durante a observação de um bebé, um a priori, um objectivo preciso, o que implica que ela se deva tornar numa disposição psíquica própria a um estado activo de alerta, numa disponibilidade perceptiva que torne o observador sensível ao imprevisto, a algo cuja existência é favorável mas cujas qualidades não foram previamente definidas nem, muitas vezes, sequer imaginadas.

A atenção será, assim, na O.D., um leque aberto, semelhante à capacidade de atenção do bebé caracterizada por Brazelton de estado de “disponibilidade de alerta”, caracterizando, deste modo, o estado de grande receptividade próprio do bebé nos estados interactivos e pela qual ele estabelece ligações vinculativas mas sem que o observador, a observar o bebé, possa dizer, previamente, que tipo de ligações vão surgir.

Tendo a atenção, na OD, uma função fundante e estruturante do acto de observar, de modo a permitir uma verdadeira postura de escuta ao outro (“ser todo ouvidos”) que implica uma postura de “ver e ouvir” com uma atenção em profundidade, ela deverá ter as características de uma atenção que Golse (1999) caracteriza de psíquica para relevar a necessidade dela fomentador a criação de ligações interpsíquicas entre os dois protagonistas, quem observa e quem é observado. Metaforicamente, ter atenção psíquica é estar, como no acto de amor físico, na intimidade e com verdade, para si e para o parceiro. E é seguir a máxima, nas palavras de José SARAMAGO, no seu livro “Ensaio sobre a Cegueira” (1995), “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

Só uma atenção psíquica, duplamente orientada para o exterior e para o interior, permitirá, ao observador, respeitar o bebé na sua, já existente, individualidade e estar disponível para receber o que o bebé, nele, projecta, sem ceder a negações, por exemplo, sem negar o sofrimento do bebé e estando disponível para poder conter e ligar as angústias primitivas dos estados arcaicos do bebé, mantendo, ao mesmo tempo, uma reflexão da economia e da significação dos factos observados.

Finalmente esta atenção psíquica exigida ao observador, na OD, atenção ao bebé e à dinâmica interactiva à sua volta, e atenção ao seu próprio funcionamento psíquico, não exclui que o observador tenha implícito, um conhecimento científico do desenvolvimento do bebé mas é preciso que ele o saiba utilizar de um modo que não se torne num guião mas, antes, que possa ser uma música que se conhece bem e que, se pode, automaticamente, trautear, ou seja, que estando presente, não esteja omnipresente nem ofusque o que vem de novo, de surpresa.

Como diz Maufras de Chantelier (1992), o observador na OD de bebés, tem de aprender a sentir, a olhar, a deixar viver o impacto emocional dentro de si, sem o recalcar, a procurar compreender, sem se precipitar em considerações teóricas. Para isso, o observador deve servir-se, tanto dos seus sentidos para recolher o material da sua observação, como do seu psiquismo, da sua emocionalidade e das suas funções de atenção consciente e inconsciente.

O protótipo desta função da atenção inconsciente, assim chamada por Houzel, será a que tem a mãe com capacidade de rêverie e que lhe permite receber as mensagens que o bebé projecta nela, sob a forma de elementos β e que ela recebe, tanto consciente como inconscientemente, transformando-os em elementos possíveis de serem pensados pelo bebé. Houzel aproxima este tipo de atenção inconsciente das lembranças oníricas que Bion considerou como as que advêm à memória, de um modo não premeditado e que, na situação da OD podem ser consideradas fruto de um pensamento observante que se processa a um nível inconsciente. Será, também, por esta atenção inconsciente que o observador, na OD de bebés, se vai deixar penetrar pelas mensagens que não conhece através da função da sua capacidade negativa que lhe permite tolerar não compreender para poder suportar o não sentido até que o sentido emerja. Implícito ao que se acaba de dizer está a capacidade negativa, elemento indispensável para quem observa um bebé pois é ela que funda

a capacidade de paciência e que, estando intimamente ligada aos vínculos emocionais L, H e, principalmente ao vínculo K, vai permitir que a tensão emocional possa estar associada a essa tolerância ao não sentido e à espera do sentido, consubstanciada na qualidade do interesse.

Será, em síntese, esta função da atenção psíquica, consciente e inconsciente, que está na origem da atitude exigida ao observador na OD de bebés que é feita de escuta, de observação, de empatia e de receptividade a tudo o que o bebé lhe comunica pelos seus canais próprios da comunicação e que o observador deve receber sem selectividade nem escolha prévia.

4.6 Método Bick de Observação de Bebés

Esther Bick considerou que a finalidade da observação de bebés seria, para quem a praticasse e antes de tudo, para aprender a observar porque, como ela dizia, “saber observar servirá para toda a vida”.

Para Bick, observar, na observação de um bebé, deve estar sempre antes de se teorizar, o que significa ter a ilusão de que a pessoa se pode despojar do que sabe e do que é mas, também, estar consciente que se está presente com a totalidade do seu ser, para que o acto de observar tenha implícito a interiorização de uma atitude mental e uma metodologia que deixe o mais possível de espaço no interior de si próprio para poder receber uma realidade que está a chegar. Para que seja possível, ao observador, alcançar esta postura, Bick fundamenta-se no estado de vai e vem entre paciência e estado de segurança, preconizado por Bion que vai permitir que a pessoa possa aceitar, antes do movimento de integração que vai dar significação e coerência aos elementos dispersos e confusos, ficar algum tempo num lugar mental onde reina o não conhecimento.

No dizer dos seus colaboradores e continuadores que com ela trabalharam, aprendendo a seu método sobre observação de bebés, Esther Bick desenvolveu a sua técnica de observação para poder viver o milagre da força da vida e o seu interesse foi incrementado quando se apercebeu que a sua experiência de observar bebés não era muito difícil de transmitir e que ela era muito útil para ensinar o terapeuta a ter paciência, a saber esperar pelo desenvolvimento do seu paciente que se faz a pouco e

pouco, como se faz o desenvolvimento de um bebé. Por isso, considerava Bick, aprender este método é um modo do terapeuta aprender a lidar, convenientemente, com o silêncio, como um tempo de elaboração antes do tempo da integração para, assim, ir aumentando os seus espaços mentais e de silêncio, como prelúdio á revelação que abre uma passagem e como experiência emocional face ao que é difícil de dizer.

Em relação às experiências emocionais do observador inerentes à observação de um bebé, Bick salientou ser essencial que o observador tenha uma postura ética que exige que sejam postas, em primeiro plano, as emoções do observador de modo a que ele possa desenvolver a sua capacidade intuitiva de compreensão, já que as emoções que o observador sente são um instrumento privilegiada da compreensão do mundo psíquico do bebé.

Bick considerava que a observação de bebés, pelo seu método, seria um treino para a formação dos psicoterapeutas tendo como finalidade primeira desenvolver as capacidades de receptividade e de pensamento do observador, a partir da análise da sua experiência emocional, análise que vai, igualmente, ser um meio que facilita a distinção essencial a fazer, na observação de bebés, do que é a experiência emocional do bebé e do que são os estados de excitação e de bombardeamento de estímulos.

Em termos da técnica, a observação pelo método Bick desenrola-se durante os dois primeiros anos de desenvolvimento de um bebé, indo o observador visitar o bebé, na sua casa, semanalmente, durante uma hora, sempre no mesmo dia da semana e à mesma hora, e num horário em que a mãe e, se possível, o pai estejam presentes. O observador manterá uma postura amistosa mas abstendo-se de ter uma participação activa, ou seja, terá uma participação emocionalmente envolvida. A atitude do observador de abertura e interesse perante o desenvolvimento do bebé pode ajudar os pais, sobretudo a mãe, a encontrar progressivamente, o seu ritmo em sintonia com o do bebé, atitude que é reforçada pela presença amistosa, acolhedora e discreta do observador que, sem emitir conselhos ou juízos, mostra-se atento e à escuta da dinâmica profunda da relação entre o bebé e os pais.

O observador vai, assim, participar num processo natural que é a relação, desde o seu início, entre a mãe e o seu bebé, sob o predomínio do prazer e onde a tónica não

é posta nas angústias da posição esquizo-paranoide mas na relação da díada bebê/pais, ou seja, na conjunção da unidade originária em funcionamento. A sua participação é pautada por um modo de estar, na situação da observação, franco e sem artificios teóricos, num saber estar face ao bebê e aos seus pais que, porque aceitam, ao observador, lhe mostram do que necessitam.

Este saber estar advém da técnica de observação de Esther Bick que permite, ao observador, ter um grau elevado de identificação, de empatia e de capacidade de rêverie que são necessárias para entrar em contacto com os fenómenos primitivos do desenvolvimento já que elas permitem a criação de um continente (♀) sólido que pode ser um instrumento de investigação para uma aproximação ao que são as experiências emocionais do bebê e para as diferenciar dos estados de excitação ou de bombardeamento de estímulos. Para a formação deste continente, Bick enfatiza a ideia de que observar é estar lá, não apenas como presença geofísica e biológica mas estar lá na sua pele, e com a sua realidade psíquica. Aprender a estar ali é a primeira necessidade para o observador, a segunda necessidade é a de valorizar a importância do respeito pelo íntimo de cada um dos intervenientes.

Um dos pilares do método de observação Bick é, como já se referiu, a exigência de observar sempre antes de teorizar para que, considera Esther Bick, o observador possa estar presente com a totalidade do seu ser, mas interiorizando uma atitude mental que deixe o mais possível de espaço psíquico disponível para acolher uma realidade psíquica que está para vir, o que exige, como, também, já se mencionou, a capacidade de ficar, durante um certo tempo, num lugar mental onde reina a ignorância, fazer “tábua rasa”, nas palavras de Bick, de modo a que o observador possa estar tão livre quanto possível em relação aos seus pressupostos pessoais e teóricos de modo a poder observar os detalhes mais inesperados que possam aparecer, a poder retê-los e, em seguida, poder pensar neles. Estes três tempos, observar, reter e pensar sobre, correspondem aos três tempos do método de Bick que, depois da observação, se prossegue, logo a seguir ao momento da observação, pela redacção de tudo o que acabou de ser observado, com a preocupação de, apenas, relatar o que se observou, notas escritas que, no terceiro tempo serão analisadas, no seminário de supervisão. Estes três tempos reflectem, também, o trabalho que Ester Bick considerava essencial para trabalhar com o verbal e o pré-

verbal inerentes a observação de um bebé que está a um nível primitivo da comunicação, na medida em que o primeiro tempo da observação ensina a lidar com silêncio e o tempo do seminário preconiza a interpretação do material elaborado pela escrita. A atitude de “Tábua rasa”, permitindo manter um pensamento alerta, viajante, errante, que se pode continuar a desenvolver, vai corresponder ao modelo de Bion de pensamento em expansão, em crescimento.

Esther Bick deixou muito poucos trabalhos escritos publicados, sobre o seu método, interessando-se mais em ensinar, directamente, a sua experiência clínica e o seu método pelo que é sobretudo pelo relato dos seus seguidores que este modelo de observação directa pode ser melhor caracterizado. É consenso geral de todos os que o praticam que a observação de bebés, pelo método Bick, é muito útil para estudar a comunicação primitiva do bebé bem como para ajudar o observador a desenvolver a sua capacidade intuitiva de compreensão e de contra- transferência ao dar um lugar às emoções do observador como um instrumento privilegiado de compreensão do mundo psíquico do bebé.

Didier Houzel, considerando que a qualidade fundamental do observador, no método Bick, é a da receptividade psíquica, precisa que, no espírito de Bick, observar não é só observar algo do exterior a si mas, principalmente, deixar-se penetrar pelas mensagens latentes, emocionais e fantasmáticas que emergem tanto do bebé como das pessoas que, no seu meio familiar, interagem com ele o que significa que este observar é um estar-se receptivo às trocas que se produzem entre elas num diálogo em parte consciente mas, por uma grande parte, inconsciente. Houzel refere, ainda que Esther Bick a propósito da dificuldade de observar no sentido de recolher factos sem os interpretar, salientava que, desde o momento em que esse factos são traduzidos em linguagem, descobre-se que cada palavra está, sempre, envolvida por um “halo de afectos”. Joyceline Silkson (1992) especifica este “halo de afectos” considerando que quando se põe palavras em dados mudos da observação, a tarefa não é fácil porque, como disse Bick, quando o observador descreve os dados pela linguagem, ele apercebe-se, no segundo momento da redacção dos dados, e quando se preocupa em escolher a palavra adequada para descrever algo, que cada palavra está carregada de uma penumbra de implicações. Este “halo de afectos” traduzido no simbólico verbal pela penumbra de implicações que cada palavra pode ter ao seu

redor, prende-se com o que Houzel considerava ser o “observável e o inobservável” na observação do bebé, questão que o método Bick ajuda a minimizar na medida em que torna o observador permeável as mensagens implícitas (contratransferenciais) transmitidas pelo bebé, na sua interacção com o mundo envolvente e que são fundamentais o observador ter em conta para poder aceder ao sentido profundo do que está a observar. É a postura, implícita ao método, do observador ser, também, observador do seu próprio psiquismo que vai permitir que a observação seja uma observação intrapsíquica que, alcançando uma significação mais profunda, vá para além de uma observação perceptiva e isto é conseguido porque o observador vai reunir, na sua actividade consciente mas, igualmente, na sua actividade inconsciente, tanto o observável explícito como o observável implícito e reenviar, pela elaboração das notas, este observável, com esta dupla valência, que será interpretado, elaborado no terceiro tempo do seminário de supervisão.

Deste modo, conclui Houzel, o método Bick é um modelo experimental que se constitui como um cenário implícito que organiza um meio que permite, ao bebé, uma relação de objecto.

Manuel Pérez-Sánchez considera, por seu lado, o olhar da observação, no método Bick como o acordar do interesse pelo mundo interior pois ao descobrir o olhar emocional, o olhar que toca, que valoriza, que acorda a consciência, Esther Bick põe a emoção como consciência, como organizador da vida, tanto para o objecto da observação como para o observador o que vai permitir que a observação de elementos da realidade externa possibilite uma aproximação ao facto inconsciente. Manuel Pérez-Sánchez que teorizou o conceito de unidade originária a partir da sua experiência de observação de bebés, feita pelo método Bick, considera, que, se para Bion a origem do pensamento é a rêverie materna, com a técnica de observação de Bick, a rêverie materna não existe sem a rêverie paterna.

Esta rêverie paterna pode, por vezes, durante a observação do bebé com a sua mãe, ser atribuída ao observador, o que é possível devido à sua postura de escuta da dinâmica profunda da relação entre a mãe e o bebé. Utilizando os modelos de Bion, pode-se considerar que o observador, com a sua função continente/conteúdo ♀♂ e a dinâmica Ps \longleftrightarrow D permitindo-lhe estar numa postura interior de dúvida tolerada, vai poder funcionar de função α de apoio à mãe, aquando dos seus momentos de

turbulência emocional, ajudando-a a receber as suas projecções de ansiedade e de angústia e a restabelecer a sua experiência emocional sob o primado do vínculo K. Esta ajuda é feita pela postura do observador que, pela sua observação interessada mas não activa nem julgadora, é um convite para a mãe poder, de novo, observar o seu bebé e pensar sobre ele. Este papel que o observador pode ter de ajudar a mãe a harmonizar, de novo, as suas emoções com os dados da realidade, permitindo-lhe que possa melhor vivenciar a experiência emocional com o seu bebé porque pode pensá-la, pode reconhecer e pensar o seu estado mental e o do bebé e, desse modo, ir melhor discriminando o que se passa com ela e com o bebé, com o olhar da mente, como diz Hilda Botero, fundamenta o carácter terapêutico dado às OD de bebés por muitos terapeutas infantis.

É neste sentido e expandindo a ideia de Bick de que a observação de um bebé, pelo seu método pode ser comparado à observação dos sonhos a partir de um testemunho de vida porque, como vários autores reafirmam, a experiência da observação mostra que a mãe dá uma forma à comunicação primitiva do seu bebé, sobretudo através da rêverie que transforma em imagens as sensações corporais e as emoções do seu bebé, alimentando-a com os seus sonhos.

Amaral Dias considera que Esther Bick, ao introduzir a observação directa de bebés como procedimento essencial na formação dos futuros psicanalistas, deu um passo significativo na abordagem do inconsciente e dos fenómenos relacionais tendo em conta o lugar onde o inconsciente se exprime, na medida em que este tipo de observação não se faz no plano da descrição comportamental mas, antes, no dos efeitos interaccionais aonde se instaura o afecto, o pensamento e o inconsciente porque, usa, como instrumento de observação, a mente do observador que está implicada, pela leitura que o observador faz do que observa, nas associações que essa leitura suscita e que, dela, emergem.

Finalmente, o método Bick permite que o observador que está num contexto em que, como diz Michel HAAG que trabalhou directamente com Esther Bick, a própria acção de observar pensa a observação, possa descrever, sem explicar, o que permite que a narrativa da descrição esteja alicerçada no pensamento onde o emocional não é ofuscado por mecanismos defensivos racionalizantes próprios da explicação mas inibitórios para a compreensão.

É, também Michael HAAG que recordando os seus últimos contactos pessoais com Esther Bick referia, no último congresso Esther Bick, em Lisboa, que, já muito perto da sua morte, Esther Bick lhe dissera que, finalmente o mais importante de tudo na vida era a bondade e o afecto, o que, depois de tudo o que foi explicitado, neste trabalho, sobre o seu método de observação de bebés e sobre a sua postura perante o Outro, serve bem de epígrafe para o seu contributo na compreensão do psiquismo do bebé.

4.7 Controvérsia sobre o Método Bick

André GREEN é um dos psicanalista que põe mais reservas à validade das observações directas de bebés enquadradas no constructo psicanalítico, na medida em que, baseando-se a psicanálise na dedução do funcionamento intrapsíquico, este falta na observação directa da abordagem naturalista, pois, diz Greeno que é importante para a Psicanálise não é o que se vive num certo momento, mas como foi interiorizada e interpretada a situação, no “a posteriori” porque o bebé, na psicanálise, não é, nota Green, o bebé real, pelo que, conclui, a O.D. não pode ser validade pela teoria psicanalítica.

Para além desta crítica que se funda na ideia de que o modelo clássico da psicanálise retrospectivo-reconstrutivo dá pouco realce aos fenómenos psíquicos in *status nascendi*, Green chama também a atenção para o carácter invasivo que podem ter certas observações, bem como para a possível arrogância de se intitularem de “pesquisas científicas”, não atendendo à complexidade do objecto nem admitindo a incerteza dos conhecimentos nesta área que são o nascimento e os primeiros desenvolvimentos da vida psíquica. Neste sentido, Green considera, ainda, que a observação de bebés pode, ainda, dar argumentos a favor de certas facções teóricas que vão alimentar polémicas que não fazem avançar os conhecimentos nesta matéria. Acrescenta também que, estando o objecto da observação posto nos comportamentos e numa interacção de comportamentos entre parceiros de uma situação, pode haver um deslizamento do referendo da representação para o referendo do comportamento.

Para melhor fundamentar as suas críticas, Green estabelece uma diferenciação entre a observação experimental e a observação psicanalítica, caracterizando a observação experimental como tendo o objectivo de evidenciar um determinado fenómeno que foi previsto por uma hipótese teórica que serve de suporte e de referencial à experimentação de forma a poder afirmar-se a ligação de causa-efeito entre o fenómeno observado e as condições que reinam no interior do quadro experimental, o que implica que se defina o quadro pelo que contem e pelo que não contem o que leva a negligenciar muitas dessas condições por se considerar que não interferem com os fenómenos que se querem estudar, como acontece, refere Green, com os estados psíquicos internos da pessoa observada e do observador. No mesmo sentido, Green critica, na observação experimental, o facto da intencionalidade ser prévia ao quadro que está inscrito na teoria que prevê os fenómenos que se pretendem observar.

Quanto à observação psicanalítica, Green considera que, se, também, ela se define a partir do quadro teórico, não são, contudo, as condições interiores que são controladas mas a sua periferia, já que são os próprios limites do quadro que são o objecto da atenção e do rigor do observador, ou seja, os limites espaço-temporais que permitem definir o espaço concreto da observação e que, contrariamente à observação experimental, são, agora, os limites psíquicos que constituem o quadro psicanalítico e que dependem das capacidades de receptibilidade do observador, capacidades que abrangem, não só o que ele recebe pelos sentidos mas, também, o que ele compreende pela sua emocionalidade, pela sua actividade imaginária e pela sua capacidade para pensar. Neste quadro, que é o próprio da observação psicanalítica, não se sabe, assim, previamente, o que se vai observar, havendo, contudo, fenómenos previstos pela teoria subjacente, o que significa que, neste quadro psicanalítico da observação, não há uma intencionalidade semelhante à da observação experimental que permita o estudo da intencionalidade consciente e inconsciente da pessoa observada, pois, o que é específico, próprio da Psicanálise, é a exploração da intencionalidade inconsciente da pessoa observada tal como essa intencionalidade se inscreve na relação do observado ao observador.

Duma forma sintética, e passando em revista as críticas à OD feita por outros psicanalistas, Joyceline SIKSON (1990) referênciava essas críticas e essas reservas ao

consenso, entre muitos, de que o bebé da psicanálise não é o bebé real e, retomando a diferenciação feita por Winnicott, entre profundo e primitivo, denuncia a visão que ela considera ultrapassada, “arcaica”, nas suas palavras, de considerar que as bases primitivas do psiquismo constituiriam o profundo do psiquismo e poderiam ser observadas a olho nu, pela observação de bebés, o que leva a salientar a necessidade de distinguir o bebé da psicologia, que pode ser observado directamente, do bebé da psicanálise que não é susceptível à observação directa. Outro consenso nas críticas à observação directa é posto também, no argumento dela ser um método naturalista que a aproxima das ciências naturais, onde se procuram fundamentos biológicos e onde, argumento crucial, a pulsão é qualificada de instinto.

Houzel vai, por seu lado, contrapor, por seu lado, à incompatibilidade vista por André GREEN, entre a observação directa e a observação psicanalítica, fundamentando-se no conselho dado por Esther Bick de observar o bebé com o mínimo de a priori teórico possível, considerando que essa incompatibilidade é ultrapassada se a observação estiver inserida numa “teoria de enquadramento”, remetida à metapsicologia que fará de função teórica, se for feita pelo método Bick. Houzel acentua esta teoria do enquadramento em três postulados que fundam o método da observação de bebés de Esther Bick:

- existe um processo de pensamentos inconscientes;
- o pensamento está organizado em instâncias que se podem pôr em analogia com os três tempos deste métodos, tempo de observação, tempo de elaboração das notas escritas, tempo da supervisão, tempos que, igualmente têm similitude com a repartição feita por Bion na tabela por ele construída, função de atenção; função de anotação, função de investigação;
- o psiquismo está animado por uma dinâmica que se exprime nos fenómenos de transferência e de contra-transferência.

Fundamentar a observação de bebés nestes três postulados, é, para Houzel, considerar que a teoria psicanalítica sustenta e orienta a observação para o território do intrapsíquico e do intersíquico, ou seja, para o território do intersubjectivo, e é, igualmente, considerar que a observação será, sobretudo, uma atenção com

características que, também, respeitem os três postulados acima referidos e que Golse (1999) denominou de atenção psíquica.

Esta controvérsia sobre a viabilidade da O.D. no enquadramento teórico das pulsões e do a posteriori enquadra-se na mesma linha da controvérsia existente entre Serge LEBOVICI e Bertrand CRAMER sobre a viabilidade, já no território terapêutico, de se poder considerar que o bebé tem já mecanismos intrapsíquicos que lhe permitem fazer uma transferência no terapeuta que possa ser analisada pelo constructo psicanalítico

Enquanto Cramer e Palácio-Espasa (1994), em relação à psicoterapia conjunta bebé/mãe questionam o alcance simbólico dos comportamentos do bebé e o valor semântico do gesto como via para alcançar o inconsciente do bebé, pondo em dúvida que se possa criar ou recriar, a partir de um comportamento do bebé, visto na observação directa, um fantasma inconsciente, como é próprio ao procedimento numa psicanálise que parte do conteúdo manifesto. Por seu lado, já Lebovici defende a possibilidade de terapeuta psicanalista ter uma noção directa sobre o bebé e não apenas sobre a mãe, como é a opinião de Cramer e Palácio-Espasa, contrapondo que o psicoterapeuta, ao exercer com empatia e uma atenção flutuante a apreensão dos momentos interactivos e relacionando as relações entre o passado conflitual dos pais com a sua atitude na interacção, pode, na sua interacção com o bebé, intervir em actividades proto-fantasmáticas do bebé.

Os estudos de observação longitudinal feitos, em creches, por Monique PINOL-DURIEZ vieram reforçar a posição de Lebovici e, por extensão reafirmar a validade da OD pelo método Bick, ao mostrarem que o bebé sabe utilizar a presença de uma observadora neutra mas afável e acolhedora que olha para ele mas sem intervir, de um modo que se pode, pela sua envolvência, aproximar de um continente. O bebé, segundo Pinol-Duriez, olha para a observadora como se ela lhe estivesse a satisfazer a sua necessidade de ser contido, de ficar conectado a alguém que o pensa, o que leva Pinol-Duriez a concluir que o bebé manifesta que tem toda uma gama de modos de utilizar a actividade do pensamento que um adulto põe à sua disposição, quando está também em relação com ele. Os breves olhares que o bebé lança à observadora organizam toda uma sequência segundo a dupla função da actividade do pensamento de assimilação mental versus distanciação, procurando o bebé, no olhar da

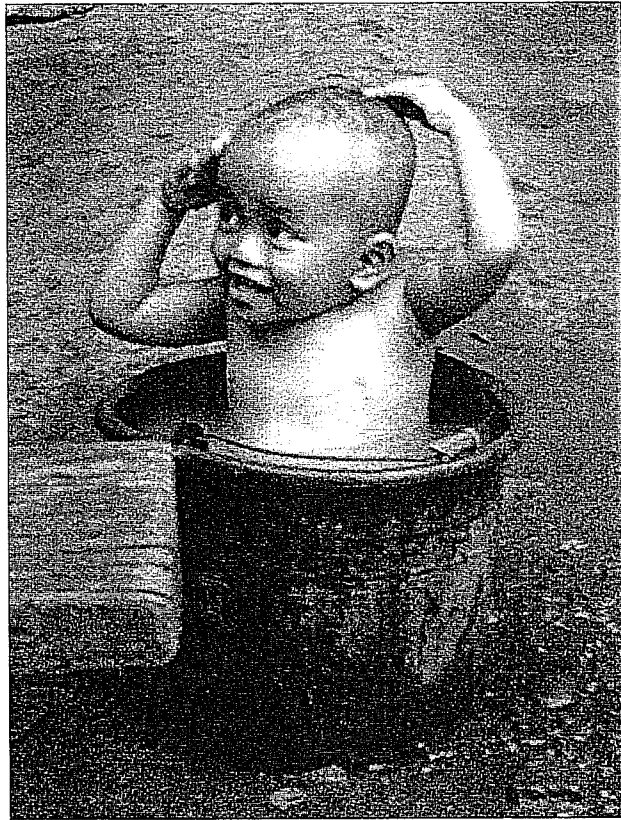
observadora, um reconhecimento de si próprio mas, também revelando a sua capacidade de ter, ele próprio, um olhar sobre ele mesmo,

4.8 Os Contributos do Método Bick

O.D. de bebés pelo método Bick veio trazer novos conhecimentos sobre a vida psíquica *status nascendi* do bebé, reafirmando a importância de a estudar no contexto da interacção do bebé com os pais.

Perante a questão fundamental da viabilidade da O.D. do bebé nesses estudos que se insere, por sua vez, numa questão de fundo de saber se a imagem motora que o observador recolhe do comportamento do bebé é o testemunho periférico do acto de pensar do bebé, o que implica considerar que a observação faz-se só a nível da superfície porque os processos do pensamento, que lhe estão subjacentes, não são acessíveis pela observação, ou se ela já é pensamento, se é, em si mesma, pensamento dando viabilidade a observação directa quanto á ela permitir aceder á dinâmica dos processos psíquicos do bebé. Anzien (1994) fundamenta a viabilidade da O.D. defendendo esta segunda hipótese considerando que o corpo não é, só, a origem de todas as percepções mas, também, o lugar onde nasce toda a reflexibilidade: “Tocar-se, ver-se, sentir-se, lambe-se, escutar-se, são condições prévias indispensáveis para que a bebé possa vir a pensar-se como ser pensante o que tem implícito a noção de que os actos reflexivos por excelência tem um papel fundador no psiquismo. Outra questão suscitada pela O.D. prende-se com a dicotomia entre a metapsicologia da presença e a metapsicologia da ausência nomeadamente se a O.D. tem um quadro de referencia que autoriza, apenas, um trabalho na presença do real do bebé e do adulto ou se esse trabalho pode, também, ser feito tendo em conta o nível da ausência. Os estudos que utilizam a O.D. consideram esta segunda hipótese na medida em que inscrevem os processos psíquicos, desde o seu inicio, na capacidade de realização negativa o que tem implícito considerar os aspectos defensivos contra a ausência e a perda dos processos precoces de representação e de simbolização do bebé, com a sua tradução nos comportamentos observáveis no bebé.

Ivan Symington considera que a observação do bebé, pelo método Bick, permite perceber os movimentos de vai e vem entre, por um lado, o elo afectivo, a sua integração e crescimento no aparelho psíquico do bebé e, por outro, a angústia primitiva quando a decepção e os sentimentos persecutórios, em relação ao adulto cuidador, não são contidos, angústia que está associada a mecanismos de defesa desenvolvidos pelo bebé para o proteger desse sentimento doloroso e que se traduzem por movimento de se agarrar a si próprio como meio de se desembaraçar do mau, de se retirar da relação de clivagem entre a mãe boa e a mãe má, de iniciar o mecanismo da alucinação do objecto de relação. Finalmente e como foi referido, a O.D. pelo método Bick, permitiu a Genevière HAAG desenvolver o conceito de identificações intra-corporais fundada na diferenciação funcional precoce dos dois hemicorpos que se alicerça nas observações de bebé que a testemunham a dupla inscrição corporal e interactiva dos processos de simbolização precoces e permitem estudar os significantes primordiais. A observação deste continuum corpo/ espírito permitiu-lhe, igualmente estudar as etapas do Eu corporal onde se vão inscrever quer a construção do espaço psíquico quer as capacidades de instrumentação cognitiva.



COMENTÁRIO FINAL : NO FIM DE UM PERCURSO

“ Cansamo-nos de tudo, menos de compreender”

Virgílio

Sem descobertas nem invenções, foi um percurso de compreensão, de alicerçar, de um modo mais sólido, os fundamentos epistemológicos do meu saber e do meu saber fazer, como pedopsiquiatra, há mais de quinze anos.

Foi, também e estando inserida num grupo de observação de bebés pelo método Esther Bick e a observar um bebé, por este método, desde há cerca de seis meses e à medida que ia descobrindo os trabalhos de autores que utilizam este método na observação experimental de bebés, de poder fortalecer a minha convicção de que é um método, atrever-me-ia a dizer, exemplar, no contexto dos dias de hoje, para poder fazer a observação directa de um ser na aurora da sua vida psíquica, com tudo o que esta observação exige de postura científica e ética.

Chego ao fim deste percurso com a convicção de que os referenciais e os pressupostos que expus na introdução deste trabalho são um meio correcto de alicerçar a minha prática clínica quotidiana com o rigor e a honestidade que me imponho a mim própria.

Tendo sido acompanhada, ao longo deste percurso, por tantos autores que cuidam do termo de prestígio nas suas posturas, tanto a nível do saber como do saber fazer, porque já estão no território do saber ser, o percurso foi fascinante e de uma grande riqueza em experiências emocionais que, interpelando-me para um verdadeiro trabalho de introspecção, me foram ajudando a aliar entusiasmo epistemológico com apaziguamento interior, indicando-me o caminho para uma postura que visa, sempre, a expansão do pensamento, sabendo que é uma caminhada que se faz para um território que, dele, nada podemos dizer, só sentir....como eventualmente é o sentir deste bebé do limbo.

Lisboa, Julho de 2000

ANEXOS

Estes três textos, incluídos em anexo, referem-se a temáticas que, não estando dentro do contexto directo do presente trabalho são, os dois primeiros referentes a trabalhos de Freud e de Balint, os alicerces onde se fundamentam muitas das posições pós-kleinianas que são desenvolvida neste trabalho. O terceiro, sobre a vida emocional in útero, pretende, apenas, deixar um apontamento sobre os trabalhos que estão a ser feitos nesta área, não pretendendo mais do que isso, já que este tema, por si só, merecia, só para ele, um trabalho de mestrado.

ANEXO I

“Inibição, Sintomas e Angústia” na forja dos modelos de Bion

Esta é uma das obras de Freud que mais contribui para os modelos construídos por Bion sobre a origem dos pensamentos e do aparelho para os pensar.

Nela, Freud revê, em 1926, algumas das suas concepções metapsicológicas. Considera, nesta obra, que a origem da função pensante está na frustração que é uma realização das necessidades básicas do bebé. Bion expande esta ideia e vai considerar que o pensamento nasce da união de uma pré-concepção com a frustração que é uma realização negativa, englobando, na realização, não só a acção de efectuar mas, também, o ter uma mente capaz de intuições efectivas.

Neste livro e ao contrário do que tinha formulado anteriormente, Freud considera que é a angústia que faz o recalçamento, realçando a importância da realidade exterior que contribui, de modo fundamental, para essa angústia. Ao relevar a realidade exterior, Freud vai, conseqüentemente, realçar os órgãos dos sentidos dirigidos para essa realidade bem como a consciência ligada a eles, consciência que Freud define como o órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas e que considera que existe desde o início de vida, obviamente, nesta altura, sob uma forma rudimentar. Bion vai seguir esta concepção de consciência, aprofundando o papel das impressões sensoriais e neurofisiológicas, dando relevância, para além das qualidades do prazer e do desprazer, às qualidades do bebé para captar as qualidades sensoriais: as impressões sensoriais que estão ligadas às experiências emocionais

Freud, considera, também nesta sua obra, que a angústia é sempre uma angústia perante um perigo exterior ameaçador, ou seja, vê-a como uma angústia do real e, mesmo o próprio perigo interno da pulsão só provocará angústia quando recorda uma situação de perigo exterior. Estando a origem da angústia na realidade exterior, a causa da angústia originária estará, conseqüentemente, também no exterior, colocando-a Freud no nascimento, mais propriamente, no estado de desamparo inicial sentido pelo recém nascido perante os primeiros perigos que sente como ameaças à vida. Freud verá esta primeira angústia inicial como o protótipo de

qualquer estado de angústia ulterior porque ela “deixaria em nós a marca de manifestação de afecto a que se chama angústia”. Assim, o estado de desamparo inicial passaria a representar o prototipo da experiência traumática realizada, no bebé pela ausência ou o desaparecimento da mãe.

Reforçando a sua ideia, Freud lembra que a angústia se manifesta somaticamente através da sensação de asfixia e de alteração do ritmo cardíaco que são, pela primeira vez, sentidas durante o acto de nascer.

Contudo, se Freud vê o nascimento como a primeira experiência vivida de angústia, já recusa a ideia de que o recém-nascido possa viver subjectivamente a saída do ventre materno, considerando, tão somente, que seja possível que haja inscrições de sensações tácteis e cinestésicas, sentidas durante o parto: “O perigo do nascimento ainda não tem nenhuma característica psíquica”, escreve Freud.

Por seu lado, Bion vai expandir esta ideia e, certamente, apoiado nos novos conhecimentos sobre o funcionamento cerebral do recém-nascido e do feto vai considerar, quando se interessa pelo psiquismo fetal que essas sensações já são acompanhadas de emoções.

Voltando a Freud, nesta sua obra, considera ainda que o estado de desamparo inicial é devido ao estado inacabado com que o bebé humano vem ao mundo e que o torna incapaz de se ajudar a si próprio (Freud utiliza para “desampara” o termo HILFLOSIGKEIT que, na sua formação etimológica tem a palavra HILFE que significa ajuda, amparo) e, implicitamente, salienta a necessidade absoluta e vital que o bebé tem da sua mãe – objecto protector – que vai satisfazer, proteger e conter as necessidades e os impulsos do seu bebé, bem como ajudá-lo a tolerar a acumulação de estímulos endógenos. A prematuridade biológica do recém-nascido é, assim, o factor que instaura as primeiras situações de perigo e que cria a necessidade de se ser amado que nunca mais abandonará o sujeito, o que significa, diz Freud, que “um símbolo de afecto é uma necessidade biológica para a situação de perigo”.

Desenvolvendo a sua formação sobre a origem da função pensante, Freud considera que, perante os sentimentos de perigo e de impotência e à medida que o recém-nascido vai vivendo a experiência de que um objecto externo (mãe), susceptível de ser captado pela percepção, pode pôr fim à situação de perigo, este perigo vai

deslocar-se da situação económica para a sua condição, a perda do objecto. A ausência sentida da mãe torna-se, então, o perigo para o recém-nascido que, quando sente essa ausência dá o sinal de angústia antes mesmo que a situação temida de necessidade ou de insatisfação tenha acontecido, o que significa que a angústia, se tornou num sinal intencional dada pelo Eu (Eu que sente a angústia e a produz) com a finalidade de influenciar a instância prazer/desprazer e, já, independente da sujeição ao processo que, de forma automática, gerava a angústia (angústia automática).

Se a angústia é agora o produto do desamparo psíquico do bebé que é, implicitamente, a vertente do seu desamparo biológico, a mãe, que, durante a gravidez apaziguava com a competência do seu ventre todas as necessidades do feto, vai, após o nascimento do bebé, prosseguir, em parte, essa mesma função com outros meios, o que leva Freud a dizer que: “A vida intra-uterina e a primeira infância são bem mais um continuum do que a impressionante cesura do acto do nascimento nos levaria a pensar. O objecto maternal psíquico substitui, para o bebé, a situação fetal biológica. Não se deve, contudo, esquecer que na vida intra-uterina a mãe não era um objecto e que nessa altura não havia objectos”.

Vão ser, então, as angústias consequentes à perda do objecto protector ou à perda do amor do objecto, as formas primitivas da angústia como explicita Freud: “Os estados do afecto são incorporados na vida da alma enquanto precipitados de muito antigas experiências vividas traumáticamente e são evocadas em situações similares como símbolos mnésicos (...) No homem, o acto do nascimento enquanto primeira experiência vivida da angústia, parece ter conferido à expressão do afecto da angústia traços característicos”.

Bion irá expandir esta ideia através das suas formulações sobre as experiências emocionais arcaicas e sobre o pensamento primordial do feto. Bion continua, também, o pensamento de Freud quando este considera que a concomitância entre a instalação do princípio da realidade e o desenvolvimento da capacidade para pensar emerge do jogo entre o momento da frustração por a necessidade não ser satisfeita e o momento em que uma acção apropriada satisfaz essa necessidade mas, enquanto Freud dá relevo, a esta acção positiva, já Bion põe a tónica na dor mental devida à frustração perante a situação de carência e de desamparo, inaugurando o vértice do

negativo na compreensão da origem do pensamento e do aparelho para pensar os pensamentos. Bion continua, igualmente o pensamento de Freud quando este considera que a função de descarga motora, ao ser preenchida pelo processo do pensar, é o início da capacidade de representar, e que, perante a angústia da ausência ou do desaparecimento da mãe, o bebé vai elaborar um conjunto de estratégias defensivas que têm a finalidade de livrar o bebé da sua passividade e dependência total e de o ajudar a procurar um maior domínio e uma dependência menos absoluta, no caminho para a simbolização.

ANEXO II

Balint “ O objecto primário do amor “.

Em 1937, Michel BALINT no seu artigo “O objecto primário do amor”, inferindo a partir da sua experiência clínica com doentes mentais e centrando-se nas reacções à frustração dos doentes psicóticos, inferência que é necessária, considera Balint, dado a impossibilidade de se observarem directamente os estados mais precoces da mente, distancia-se de Freud considerando que a início da actividade mental do bebé não parte de um estado narcísico primário mas das relações com os objectos que o bebé faz em direcção aos objectos e que tem, logo no início da sua vida extra-uterina, como testemunhava a orientação que o bebé faz em direcção aos objectos, revelada pelas observações feitas por A.BALINT e I.HERMANN.

Nesta primeira fase da relação objectal, o bebé terá, já uma relação emocional com o objecto que Balint denomina de “amor objectal primitivo” dado as características peculiares desta relação de amor existente no auto-erotismo ou no narcisismo ou, ainda, na relação amorosa da adultícia.

Esta primeira fase de amor primário ao objecto, Balint considera-a imprescindível para o desenvolvimento mental futuro na medida em que as posteriores relações objectais se vão referenciar a esta fase. Não estando associada a nenhuma zona erógena, a sua base biológica, Balint coloca-a na interdependência instintiva existente entre a mãe e o bebé, no contexto da relação dual inicial, na qual os dois estão na dependência um do outro e se ajustam um ao outro, cada um satisfazendo-se a si próprio com o outro e sem, salienta Balint, a obrigação de ter de pagar, em troca, algo ao outro: o que é bom para um está automaticamente correcto para o outro, ou seja, nenhum dos elementos do díada reconhece alguma diferença entre os seus próprios interesses e os interesses do outro, assumindo que o outro deseja o mesmo que ele próprio porque os une um amor objectal primário.

ANEXO III

A vida psíquica do feto

Bion inaugurou o interesse pelo estudo da vida psíquica do feto ao salientar a dimensão arcaica do funcionamento perceptivo-sensorial do feto e ao considerar que ela continuaria, após o nascimento a o longo de toda a vida, constituindo os alicerces da actividade tradutora da vida psíquica ulterior, nomeadamente da fantasmática primária e da intelectualização secundária.

Muitos estudos têm-se interessado, nos últimos anos, por esta problemática, reunindo psiquiatras e psicanalistas mas, igualmente neobiologistas e neurofisiologistas. No âmbito da psiquiatria da primeira infância, a vida psíquica fetal tem sido concebida, e no seguimento dos modelos de Bion, como o resultado de uma dialéctica construtiva e dinâmica entre continente e conteúdo.

Golse (1999), considera que as partes não nascidas do feto serão as que, ainda, não foram contidas por nenhum psiquismo, já que, in útero e por não haver interrelações directas e visuais entre a mãe e o feto, o psiquismo materno só pode conter e imaginar o bebé imaginário do futuro, que está para nascer e não o feto, “de hoje” que está dentro do seu ventre.

A vida psíquica do feto, para além do enigma e mistério que suscita, confronta-se, igualmente, com um profundo movimento de depressão primária que se originaria na vida fetal e seria actualizada nas problemáticas autistas ou das psicoses infantis precoces, o que faz pensar que a vida psíquica fetal reenvia para um vivido de turbulências caóticas, sensitivas e sensoriais que estarão à procura de um continente.

Eduardo SÁ (1997) considera a existência de uma vinculação pré-natal que traduziria a precocidade das competências para o apego (vinculação) do bebé. A validação desta, já na vida mental do feto, será dada pela validade neurobiológica, que mostra já os recursos psíquicos sub-corticais do feto, recursos filogenéticos condensados no genoma e que se traduzem por sinapses supranumerárias e

redundantes que vão ser o substrato de pré- competências para competências mentais e relacionais cuja estabilização selectiva é estruturada pelas solicitações do ambiente, ainda num tempo intra-uterino.

Eduardo SÁ salienta que a perspectiva de Bion sobre as pré- concepções tem uma validade neurobiológica na medida em que as emoções, as sensações e as percepções têm uma realidade biológica cerebral, reafirmando a existência da sensibilidade fetal, da sensorealidade fetal, da memória fetal e da aprendizagem fetal alicerçadas nas competências sensoriais precocíssimos do feto. Os estudos de Bourguignon sobre o desenvolvimento neurobiológico fetal levam-no a concluir que os bebés já nascem a pensar com imagens.

Rosana Negri estuda, igualmente, a vida sensorial do feto, verificando que os sistemas sensoriais do feto começam a funcionar antes que a estrutura esteja completamente desenvolvida e de um modo que a leve a pôr a hipótese de que o desenvolvimento das estruturas é influenciada pelas suas funções, mesmo antes de terem atingido a maturidade completa. A partir de estudo de fetos gémeos e de recém- nascidos muito prematuros, Sandri considera, igualmente que os processos de introjecção e projecção podem estar presentes desde fases muito precoces da vida fetal.

Meltzer propõe, no mesmo sentido e no âmbito das conjecturas imaginativas, a existência, nos últimos meses da vida intra-uterina, de um processo rudimentar de simbolismo.

Alessandra Piontelli(1996) estuda os fetos, a partir do registo das ecografias, observando-os, após o nascimento, segundo o método Bick concluindo que é possível encontrar sinais no comportamento e no funcionamento psíquico do recém-nascido que estão na continuidade de um funcionamento, idêntico, na vida fetal. Tendências no comportamento, observadas nas ecografias são possíveis de encontrar nos bebés o que não implica deixar de considerar o nascimento como uma cesura, um acontecimento de extrema importância para o bebé. Igualmente e baseando-se na sua experiência de psicanalista com crianças muito pequenas, Piontelli afirma que as crianças poderão ter, durante os primeiros anos, uma memória da sua vida intra-uterina e do momento do nascimento, parecendo repetir algumas dessas experiências

que foram memorizadas nos comportamentos que revelam ao longo dos primeiros anos do seu desenvolvimento psíquico.

A sua experiência clínica e as observações levam-na a concluir que a vida emocional começa, ainda, na vida fetal e que essas experiências emocionais vividas in útero ficarão como reminiscências, pelo menos durante a infância e, muito provavelmente mantendo-se ao longo de toda a vida, como já Bion referira.

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS¹

1. Mulher sudanesa, refugiada no campo de Benako, na Tanzânia, 1994.
2. Mulher ruandesa refugiada no Zaire, 1997.
3. Mulher filipina vivendo numa barraca de madeira, junto a um canal, em Manila, 1999.
4. Mulher moçambicana que vai embarcar numa barca para a Tanzânia, 1994.
5. Mulher afegã, em Cabul, 1996.
6. Família indiana a viver numa Favela, em Bombaim, 1995.
7. Mulher Kosovar, refugiada na Itália, 1998.
8. Mulher ruandesa acabada de chegar a um campo de refugiados, no Zaire, 1997.
9. Mulher Chiapa, refugiada no Paraná, 1996.
10. Mulher russa acabada de chegar a Nova York, 1994.
11. Mulher jugoslava, refugiada num campo de refugiados, na Croácia, 1994.
12. Menino tomando banho em Jacarta, 1996.

¹ As fotografias são retiradas do livro de Sebastião SALGADO, “Êxodos”, Ed. Caminho.2000

BIBLIOGRAFIA

- Abello N. et Perez- Sanches M., A propos du narcissisme, homosexualité et (Edipe, *Revue française de psychalyse*, 1981, XLV, 4.
- Ainsmorth M. D.S., Attachment: retrospect and prospect, in *The place of Attachment in Human Behavior*, New York, Parkes C.M. et Stevenson-Hinde J.(eds), Basics Books, 1982, 1992.
- Anzieu D., Le moi-peau, Paris, Dunod, L^{re} éd.1985.
- Anzieu D., Cadre psychanalytique et enveloppes psychiques, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1986, 2(«Le Cadre»).
- Anzieu D., Les significants formels et le Moi-peau, in *Les enveloppes psychiques* (ouvr. Coll.), Paris, Dunod, coll.«Inconscient et culture», 1987.
- Anzieu D.(sous la dir. de), L'attachemnt au négatif, in *L'épiderme nomade et la peau psychique*, Paris, Éditions Apsygée, 1990.
- Anzieu D., *Le penser (Du Moi-peau au Moi-pensant)*, Paris, Dunod, 1994.
- Anzieu D. *Créer. Détruire*, Dunod, Paris, 1996
- Athanassiou C., L'observation psychanalytique des bébés en famille, *Devenir*, 1992,4,1.
- Athanassiou C., Contribution de W.R.Bion à l'observation des bébés en famille, *Devenir*, 1992,4,2.
- Aulagnier P., Naissance d'un corps, origine d'une histoire, in *Corps et histoire*, Paris, Les Belles Lettres, coll.«Confluents psychanalytiques», 1986e.
- Austin J.-L., *Quand dire c'est faire*, Paris, Les Séuil, coll.«L'Ordre philosophique», 1970.
- Baranes J.-J., Vers une métapsychologie transgénérationelle?, *Adolescence*, 1984, V,1.
- Bick E., Notes on infant observation in psychoanalytic training, *Internatinal Journal of psychoanalysis*, 1964,45; trad. fr. Par D.Alcorn: Remarques sur l'observation des bébés dans la formation des analytes, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1992,12; trad. Fr. Annotée par M.Haag dans le n° 12 du *Journal de psychanalyse de l'enfant*.

- Bick E., The experience of the skin in early object-relations, *International Journal of psychoanalysis*, 1986, 49; trad. Fr. In *Explorations dans le monde de l'autisme* (D.Meltzer et al.), Paris, Playot, 1980.
- Bion W. R., *Aux sources de l'expérience* (1962), Paris, PUF, coll. «Bibliothèque de psychanalyse», 1^{re} éd. 1979.
- Bion W. R., *Éléments de psychanalyse* (1963), Paris, PUF, coll. «Bibliothèque de psychanalyse», 1^{re} éd. 1979.
- Bion W. R., *Transformations- Passage de l'apprentissage à la croissance* (1965), Paris, PUF, coll. «Bibliothèque de psychanalyse», 1^{re} éd. 1982.
- Bion W. R. (sous la dir. de), *Attaques contre la liaison* (1959), 105-123, in *Réflexion faite*, Paris, PUF, coll. «Bibliothèque de psychanalyse», 1^{re} éd. 1983.
- Bion W. R., A propos d'une citation de Freud (1976), *Revue française de psychanalyse*, 1989, LIII, 5(Bion). Les premiers liens.
- Bion W.R., *L'attention et l'interprétation* (1970), Sciences de l'homme, Payot, 1976
- Bion W.R., *A Memoir of tue future*,(1975;1977;1979;1981)Karnac Books, London,U.K,1991.
- Bion W. R., *Conversando com Bion*,(1978) Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- Bléandonu G. *Bion- A vida e a obra*, Imago, Rio de Janeiro, 1993.
- Boismare S.,*Pédagogue avecdes enfants quit ont peur d'apprendre et de penser*, in *Penser, apprendre. La cognition chez l'enfante.Les truobles de l'apprentissage. La prise en charge* (ouvr. Coll. Sous la dir. de P.Mazer et S.Lebovici) , gèneve, médecine et hygiène, 1988.
- Bollas C., *Lesforces de la destineé (la psychanalyse et l'idiome humain)*, Paris, Calmann-Lévy, 1996.
- Bowlby J., *Attachement et perte*, Paris, PUF, coll.« Le Fill rouge», 3 vol., 1^{re} éd. 1978 et 1984.
- Brazelton T.B., *Le bébé :partenaire dans l'interaction*, trad. Fr. In *La dynamique du nourrisson*, Paris, Brazelton et al., ESF, 11-27, 1982.
- Brazelton T.B. et Cramer B., *Les premiers liens(L'attachement parents-bébé vu par um pédiatre et un psychiatre)*, Paris, Stock-Laurence Pernoud, Calmann-lévy, 1990 et 1991.
- Cabral M.F.S., *Pensar a emoção*, Fim do Século, Margens 24, 1998.

- Changeux J.-P., *L'Homme neuronal*, Paris, Fayard, coll. « Le Temps des sciences », 1983.
- Chiland C., *Homo psychanalyticus*, Paris, PUF, coll. « Psychologie d'aujourd'hui », 1990.
- Cramer B., Are post-partum depressions a mother-infant relationship disorder?, *Infant Mental Health Journal*, 1993, 14, 4.
- Damáσιο A., *O Sentimento de Si*, Europa América, Lisboa, 2000.
- David M. et Appell G., *Loczy ou le marternage insolite*, Paris, CEMEA, Éditions du Scarabée, 1973 et 1996.
- Dennis P., La dépression chez l'enfant : réaction innée ou élaboration?, *La Psychiatrie de l'enfant*, 1987, XXX, 2.
- Diatkine G., La recherche: ses effets sur la théorie et la pratique (notes de lecture), *Devenir*, 1991, 3, 1.
- Diatkine R., Le psychanalyste et l'enfant avant l'après-coup, ou le vertige des origines, *Nouvelle Revue de psychanalyse*, coll. « L'enfant », 1979, 19. Article replublié in *L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie* (Diatkine R.), Neuchâtel, Paris, Delachaux et Niestlé, coll. « Champs psychanalytiques », 1994.
- Diatkine R., *L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie*, Neuchâtel, Paris. Delachaux et Niestlé, 1994.
- Diatkine R., *Enfance, le traumatisme*, in *Rivages*, Rouen, 1994 (actes de la 6^e Journée d'étude du groupe haut-normnd de pédopsychiatrie sur « Enfance et traumatisme »).
- Dias C.A., *Para uma Psicanálise da Relação*, Afrontamento, Porto, 1988.
- Dias C.A., *A bondade e o perdão*, Ascher, Coimbra, 1988b.
- Dias C.A., *As aventuras de Ali-bábá nos túmulos de Ur*, Fenda, Lisboa, 1992.
- Dias C.A., *Re-pensar*, Afrontamento, Porto, 1995.
- Dias C.A., *Tabela para uma nebulosa*, Margens, Fim de Século Ed., Lisboa, 1997.
- Dias C. A., *O negativo ou o retorno a Freud*, Fim de Século, Margens 24, Lisboa, 1999.
- Dolto F., *La difficulté de vivre, Livres de Poche*, Paris, 1986
- Dumas D., *Et l'enfant créa le père*, Hachette Littératures, Paris, 2000.

- Edelman G., *Biologie de la conscience*, Paris, Éditions Odile Jacob, coll. « Sciences », 1992.
- Etezady m. H., Narcissisme primaire-secondaire: concept fondamental ou obsolète?, in *La Psychiatrie de l'enfant*, XL, 2, 1997.
- Freud A. (1936) *Le Moi et les mécanismes de défense*, Paris, PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse » 8^e éd. 1975.
- Freud A. (1946), *Le traitement psychanalytique des enfants*, Paris, PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse » 3^e éd. 1975.
- Freud A. (1965), *Le normal et le pathologique chez l'enfant*, Paris, Gallimard, coll. « Connaissance de l'inconscient », 1968.
- Freud S. (sous la dir. de) (1985), Esquisse d'une psychologie scientifique, in *La naissance de la psychanalyse*, Paris, PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse », 4^E ÉD. 1979.
- Freud S. (1900), *L'interprétation des rêves*, Paris, PUF, 1967.
- Freud S. (1905), *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, Paris, Gallimard, coll. « Idées » 1962.
- Freud S. (sous la dir. de) (1909), Analyse d'une phobie chez un petit garçon de cinq ans (In petit Hans), in *Cinq psychanalyses*, Paris, PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse » 7^e éd. 1975.
- Freud S. (1911), *Totem et tabou*, Paris, Payot, 1968.
- Freud S. (sous la dir. de) (1914), Pour introduire le narcissisme, in *La vie sexuelle*, Paris PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse », 6^e éd. 1982.
- Freud S (1915), Le refoulement, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, coll. « Idées » 1976.
- Freud S (sous de la dir. de) (1916), L'angoisse, in *Introduction à la psychanalyse*, Paris, Payot, 1982.
- Freud S (sous de la dir. de) (1920) , Au-delà du plaisir, in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1966.
- Freud S (sous de la dir. de) (1923), Le moi et le ça, in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1966.
- Freud S. (1926), *Inhibition, symptôme et angoisse*, Paris, PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse » 5^e éd. 1975.

- Freud S. (1938), *Abrégé de psychanalyse*, Paris, PUF, coll. « Bibliothèque de psychanalyse » 8e éd. 1975.
- Frith U., *L'énigme de l'autisme*, Paris, Éditions Odile Jacob, coll. « Sciences humaines » 1992.
- Gilbello B., *L'enfant à l'intelligence troublée*, Paris, Le Centurion, coll. « PAIDOS », 1984.
- Gibello B., *La pensée decontenancée*, Bayard Editions, 1995.
- Golse B., *Insister-exister (de l'être à la personne)*, PUF, coll. « Le fil rouge » 1990.
- Golse B., *Austime infantile, recherche psychanalytique et scientificité*, La *Psychiatrie de l'enfant*, 1993, XXXVI, 2
- Golse B., *Du corps à la pensée*, PUF, Le fil Rouge, 1999.
- Green A., *Pulsion de mort, narcissisme négatif, fonction désobjectalisante*, in *La pulsion de mort* (ouvr. Coll.) Paris, PUF, 1986.
- Green A., *La capacité de rêverie et le mythe étiologique*, *Revue française de psychanalyse* (colloque de Deauville), 1987, LI, 5.
- Green A., *La mort du Moi et le destin des objets (objets de la perversion- objet de la quiétude)*, *Revue française de psychanalyse*, 1989, LII, 1.
- Green A., *Du tiers*, 9-16, De La tiercéite, 243-277, introduction et conclusions du colloque de la SPP ; « *La psychanalyse: questions pour demain* » (UNESCO, les 14 et 15 de Janvier 1989), monographies de *Revue française de psychanalyse*, Paris, PUF, 1re éd. 1990.
- Green A., *L'origine et la pensée des origines*, *Topique*, 1992, 49 (« Penser l'originnaire »)
- Grinberg L., Sor D. e Bianchedi E., *Introdução às ideias de Bion*, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1973
- Grotstein J. S., *Splitting and Projective Identification*, New York, Jason Aronson, 1981.
- Grotstein J. S., *O buraco negro*, Vértices, Climepsi, 1999.
- Grunberger B., *Le narcissisme*, Paris, Payot, 1995.
- Haag G., *La mère et le bébé dans le deux moitiés du corps*, *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 1985, 33, 2-3..

- Haag G., Le dessin préfiguratif de l'enfant : quel niveau de représentation?, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1990, 8.
- Haag G., Nature de quelques identifications dans la image du corps – Hypothèses, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1991, 10 (« identifications »).
- Haag M., *A propos des premières applications françaises de l'observation directe et prolongée d'un bébé dans sa famille selon la méthode de E. Bick: des surprises profitables, tirage privé* (M.Haag, 18, rue Émile-Duclaux, 75015 Paris).
- Harris M. L'apport de l'observation mère-enfant à la formation du psychanalyste, in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 19, 1979.
- Hochmann J., L'autisme infantile: déficit ou défense?, in *Soigner éduquer l'enfant autiste?* (Ph. Parquet, C.Bursztejn et B. Golse), Paris Masson, coll. « Médecine et psychothérapie » 1990.
- Hochmann J. , Jeannerod M., *Esprit où es-tu?*, Edition Odile Jacob, 1996.
- Houzel D., Penser les bébés- Reflexions sur l'observation des nourrissons, *Revue de médecine psychosomatique*, 1989, 19, 27.
- Houzel D., Discussion du travail de D. Rosenfeld: Le rôle du père dans le psychose», référencié (35), *Journal de la psychanalytique de France*), 1993.
- Kaes R., *Le groupe au négatif*, Psychanalystes, 1987.
- Kestemberg E., Identité et identification chez l'adolescent , *La Psychiatrie de l'enfant*, 1962, V,2, 440-452, repris in *Reflets*, 1958-1985, Paris PUF, coll. «La Psychiatrie de l'enfant», 1988.
- Klein M., *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1968.
- Klein M., *La psychanalyse des enfants*, Paris, PUF, coll. «Bibliothèque de psychanalyse» 1978.
- Klein M., L'importance de la formation du symbole dans le développement du Moi (1930), in *Essais de psychanalyse*, 263-278, Paris, Payot, 1982.
- Kohut H. , The psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders: Outline of a systematic approach in *The Search for the self* ed. P. Ornstein, N.Y., International University Press, 1978.
- Kreisler L., Fain M. et Soule M., *L'enfant et son corps*, Paris, PUF, coll. «Le fil rouge», 1974 et 1978 (2e éd.).

- Lacan J., Fonction et champs de la parole et du langage en psychanalyse, in *Écrits I*, Paris, Le Seuil, coll. «Points», 1966.
- Lacan J., Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je, in *Écrits I*, Paris, Le Seuil, coll. «Points», 1966.
- Laplanche J., De la théorie de la séduction restreinte à la théorie de la séduction généralisée, *Études freudiennes*, 1986.
- Lacroix M.-B., Monmayrant M., *Les liens d'émerveillement*, Érès, 1995
- Lanteri-Laura E., Saber e saber fazer em psiquiatria, in *Análise Psicológica* (1981), 3 (1).
- Leal M.R.M. Introdução ao estudo dos processos de socialização precoce na criança, Lisboa, ed. Autor, 1975, 1985.
- Leal M.R.M. Psychoterapy as mutually contingent intercause. Ed. APPORT, Porto, 1993.
- Leal M.R.M., Expectativas do bebé actividade expressiva no adulto, in *Personalidade integrada e a escola de todos, E:S:E:I:M:U:*, Lisboa, 1994
- Leal M.R.M., Emergência de significado e relação precoce, in *Revista de Pedagogia*, 30 (2), 1996.
- Leal M.R.M. *A grupanálise- Processo dinâmico de aprendizagem*, Margens, Fim de Século, 1997.
- Lebovici S., La relation objectale, *La Psychiatrie de l'enfant*, 1960, III,1
- Lebovici S. *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste: les interactions precoces*, Le Centurion, coll. Paiados, 1983.
- Lebovici S., Les liens intergénérationnels (transmission, conflits). Les interaction fantasmatiques, in *Psychopathologie du bébé* (Lebovici S. et Weil-Halpern F.), Paris, PUF, 1989.
- Lebovici S., Le psychanalyse et le développement des representation mentales, *La Psychiatrie de l'enfant*, 1992, XXXIV.
- Lebovici S., La théorie de l'attachement et la métapsychologie freudienne, *Devenir*, 1992.
- Lebovici S., *En l'homme, le bébé*, Paris, Flammarion, coll. «Champs», 1994

- Lebovici S., Defense et illustration di concept de narcissisme primaire. Les avatars du narcissisme primaire et le processus de subjectivité, in *Psychiatrie de l'enfant*, XI, 2, 1997.
- Lefèvre P., *Le petit prince cannibale*, Arles, Actes Sud, 1990.
- Macias M.,F. Le tiercéité dans les psychothérapies psychanalutiques mère-nourrisson, *Devenir*, 1992,4,1.
- Magagna J. Observation d'un nourrisson avec Esther Bick, in *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, n°12. 1992.
- Magagna J., Observation d'un nourrisson avec Esther Bick, *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 12, 1992.
- Malpique C. Vivencia de «tiempo detenido y vacio» de la relation transferencial, III Anuario Ibérico de Psicoánalise, Barcelona, 1993.
- Maufras de Chantellier ^a L'observation du nourrisson dans as famille selon Esther Bick, *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 12, 1992.
- Mehler J. et Dupoux E. *Naitre humain*, Edition Odile Jacob, 1990
- Meltzer D. et al., *Exploration dans le monde de l'autisme*, Paris, Payot, 1980.
- Meltzer D., *Le monde vivant du rêve. Une révision de la théorie et de la technique psychanalytique*, Lyon, Césura, 1993.
- Mijolla-Mellor S. (de), *Le plaisir de pensée*, Paris, PUF, coll. «Bibliothèque de psychanalyse», 1re éd 1992.
- Milner M., Le role de l'illusion dans le formation du symbole. Les concepts psychanalytiques surles deux fonctions du symbole, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1990, 8 («Reves, jeux, dessins»).
- Nakov A., *La fonction observante de l'observateur*, *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 12-1992
- Pèrez-Sanches M. ,*Observación de bebés*.Editiones Paidos, Barcelona, 1983
- Perez-Sanchez M., L'observation des bébés. Les relatios émotionnelles dans le première anné de la vie, Paris, Clancier-Guenaud, coll. «Psychopée» 1986.P
- Pèrez-Sanches M., Observation psychanalytique du nourrisson, in *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 3, 1987
- Pèrez-Sanches M., L'observation des bébés, in *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 12, 1992.

- Pérez-Sanches M., *Segundo ano de vida*, Casa do psicólogo, Brasil, 1998.
- Pères-Sanchesm., *O quotidiano e o inconsciente*, Vértices, Climepsis, 1998.
- Perron R., Fantasma et processus de pensée dans l'autisme et psychoses infantiles, in *Autisme de l'enfant*, Paris, PUF, Revue Française de psychanalyse, 1994.
- Pinol-Douriez M., Bébé agi-bébé actif. L'émergence du symbole dans l'économie interactionnelle, Paris, PUF, coll. «Le fil rouge», 1984.
- Pinol-Duriez M. Le bébé observé: un «Petit chose» ou enfant?, in *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 12, 1992
- Piontelli A., From fetus to child, Tavistock/Routledge, Londres N.Y., 1992.
- Pontalis J.-B. *L'enfant des limbes*, Gallimard, Paris, 1998
- Pratt R., Le dialogue des émotions, *Revue Française de Psychanalyse*, 5, 1989.
- Quinodoz J.-M., *La solitude apprivoisée*, Paris, PUF, coll. «Le Fait psychanalytique», 1^{re} éd. 1991.
- Rezende A. M., *Bion e o futuro da psicanálise*, Papirus Editora, Brasil, 1993.
- Rezende A. M., *A Metapsicanálise de Bion*, Papiros Editora, Brasil, 1994.
- Rezende A. M., *Uma psicanálise do pensamento*, Papirus Editora, Brasil, 1995.
- Rezende A.M., Zimerman D., Dias C. A., *Bion Hoje*, Fim do Século, 1996.
- Rezende A. M., *A questão da verdade na investigação psicanalítica*, Papirus Editora, Brasil, 1999.
- Roiphe H., Galenson E., *La naissance de l'identité sexuelle*, PUF, coll. Le Fil Rouge, Paris, 1987.
- Rosenfeld D., Le rôle du père dans le psychose, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1992, 11.
- Rosolato G., Le signifiant de démarcation et la communication non verbale, in *Éléments de l'interprétation*, Paris, Gallimard, 1985.
- Rosolato G., La castration quant au père, *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 1992., 11.
- Roudinesco E., Plon M., *Dicionário de Psicanálise*, Editorial Inquérito, Lisboa, 2000.
- Sá E., *A maternidade e o belo*, Fim do Século, Lisboa, 1997.
- Sandler J., The background of safety, *Internat. J. Psycho-Anal.*, 41, 1960

- Sandri R. et coll. *L'observation du nourrisson selon Esther Bick et ses applications*,
Collection Enfant, Cesura, 1994.
- Sandri R., *Penser avec les bébés*, Érès, Paris, 1998.
- Saint-Exupéry^a (de), *Le Petit Prince*, Paris, Gallimard, coll. «NRD», PUF 1947.
- Santos B.S., *Um discurso sobre as ciências*, Edições Afrontamento, 1987.
- Stern D., Le but et la structure du jeu mère-nourrisson, *La Psychiatrie de l'enfant*,
1983, XXVI.
- Stern D., Micro-analyse de l'interaction mère-nourrisson, *La Psychiatrie de l'enfant*,
1983, XXXVI.
- Stern D., *Le monde interpersonnel du nourrisson- Une perspective psychanalytique
et développementale*, Paris, PUF, coll. «Le Fil rouge», 1989
- Stern D., L'enveloppe prénarrative, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 1993, 14
(«Naissance de la pensée, processus de la pensée»), 13-65 (article suivi d'une
discussion par G.Haag, J. Hochmann, S.Lebovici et G.Lévi).
- Sullivan P., Narcisisme: urgence, in *La Psychiatrie de l'enfant*, XL, 2, 1997.
- Teilhard de Chardin P., *La place de l'homme dans la nature* (Le groupe zoologique
humain), Paris, Albin Michel, coll. «Le monde en 10/18» 1956.
- Thom R., *Paraboles et catastrophes*, Paris, Flammarion, coll. «Champs», 1983.
- Tustin F., *Autisme et psychose de l'enfant*, Paris, Le Seuil, coll. «Points» 1977 et
1982.
- Tustin F., Exemples de formes autistiques dans la psychopathologie de l'enfant, in
Le trou noir de la psyché, Paris, Le Seuil, coll. «La Couleur des idées», 1989.
- Zeedyk M. S., Developmental Accounts Of Intentionality: toward integration,
Developmental Review, 16, 1996.
- Wallon H., *Les origines de la pensée chez l'enfant*, Paris . PUF, coll. «Psychologie d
d'aujourd'hui», 4^a ed., 1975
- Widlocher D., *Les nouvelles cartes d la psychanalyse*, Paris, Editions Odile Jacob,
1996.
- Winicott D. W., *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris, PAYOT, 1969 et 1975.
- Winicott D. W.(1956), La préoccupation maternelle primaire, in *De la pédiatrie à la
psychanalyse*, Payot, PARIS , 1969.

- Winnicott D. W. (SOUS LA DIR DE), *Le monde à petites doses*, in *L' enfant et sa famille*, Paris, Payot, 1973.
- Winnicott D. W., *Processus de maturation chez l'enfant*, Paris, Payot, 1973
- Winnicott D. W., Le rôle du miroir de la mère et de la famille dans le développement de l'enfant, in *Jeu et réalité –L'espace potentiel*, Paris, Gallimard, coll. «connaissance de l'inconscient», 1975.
- Winnicott D. W., Objets transitionnels et phénomènes transitionnels in *Jeu et réalité- L'espace potentiel*, Paris, Gallimard, coll. «connaissance de l'inconscient», 1975.
- Winnicott D. W., *La nature humaine*, Paris, Gallimard, coll. :«Connaissance de l'inconscient», 1988,1990.
- York C. Freud' «On narcissism.»: A teaching text, in *Freud's«On Narcissism: an Introduction»* Ed. J. Sandler, E.S. Person and OP. Fonagy, New Haven, Yale University Press, 1991,